

**MULHERES IMIGRANTES
EM PORTUGAL:
MEMÓRIAS, DIFICULDADES
DE INTEGRAÇÃO E
PROJECTOS DE VIDA**

JOANA MIRANDA

35

OUTUBRO 2009



MULHERES IMIGRANTES EM PORTUGAL

**MEMÓRIAS, DIFICULDADES
DE INTEGRAÇÃO E
PROJECTOS DE VIDA**

JOANA MIRANDA

MIRANDA, Joana

Mulheres imigrantes em Portugal: memórias, dificuldades de Integração e projectos de vida
(Estudos OI; 35)

ISBN 978-989-8000-93-4

CDU 316

314

PROMOTOR

OBSERVATÓRIO DA IMIGRAÇÃO

www.oi.acidi.gov.pt

COORDENADOR DA COLECÇÃO

ROBERTO CARNEIRO

AUTORA

JOANA MIRANDA

EDIÇÃO

**ALTO-COMISSARIADO PARA A IMIGRAÇÃO
E DIÁLOGO INTERCULTURAL (ACIDI, I.P.)**

RUA ÁLVARO COUTINHO, 14, 1150-025 LISBOA

TELEFONE: (00351) 21 810 61 00 FAX: (00351) 21 810 61 17

E-MAIL: acidi@acidi.gov.pt

EXECUÇÃO GRÁFICA

VERBISIBERIA

PRIMEIRA EDIÇÃO

750 EXEMPLARES

ISBN

978-989-8000-93-4

DEPÓSITO LEGAL

LISBOA, OUTUBRO 2009

ÍNDICE GERAL

NOTA DE ABERTURA	9
NOTA DO COORDENADOR	11
MULHERES IMIGRANTES EM PORTUGAL. MEMÓRIAS, DIFICULDADES DE INTEGRAÇÃO E PROJECTOS DE VIDA	13
AGRADECIMENTOS	15
INTRODUÇÃO	17
CAP. 1. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA	21
1. FEMINIZAÇÃO DA IMIGRAÇÃO	22
2. FLUXOS MIGRATÓRIOS CONTEMPORÂNEOS	32
3. COMUNIDADES BRASILEIRA, CABO-VERDIANA E UCRANIANA EM PORTUGAL	34
3.1. Comunidade brasileira	34
3.2. Comunidade cabo-verdiana	36
3.3. Comunidade ucraniana	37
CAP. 2. METODOLOGIA	41
1. CRITÉRIOS DE ESCOLHA DAS MULHERES	41
2. ENTREVISTAS SEMI-DIRECTIVAS	42
3. BLOCOS DE ENTREVISTA	42
4. PROCEDIMENTO	43
CAP. 3. RESULTADOS	45
1. MULHERES BRASILEIRAS	45
1.1. Caracterização das mulheres	45
1.2. Situação anterior ao projecto migratório em Portugal	47

1.3. Projecto migratório em Portugal	47
1.4. Redes migratórias	48
1.5. Situação laboral	49
1.6. Vida familiar	50
1.7. Integração na sociedade portuguesa e ligação ao país de origem	51
1.8. Tempos livres	52
1.9. Relação com os portugueses	52
1.10. Satisfação com o projecto migratório	52
1.11. Passado/projectos futuros	53
1.12. Identidade pessoal/social	54
2. MULHERES CABO-VERDIANAS	55
2.1. Caracterização das mulheres	55
2.2. Situação anterior ao projecto migratório em Portugal	56
2.3. Projecto migratório em Portugal	57
2.4. Redes migratórias	58
2.5. Situação laboral	59
2.6. Vida familiar	60
2.7. Integração na sociedade portuguesa e ligação ao país de origem	61
2.8. Tempos livres	62
2.9. Relação com os portugueses	62
2.10. Satisfação com o projecto migratório	63
2.11. Passado/projectos futuros	63
2.12. Identidade pessoal/social	65

3. MULHERES UCRANIANAS	66
3.1. Caracterização das mulheres	66
3.2. Situação anterior ao projecto migratório em Portugal	66
3.3. Projecto migratório em Portugal	67
3.4. Redes migratórias	68
3.5. Situação laboral	69
3.6. Vida familiar	70
3.7. Integração na sociedade portuguesa e ligação ao país de origem	71
3.8. Tempos livres	72
3.9. Relação com os portugueses	72
3.10. Satisfação com o projecto migratório	73
3.11. Passado/projectos futuros	74
3.12. Identidade pessoal/social	75
4. ANÁLISE DOS CASOS	76
4.1. Entrevista B1 — Erika	79
4.2. Entrevista B2 — Taciene	83
4.3. Entrevista B3 — Leila	88
4.4. Entrevista B4 — Francisca	92
4.5. Entrevista B5 — Maria da Glória	100
4.6. Entrevista B6 — Marilza	107
4.7. Entrevista B7 — Joana	112
4.8. Entrevista B8 — Neusa	116
4.9. Entrevista C1 — Sónia	124
4.10. Entrevista C2 — Madalena	129

4.11. Entrevista C3 — Jacquelina	135
4.12. Entrevista C4 — M	138
4.13. Entrevista C5 — Filomena	142
4.14. Entrevista C6 — Alcinda	145
4.15. Entrevista C7 — Domingas	149
4.16. Entrevista C8 — Luísa	154
4.17. Entrevista U1 — Vera	159
4.18. Entrevista U2 — Axana	163
4.19. Entrevista U3 — Lúcia	168
4.20. Entrevista U4 — Tetyana	171
4.21. Entrevista U5 — Lyudmyla	175
4.22. Entrevista U6 — Olga	179
4.23. Entrevista U7 — Tamila	182
4.24. Entrevista U8 — Maria	185
5. ANÁLISE GLOBAL DOS RESULTADOS	188
5.1. Caracterização das mulheres	189
5.2. Situação anterior ao projecto migratório para Portugal	195
5.3. Projecto migratório em Portugal	198
5.4. Redes migratórias	202
5.5. Situação laboral	207
5.6. Vida familiar	210
5.7. Integração na sociedade portuguesa e ligação ao país de origem	214
5.8. Tempos livres	219
5.9. Relação com os portugueses	219

5.10. Satisfação com o projecto migratório	221
5.11. Passado/projectos futuros	221
5.12. Identidade pessoal/social	225
CAP. 4. DISCUSSÃO E RECOMENDAÇÕES PARA POLÍTICA PÚBLICA	227
1. RECOMENDAÇÕES PARA POLÍTICA PÚBLICA	237
CAP. 5. RECOMENDAÇÕES ESTRATÉGICAS	243
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	245
WEBGRAFIA	255
ANEXOS	257
Anexo 1 — Guião de entrevista	
Anexo 2 — Caracterização da amostra	

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 — Dimensões das três comunidades de imigrantes mais numerosas na actualidade (Dados de 2008 do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras)

Gráfico 2 — Como se sentem as mulheres: brasileiras/cabo-verdianas/ ucranianas/ portuguesas

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — Legalização/autorização de permanência/autorização de residência/ aquisição de nacionalidade

Quadro 2 — Com quem emigraram, quem têm em Portugal, datas de chegada, datas de chegada do elemento da família que as acompanha

Quadro 3 — Quem apoiou a decisão de emigrar/quem apoiou no país de destino

Quadro 4 — Com quem viveram as mulheres quando chegaram a Portugal

Quadro 5 — Relação entre as nacionalidades e a situação habitacional actual

Quadro 6 — Número de casas desde a chegada a Portugal

Quadro 7 — O que gostariam de mudar na vida

Quadro 8 — Número de viagens ao país de origem

NOTA DE ABERTURA

Com a publicação deste estudo dedicado às “Mulheres imigrantes em Portugal: Memórias, dificuldades de integração e projectos de vida” de Joana Miranda, do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais (CEMRI) da Universidade Aberta, o ACIDI I.P. procura uma nova leitura do complexo fenómeno migratório incorporando uma perspectiva de género na sua compreensão.

E de imediato ressalta interessante que nesta abordagem a autora do estudo associe à mulher imigrante as noções de “memórias” e “projectos de vida”. De facto esta dimensão estruturante da existência sugere uma particularidade feminina que este estudo privilegia numa perspectiva antropológica de análise (para além das perspectivas sociológica e económica mais comuns na análise da temática da imigração).

Conforme nos revela a autora, os objectivos do estudo foram analisar, numa perspectiva de género, três eixos fundamentais que marcam a realidade das mulheres imigrantes: memórias e identidades, dificuldades de integração em Portugal e projectos de vida.

Apesar das mulheres entrevistadas não serem representativas das suas comunidades, as suas histórias permitem compreender de uma forma mais aprofundada essa realidade ajudando-nos a definir os possíveis caminhos para uma integração plena e participativa numa sociedade cada vez mais diversa.

Agradeço, assim, o contributo prestado pela Joana Miranda neste estudo, pelo conhecimento que nos acrescenta para um cada vez melhor desempenho da missão do ACIDI I.P.

ROSÁRIO FARMHOUSE

ALTA COMISSÁRIA PARA A IMIGRAÇÃO E DIÁLOGO INTERCULTURAL

NOTA DO COORDENADOR

É um facto consabido que as mulheres ocupam uma importância quantitativa (já cerca de metade dos contingentes) e qualitativamente crescente nos movimentos de população e que as questões de género avultam como tema preferencial em muitos dos estudos sobre a moderna fenomenologia das migrações.

A sua dupla vulnerabilidade — migrantes e mulheres — expõe-nas a riscos acrescidos. Nos diversos estádios das suas experiências migratórias e laborais, as mulheres encontram-se mais expostas a violações de direitos fundamentais, designadamente em matéria de discriminação, exploração e sujeição a abusos humanos do que os seus contrapartes masculinos.

Em Portugal, não abundam as investigações sobre as questões de género nos processos imigratórios, estudos que sejam susceptíveis de lançar luz sobre as suas memórias e identidades, as dificuldades que sentem na habitualmente denominada sociedade de acolhimento, bem como os seus projectos de vida.

A presente publicação visa preencher esta lacuna ao identificar e compreender a realidade de mulheres migrantes das três comunidades numericamente mais representativas no país numa perspectiva predominantemente psicológica: brasileiras, cabo-verdianas e ucranianas.

O estudo em apreço parte de um conjunto de questões muito interessantes e vastas, a que a investigadora procurou responder através de entrevistas semi-directivas a uma amostra de 24 mulheres imigrantes com idades compreendidas no vasto de gerações entre 18-54 anos, a partir nomeadamente de perguntas como:

- Como funcionam as redes nas comunidades em causa? Qual o papel das redes enquanto factores desencadeadores da decisão de imigrar e qual a sua função real no processo migratório? Qual a relação entre a existência/ausência de redes de apoio e a integração?
- Qual a relação entre a família e a migração? De que forma a relação das mulheres com a família é alterada em resultado da imigração? Ou, de outra forma, de que forma o patriarcado é alterado ou reconstituído depois da imigração? De que forma a participação das mulheres no mercado de trabalho dos países receptores influencia a autoridade das mulheres nas famílias e a sua sensação de controlo e contribui ou não para os homens assumirem mais responsabilidades domésticas e

em relação às crianças. De que forma as migrações afectam as relações de poder entre homens e mulheres e os processos de tomada de decisão e de gestão da economia familiar?

- Que factores desencadeiam as decisões de imigrar e tornam a migração mais ou menos possível para diferentes mulheres?
- De que forma as nacionalidades das imigrantes condicionam a sua integração no país receptor? A integração é mais fácil para algumas comunidades e mais difícil para outras? Que factores condicionam o grau de dificuldade de integração?
- Estará uma maior ligação ao passado relacionada com maiores problemas de integração e com projectos de retorno ao país de origem?

A longa lista de recomendações de política pública é um indicador revelador da profundidade do estudo e da especial sensibilidade com que a investigadora abordou as questões complexas de partida.

Permitimo-nos singularizar, pela sua especial pertinência estratégica, a ideia de que as políticas migratórias do país devem incluir uma vertente transnacional, procurando uma coordenação efectiva com os países de origem dos imigrantes.

Acresce a proposta do apoio a mulheres imigrantes nas várias etapas do processo migratório: antes da partida (programas que contemplem temáticas como famílias transnacionais, mudanças na estrutura familiar, planeamento familiar e superação da violência doméstica), partida, integração e regresso (problemas de estigmatização e dificuldades de reintegração na sociedade de origem devem ser acompanhados no momento do regresso). Cita-se, a título exemplificativo, o Asia-Pacific and Arab States Regional Programme on Empowering Women Migrant Workers, que tem por objectivo aumentar a autonomia e a capacitação das mulheres migrantes numa perspectiva de género e de desenvolvimento de direitos pessoais.

Assim, é inteiramente justo que o Observatório da Imigração e o ACIDI expressem o seu público reconhecimento à investigadora Joana Miranda, e à Universidade Aberta/Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais (CEMRI), pelo esforço, rigor e dedicação inequivocamente colocados na condução e finalização do presente estudo, que em muito enriquece o largo acervo de investigações originais que integram a colecção Estudos OI.

ROBERTO CARNEIRO

COORDENADOR DO OBSERVATÓRIO DA IMIGRAÇÃO

**MULHERES IMIGRANTES EM PORTUGAL:
MEMÓRIAS, DIFICULDADES DE
INTEGRAÇÃO E PROJECTOS DE VIDA**

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer ao Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural e, em particular, ao Professor Doutor Roberto Carneiro e à Dra. Rosário Farmhouse, bem como ao Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais e, em particular, à Professora Doutora Manuela Malheiro, o terem acreditado neste projecto.

Estou igualmente grata a todas as pessoas que tornaram possível o contacto com as entrevistadas: Juelcilda Doria, Isabel Seara, Maria Dulcínia Miranda, Manuel Lourenço, Ana Ferreira, Emília Santos e Anjelika Macedo, bem como à Ana Ferreira, à Emília Santos e ao Nuno Lourenço pela sua valiosa colaboração na realização e transcrição das entrevistas e à Maria Isabel João pela revisão de um dos capítulos deste trabalho.

À Catarina Reis Oliveira agradeço o atento acompanhamento deste projecto desde o momento da sua aprovação até à publicação deste livro.

Agradeço às mulheres brasileiras, cabo-verdianas e ucranianas que se disponibilizaram a partilhar as suas histórias migratórias: Erika, Taciene, Leila, Francisca, Maria da Glória, Marilza, Joana, Neusa, Sónia, Madalena, Jacqueline, M, Filomena, Alcinda, Domingas, Luísa, Vera, Axana, Lúcia, Tetyana, Lyudmyla, Olga, Tamila e Maria, bem como a Marina, Sílvia e Kalina, com quem testámos a compreensão do guião de entrevista.

INTRODUÇÃO

Nos últimos trinta anos, tem sido desenvolvido pouco esforço concertado para incorporar o género nas teorias das migrações internacionais. As teorias das migrações têm-se centrado nas causas das imigrações, não conseguindo encontrar respostas para uma diversidade de questões. As teorias não proporcionam uma real compreensão de quem são as mulheres migrantes, das condições em que as mulheres migram ou o predomínio destas em certos fluxos laborais, em detrimento de outros. Não nos explicam as circunstâncias que encorajam as mulheres a tornarem-se migrantes transnacionais, a entrarem em canais de tráfico ou a procurar asilo.

Esta dificuldade em incorporar o género nos estudos das migrações à escala internacional pontua, naturalmente, os estudos em Portugal e essa dificuldade deve-se, em parte, ao facto de diferentes áreas disciplinares tenderem a centrar-se exclusivamente em determinados tipos de migrações, enfatizando diferentes explicações. A incorporação do género, como parte explícita da teoria das migrações, tem sido, recentemente, influenciada pelo desenvolvimento das teorias feministas da América do Norte que continuam a desafiar visões mais ortodoxas.

Este estudo procurou colmatar lacunas existentes na análise das migrações numa perspectiva de género, procurando identificar e compreender três vértices fundamentais na vida de mulheres migrantes das três comunidades numericamente mais representativas no país na actualidade: brasileiras, cabo-verdianas e ucranianas, procurando reconstituir as suas memórias e identidades, as dificuldades que sentem na habitualmente denominada sociedade de acolhimento, bem como os seus projectos de vida.

A escolha destas comunidades de mulheres prendeu-se com duas razões principais:

1. Constituírem as três comunidades de maior dimensão no nosso país na actualidade;
2. Marcarem períodos distintos dos movimentos migratórios para Portugal, sendo a comunidade cabo-verdiana a mais antiga e a mais enraizada no país e a ucraniana a mais recentemente chegada.

A pertinência deste estudo no panorama da investigação nacional sobre a temática prende-se com o facto de incluir uma perspectiva psicológica de análise (para além das perspectivas sociológica e económica mais comuns na análise da temática) e de as mulheres constituírem o objecto de estudo e não representarem apenas uma das dimensões de análise, como é mais frequente suceder.

Os objectivos do estudo foram analisar as três comunidades de mulheres imigrantes mais numerosas em Portugal e encontrar dimensões comuns e diferenças entre as três, procurando responder entre outras, às seguintes questões:

- A investigação inicial, que salientava a importância das redes para estimular e manter a migração de uma área para outra, tende a enfatizar redes constituídas por homens. Investigação mais recente demonstra que as mulheres estabelecem as suas próprias redes com outras mulheres e recorrem a elas quer para migrar, quer para se estabelecerem noutro país. Como funcionam as redes nas comunidades em causa? Qual o papel das redes enquanto factores desencadeantes da decisão de imigrar e qual a sua função real no processo migratório? Qual a relação entre a existência/ausência de redes de apoio e a integração?
- Qual a relação entre a família e a migração? As famílias são locais em que se inscrevem relações de poder e em que os interesses dos membros podem estar em conflito. Os interesses das mulheres podem, ou não, coincidir e podem afectar as decisões sobre quem imigra, por quanto tempo e para que países. Importa compreender de que forma a família e o sistema de patriarcado afectam estas questões.
- Outra questão diz respeito às relações interpessoais entre homens e mulheres. De que forma a relação das mulheres com a família é alterada em resultado da imigração? Ou, de outra forma, de que forma o patriarcado é alterado ou reconstituído depois da imigração? De que forma a participação das mulheres no mercado de trabalho dos países receptores influencia a autoridade das mulheres nas famílias e a sua sensação de controlo e contribui, ou não, para os homens assumirem mais responsabilidades domésticas e em relação às crianças? De que forma as migrações afectam as relações de poder entre homens e mulheres e os processos de tomada de decisão e de gestão da economia familiar?

- Que factores desencadeiam as decisões de imigrar e tornam a migração mais ou menos possível para diferentes mulheres? Apesar de podermos considerar, no geral, um factor económico, é extremamente redutor explicar os movimentos no abstracto com base nesse factor.
- De que forma as nacionalidades das imigrantes condicionam a sua integração no país receptor? A integração é mais fácil para algumas comunidades e mais difícil para outras? Que factores condicionam o grau de dificuldade de integração?
- Estará uma maior ligação ao passado relacionada com maiores problemas de integração e com projectos de retorno ao país de origem?

Este livro está organizado em cinco capítulos. Após uma breve introdução em que são apresentados os objectivos do estudo e explicada a forma de organização do livro surge o Capítulo 1. Contextualização teórica. Esta parte inclui a secção 1.1. Feminização da imigração em que são apresentados os contributos de diversos campos e o desenvolvimento das mentalidades que tornaram possível a inclusão de uma dimensão de género no estudo da imigração. Nas secções 1.2. e 1.3. são apresentados os fluxos migratórios contemporâneos em Portugal com particular atenção para os fluxos das comunidades em análise.

O Capítulo 2. Metodologia inclui quatro secções. Na secção 2.1. são apresentados os critérios de definição das amostras, na secção 2.2. a metodologia utilizada, na secção 2.3. o guião da entrevista e na secção 2.4. é descrito o procedimento metodológico adoptado.

No Capítulo 3 são apresentados os resultados do estudo. Este capítulo inclui cinco secções: 3.1. Caracterização da amostra global; 3.2. Mulheres brasileiras; 3.3. Mulheres cabo-verdianas; 3.4. Mulheres ucranianas e 3.5. Análise global dos resultados.

No Capítulo 4 apresenta-se a discussão e recomendações para política pública.

Finalmente, no Capítulo 5 apresentam-se algumas recomendações estratégicas.

Resta-nos esperar que este livro se traduza num contributo que não se esgote no mundo científico e se alargue à sociedade civil, que fomente a reflexão teórica, o questionamento e a discussão.

CAPÍTULO 1. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

Vivemos num mundo marcado pela mudança acelerada a todos os níveis e pela coexistência da globalização e da homogeneização com a fragmentação, o que cria uma ambivalência entre a pertença e o desenraizamento. Balandier (1997) utiliza a expressão “sobremodernidade” para definir este período de mudança e ambivalência como um período de “mudança mais incerteza”. O sociólogo Zygmunt Bauman (2007) fala de “modernidade líquida” — leve, fluida, dinâmica mas incerta para expressar a realidade em que vivemos. Para Bauman (2007:11) o que torna a modernidade líquida é a modernização compulsiva e obsessiva, permanentemente em aceleração, através da qual nenhuma forma de vida social, à semelhança dos líquidos, é capaz de reter os seus contornos durante muito tempo. Para o autor (*ibidem*: 18) a terceira vaga de migração moderna (Bauman, 2007: 18) que no momento actual assume plena força e se encontra em crescendo conduz à “idade das diásporas”: um “arquipélago mundial de povoamentos étnicos/religiosos/linguísticos esquecidos dos caminhos queimados e trilhados pelo episódio imperialista colonial”.

Ao mesmo tempo que a globalização representa uma certa forma de interconexão e interpenetração entre regiões e comunidades locais, marcada pela hegemonia do capital e do mercado, ela faz-se acompanhar por uma procura de singularidade e de espaço para a diferença e para o localismo (localização da cultura, Bhabha, 1995).

É possível articular identidade e globalização? A globalização torna a identidade uma impossibilidade, ou poderá ser o berço da afirmação identitária, o contexto no qual a fragmentação dos sujeitos desencadeará novas e sucessivas tentativas de recomposição?

Vivendo numa era de diáspora entre diásporas, em que as formas de vida “flutuam, encontram-se, chocam, entram em colapso, acompanham-se. Fundem-se e desagregam-se” (Bauman, 2007:19) colocam-se novas interrogações sobre a ligação entre identidade e cidadania, indivíduo e lugar, vizinhança e pertença.

Toda esta dinâmica do mundo actual coloca novos desafios ao estudo dos fenómenos sociais e, em particular, ao estudo dos movimentos migratórios que não tem contemplado a dimensão do género.

1. FEMINIZAÇÃO DA IMIGRAÇÃO

Durante muito tempo o imigrante típico foi perspectivado como homem e, até há três décadas atrás, a migração feminina era alvo de pouca atenção (Casas e Garson, 2005: 2). Tal sucedeu porque predominava um modelo de família patriarcal que perspectivava as mulheres como dependentes dos homens, chefes de família e responsáveis pelo sustento do lar (Morokvasic, 1984). Até ao final da década de 1960, as mulheres não predominavam no mercado de trabalho, e o discurso académico em diversos domínios do saber, nomeadamente na Economia, na Sociologia e na História (Borderías e Carrasco, 1984) veiculava a imagem de que as mulheres eram economicamente inactivas, o que, por seu lado, influenciava as teorias migratórias.

Quer as perspectivas neo-clássicas, que analisam as decisões racionais dos indivíduos, quer as perspectivas que estudam os factores macro-estruturais subjacentes às migrações, salientam o papel dos homens migrantes como fonte de trabalho — trabalhadores e actores económicos — e negligenciam o papel desempenhado pelas mulheres. As mulheres eram relegadas para o espaço privado da casa, e a sua contribuição económica para a sociedade era largamente ignorada (Oso e Catarino, 1996). As mulheres eram perspectivadas como “dependentes”, migrando na qualidade de esposas, mães ou filhas de migrantes masculinos (Zlotnik, 1995: 229).

Zlotnik (2003) salienta que as estatísticas também contribuíram para a invisibilidade da migração das mulheres, uma vez que não incluíam categorizações em função do género. O facto da maioria das mulheres trabalhar na economia informal — serviço doméstico, cuidados pessoais e prostituição — contribuiu para que fossem subestimadas nos dados oficiais.

Em 1973-1974, na sequência da implementação na Europa de políticas de imigração restritivas e do fecho das fronteiras a novos imigrantes, as mulheres dominaram os fluxos de entrada, apesar de continuarem a ser minoritárias em termos de *stock* de imigrantes (Zlotnik, 1995). Nos círculos políticos e académicos começou a falar-se em feminização da imigração na Europa (Lebon, 1979). No entanto, vários autores realçam o carácter gradual desta tendência (Golub, Morokvasic & Quiminal, 1997) e o discurso da feminização da migração na Europa pode ser explicado não apenas por um aumento real do número de mulheres nos fluxos populacionais, mas também pela aceitação do conceito de mulher migrante. Surgiu a consciência de que a imigração não é um fenómeno temporário, mas que envolve grupos familiares que se estabelecem no país receptor. A figura da mulher continuou, no entanto, associada à reunificação familiar, e não à de um actor social e económico (Golub, Morokvasic e Quiminal, 1997; Morokvasic, 1984).

Na década de 1980, começou a tornar-se notório o papel activo desempenhado pelas mulheres. Diversas publicações chamaram a atenção para a subestimação do número de mulheres imigrantes, sendo a obra de Morokvasic, *Birds of Passage are also Women* (1984), uma referência clássica fundamental.

Para uma maior consciência das mulheres migrantes foi importante uma abordagem analítica mais aberta no domínio dos estudos sociais, que proporcionou uma maior visibilidade da contribuição económica das mulheres. Assim, por exemplo, o trabalho de Delphy (1970) salientou que, para além da produção económica, existia um tipo adicional de produção — serviço doméstico no seio da família — responsável pela reprodução biológica e social do grupo.

Um factor que também contribuiu para a maior visibilidade das mulheres foi o facto de as migrações não serem mais consideradas como resultantes de uma decisão individual, mas, antes, de estratégias familiares e comunitárias (Stark, 1984). Para além do mais, o espaço da casa como uma unidade de análise no estudo dos fluxos populacionais conquistou relevância (Grasmuck e Pessar, 1991; Hondangneu-Sotelo, 1991).

Ocorreu, pois, uma mudança da perspectiva individual para a de que são o espaço familiar (*household*) e a comunidade as forças impulsionadoras dos movimentos geográficos. A mulher deixou de ser dependente para passar a ser uma decisora-chave no processo migratório.

Foi surgindo uma maior consciência de que as migrações não têm o mesmo efeito e impacto nos homens e nas mulheres e de que uma exclusiva focalização nos homens não permite apreender as complexidades envolvidas. Passou a ter-se em consideração duas questões que antes eram totalmente negligenciadas: Que factores determinam a imigração das mulheres? (E que são diversos dos factores que determinam a imigração dos homens); Que impacto o processo migratório tem no estatuto das mulheres imigrantes?

A feminização da imigração é agora internacional e alguns autores chegaram a considerar a feminização da migração como uma das cinco características que definem a actual era das migrações (Castles e Miller, 1998). Mas estaremos, de facto, face a uma feminização da imigração à escala mundial? Ou, apenas, face à feminização do discurso sobre migrações e a uma maior aceitação da imigração das mulheres?

Alguns autores explicam a feminização da imigração como o resultado de uma recomposição de capital à escala mundial. Como Sassen (2003) salienta, a deslocalização industrial e a transferência dos processos de produção para os países do Sul, fez com que fosse necessária menos mão-de-obra nas actividades industriais do Norte. O aparecimento de zonas *duty-free* aumentou o fluxo de mulheres dos países em desenvolvimento, particularmente da América Latina, da Ásia e das Caraíbas.

Ribas-Mateos (2002) relaciona o elevado número de mulheres que se estabeleceu numa economia de serviços (e, em particular, serviços domésticos, nicho em que focalizaremos na nossa análise) em expansão nas últimas décadas na Europa do Sul, com uma grande diversidade de factores: modernização, urbanização, terciarização, dinamismo do sector informal, importância das pequenas empresas e aumento do nível educacional dos mais jovens que os leva a rejeitarem trabalhos manuais. Focalizando-se sempre no contexto da Europa do Sul, com características bem diversas a este nível dos países nórdicos (em que

a responsabilidade do cuidar é da esfera pública) e de outros países da Europa, a autora espanhola desenvolve uma interessante reflexão sobre o papel que as mulheres imigrantes vão desempenhar nas famílias em que se integram. Elas são contratadas para substituir as figuras tradicionais das mulheres da casa, pertencentes a classes médias e altas, figuras centrais nestas sociedades, mulheres essas que agora se dedicam às suas carreiras profissionais. A execução destas tarefas não exige qualquer qualificação e é culturalmente considerada da responsabilidade das mulheres. Elas são relegadas para a esfera doméstica de que as patroas saíram, vão desempenhar as tarefas da lida doméstica, tomar conta das crianças e dos idosos, em última instância, vão proporcionar bem-estar (Ribas-Mateos, 2002: 62). O seu papel é central para a família da Europa do Sul, em que continua a ser marcante a coexistência na casa de várias gerações, incluindo os jovens em idade adulta que adiam o casamento e a sua saída da casa dos pais, envolvendo-se frequentemente em trabalhos precários e/ou instáveis, e que estão pouco preocupados em construir uma carreira profissional sólida (2002: 63).

Outros autores referem-se a “cadeias globais de assistência” de forma a explicar como numa situação global as mulheres são substituídas por outras mulheres nas tarefas habitualmente associadas a cuidados pessoais e afectos — as do país receptor são substituídas pelas imigrantes cujo lugar é, por seu lado, substituído pelas mulheres que tomam conta dos seus filhos no seu país de origem — avós, irmãs,... (Hochschild, 2000). Estas cadeias, na maioria das vezes, interligam três conjuntos de cuidadoras: uma mulher cuida dos filhos da migrante em casa, no país de origem; outra mulher toma conta dos filhos da mulher que cuida dos filhos da migrante, que muitas vezes é a sua mãe ou uma filha mais velha que cuida dos irmãos e o terceiro elo da cadeia é a própria migrante que deixa o seu país para cuidar dos filhos de profissionais liberais no primeiro mundo. Assim, estabelece-se uma cadeia de uma ponta a outra, entre classe, raça e nações, em que as mulheres mais pobres criam os filhos das mais ricas, enquanto mulheres ainda mais pobres (ou mais velhas, ou mais rurais) lhes criam os filhos. Hochschild (2000) chama, ainda a atenção para o “padrão global do deslocamento do sentimento”, uma vez que essas mulheres deslocam o amor que deveriam sentir e transmitir aos seus próprios filhos para as crianças de que cuidam. Hochschild alerta para a mais-valia emocional, e constata que a assistência e o amor estão

a ser distribuídos desigualmente pelo Mundo. A autora indaga até que ponto os países do Primeiro Mundo não estão importando amor materno, como no passado importaram ouro, cobre, zinco e outros minérios dos países do Terceiro Mundo.

Sassen (2003) discute os fluxos migratórios Sul/Norte que extrapolam fronteiras das mulheres na economia informal, num quadro que ela designa de “contra-geografias da globalização”, uma vez que estando directa ou indirectamente associados à economia global, não se caracterizam por uma representação formal, operando com frequência à margem da lei e dos tratados, e envolvendo, frequentemente, operações criminosas (como no caso das redes de prostituição). Este tipo de economia, parcialmente desterritorializado, atravessa fronteiras, conectando diversos pontos do globo numa espécie de rede submersa, informal e ilegal, originando desregulamentação e precarização das relações de trabalho. Os recursos económicos gerados por estes processos são habitualmente subavaliados.

No contexto da nova economia, a expressão “mulheres globais” é utilizada, não só relativamente a empregadas domésticas, mas também a amas, enfermeiras e trabalhadoras do sexo (Ehrenreich e Hochschild, 2002).

Estas mulheres deixam os seus filhos com parentes ou em instituições no país de origem para migrar e trabalhar na Europa, configurando o que Hondageu-Sotello e Avila (1997) definem como “maternagem transnacional”, uma vez que estas mulheres deixam os seus próprios filhos nos países de origem, para cuidar dos filhos de outras mulheres.

Alguns autores utilizam o termo “servos da globalização” para se referirem às mulheres que saem do seu país para trabalharem nos serviços domésticos (Salazar, 2001).

O papel das mulheres na economia é duplo — papel activo no mercado de trabalho do país receptor e chefes de família e papel no país de origem, mediante o envio de remessas. Para os países desenvolvidos, em particular, o papel das mulheres migrantes na manutenção da identidade das comunidades migrantes, ou no estímulo da integração da família, é de grande importância (Zlotnik, 1995: 230).

Alguns círculos académicos e políticos estabeleceram a ligação entre a feminização da imigração, o papel activo das mulheres como agentes económicos e de desenvolvimento e o *empowerment* (aumento de estatuto). De facto, a participação delas na economia dos países de origem e receptor, o envio de remessas e a manutenção de espaços familiares transnacionais deveria traduzir-se num aumento automático do seu estatuto. Mas, tal não acontece na realidade. Esse estatuto pode mesmo diminuir, pelo facto de, frequentemente, as mulheres terem que exercer trabalhos precários, que não exigem qualificações, trabalhos invisíveis porque, tendo lugar no âmbito privado, são pouco valorizados e de baixo estatuto social.

Concentrando-nos nas empregadas domésticas verificamos que participam de uma relação de identidade mediada pela lógica de “servidão”: para os *patrões* servir é algo natural, configurando uma relação de exploração e de iniquidade. A função ideológica da ocupação baseada em rituais de diferença e maternalismo vem perpetuar um sistema de estratificação que articula, necessariamente, as categorias “género”, “classe” e “etnia” (Lisboa, 2007: 815). A desigualdade concretiza-se e fundamenta-se a partir de comportamentos e tratamentos específicos: elas devem chamar os patrões pelos sobrenomes (e títulos) enquanto que as empregadas são designadas pelo seu primeiro nome; a forma como o próprio espaço da casa é gerido e em que é, ou não, permitido às empregadas permanecer, traduz essa mesma desigualdade.

Os movimentos feministas, nas últimas décadas, têm conseguido que as mulheres façam várias conquistas em relação à sua saída do espaço privado para a esfera pública. Apesar de ter demorado dois séculos para se concretizar, e de não se ter constituído um movimento social, a entrada do sexo feminino na esfera pública colocou milhões de mulheres em movimento. É preocupante que mais de cem anos depois das grandes conquistas em relação aos direitos das mulheres, na passagem do capitalismo industrial para o financeiro, esteja a ocorrer, à escala global, um movimento contrário à saída prevista para a esfera pública: cem mil mulheres movem-se anualmente em todo o mundo em fluxos migratórios, para assumirem trabalhos domésticos na esfera privada (Lisboa, 2007: 817). No auge da era informática, com a revolução tecnológica reestruturando o mundo do trabalho, como

e por que se intensifica de tal forma um mercado informal por muitos considerado arcaico e ocupado exclusivamente por mulheres (Lisboa: 2007)?

O facto de muitas mulheres terem começado a ocupar cargos no espaço público deveria demandar um movimento circulatório de reciprocidade e de complementaridade: homens permanecendo no espaço privado, dividindo as tarefas domésticas e cuidando dos filhos. Mas tal não se verifica. No lugar do esperado “homem novo”, que divide as tarefas domésticas com a sua esposa e as tarefas ligadas ao cuidar da família, surgem no cenário milhares de “novas servas”.

Longe dos seus espaços de origem, muitas vezes longe dos seus filhos, estas mulheres enfrentam inúmeras dificuldades. Lisboa (2007: 810-811) sintetiza algumas delas: falta de comprometimento por parte dos empregadores em relação à regularização dos papéis, documentos ilegais ou visto de permanência; estando ilegais no país, não possuem acesso aos serviços básicos e, quando adoecem, não possuem um plano de saúde que cubra atendimento e tratamento; o não pagamento de horas extraordinárias; os baixos salários; violência e abuso sexual por parte de alguns patrões; obrigação de fazer serviços extra a amigos e parentes dos patrões; sobrecarga de trabalho, principalmente nas casas em que, para além de fazerem todos os tipos de tarefas, ainda cuidam de crianças e de idosos; relações com os empregadores que confundem maternalismo com relações laborais, o que implica falta de garantia de direitos; dificuldade de adaptação a novos costumes; língua; clima; alimentação, entre outros.

Coloca-se a questão de saber se a dimensão género tem sido incluída nos estudos sobre migrações no nosso país.

Em Portugal, os estudos sobre mulheres imigrantes são dispersos e pontuais, não existindo uma verdadeira continuidade de interesse pelo estudo da temática. O estudo das migrações não tem contemplado uma perspectiva de género, assumindo que as características das migrações nacionais se podem generalizar a todo o universo (Peixoto, Casaca e Figueiredo, 2006).

Alguns estudos sobre identidade feminina em contextos migratórios foram realizados por Leandro e Leite (1994), Keshavjee (1994), Machado e Perista (1997) e, mais recentemente, por Abranches (2004).

Em 1998, Perista desenvolveu um estudo sobre as trajectórias profissionais e familiares de mulheres da União Europeia imigradas em Portugal. Em termos metodológicos recorreu a entrevistas em profundidade.

Horta (2004) procurou compreender a relação entre o Estado e os processos de integração dos imigrantes na sociedade portuguesa pós-colonial, analisando a influência das políticas e dos discursos do Estado nos padrões de participação política dos imigrantes. Utilizando uma metodologia de estudo de caso de uma habitante do Bairro da Cova da Moura — Maria Fruta — procurou analisar como as limitações estruturais e institucionais modelam o seu sentido de identidade e configuram padrões de integração, a própria construção subjectiva do significado social por Maria bem como a sua compreensão da realidade social e cultural particular.

A inserção das imigrantes de Leste em redes sociais foi estudada por Hellermann (2004).

A investigação de Wall, Nunes e Matias (2005) analisou as trajectórias de mulheres das mesmas comunidades do nosso trabalho: brasileiras, cabo-verdianas e ucranianas, analisando as suas trajectórias, principais características e problemas. As autoras referem que as mulheres, mais provavelmente do que os homens, são expostas a trabalho forçado, a exploração sexual, a prostituição forçada e a outros tipos de violência. Com maior frequência aceitam más condições de trabalho e salários baixos, expondo-se a sérios riscos de saúde.

Em 2005, o SOS-Racismo (AAVV) publicou a primeira compilação de textos sobre as trajectórias das mulheres imigrantes em Portugal, cobrindo áreas como a identidade, as representações sobre os imigrantes, a inserção cultural, a família, o tráfico e o mercado das mulheres imigrantes em Portugal.

Ainda em 2005, Peixoto *et al.* desenvolveram um estudo em que procuraram compreender os percursos laborais e os modos de inserção socioeconómica das mulheres imigrantes em Portugal. Este estudo teve por base três categorias de análise — mulheres originárias dos PALOP, do Brasil e da Europa de Leste. Em termos metodológicos, para além da recolha de histórias de vida, este grupo de investigadores recolheu e sistematizou um significativo conjunto de informação estatística e analisou textos produzidos por meios de comunicação social. Esta investigação forneceu dados relevantes sobre o tráfico de migrantes em Portugal, tema sobre o qual continua a existir um conhecimento muito limitado. De acordo com os autores (2005: 44) vão sendo cada vez mais as mulheres da Europa Central e de Leste que se tornam vítimas de tráfico. Neste trabalho, o tráfico de mulheres é apenas um dos tipos de tráfico considerados. Também Neves (no prelo) tem estudado a questão do tráfico de mulheres brasileiras para Portugal.

Keating (2001) analisou os percursos discursivos de duas mulheres portuguesas em Londres, encontrando solidariedades destas mulheres com a comunidade portuguesa emigrante, a manutenção de identidade nacional e a organização de práticas de mediação entre os discursos dominantes das instituições em Londres e os discursos subalternos e híbridos da comunidade.

O livro organizado por Malheiros em 2007 analisou a imigração brasileira em Portugal, incluindo textos que contemplam diversas dimensões da imigração brasileira recente: o papel da imprensa na selecção de Portugal como destino imigratório dos brasileiros; a perspetivação da mulher brasileira em Portugal, as remessas dos imigrantes; os imigrantes e o mercado de trabalho; as identidades brasileiras em Portugal; análises prospectivas sobre o fluxo; legalização e participação política. Num texto integrado na obra em causa, Padilla (2007) apresentou uma análise da imigrante brasileira em Portugal numa perspectiva de género, salientando o potencial explicativo que a categoria de género oferece às teorias das migrações. Com base numa metodologia de recolha de histórias de vida, e sempre numa perspectiva de género, a análise abrangeu diversas variáveis, em particular, classe social, redes sociais e legalização.

Santos (2007) analisou as imagens de mulheres imigrantes na imprensa portuguesa.

Apesar do trabalho de Ribeiro (2008) não se dirigir especificamente a mulheres, na análise que desenvolve sobre os imigrantes brasileiros na imprensa local, encontra diferentes representações em diversas dimensões consoante os textos se referem a mulheres ou a homens.

No livro *Género e migrações cabo-verdianas* de 2008, Grassi e Évora reuniram um conjunto de textos que reflectem a posição de que o género, categoria analítica transversal a diferentes Ciências Sociais, constitui uma estrutura interpretativa da sociedade, um objecto de estudo e uma categoria de percepção e apreciação das pessoas em relação às suas migrações. Os textos deste livro, situados em campos disciplinares diversos, abordam questões distintas mas inter-relacionadas: as condições sociais que engendram a emigração cabo-verdiana e as transformações que essas mesmas condições sofreram (com particular destaque para a emigração das mulheres), os imigrantes como agentes principais de produção cultural (no caso, musical), económica, dos afectos e da intimidade. Contrariamente à maioria dos trabalhos sobre imigração, no livro são analisados os reflexos da imigração no país de origem.

Apesar dos trabalhos referenciados, esta área de investigação que poderíamos denominar de imigração e género continua a não ser alvo de uma reflexão sistemática, persistindo inúmeras áreas de sombra e questões sem resposta. Quais são, de facto, os direitos destas mulheres imigrantes que, através do seu trabalho, contribuem quer para o desenvolvimento da economia do nosso país quer das economias dos seus países de origem? São elas, de facto, cidadãs, habitantes da *polis*? Os dados apresentados por Lutz (2000, citada por Lisboa, 2007: 811) poderão ajudar-nos a encontrar as respostas para estas questões. Segundo a autora, aproximadamente dez milhões de mulheres no mundo não possuem cidadania nos actuais países em que vivem. Entre estas, um milhão são trabalhadoras domésticas e dependem dos seus patrões para sobreviver nos países para os quais migraram. Quase vinte milhões de mulheres no mundo vivem em condições de “segunda categoria”, lutando pela sobrevivência e para terem os seus direitos garantidos. Ainda segundo dados da ONU (Lisboa, 2007: 807), 70% dos pobres de todo o mundo são mulheres.

Serão, então, cidadãs globais? O que significa ser cidadã global? Podemos e devemos colocar a questão crucial de Aristóteles, evocada por Malheiros e Ribas-Mateos (2002): Quem é o cidadão destas metrópoles? Ou, neste caso, quem são as cidadãs destas metrópoles? Ser cidadão implica ser membro da esfera pública, ser membro da cidade, significa ser trabalhador, produzir, reproduzir e ter direitos. São, pois, estas mulheres cidadãs?

2. FLUXOS MIGRATÓRIOS CONTEMPORÂNEOS

A partir de 2000, assistiu-se a uma viragem no panorama global da imigração portuguesa, tendo-se verificado a manutenção de um ritmo crescente de entradas em Portugal e uma alteração, quer a nível quantitativo quer qualitativo, dos fluxos migratórios até então relativamente constantes.

As mudanças ocorreram a três níveis (OIM, 2008: 28):

— Diversificação da origem dos fluxos e consequente alteração no peso relativo dos imigrantes residentes em Portugal

Em 2001, o SEF apresentava um valor de 350.898 imigrantes em situação regularizada em Portugal. Os grupos mais significativos eram os nacionais de Cabo Verde, seguidos dos brasileiros, angolanos e guineenses, isto é, originários de países com os quais Portugal detinha afinidades históricas, linguísticas ou culturais. Mas, a partir desta data, na sequência do colapso da URSS e da emergência de estados independentes pós-soviéticos, chegou a Portugal um novo fluxo de imigrantes (a maioria dos quais em situação ilegal) oriundo da Europa de Leste. Na sequência deste fluxo, foi desenvolvido um novo processo de legalização extraordinária¹ e, entre 2001 e 2002, foi regularizada a situação de 174.558 estrangeiros (OIM, 2008: 28), sendo a maioria destes oriunda do

¹ A legalização assumiu duas formas: autorização de residência (prolongada) e autorização de permanência (com a duração de um ano, renovável).

Leste Europeu. Assim, verificou-se uma reconfiguração quantitativa da hierarquia das diversas comunidades, na qual os ucranianos passaram a ser os mais numerosos, seguidos pelos brasileiros e pelos cabo-verdianos.

— Diferenciação no perfil dos imigrantes

A diferenciação ocorreu em particular a nível das qualificações escolares e profissionais e respectiva inserção profissional. Até à altura, a maioria dos imigrantes africanos (genericamente oriundos dos PALOP) era titular de baixas habilitações escolares e trabalhava em actividades pouco qualificadas. Por outro lado, a população asiática, nomeadamente, indianos, paquistaneses e chineses, integrava principalmente o sector do comércio, sendo os últimos significativos na restauração e distribuição alimentar. Os imigrantes brasileiros e europeus eram, na sua maioria, quadros superiores. A partir da década de 1990, a comunidade brasileira começou a integrar trabalhadores pouco qualificados, nos sectores da hotelaria, restauração e comércio. Os imigrantes de Leste detinham, em geral, qualificações superiores à generalidade dos outros imigrantes e a sua inserção profissional teve lugar em sectores em que existia um recurso intensivo a mão-de-obra pouco qualificada.

— Definição de novos padrões de dispersão territorial

Até à década de 1990, a distribuição geográfica dos imigrantes estava concentrada na região metropolitana de Lisboa (principalmente os africanos), com alguma presença no Algarve (essencialmente europeus) e nas regiões do Litoral Norte (principais zonas de onde tinham partido os imigrantes para o Brasil). A partir de 2000, verificou-se uma dispersão de imigrantes (em particular dos de Leste) à escala nacional, que teve por base dinâmicas de desenvolvimento regional e necessidades de mão-de-obra em dadas regiões do país (barragem do Alqueva, expansão da rede viária, estádios para o Euro 2004,...).

A estes três níveis de mudança parece-nos poder ser acrescentado um quarto:

— Maior significado da imigração feminina

Actualmente, mais mulheres estão a imigrar sozinhas, procurando melhores salários e melhores condições de vida e adquirindo uma importância crescente na sociedade portuguesa (Wall, Nunes e Matias, 2005: 3).

De acordo com Pena Pires (2002), a relevância era, inicialmente, mais evidente demograficamente mas, actualmente, essa maior relevância não é apenas demográfica. As mulheres

imigrantes contribuem mais activamente para os rendimentos das famílias e para a economia do país receptor. Assistiu-se a um aumento do número de mulheres de origem africana e de brasileiras com baixas qualificações, mas também a um aumento das mulheres da Europa de Leste com qualificações elevadas.

3. COMUNIDADES BRASILEIRA, CABO-VERDIANA E UCRANIANA EM PORTUGAL

Esta secção será desenvolvida a um nível mínimo. Existem diversos estudos em Portugal em que se realiza uma análise da situação destas três comunidades na actualidade.

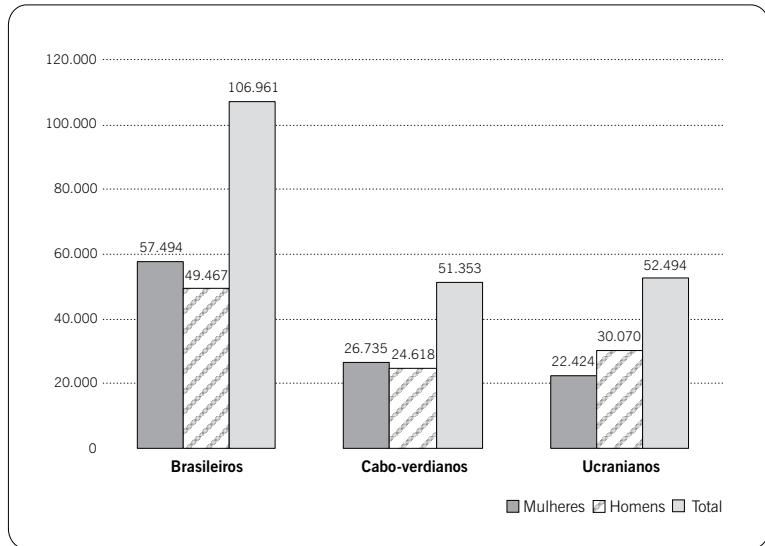
Os dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) relativos a 2008 (dados mais recentes disponíveis) apontam para 440.277 estrangeiros em território nacional, dos quais 230.555 são homens e 209.722 são mulheres. Conforme pode ser verificado no Gráfico 1, os dados indiciam que a comunidade Brasileira é a mais numerosa em Portugal, apresentando um valor de 106.961, sendo o número de mulheres brasileiras (57.494) superior ao número de homens brasileiros (49.467). Calculando a proporção entre o número de homens e de mulheres em cada comunidade verificamos que em duas comunidades — brasileira e cabo-verdiana — a proporção de homens é inferior à de mulheres: 0,86 na comunidade brasileira e 0,92 na cabo-verdiana. A maior proporção de homens na comunidade ucraniana (1,34) é habitual em relação às diversas comunidades imigrantes em Portugal.

3.1. Comunidade brasileira

Padilla (2005b) refere que, entre as motivações que levam os brasileiros a procurar Portugal, inclui-se a imagem da “velha pátria mãe”; os laços histórico-coloniais; a corrente de retorno da emigração portuguesa para o Brasil (dos próprios e dos seus descendentes); o idioma comum; a curiosidade natural em relação a Portugal e à Europa e uma certa familiaridade com a cultura portuguesa. Mas são também factores determinantes o facto de não ser

Gráfico 1.

**Dimensões das três comunidades de imigrantes mais numerosas na actualidade
(Dados de 2008 do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras)**



Dados de 2008 do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

exigido um visto de entrada; a existência de redes sociais que dão apoio ao imigrante — ter amigos, conhecidos ou familiares que tornam mais fácil o momento da chegada; a grande diferença de salários entre os dois países, bem como as imagens optimistas transmitidas pelos meios de comunicação social no Brasil, exibindo oportunidades económicas e de emprego em Portugal (2004: 1-2).

Tal como salientado pela autora, os brasileiros como imigrantes não são um grupo novo em Portugal, mas durante a última década e, em particular, durante o último quinquénio, operou-se uma mudança no perfil do imigrante típico. A primeira vaga de imigrantes era essencialmente constituída por pessoas qualificadas, com predominância para os dentistas,

informáticos e publicitários, e em resultado da pressão por eles exercida, a sociedade portuguesa realizou adaptações e mudanças a vários níveis, tais como a reforma da carreira de odontologia ou a modernização da publicidade e da informática (Peixoto, 1999). Mas, ainda de acordo com Padilla (2004: 2), a nova vaga apresenta qualificações mais baixas e uma mais limitada inserção socioprofissional, trabalhando na construção civil, restaurantes, limpezas e comércio.

3.2. Comunidade cabo-verdiana

O maior contingente de cabo-verdianos chegou a Portugal em meados dos anos 1960, período em que se verificava falta de mão-de-obra devido à guerra colonial e à emigração. Estas pessoas encontravam trabalho na construção civil, no sector público, nas minas e na indústria de manufactura. Em termos geográficos, concentraram-se na área metropolitana de Lisboa e no período entre 1963 e 1973 estima-se que 100.000 cabo-verdianos deixaram o seu país, procurando melhores condições de vida noutros países. De facto, a concepção de que a emigração é um caminho para a prosperidade está bem enraizada na sociedade cabo-verdiana. Na década de 1980, a comunidade cabo-verdiana consolidou-se em Portugal, tendo o fluxo persistido até à década de 1990, e muitos foram-se fixando (migração permanente) através de redes migratórias que, por seu lado, facilitaram a vinda de outros. Graças à reunificação familiar e ao casamento, uma nova geração de cabo-verdianos nasceu em Portugal ou, aqui chegados muito jovens, realizaram a sua socialização neste país.

Inicialmente, as mulheres cabo-verdianas que chegavam seguiam os seus maridos/companheiros mediante processos de reunificação familiar. No entanto, muitas mulheres cabo-verdianas chegavam sozinhas, muitas delas constituindo famílias monoparentais e tendo que sustentar os filhos sozinhas. Em alguns destes casos, as crianças ficavam inicialmente com os membros da família e, só mais tarde, geralmente mediante processos de reunificação familiar, é que se juntavam às mães (Sertório e Pereira, 2004). Um dos factores que mais incentivava esta imigração de mulheres sozinhas era o facto de ser mais fácil conseguir um visto de trabalho, nomeadamente através de um contrato para serviços domésticos. O acordo especial de Portugal com Cabo Verde facilitava esta situação (Sertório e Pereira, 2004).

3.3. Comunidade ucraniana

O primeiro contingente de cidadãos ucranianos chegou a Portugal na década de 1990. O colapso do muro de Berlim (1989) e da URSS (1992) alteraram os sistemas económico e político destes países. Cento e vinte milhões de pessoas dos ex-países soviéticos viviam na pobreza. Os ucranianos sofreram com as profundas modificações económicas e políticas dos seus países, com os fechos e crises nas indústrias, nas empresas e nas instituições públicas, que conduziram a uma grande percentagem de desemprego e a baixos salários. Por outro lado, a hegemonia cultural e económica dos países ocidentais, a facilidade de circulação entre países Schengen e a abertura de fronteiras nos países ex-soviéticos criaram uma pressão migratória elevada nestas pessoas. Redes de tráfico laboral facilitaram a deslocação das pessoas e o estabelecimento de contactos nos países receptores. Após a independência, o carácter, a intensidade, a composição e a direcção dos movimentos migratórios da Ucrânia mudaram dramaticamente (Malynovska, 2004: 11).

Até 2000, a presença de imigrantes ucranianos em Portugal com um visto de residência era residual. Por outro lado, não existia uma relação histórica ou uma proximidade cultural que justificasse a criação de privilégios em relação aos ucranianos, à semelhança do que sucedia com os brasileiros ou com os cabo-verdianos.

A entrada massiva de ucranianos não era previsível. Na altura, Portugal não adoptou qualquer política pró-activa para recrutar trabalhadores da Europa de Leste, nem tinha laços privilegiados económicos, históricos ou culturais com a região (Baganha, Marques e Góis, 2004: 5). O número de europeus de Leste que se estabeleceram em Portugal durante a década de 1990 foi muito pequeno: 373 indivíduos em 1999 (SEF, Estatísticas de 1999), e não existia qualquer grupo de nenhuma nacionalidade com base no qual parecesse poder-se construir uma rede migratória forte.

De acordo com alguns estudos, Baganha, Marques e Góis, 2004; Pires (2002) ou Gonçalves e Figueiredo (2005), a maioria dos imigrantes ucranianos regularizou a sua situação em 2001 e, em 2002, passaram a constituir um dos três grupos mais significativos em Portugal.

Ao abrigo do artigo 55 da Lei 4/2001 de 10 de Janeiro, o número de autorizações de estada dadas a imigrantes ilegais em 2001 foi de 16.901 (Baganha, Marques e Góis, 2004: 25-26), 36% das quais imigrantes ucranianos.²

De facto, em 2002, os ucranianos tornaram-se o grupo com mais residentes: 62.041 (Baganha, Marques e Góis: 2004). Este é um fluxo que teve lugar sem que coexistissem os factores habituais em situações deste tipo: relações pós-coloniais; recrutamento directo; migrações suportadas pelo Estado; acordos bilaterais; fortes relações históricas, culturais e económicas, e redes migratórias. Então, por que aconteceu? Entre os factores habitualmente enunciados na tentativa de encontrar uma explicação incluímos a falta de controlo dos demais países da União Europeia para conceder vistos de curta duração, a facilidade e a velocidade do movimento no interior do espaço Schengen, o tráfico de seres humanos organizado na Europa de Leste sob o disfarce de “agências de viagens”, a existência de infra-estruturas organizadas para transporte e a facilidade de obtenção dos documentos.

Contudo, outros factores devem ser tidos em consideração (Baganha, Marques e Góis, 2004: 30): após o colapso da União Soviética, os países que a compunham entraram num período de transição para uma economia de mercado e para um sistema democrático. As restrições às saídas de pessoas foram progressivamente desaparecendo. A grande diferença de salários e de nível de vida entre os países de Leste e os países da União Europeia também incentivou a saída. Algumas regiões do país tinham uma forte cultura migratória (Ucrânia Ocidental). Mas, por que teve o fluxo, Portugal por destino? Há que considerar o *marketing* desenvolvido pelas agências da Europa de Leste, em particular na Ucrânia, que ofereciam pacotes muito atractivos, que incluíam documentos de viagem e oportunidades de trabalho acessíveis a um largo segmento da população. Por outro lado,

2 Autorizações com duração de um ano que podem ser renovados até um máximo de cinco anos, desde que o imigrante faça prova de contrato de trabalho, não tenha registo criminal, tenha regularizada a sua situação com a segurança social e tenha entrado em Portugal antes de 30 de Novembro de 2001.

os salários em Portugal eram várias vezes superiores aos da Ucrânia e, finalmente, não deve ser negligenciado o processo de regularização de imigrantes que teve lugar entre Janeiro e Novembro de 2001, que representou uma alternativa real a uma eventual estada ilegal noutros países da União Europeia (Baganha, Marques e Góis, 2004: 31).

A comunidade detém um elevado grau de escolaridade e um nível mínimo de escolaridade de dez ou doze anos, sendo frequente que detenham um certificado técnico ou profissional correspondente a doze anos de estudos, ou educação superior numa universidade civil ou militar. Em Portugal, trabalham em sectores e actividades profissionais com pouca ou nenhuma adequação à sua experiência profissional ou qualificações. Estão dependentes do contrato de trabalho, o que frequentemente faz com que sejam explorados no lugar de trabalho, aumentando o seu potencial de exclusão social. Por outro lado, as suas elevadas qualificações facilitam a aprendizagem da língua portuguesa.

Apesar destes imigrantes terem inicialmente um projecto migratório a curto-prazo, a chegada de mais elementos da família, a contínua necessidade de mão-de-obra e as baixas expectativas de melhoria da situação política e económica no seu país de origem faz com que a permanência em Portugal tenda a ser mais longa do que as intenções iniciais.

CAPÍTULO 2. METODOLOGIA

1. CRITÉRIOS DE ESCOLHA DAS MULHERES

Neste estudo procurou-se compreender as três comunidades de mulheres imigrantes mais numerosas em Portugal, a partir da recolha das histórias de vida (no que concerne ao projecto migratório) de mulheres de cada uma das comunidades. A nossa definição de mulheres imigrantes refere-se a mulheres que nasceram noutros países e que imigraram para Portugal e não uma segunda geração de mulheres nascidas em Portugal e filhas de pais imigrantes.

Foram realizadas entrevistas semi-directivas a vinte e quatro mulheres das três comunidades, testemunhas de diferentes vagas e modos de inserção na economia e na sociedade portuguesa: oito mulheres brasileiras, oito mulheres cabo-verdianas e oito mulheres ucranianas.

Todas estas mulheres nasceram no Brasil, em Cabo Verde, na Ucrânia ou na Rússia (as duas mulheres que nasceram na Rússia têm nacionalidade ucraniana) e imigraram para Portugal num dado momento das suas vidas. Todas desenvolvem funções indiferenciadas nas áreas da limpeza e da restauração (estando uma desempregada no momento da entrevista e preferindo uma apresentar-se apenas como estudante), não pretendendo este estudo analisar mulheres representativas das três comunidades, mas tão só analisar histórias que ajudem a compreender algumas das dificuldades sentidas por essas mesmas comunidades. Todas as mulheres residem na área da Grande Lisboa. Procurámos que, em relação a cada nacionalidade, fossem entrevistadas mulheres que se encontrassem em situações diversas ao nível das seguintes variáveis:

- Idade;
- Estado civil;
- Número de filhos;

- Religião;
- Formação escolar (apesar de todas exercerem funções indiferenciadas, existem mulheres com formação escolar de nível superior);
- Mulheres que emigraram por iniciativa própria, com o marido (e em resultado de uma decisão do casal), ou que emigraram para se juntar ao marido/companheiro;
- Tempo de permanência em Portugal.

2. ENTREVISTAS SEMI-DIRECTIVAS

Com o objectivo de recolher dimensões bem concretas das histórias de vida das mulheres e relacionadas com os seus projectos migratórios optámos por recorrer a uma metodologia de entrevista semi-directiva. Consideramos que não recolhemos histórias de vida mas apenas determinadas dimensões destas, tal como estão definidas pelos blocos de entrevista.

3. BLOCOS DA ENTREVISTA

O guião de entrevista era constituído pelos seguintes doze blocos de questões (*ver Anexo 1*):

- Bloco 1. Identificação (5 min.)
- Bloco 2. Situação anterior ao projecto migratório para Portugal (5 min.)
- Bloco 3. Projecto migratório em Portugal (10 min.)
- Bloco 4. Redes migratórias (10 min.)
- Bloco 5. Situação laboral (10 min.)
- Bloco 6. Vida familiar (5 min.)
- Bloco 7. Integração na sociedade portuguesa e ligação ao país de origem (10 min.)
- Bloco 8. Tempos livres (5 min.)
- Bloco 9. Relação com os portugueses (5 min.)

Bloco 10. Satisfação com o projecto migratório (5 min.)

Bloco 11. Passado/projectos futuros (10 min.)

Bloco 12. Identidade pessoal/social (5 min.)

4. PROCEDIMENTO

Inicialmente foi construído um guião de entrevista, que foi posteriormente testado em termos de duração e compreensão das questões com uma mulher de cada origem, tendo-se procedido a algumas alterações em função do *feedback* obtido.

O guião final é constituído por doze blocos de questões seguidamente referenciados e tem uma duração prevista de 88 minutos.

As mulheres foram sendo contactadas e as entrevistas agendadas, foi-lhes explicitado o objectivo geral do estudo e foram sensibilizadas para a importância de responderem com veracidade, tendo sido salientado que poderiam não responder a questões em relação às quais não se sentissem à vontade. As entrevistas foram integralmente gravadas e transcritas, tendo sido inicialmente solicitada às mulheres autorização para proceder às gravações.

As entrevistas foram realizadas ao longo do ano de 2008, tendo a primeira tido lugar em 7 de Abril e a última em 14 de Dezembro.

As mulheres que pretendiam anonimato poderiam mantê-lo, no entanto, apenas uma mulher cabo-verdiana pediu para fazê-lo. Em relação às demais mulheres, optámos, no entanto, por apenas incluir os nomes próprios, omitindo os apelidos.

Os conteúdos das transcrições foram analisados entrevista a entrevista, no conjunto de cada nacionalidade e no conjunto global das vinte e quatro entrevistas. Procurámos atender e analisar o que nos foi sendo contado, mas também a força dos silêncios, dos não-ditos e dos interditos, procurando ter em conta toda a dimensão relacional. Lejeune (2007)

escreveu “uma autobiografia não é somente um texto histórico no qual o autor procura dizer a verdade. [...] é um texto relacional: o autor pede e propõe ao leitor alguma coisa. [...] ele pede ao leitor que o ame, aprove e aceite como homem”. O discurso auto-biográfico implica um pedido de reconhecimento não só do texto mas da pessoa e, de certa forma, sugere ao investigador uma atitude de reciprocidade.

CAPÍTULO 3. RESULTADOS

Este capítulo³ inclui seis secções. Na secção 3.1 procede-se a uma caracterização das mulheres entrevistadas. Na secção 3.2. apresentam-se os resultados relativos às mulheres brasileiras, na secção 3.3. os resultados relativos às mulheres cabo-verdianas e na secção 3.4. os resultados relativos às mulheres ucranianas. Na secção 3.5 apresenta-se a análise dos casos e, finalmente, na secção 3.6. apresenta-se a análise global dos resultados.

No Anexo 2 é possível visualizar a informação sobre a amostra das vinte e quatro mulheres entrevistadas.

1. MULHERES BRASILEIRAS

1.1. Caracterização das mulheres

Como se pode verificar no Anexo 2, as entrevistadas têm idades compreendidas entre os 18 e os 54 anos.

Em termos de estados de origem, seis das oito entrevistadas são naturais de Minas Gerais, uma do estado da Rondônia e uma da Baía. As estatísticas demonstram que existe uma significativa imigração do estado de Minas Gerais para Portugal. Padilla (2005b: 5) refere que os primeiros imigrantes brasileiros tiveram origem em Minas Gerais e, especificamente, em General Valadares, considerada uma cidade provedora de imigrantes brasileiros para o mundo.

Em relação ao estado civil, seis entrevistadas são casadas, uma divorciada e uma solteira. Residem em diferentes localidades da região Norte de Lisboa, uma na zona de Sintra e sete na margem Sul do Tejo. Os seus agregados familiares compreendem entre duas e seis pessoas. Curioso notar que nenhuma vive sozinha. O número de filhos varia entre zero e três filhos. Seis entrevistadas trabalham nas limpezas e duas em restaurantes. Os locais de trabalho são diversos, todos eles situados na zona da

³ Nesta análise bem como em todas as análises apenas serão referidos os resultados relativos às respostas não sendo especificados os números de não-respostas questão a questão.

grande Lisboa, estando as remunerações compreendidas entre 460 e 525 euros mensais. A questão remuneratória é a questão da entrevista relativamente à qual a resistência de resposta é maior. De facto, quatro mulheres não responderam a esta questão.

Em termos de religião, seis são católicas e duas pertencem à religião evangélica. Num dos casos, a imigração proporcionou uma mudança de religião — Taciene refere: *“Tenho...evangélica. Minha mãe é evangélica e então...Quando ela veio para cá passar férias, eu também passei. No Brasil eu era católica. Mudei porque...sei lá, para mim ficou...mais...feliz”*.

No caso de Marilza, a imigração tornou-a mais religiosa (no sentido de mais ligada a Deus). Marilza refere: *“Melhorou mais, sei lá, fiquei mais apegada em Deus. Me sentia muito sozinha”*.

Para Erika e Maria da Glória sucedeu o oposto, a imigração afastou-as da igreja. Erika explica: *“Eu sou evangélica mas..., lá no Brasil eu era evangélica, só que ultimamente eu não sou praticante... [Mas porque não tem tempo ou porque está desmotivada?...] Olha... deve ser por estar desmotivada, porque tempo eu tenho, tempo eu tenho! [risos] É importante...mas tem hora que parece que falta uma força assim... tem hora que... não entendo.”*

Nenhuma das mulheres tem filiação política. Marilza refere: *“Não, porque eu não percebo nada...[...] Lá no Brasil, não, lá no Brasil a gente já percebia...o PSB, o PSDB...a gente já percebia um bocado. Aqui não...não”*.

Nenhuma das mulheres pertence a grupos desportivos mas Francisca e Maria da Glória pertenciam a clubes desportivos no Brasil. Francisca refere: *“Aqui ainda não. No Brasil era o Cruzeiro, né? Cruzeiro Sporting Clube que tinha como adversário o Atlético Mineiro”*.

A formação escolar está compreendida entre o 6.º ano de escolaridade e o curso de Contabilidade (curso com a duração de três anos), tendo uma das mulheres frequentado o primeiro ano do curso de Enfermagem.

1.2. Situação anterior ao projecto migratório para Portugal

Para todas as mulheres Portugal foi o primeiro país destino do movimento migratório e também para a maioria não existe qualquer projecto de imigração para outro país. Assim, o movimento migratório tendo Portugal por destino revela-se um destino bem circunscrito e definido e não uma etapa de uma trajectória migratória mais ampla.

Com excepção de uma mulher todas as demais trabalhavam no Brasil em actividades diversas, sendo de salientar que duas delas (Erika e Francisca) geriam os seus próprios negócios — padaria e fábrica de *lingerie*, respectivamente. Sete das mulheres (com excepção de Francisca) auferiam no Brasil remunerações inferiores às actuais, o que por si só não implica que todas estejam satisfeitas com o que fazem. A insatisfação sentida relaciona-se com o tipo de trabalho desempenhado (referimo-nos às mulheres que trabalham em limpezas e não às duas que trabalham em restaurantes e que não reportam insatisfação com o tipo de trabalho) e com a *décalage* entre a formação escolar de duas mulheres e o trabalho nas limpezas. Erika e Neusa são precisamente as duas mulheres com habilitações mais elevadas e que referem insatisfação neste aspecto: Erika refere: *"Mas o que eu tenho é vontade de estudar, mas não tenho vontade de continuar a limpar casa toda a vida não...[risos], entendeu?... Eu tinha vontade de trabalhar no que gosto, eu gosto de enfermagem"*.

A insatisfação com o trabalho relaciona-se também com o número de horas de trabalho. Maria da Glória diz: *"É o dia todo a trabalhar"* mas, de facto, a média de horas de trabalho (oito horas) não é superior à média de horas de trabalho das portuguesas.

Com excepção de Francisca, que emigrou para se juntar aos filhos em Portugal, todas as outras mulheres emigraram em busca de uma melhor situação económica.

1.3. Projecto migratório em Portugal

Portugal foi escolhido por algumas mulheres pela língua comum, logo, pela maior facilidade de comunicação, e por influência de familiares que já cá estavam (no caso de Francisca, eram os próprios filhos) e que, directa ou indirectamente, incentivaram estas mulheres a

deixar o seu país, a atravessar um oceano e a emigrarem para Portugal. Todas se recordam com precisão do dia em que chegaram de avião, data que ficará para sempre marcada nas suas memórias. Marilza é a mulher que está há mais tempo em Portugal — oito anos — e Taciene a que está há menos tempo — nove meses no momento da entrevista. Erika fez a viagem sozinha, deixando no Brasil o marido e os filhos (tendo o marido vindo mais tarde ter com ela), Taciene e Marilza vieram sozinhas, mas tinham alguém que as esperava. Leila, Francisca, Joana, Neusa, Maria da Glória vieram acompanhadas.

Quase todas contaram com o apoio da família e dos amigos e esse apoio foi fundamental na decisão, mas outras não tiveram esse apoio (caso de Erika). No caso de Marilza, a família apoiou, mas os amigos não: *“É assim, os meus sogros apoiaram. Minha mãe apoiou (que eu só tenho mãe, meu pai é falecido), meus irmãos também [Tem quatro irmãos]. Seis, comigo sete. E a irmã dele [do marido] também apoiou. Mas em termos de amigos, não, ninguém...toda a gente dizia «Vocês são malucos!», «vocês vão caçar chifre em cabeça de cavalo!» (vocês vão à procura de algo que não existe)”*.

Quando chegaram a Portugal, todas ficaram na casa de elementos da família que já estavam no país e todas mudaram posteriormente para casas melhores do que as iniciais. Joana refere: *“Agora é mais barato. Um quarto para nós, um quarto para minha filha, a sala, cozinha e casa de banho. ‘Tou satisfeita com a casa, não tem nada a ver com a primeira situação”*. Erika, Taciene, Leila e Joana habitam em casas arrendadas, mas Francisca, Maria da Glória, Marilza e Neusa, apesar de inicialmente terem vivido em casas arrendadas, com o tempo conseguiram adquirir casa própria, tendo contraído empréstimos à banca para as adquirir, empréstimos esses que vão sendo pagos com as suas remunerações.

1.4. Redes migratórias

Todas as mulheres, excepto Erika (que só tinha uma tia em Portugal no momento em que chegou), contaram com uma rede de apoio no país, rede essa essencialmente composta

por familiares e, em menor número, por amigos. Todas entraram no país com um visto turístico de três meses, estando algumas legalizadas e outras ainda em processo de legalização, o que faz com que não usufruam dos direitos de cidadãos portugueses como acesso gratuito ao serviço nacional de saúde.

1.5. Situação laboral

O tempo que demoraram a encontrar trabalho foi diverso, desde situações como a de Marilza que demorou dois dias até à de Erika que demorou muito tempo. Marilza refere: *“(...) Eu cheguei e eu tive uma sorte também maravilhosa. Eu cheguei numa sexta-feira e no domingo comecei a trabalhar! Num domingo. Porque também o meu marido já estava aqui e a minha patroa foi ter comigo, perguntar se eu queria mesmo trabalhar no café, como é que era. Então, isso foi uma sorte porque a partir daí...e antes de vencer os meus três meses...que é o direito de ficar aqui, então já consegui o contrato e ‘tou livre. Eu tive muita sorte...em tudo, graças a Deus.”*

Os horários de trabalho não são mais longos do que os da generalidade dos nacionais, rondando as oito horas diárias. Pelo facto de algumas mulheres trabalharem em várias casas, alguns horários são variáveis, consoante as necessidades semanais das patroas.

Quase todas as mulheres relatam experiências de preconceito, desde o sentido no dia-a-dia — na paragem de autocarro (Francisca), estação dos correios (Francisca), supermercado (Francisca), até ao preconceito diário no local de trabalho actual (Leila), em trabalhos anteriores (Erika) ou na escola (Leila). Joana e Neusa referem nunca se terem sentido alvo de preconceito.

Todas, excepto Francisca (cuja principal motivação para imigrar foi o facto de os filhos estarem no país), desempenharam diferentes trabalhos em Portugal, tendo evoluído de trabalhos piores (com remunerações menores, trabalhos mais duros, mais horas de trabalho) para trabalhos melhores em todas estas dimensões ou em algumas delas.

1.6. Vida familiar

A questão de quem cuida dos filhos em Portugal apenas se coloca em relação a Maria da Glória e a Marilza que têm filhos pequenos, um ainda bebê e outro com cinco anos. As demais mulheres têm os filhos no Brasil (caso de Erika), não têm filhos (caso de Taciene e de Leila) ou têm filhos com idades em que já são independentes (Francisca tem filhos adultos, Joana tem uma filha adulta e a mais nova das três filhas de Neusa já tem nove anos). Conciliar uma vida profissional dura com uma vida familiar que implique cuidados a filhos pequenos é particularmente difícil para mulheres imigrantes, dado que nem sempre podem contar com a mesma ajuda da família (uma vez que, em geral, todos os membros trabalham) que as mulheres portuguesas. No entanto, esta conciliação é igualmente difícil para as mulheres em geral, uma vez que apesar das conquistas sociais das mulheres nos últimos anos, continuam a ser elas as principais responsáveis pelas tarefas domésticas e pelo cuidar dos filhos.

O dinheiro ganho é utilizado para ajudar familiares (caso de Erika, de Taciene e de Marilza), para pagar a casa adquirida em Portugal (Leila, Francisca, Maria da Glória e Marilza) ou no Brasil (Marilza e Joana) ou terreno adquirido no Brasil (Leila). Em alguns casos, depois das despesas do dia-a-dia, pouco ou nenhum dinheiro sobra, como é o caso de Maria da Glória e Neusa, as duas com três filhos não adultos.

Para Erika, Taciene, Leila e Marilza os papéis em casa mudaram em resultado da imigração. No Brasil, todas elas trabalhavam mais em casa do que os maridos, verificando-se agora uma divisão de tarefas mais equitativa. Marilza conta: *“Lá em casa? Eu fazia tudo, eu tratava dele [marido] como um bebê. Fazia tudo, tudo...dava comida na mão dele, dava toalha na casa de banho, dava tudo. Eu tratava ele muito bem...apesar de trabalhar. E ele até hoje fala que tem saudades daquela época...mas eu disse que agora já não dá [risos]. Quando viemos para Portugal aí, sim, metade. Dividimos. Porque...para já, não dava conta, fazer tudo sozinha. Mais uma hora e tal/ duas horas de transportes... e depois chegava em casa e não dava conta. Ele hoje faz! [Mas dividiram metade/metade ou você continua a fazer mais coisas?] É...eu continuo a fazer mais coisas. Mas ele faz, tipo...no domingo eu vou trabalhar e então ele arruma todas as coisas, faz tudo...*

arruma a casa, eu chego em casa às seis da tarde e já tenho o jantar pronto. [E aos dias de semana?] Durante a semana, faz. Ele ajuda eu às vezes a estender a roupa, a loiça...lava todos os dias..."

1.7. Integração na sociedade portuguesa e ligação ao país de origem

Durante a entrevista, as mulheres revelaram dificuldade em compreender o que é estar ou não estar integrado, o que é compreensível, atendendo à polissemia do conceito. Procurámos explicitar o termo, falando-lhes de uma integração em termos de pertença, de sentir fazer parte de uma comunidade, conscientes de que esta dimensão mais não é do que uma dimensão subjectiva e pessoal da integração. É interessante analisar os aspectos que estas mulheres evocam para justificarem as suas respostas a esta questão, respostas que, com excepção de Erika, apontam no sentido da integração. Neusa evoca o facto da sua família ter ascendência portuguesa: *"Considero, sim. Primeiro porque minha família tem descendência portuguesa [risos]. Meu bisavô era português, tanto que meu nome é Neusa Guimarães de Oliveira"*. Assim, para Neusa a integração numa cultura diferente seria mais fácil, atendendo ao facto do seu bisavô ser português e de, por isso, essa cultura não ser assim tão distante, ser de alguma forma a cultura dos seus antepassados.

As mulheres mantêm hábitos culturais, como assistir a novelas brasileiras (este não é, no entanto, um hábito específico do grupo, atendendo a que está enraizado na própria sociedade portuguesa), assistir a canais brasileiros (Rede Globo, Record), acompanhar os telejornais do país. No entanto, todas elas também gostam de se manter informadas sobre o que se passa em Portugal. Em geral, não procuram assistir a cinema brasileiro (com excepção de Leila), mas decerto não mantinham esse hábito no Brasil, nem lêem livros de autores brasileiros, mas também não os leriam no Brasil. Algumas mulheres pertencem a grupos quase exclusivamente constituídos por brasileiros (Marilza, por exemplo) mas a generalidade integra grupos mistos, que incluem brasileiros e portugueses (Francisca, por exemplo).

Desde que chegaram a Portugal, Marilza, Francisca e Maria da Glória já foram ao Brasil de férias, mas Erika, Leila, Taciene, Joana e Neusa não conseguiram arranjar dinheiro para a viagem.

A comunicação com familiares e amigos é feita preferencialmente via internet, mas também por telefone e, apenas em casos pontuais, são utilizados meios mais tradicionais como cartas e postais.

1.8. Tempos livres

Os tempos livres não são condicionados pela nacionalidade e incluem ver televisão, passeios a parques, idas à praia e pequenas viagens pelo país, parecendo, no entanto, diminuto o conhecimento que detêm do mesmo. Algumas mulheres nunca viajaram pelo país e duas das oito mulheres visitaram diversas zonas — Leila (quem mais viajou pelo país) e Marilza conhecem o Algarve, Marilza e Neusa já foram a Fátima, Leila e Marilza foram à Serra da Estrela e Leila e Neusa à Nazaré.

1.9. Relação com os portugueses

A relação com os portugueses é boa, apesar de relatos pontuais de situações de preconceito. Quando solicitadas a comparar portugueses e brasileiros, os aspectos em que encontram mais diferenças são a forma mais brusca de lidar com as pessoas e praticamente todas contam episódios que as surpreenderam/assustaram nos primeiros contactos. Em geral consideram os portugueses mais stressados: *“É assim, eu acho que os portugueses têm... alguns... não são todos... são muito assim... eles são muito stressados, entendeu?”* (Neusa).

Algumas mulheres não sabem como os portugueses vêem os brasileiros, outras acham que os portugueses têm uma imagem positiva: *“Eles gostam da gente! Pelo menos a parte que eu conheço, eles gostam muito da gente”* (Neusa). Em alguns casos a relação foi sempre boa, noutros melhorou ao longo do tempo e com a intensificação do contacto.

1.10. Satisfação com o projecto migratório

Com a excepção de Erika, todas as mulheres estão satisfeitas com a sua decisão de vir para Portugal e, se fosse hoje, voltariam a tomar a mesma decisão. Este resultado é interessante

e demonstra que apesar de todos os problemas sentidos por estas mulheres, o projecto imigratório se revelou satisfatório e compensador.

1.11. Passado/projectos futuros

Nem todas as mulheres referem acontecimentos do passado que as tenham marcado. É o caso de Erika e de Taciene. Algumas mulheres evocam acontecimentos negativos do seu passado no Brasil: *“Ah, eu tinha oito anos... uma tempestade veio e levou tudo, levou a casa toda... [Mas não foi nessa altura que o seu pai perdeu tudo?] Não, ele já tinha perdido... Antigamente [as tempestades tropicais] eram bem piores... [Às vezes também é a nossa própria percepção das coisas, não é? Quando uma pessoa é criança tem mais medo, não é...] É, é mesmo. Tem mais medo... Tive muito medo”* (Joana). Marilza evoca acontecimentos diversos da sua vida pessoal como o dia em que o pai faleceu ou o dia do aniversário em que partiu a cabeça na escola. Leila recorda vitórias de um clube local.

Outras mulheres recordam acontecimentos nacionais como o processo de *impeachment* de Collor de Melo⁴ (Maria da Glória e Francisca).

O Brasil é importante na identidade de algumas mulheres (Taciene), sendo em alguns casos o Brasil entidade mais abstracta, país de pertença, e noutros o Brasil como o lugar em que está a família, e nessa situação qualquer outro país poderia ser importante desde que fosse lá que residissem as famílias. Erika refere: *“É importante, porque a minha família está lá. Porque, se eu não tivesse ninguém lá, eu preferia viver aqui. Tem a ver com as relações que tenho lá, não com o país. Se eu não tivesse a minha família, para mim ser brasileira, portuguesa, era indiferente!”*

Para outras, o Brasil não assume importância: *“É assim, é bom ser brasileira por causa do meu jeito assim. Só que pelo meu país não tá valendo a pena ser brasileira. Não tá valendo a pena. É um país tão grande e tão... mau.”* (Neusa).

⁴ Fernando Affonso Collor de Mello (Rio de Janeiro, 12 de Agosto de 1949) é um empresário e político brasileiro, actualmente filiado no Partido Trabalhista Brasileiro. Foi o trigésimo segundo presidente da República Federativa do Brasil, cargo que exerceu de 15 de Março de 1990 a 29 de Dezembro de 1992. Foi também o primeiro presidente da República eleito por voto directo após o Regime Militar, em 1989. Renunciou ao cargo na tentativa de evitar um processo de *impeachment* fundamentado em acusações de corrupção.

Para algumas mulheres, símbolos como o hino e a bandeira são importantes. Francisca refere: *“Sou apaixonada pelo nosso hino brasileiro”*. Para outras mulheres, pelo contrário, estes símbolos não assumem qualquer relevância.

Não é em geral a recordação do país que ajuda a superar as dificuldades mas a recordação de quem se ama e que se encontra nesse país distante. A maioria das mulheres não tem um projecto de retorno ao Brasil (com excepção de Erika que é a única que sabe quando regressará: *“Ainda este ano. Eu penso no final deste ano...até meados do próximo ano, no máximo”* e que é a única mulher que não voltaria a tomar a mesma decisão). De resto, nos casos em que esse projecto existia, ele foi significativamente reformulado em termos de data de regresso (caso de Francisca), ou simplesmente, esquecido.

Todas consideram Portugal como um espaço de oportunidades escolares e profissionais para os filhos e preferível comparativamente ao Brasil.

1.12. Identidade pessoal/social

Algumas mulheres consideram que se transformaram enquanto pessoas em resultado da imigração. No entanto, outras, como Neusa, consideram que estão iguais.

Leila, Francisca e Neusa sentem-se apenas brasileiras, mas Erika, Taciene, Maria da Glória e Marilza sentem-se em parte brasileiras e em parte portuguesas e Joana não responde directamente a esta questão.

Maria da Glória diz: *“Eu sou brasileira-portuguesa. Sou portuguesa de coração e opção. [É mesmo isso que sente?...] É mesmo isso que eu sinto! Sinto brasileira e sinto que também faço parte dessa pátria, dessa terra. Tanto que não admito que as pessoas falem mal de Portugal ou mesmo dos portugueses comigo. Defendo. Da mesma forma que quando eu oiço portugueses ou brasileiros falando...eu só falo assim: olha, não generalize uma nação por atitudes de uma ou duas pessoas”*.

Apesar dos problemas iniciais de integração e da saudade do Brasil, as mulheres brasileiras desenvolvem, ao longo do tempo de permanência em Portugal, estratégias de integração na sociedade portuguesa e consideram-se, em geral, integradas na sociedade.

2. MULHERES CABO-VERDIANAS

2.1. Caracterização das mulheres

Como se pode verificar no Anexo 2, as entrevistadas têm idades compreendidas entre os 17 e os 59 anos. Em termos de ilhas de origem, seis das oito entrevistadas são naturais da ilha de Santiago e duas da ilha de São Nicolau.

Em relação ao estado civil, quatro entrevistadas são casadas, uma divorciada e três solteiras.

Cinco residem na região Sul de Lisboa (Cruz de Pau e Laranjeiro), duas na zona Norte e uma na Ameixoeira. Os seus agregados familiares compreendem entre duas e cinco pessoas. Nenhuma vive sozinha. O número de filhos varia entre zero e seis filhos. Seis das entrevistadas trabalham nas limpezas (empresas e/ou empregadas domésticas) e uma é estudante.⁵ Os locais de trabalho situam-se na zona da grande Lisboa — quatro trabalham na cidade de Lisboa e quatro trabalham em localidades situadas na margem Sul (Cruz de Pau, Almada e Laranjeiro), estando as remunerações compreendidas entre 400 e 500 e tal euros mensais. A questão remuneratória é a principal questão em toda a entrevista relativamente à qual é manifestada resistência. De facto, quatro mulheres não responderam à questão da remuneração. Em termos de religião, quatro são católicas e quatro evangélicas. Nenhuma das mulheres tem filiação política e nenhuma das mulheres pertence a grupos desportivos. A formação escolar está compreendida entre ausência de escolaridade e o 11.º ano.

5 Esta mulher também trabalha mas apenas se refere ao facto de ser estudante.

2.2. Situação anterior ao projecto migratório para Portugal

Para todas as mulheres, Portugal foi o primeiro país destino do movimento migratório e também para a maioria não existe qualquer projecto de imigração para outro país. Apenas Madalena pensa um dia vir a imigrar para a Holanda ou para a Suíça. Assim, o movimento migratório tendo Portugal por destino revela-se um destino bem circunscrito e definido, e não uma etapa de uma trajectória migratória mais ampla.

A três mulheres (Sónia, Jacqueline e Alcinda) não se aplica a questão da actividade profissional em Cabo Verde por terem imigrado muito novas. As restantes mulheres trabalhavam em Cabo Verde em actividades diversas — ajudavam em casa (Madalena, Luísa), trabalhavam na agricultura (Madalena, Luísa), eram costureiras (Luísa), trabalhavam para patroas (Madalena quando foi para a ilha do Sal, Domingas), em contabilidade (Mafalda) e Filomena era empregada num hotel. Todas as mulheres, que trabalhavam, auferiam em Cabo Verde remunerações inferiores às actuais. Apesar de ganharem mal, todas estavam satisfeitas com o seu trabalho e emigraram com o objectivo de ganharem mais ou para apoiarem uma decisão dos maridos/companheiros (Mafalda). Apesar de algumas das mulheres referirem dificuldades em trabalhos anteriores em Portugal — exigência excessiva das patroas (Madalena); horários de trabalho longos (Domingas); horas extraordinárias não pagas (Domingas); trabalhos sem direito a férias (Luísa); serem enganadas pelas patroas (Luísa e Domingas) e racismo (Domingas) —, todas se manifestam satisfeitas com os seus actuais trabalhos, tendo, inclusivamente, Sónia um trabalho com um horário de trabalho privilegiado. Não se identifica a insatisfação encontrada em duas das mulheres brasileiras e que se relacionava com a *décalage* entre a formação escolar e o trabalho nas limpezas. De facto, as mulheres cabo-verdianas entrevistadas têm, com excepção de Jacqueline (que também é estudante), habilitações baixas. Mesmo as mulheres que têm longos horários de trabalho (que são a maioria) referem estar satisfeitas com o seu trabalho.

Todas as mulheres emigraram em busca de uma melhor situação económica.

2.3. Projecto migratório em Portugal

Portugal foi escolhido por algumas mulheres pela língua comum e, logo, pela maior facilidade de comunicação (Sónia, Domingas) e por influência de familiares que já estavam no país (Mafalda veio ter com o marido, Filomena veio ter com a irmã) e que, directa ou indirectamente, incentivaram estas mulheres a deixar o seu país e a vir para Portugal. Algumas emigraram pelo facto de os seus pais considerarem que seria fácil arranjar trabalho (Sónia), outras para esquecer acontecimentos tristes em Cabo Verde (Filomena para esquecer um desgosto amoroso), outras, ainda, por sentirem uma proximidade em relação ao país (Domingas). Em muitos casos há mais do que um factor que motivou a vinda (Filomena veio para esquecer um desgosto de amor, mas o facto de a irmã estar cá facilitou a decisão). Nos casos em que foram os pais que tomaram a decisão de imigrar, algumas mulheres não sabem ao certo as razões que as motivaram (Jacquelina) e, no caso de Luísa, a vinda ocasional integrada num grupo carismático em peregrinação a Fátima acabou por resultar num projecto imigratório, animado pelo objectivo inicial de amealhar dinheiro para pagar à vizinha (o dinheiro que aquela lhe emprestara para a viagem).

Cinco não se recordam com precisão do dia em que chegaram — Sónia, Jacquelina e Filomena não se lembram com precisão do dia, Sónia recorda-se que foi no Verão e Filomena recorda-se que foi de noite. As demais mulheres evocam com precisão o dia em que chegaram de avião a Portugal, data que ficará para sempre marcada nas suas memórias. Esta data está presente mesmo em mulheres que emigraram há vinte anos atrás (casos de Alcinda e Domingas).

Relativamente ao tempo de estada em Portugal, três mulheres estão em Portugal há mais de trinta anos (Sónia há 36 anos, Madalena há 35 anos e Filomena há 31 anos). Filomena e Alcinda estão há 20 anos em Portugal. As restantes três mulheres estão em Portugal há 6 anos (Mafalda), há sete anos (Jacqueline) e há oito anos (Luísa).

Madalena e Filomena fizeram sozinhas a viagem, três mulheres vieram acompanhadas por familiares (Sónia veio com a mãe e com dois irmãos, juntando-se ao pai que já cá estava; Jacquelina veio com a irmã, vindo ter com os pais que já cá estavam e Mafalda veio com o marido, tendo mais tarde vindo os filhos e depois a sogra). Domingas veio com a patroa e Luísa chegou integrando um grupo carismático de cerca de cento e cinquenta pessoas.

A decisão de imigrar foi das próprias mulheres no caso de Madalena, de Alcinda, de Domingas e de Luísa. No caso de Sónia e de Jacquelina que emigraram muito novas, a decisão foi do pai. No caso de Mafalda, a decisão foi do marido e ela veio em resultado dessa decisão. Em todos os casos, as mulheres ou o elemento da família que decidiu imigrar esperavam melhorar o aspecto económico. Todas as mulheres contaram com o apoio da família (e Madalena com o apoio de uma amiga) na tomada da decisão.

Quando chegaram a Portugal quase todas ficaram na casa de elementos da família que já cá estavam. Sónia e Jacquelina foram viver com os pais. Todas mudaram de casa tendo conseguido viver em casas melhores do que as iniciais. Madalena e Luísa viviam numa barraca e Mafalda num bairro social, vivendo actualmente em casas melhores. Algumas conseguiram adquirir casa própria, tendo contraído empréstimos à banca para as adquirir, empréstimos esses que vão sendo pagos com parte das suas remunerações.

2.4. Redes migratórias

Todas as mulheres, excepto Jacquelina e Alcinda, contaram com uma rede de apoio no país, rede essa essencialmente composta por familiares e, em menor número, por amigos. Não se trata de redes muito extensas, sendo apenas constituídas por dois ou três elementos. Todas

⁶ A história de Filomena remete para uma vinda para Portugal em 1977 mas a independência de Cabo Verde deu-se em 1974 pelo que, provavelmente, se enganou quando diz que “já tenho trinta e um anos cá”.

entraram no país com um visto turístico de três meses, excepto Filomena que refere ter vindo sem visto por Cabo Verde ser, na altura, uma colónia portuguesa,⁶ estando todas legalizadas o que faz com que usufruam dos direitos de cidadãos portugueses como acesso gratuito ao serviço nacional de saúde.

As duas mulheres mais novas e que vieram para Portugal com três e dez anos adquiriram mesmo nacionalidade portuguesa (Sónia e Jacquelina). Foram também as duas mulheres que vieram mais novas para Portugal (Sónia veio com três anos e Jacquelina com dez) e que terão uma menor ligação a Cabo Verde. É curioso que mulheres como Madalena e Filomena, que estão em Portugal há mais de trinta anos, nunca tenham procurado adquirir nacionalidade portuguesa.

2.5. Situação laboral

Com excepção de Sónia que refere que, por vezes, foi difícil encontrar trabalho, todas as demais mulheres referem ter demorado pouco tempo a conseguir. Assim, Alcinda já chegou com um trabalho prometido, M. e Filomena demoraram pouco tempo a arranjar trabalho, Domingas fala em um mês e Luísa em menos de um mês.

Duas mulheres têm horários de trabalho mais longos do que os da generalidade dos nacionais, rondando as onze horas diárias (M. trabalha três horas num emprego, cinco num outro e mais três noutro e Luísa trabalha oito horas num e mais três noutro). Domingas trabalha seis horas (três num emprego e outras três no outro) mas Sónia apenas trabalha duas horas e meia. Filomena e Alcinda não respondem à questão e esta não se aplica a Madalena (desempregada) e a Jacquelina (que apenas nos fala da sua experiência como estudante).

Apenas três mulheres relatam experiências de preconceito sentido no trabalho actual da parte de algumas pessoas (M.), em trabalhos anteriores (Domingas), não sentido no trabalho mas identificado no trabalho do marido ou na escola da filha (Sónia). Três mulheres referem que nunca se sentiram alvo de preconceito nos seus trabalhos.

Todas as mulheres afirmaram ter existido uma melhoria nas condições de trabalho, nomeadamente a nível dos horários e/ou de melhores remunerações. Deixaram empregos com patroas muito exigentes ou que envolviam tarefas de que não gostavam, como Alcinda, que tinha que cuidar de três crianças difíceis. A insatisfação de Alcinda com

os trabalhos anteriores relacionava-se com a sua situação de ilegalidade e com o facto de não poder permanecer muito tempo no mesmo trabalho. Domingas ficou marcada por uma primeira experiência de trabalho muito difícil, com uma patroa que lhe dizia que não tinha direito a legalizar-se, a cuidados básicos de saúde e em casa de quem chegou a passar fome.

2.6. Vida familiar

A questão de quem cuida dos filhos dos imigrantes em Portugal apenas se coloca em relação a Alcinda cujo filho mais novo tem nove meses e que fica com uma ama enquanto a mãe trabalha. Com excepção de Jacquelina que não tem filhos, todas as outras mulheres têm filhos mais velhos que ou frequentam a escola ou estão a trabalhar. Domingas refere que apoia o filho mais novo, de vinte e quatro anos, que vive com ela, mas referir-se-á a apoio económico e não a outro tipo de apoio. Apesar de percursos migratórios que implicaram separação física dos filhos em diversos momentos, todas as mulheres, com excepção de Luísa, têm os filhos em Portugal. Luísa vive com um dos filhos mas os outros cinco estão em Cabo Verde.

Conciliar uma vida profissional dura com uma vida familiar que implica cuidados a filhos pequenos é particularmente difícil para mulheres imigrantes que nem sempre podem contar com a mesma ajuda da família (porque, em geral, todos os membros trabalham) como as outras mulheres. No entanto, esta conciliação é igualmente difícil para as mulheres em geral.

Das seis mulheres que respondem à questão do destino do dinheiro enviado para Cabo Verde, M. não envia dinheiro para qualquer familiar, o destino do dinheiro que sobra é para construir casa em Cabo Verde em terreno que já tem. Luísa gasta o dinheiro a ajudar a filha que está a estudar em Portalegre, mas manifestou a intenção de dividir o subsídio de Natal com os familiares de Cabo Verde. As restantes quatro mulheres ajudam sistematicamente familiares em Cabo Verde (Madalena envia dinheiro para a sogra, Domingas envia para o irmão e para o sobrinho, Filomena envia para a mãe e Alcinda para a mãe e para um sobrinho que está no Brasil a estudar para advogado).

Para M., Alcinda e Luísa os papéis em casa mudaram em resultado da imigração. Em Cabo Verde, todas elas trabalhavam mais em casa do que os maridos, verificando-se agora uma divisão de tarefas mais equitativa (no caso de Alcinda a mudança é pequena). No caso de Filomena não se verificou qualquer mudança. A questão não se aplica a Sónia e a Jacqueline (que não eram casadas antes da imigração, continuando Jacqueline a ser solteira).

2.7. Integração na sociedade portuguesa e ligação ao país de origem

A não ser Sónia que responde à questão da integração referindo experiências de racismo, de alguma forma indiciadoras de uma não integração, todas as demais mulheres referem sentir-se integradas na sociedade portuguesa. Jacqueline faz referência a dificuldades de compreensão do português (concordância dos pronomes,...).

As mulheres mantêm hábitos culturais, como ouvir música cabo-verdiana (*kizomba*, *kuduro*, *coladeira*), sendo quatro as mulheres que referem a música e as danças cabo-verdianas (quatro mulheres referem o hábito da dança). Filomena refere os rituais cabo-verdianos nos funerais e a celebração do sétimo dia dos recém-nascidos. Alcinda salienta o facto de falar crioulo com a filha (que fala português com os outros elementos da família que entre si comunicam mais em português do que em crioulo). As mulheres referem a integração da culinária portuguesa com pratos típicos cabo-verdianos: cuscuz, cachupa, feijão congo, xerém, caldo de peixe, feijoada. Para todas as mulheres a RTP-África é o canal de eleição que lhes permite acompanhar o que se vai passando em Cabo Verde e ir mantendo a ligação ao país de origem. No entanto, algumas referem gostar de ver programas portugueses e manterem-se informadas sobre o que se passa em Portugal.

Duas mulheres pertencem a grupos exclusivamente constituídos por cabo-verdianos (Sónia às Testemunhas de Jeová — o grupo a que pertence é exclusivamente constituído por cabo-verdianos — e Alcinda à Associação Cabo-verdiana de Lisboa). As demais seis mulheres não pertencem a grupos exclusivamente constituídos por cabo-verdianos.

Todas as mulheres referem ter amigos portugueses apesar de Madalena referir serem poucos.

Quando interrogadas sobre o que gostariam de mudar nas suas vidas, Filomena e Luísa referem que gostariam de ter casa em Cabo Verde (este desejo de ter casa surge como resposta a outras questões noutras mulheres), Madalena referencia o regresso a Cabo Verde (aspecto que surge noutras mulheres em resposta a outras questões), Mafalda refere trazer a mãe para Portugal e Alcinda refere, com ironia, que gostaria de alterar um aspecto do seu corpo (aumento do volume dos seios).

Desde que chegaram a Portugal, M. e Jacquelina conseguiram ir uma vez a Cabo Verde, Madalena, Alcinda e Luísa duas e Filomena conseguiu ir quatro vezes.

Todas as mulheres comunicam com os familiares e com os amigos por telefone. Cartas e postais são raros (Sónia). Jacquelina fala em postais (e não em cartas) e M. refere o envio de postais no Natal. Nenhuma das mulheres faz referência ao uso da internet como meio de comunicação provavelmente atendendo à dificuldade de acesso à mesma por parte dos seus familiares em Cabo Verde.

2.8. Tempos livres

Os tempos livres não são condicionados pela nacionalidade e incluem ver televisão (2), passear (4), idas à praia (1), estar com a família (1), pequenas viagens pelo país (1), dançar (2), cinema (2), ler (1), sair com amigos (1), visitar amigos (1), convívios (1), música (1), ginástica (1), actividades religiosas (1), limpar a casa (1). Apenas Domingas refere não ter outras actividades de tempos livres para além de ficar em casa com a mãe.

2.9. Relação com os portugueses

Para todas as mulheres, a relação com os portugueses é qualificada como boa (Madalena qualifica-a mesma como sendo “ótima”).

Quando solicitadas a comparar portugueses e cabo-verdianos, os aspectos mais referidos relativamente aos portugueses são serem mais fechados (Sónia, Alcinda, Domingas

e Luísa), mais tristes (Jacquelina e Alcinda), serem bons (Domingas). Madalena e Luísa consideram-nos semelhantes aos cabo-verdianos enquanto Alcinda os considera diferentes. Para Madalena e para Jacquelina, a relação com os portugueses não se modificou ao longo do tempo enquanto para Alcinda e Domingas a relação alterou-se. Para Alcinda, a alteração decorreu do facto de ela ter que se adaptar, para Domingas a relação melhorou.

Sónia, Jacquelina e Filomena não sabem como os portugueses vêem os cabo-verdianos, Domingas responde “normal”, Luísa “depende” e Alcinda personaliza a questão dizendo que a perspectivam como divertida e gostam de estar com ela.

2.10. Satisfação com o projecto migratório

Todas as mulheres estão satisfeitas com a sua decisão de vir para Portugal. M. afirma que está satisfeita pelo marido.

Com excepção de Filomena, que não sabe se hoje voltaria a tomar a mesma decisão e de Alcinda que afirma que, se na altura houvesse em Cabo Verde as oportunidades que existem hoje, não teria vindo, todas as mulheres voltariam a tomar a mesma decisão. Este resultado é interessante e demonstra que, apesar de todos os problemas sentidos por estas mulheres, o projecto imigratório se revelou satisfatório e compensador.

2.11. Passado/projectos futuros

Todas as mulheres recordam o passado com saudade, saudade essa que pode ser associada a alegria, como no caso de Alcinda, ou a tristeza, como no caso de Domingas. Sónia pouco recorda: *“Recordações que eu tenho de Cabo Verde é muito pouquinho... só me lembro de uma rocha e de uma praia! De resto não me lembro de mais nada. Com três anos, também... Mas oiço falar, de pessoas, familiares que... vieram mais tarde e que falam sobre isso [...] Não me lembro muito bem. É como uma coisa que perdi, que ficou para trás”*.

Algumas mulheres evocam acontecimentos negativos do seu passado em Cabo Verde. Madalena recorda a seca em São Nicolau e a necessidade de a família de migrar para a ilha do Sal, tendo que carregar os seus bens entre Pedra do Lume e Espargos, onde o irmão vivia. Também M. recorda a seca. Domingas recorda uma tempestade violenta enquanto Alcinda e Luísa, referem acontecimentos ligados à vida do país — Alcinda a alegria associada à notícia da independência de Cabo Verde de Portugal e Luísa o 25 de Abril. Jacquelina, tendo vindo muito nova, não se recorda de nada.

Para Jacquelina, Cabo Verde não é central na sua identidade: *“Cabo Verde foi onde eu nasci. Mas não passa muito disso”*. Para todas as demais mulheres, Cabo Verde é central na sua identidade.

Para Sónia, Jacquelina, Filomena e Alcinda símbolos como o hino e a bandeira não são importantes. Para Madalena, M., Domingas e Luísa o hino é importante. A Madalena, o hino desperta a saudade. A bandeira é importante para M., Domingas e Luísa. Outros aspectos são referidos como relevantes: M. e Alcinda referem a culinária cabo-verdiana, Filomena a música, Alcinda a língua e Luísa os lenços cabo-verdianos.

Em geral, não é a recordação do país que ajuda a superar as dificuldades. Apenas para Madalena e M. tal sucede. Para Jacquelina, Filomena e Domingas, a recordação de Cabo Verde não ajuda na superação das dificuldades. Sónia e Alcinda não se recordam do país nessas situações.

A maioria das mulheres (seis) tem um projecto de retorno a Cabo Verde. Madalena, M., Filomena, Alcinda, Domingas e Luísa. Sónia e Jacquelina são as únicas mulheres que tencionam ficar a viver em Portugal e são também as mulheres que viveram menos anos em Cabo Verde e que vieram mais cedo para Portugal.

Em relação às que tencionam regressar, Madalena não sabe quando regressará, e M. refere que regressará quando os filhos organizarem a vida. Filomena, Alcinda, Domingas e Luísa regressarão quando se reformarem.

No que concerne à aplicação do dinheiro ganho, M., Alcinda e Luísa referem a construção ou melhoria de casa em Cabo Verde. Filomena fala em amealhar para quando voltar e Domingas lamenta-se de que o dinheiro não dá para nada.

Apenas Madalena considera a hipótese de imigrar para a Holanda ou para a Suíça (ela é, de facto, a única mulher que está desempregada). Nenhuma das outras mulheres tenciona imigrar para outro país.

Todas as mulheres, excepto M., consideram Portugal como um espaço de oportunidades escolares e profissionais para os filhos e preferível comparativamente a Cabo Verde. M. não sabe se Portugal constituirá, de facto, esse espaço de oportunidades e fala das dificuldades em Portugal.

2.12. Identidade pessoal/social

Apenas Jacqueline e Filomena consideram que não se transformaram, enquanto pessoas, em resultado da imigração. Madalena associa essa transformação ao facto de ter imigrado muito nova, de ter aprendido; M. e Luísa sentem-se mais felizes; Alcinda transformou-se, procurando ser idêntica às pessoas dos países onde viveu e Domingas sente-se mais madura e mais corajosa.

Sónia sente-se mais portuguesa do que cabo-verdiana, Luísa cabo-verdiana; todas as demais mulheres se sentem um pouco portuguesas e um pouco cabo-verdianas (Madalena apenas um “bocadinho” portuguesa). Alcinda diz: *“Sinto-me cabo-verdiana e portuguesa. O meu coração é cabo-verdiano, mas o meu corpo é português”* e Domingas: *“As duas coisas! [...] Já não consigo largar Portugal de uma vez nem Cabo Verde de uma vez. Tenho que ir lá e voltar”*.

3. MULHERES UCRANIANAS

3.1. Caracterização das mulheres

Como se pode verificar no Anexo 2 as entrevistadas têm idades compreendidas entre os 19 e os 56 anos. Em termos de localidades de origem, duas das mulheres nasceram na Rússia (uma em Moscovo e outra em Orel) tendo adquirido a nacionalidade ucraniana. As restantes mulheres nasceram em Ternopil, Kiev, Vinnitsia, Lvov, Uman e Sepetouca.

Em relação ao estado civil, três entrevistadas são casadas, duas divorciadas, duas solteiras e uma viúva. Quatro residem na região Sul de Lisboa (Charneca da Caparica, Costa da Caparica e duas na Cova da Piedade), uma no Estoril e três em Lisboa. Os seus agregados familiares compreendem entre uma e três pessoas. O número de filhos varia entre zero e dois filhos. Em termos de ocupações profissionais, uma faz limpezas num restaurante, uma é proprietária de uma loja de produtos alimentares, duas são empregadas domésticas, duas são empregadas de mesa em restaurantes, uma é empregada num supermercado e uma é empregada num parque de estacionamento.

Os locais de trabalho situam-se na zona da grande Lisboa — três trabalham na cidade de Lisboa, quatro trabalham em localidades situadas na margem Sul (Almada, Costa da Caparica e Cova da Piedade) e uma no Estoril, estando as remunerações compreendidas entre os 426 e os 670 euros mensais. Em termos de religião, sete pertencem à religião ortodoxa e uma é católica. Nenhuma das mulheres têm filiação política e nenhuma das mulheres pertence a grupos desportivos. A formação escolar está compreendida entre o 9.º ano e cursos superiores.

3.2. Situação anterior ao projecto migratório para Portugal

Para a maioria das mulheres, Portugal foi o primeiro país destino do movimento migratório. Apenas Vera e Lúcia tinham imigrado anteriormente para outros países — Vera para a

Rússia e Lúcia para a Polónia (onde apenas esteve dois meses) e para a República Checa (onde viveu três anos). O movimento migratório para Portugal revela-se um destino bem circunscrito e definido e não uma etapa de uma trajectória migratória mais ampla.

As mulheres trabalhavam na Ucrânia em actividades diversas — professoras (Vera e Maria), responsável de supermercado (Tania), ateliê de costura (Axana), vendedoras (Tamila e Teytiane), trabalho em fábrica (Lúcia). Na Ucrânia, Olga era estudante. Lúcia considera que o seu trabalho era muito difícil enquanto Axana, Tamila e Maria estavam satisfeitas com a actividade profissional na Ucrânia.

Todas as mulheres que trabalhavam auferiam na Ucrânia remunerações inferiores às actuais.

3.3. Projecto migratório em Portugal

As mulheres emigraram com o objectivo de ganharem mais (Vera e Teytiane) e/ou para apoiarem uma decisão dos maridos (Axana, Teytiane e Olga). Lúcia veio para Portugal por acaso (vinha numa camioneta com vários outros imigrantes e acabou por sair em Portugal por acaso, uma vez que não tinha planeado um destino). Lyudmyla veio em resultado de uma decisão dos seus pais. Tamila veio porque Portugal era, entre os destinos possíveis, o país mais conhecido e Maria veio porque, em termos burocráticos, a vinda para Portugal não era tão cara como a ida para outros países.

Todas se recordam com precisão do dia de chegada (Axana não se recorda se chegou dia doze ou treze, Tetyana apenas refere o mês e o ano da chegada).

Relativamente ao tempo de estada em Portugal, Lúcia é a mulher que está há mais tempo em Portugal (oito anos), Vera, Axana, Tetyana, Tamila e Maria estão em Portugal há sete anos, Lyudmyla há cinco e Olga há quatro.

Vera, Tetyana e Maria fizeram sozinhas a viagem e as restantes mulheres vieram acompanhadas por familiares (Axana pelos filhos, Lúcia pelos sobrinhos, Lyudmyla pelos pais, Olga e Tamila pelas mães).

A decisão de emigrar só partiu das próprias mulheres em dois casos: Lúcia e Maria. No caso de Tetyana, a decisão foi do casal. No caso de Vera e Axana, a decisão foi dos maridos, no caso de Lyudmyla e de Tamila, dos pais e de Olga, da mãe.

Em todos os casos as mulheres ou o elemento da família que decidiu imigrar esperavam melhorar o aspecto económico (Vera deixa também subentendida a procura de uma maior liberdade). Apenas Tetyana, Tamila e Maria sentem que contaram com o apoio da família na tomada da decisão.

Quando chegaram a Portugal, Axana e Maria ficaram na casa de amigos. Duas das mulheres vivem em casa dos empregadores (Lúcia e Maria). Lúcia, inicialmente, viveu na casa da dona da fábrica em que trabalhava quando chegou, depois arrendou casa com os sobrinhos e vive agora de novo em casa dos actuais patrões. Para Vera e para o marido houve sempre a necessidade de partilhar a renda da casa com outro casal e só mais tarde tiveram possibilidade de viver sozinhos. Esta necessidade de partilhar a casa com familiares num dado momento do percurso é também expressa por Lúcia. Verifica-se uma mudança nos locais de residência, tendencialmente situados na mesma área, com melhoria de condições, mudança expressa por Axana, que já morou em quatro casas diferentes, sendo a última a melhor.

3.4. Redes migratórias

Com excepção de Tamila, que não contou com ninguém que a ajudasse, todas as demais mulheres contaram com uma rede de apoio no país, rede essa essencialmente composta por amigos (Vera, Axana, Tetyana, Olga e Maria), patrões (Maria) e familiares (Vera, Axana e Lúcia). Não se trata de redes muito extensas mas de redes constituídas por dois ou três

elementos. Nenhuma das mulheres tinha em Portugal outros familiares para além das pessoas com que emigraram, ou, no caso de Vera e de Tetyana, dos maridos, que já tinham vindo para Portugal algum tempo antes da sua chegada.

Todas entraram no país com um visto turístico de três meses (excepto Lyudmyla que pensa ter chegado com visto de estudante). Axana, Lúcia, Tetyana e Olga chegaram de autocarro, Tamila e Maria de carro e Vera e Lyudmyla de avião.

Quando chegaram, com excepção de Lúcia que morava sozinha, todas as demais mulheres viviam com familiares (Vera e Tetyana com os maridos, Axana com o marido e com os filhos, Lyudmyla, com o pai e Olga, com a mãe) ou amigos (Maria vivia com uma amiga) ou conhecidos (Tamila e os pais viviam com pessoas que conheceram na estação dos comboios aquando da sua chegada a Portugal). Com excepção de Lúcia, todos sentiram apoio de outras pessoas (Vera do casal com que viviam, Tetyana, Olga e Maria referem o apoio de portugueses, Tamila, de conhecidos russos e Lyudmyla um brasileiro que a ajudou a aprender a língua).

3.5. Situação laboral

Com excepção de Olga, que refere que demorou muito tempo a encontrar trabalho e de Lyudmyla, que demorou três meses (que, de facto, não correspondem a três meses de procura uma vez que estava a estudar), para todas as demais mulheres o tempo até arranjar um trabalho foi inferior a um mês. Assim, Vera não demorou tempo algum porque o marido já lhe tinha arranjado trabalho e Lúcia, Tamila e Maria falam em tempos de uma, duas, três semanas.

Axana e Olga trabalham mais de oito horas por dia (mas Axana é a proprietária da loja de produtos alimentares em que trabalha). Todas as demais mulheres trabalham oito horas por dia.

Apenas Tetyana está relativamente satisfeita com o seu trabalho, apesar de referir que não está relacionado com a sua formação. Todas as demais mulheres estão insatisfeitas. Referem a dificuldade e a dureza dos trabalhos (Vera, Axana e Maria), os baixos salários (Tamila) e a *décalage* entre os trabalhos realizados e a formação escolar (Tetyana e Lúcia).

Apenas Vera e Maria referem não sentir preconceito por parte das outras pessoas. Axana refere pouco preconceito. Todas as demais mulheres relatam preconceito por parte do SEF (Tetyana), das instituições (Tamila), dos africanos (Tamila) ou das pessoas em geral.

Apenas Tetyana considera que houve uma melhoria da sua situação profissional em relação à situação profissional na Ucrânia. Todas as demais consideram que não houve melhoria. Axana refere que ganha mais mas não considera que a situação tenha melhorado. Lúcia refere o facto de ganhar mais, mas também não explicita uma melhoria.

Os trabalhos anteriores aos actuais foram diversos. Vera trabalhou num colégio em Benfica, sem ter passado a efectiva. Ficou desempregada. Fez limpezas em casas sem contrato, trabalhou seis meses no Hospital da Força Aérea, ficou desempregada, e começou, então, a trabalhar no restaurante. Axana trabalhou em limpezas antes de abrir a loja de produtos alimentares. Antes de trabalhar como empregada doméstica interna, Lúcia trabalhou numa fábrica de móveis em Ourém, depois numa pensão e mais tarde nas limpezas do restaurante do actual patrão. Tetyana esteve numa empresa, depois fez limpezas, sem direito a subsídios, Olga numa loja de roupas e num cabeleireiro, Tamila numa fábrica de doces, num restaurante e numa lavandaria. Para Maria, o actual foi o primeiro e único trabalho.

3.6. Vida familiar

A questão de quem cuida dos filhos em Portugal apenas se coloca em relação a Tamila que tem o filho numa ama.

Apesar de percursos migratórios que implicaram separação física dos filhos em diversos momentos, todas as mulheres, com excepção de Vera, têm os filhos em Portugal.

A imigração proporcionou uma mudança de papéis nos casos de Vera e de Tetyana que passaram a dividir as tarefas domésticas com os respectivos maridos. Lyudmyla e o irmão passaram a ajudar mais os pais.

Em relação à questão do dinheiro enviado para a Ucrânia, Tamila não envia dinheiro para qualquer familiar, todas as demais mulheres enviam dinheiro para os familiares (Vera envia para a mãe, Axana para a mãe e para os sogros, Lúcia e Maria para os filhos, Tetyana para o irmão e cunhado, para a sobrinha e para a mãe).

3.7. Integração na sociedade portuguesa e ligação ao país de origem

Vera, Axana, Tetyana e Maria referem sentir-se integradas na sociedade portuguesa. Lyudyma, Olga e Tamila não se sentem integradas. A questão das dificuldades da língua é referida por Tetyana, Lyudmyla e Tamila. Olga diz: *“O meu lugar não é aqui”*.

As mulheres mantêm hábitos culturais como assistir a programas de televisão ucranianos (Lyudmyla, Olga, Tamila e Maria), cinema (Axana e Tetyana), livros (Tetyana) e jornais ucranianos (Axana, Lyudmyla, Olga e Maria). Tamila refere que celebram as festas nas datas ucranianas como seja o Natal ortodoxo a 6 de Janeiro. Tamila refere que a filha é bilingue falando português e ucraniano.

As mulheres mencionam a integração da culinária portuguesa com pratos típicos ucranianos (Axana, Lyudmyla e Maria). Tamila refere o facto de confeccionarem pratos ucranianos por ocasião das festas e Tetyana refere a necessidade que tinha de trazer produtos típicos da Ucrânia, necessidade essa que agora não existe (pressupõe-se que pelo facto de actualmente esses produtos serem comercializados em Portugal, em lugares como na loja de Axana ou por se ter adaptado à culinária portuguesa).

Nenhuma das mulheres pertence a grupos exclusivamente constituídos por ucranianos. Apenas Axana e Lyudmyla não têm amigos portugueses. Todas as demais mulheres referem ter amigos portugueses apesar de Madalena referir serem poucos.

Quando interrogadas sobre o que gostariam de mudar nas suas vidas, Vera, Axana, Tetyana e Tamila referem que gostariam de comprar casa (em Portugal). Lyudmyla e Olga gostariam de ter oportunidade de prosseguir os estudos. Maria gostaria de ganhar o EuroMilhões, Tamila gostaria de ganhar mais, Axana de ter um melhor trabalho, Tetyane gostaria que o filho estudasse na cidade dela (pressupõe-se que em Lisboa), Axana de poder estar com a família e com os amigos, Vera de viver com o marido (que no momento da entrevista tinha imigrado para Espanha), Lúcia desejava que a corrupção na Ucrânia fosse menor e almeja uma vida mais calma.

Desde que chegaram a Portugal, Vera, Tetyana e Maria conseguiram ir todos os anos à Ucrânia, indo Lúcia três vezes por ano (Lúcia tem os filhos na Ucrânia). Axana, Lyudmyla e Tamila foram uma vez (Tamila foi à Ucrânia para se casar).

Todas as mulheres (com excepção de Tetyana que actualmente usa a internet) comunicam com os familiares e com os amigos por telefone. Axana envia cartas no Natal e Lúcia envia mensalmente cartas e presentes à família.

3.8. Tempos livres

Os tempos livres não são condicionados pela nacionalidade e incluem passear (4), idas à praia (2), pequenas viagens pelo país (1), cinema (1), ler (1), sair com amigos (2), festas (1), música (1), cantar (1), actividades religiosas (1), descansar (2), bordar (1), ir para o café (1) e jogar snooker (1).

3.9. Relação com os portugueses

Para todas as mulheres a relação com os portugueses é qualificada como boa (com excepção de Olga que diz existirem pessoas boas e pessoas más).

Quando solicitadas a comparar portugueses e ucranianos, os aspectos mais referidos relativamente aos portugueses são serem bons (Vera), mais fechados (Lúcia, Lyudmyla), mais calmos (Lúcia), pouco preocupados com a vida dos vizinhos (Lúcia), tristes e alegres (Maria), racistas e pouco educados (Olga), cínicos (Tetyana), porcos (Vera referindo-se à porcaria que os cães deixam nas ruas), pessoas com pouca cultura (Lúcia). Tamila diz que depende e que existem portugueses simpáticos e outros antipáticos. Lúcia refere que gosta dos portugueses. As diferenças entre ucranianos e portugueses identificadas referem-se a diferenças a nível do fenótipo (Vera refere-se aos portugueses serem mais escuros), dos hábitos (Vera salienta as mulheres usarem cabelos compridos e soltos), na maior liberdade na forma de vestir (referida por Vera), e no facto de os ucranianos cultivarem as suas pequenas terras (Axana). Axana refere, ainda, diferenças nos métodos de estudo e nos currículos. Olga, Tamila e Maria consideram os dois povos semelhantes, não apontando diferenças.

Axana e Tamila não sabem como os portugueses perspectivam os ucranianos. Tetyana pensa que os portugueses têm imagem positiva dos ucranianos, Lyudmyla diz que os portugueses se afastam e Olga diz que os portugueses a vêem com desprezo.

Apenas para Maria a relação com os portugueses sofreu alterações ao longo do tempo.

3.10. Satisfação com o projecto migratório

Com excepção de Olga, todas as mulheres estão satisfeitas com a sua decisão de virem para Portugal.

Com excepção de Lyudmyla e de Olga, se fosse hoje as mulheres voltariam a tomar a mesma decisão. Este resultado é interessante e demonstra que apesar de, em geral, as mulheres considerarem que a sua situação profissional não melhorou relativamente à situação profissional na Ucrânia, o projecto imigratório revelou-se satisfatório e compensador. Outros elementos que não a satisfação profissional terão, pois, contribuído para a satisfação com o projecto migratório.

3.11. Passado/projectos futuros

Axana, Tetyana, Lyudmyla, Olga e Tamila recordam o passado com saudade. Maria refere ter sido feliz na Ucrânia.

Maria evoca acontecimentos negativos do seu passado na Ucrânia, como a morte do marido e ter sido obrigada a criar dois filhos sozinha. Vera refere a política da Ucrânia, situação de que prefere nem falar. Lúcia e Tetyana evocam o desmembramento da URSS (Tetyana confessa que gostava da época anterior ao desmembramento em que coexistiam várias nacionalidades, em que não existia fome, “apenas pouca liberdade”). Lyudmyla refere a neve e o Inverno; Olga a escola; Tamila, os amigos e Maria o casamento da filha e a ida do filho para a tropa.

Para Olga, Tamila e Maria a Ucrânia não é central nas suas identidades. Para as demais mulheres é central, Axana evoca o festival da canção como expressão dessa centralidade. Lúcia e Tetyana referem a centralidade da Rússia (da grande mãe Russa) e não propriamente da Ucrânia

Para Tamila e Maria, símbolos como o hino e a bandeira não são importantes. O hino é importante para Vera, Axana, Lúcia e Olga. A bandeira é importante para Vera, Axana, Lúcia e para Lyudmyla. Lúcia tem uma *t-shirt* com a bandeira e emociona-se nos festivais da canção. Tetyana só gosta do hino russo e, nos Jogos Olímpicos, torce pela Rússia e pela Ucrânia.

Em geral, não é a recordação do país que ajuda a superar as dificuldades. Apenas para Axana, Lúcia e Tetyana tal sucede. Para Lyudmyla e Tamila a recordação da Ucrânia não ajuda na superação das dificuldades. De facto, para Lyudmyla e Maria a recordação do país de origem deixa-as tristes.

Três mulheres têm um projecto de retorno à Ucrânia: Tetyana, Olga e Maria. Vera e Tamila são as únicas mulheres que tencionam ficar em Portugal. Axana e Lúcia não sabem,

referindo que estão divididas entre ficar e regressar. Lúcia diz: *“Para mim vida mais complicada agora porque meu coração partir [partido]”* (na realidade, soubemos mais tarde que Lúcia regressou à Ucrânia alguns meses após a entrevista).

Em relação às que tencionam regressar, a maioria não sabe quando regressará. Olga aponta um prazo de um, dois anos. Vera e Axana referem que quando vieram tinham um prazo de regresso (um ano no caso de Vera, um ano e meio, dois anos no caso de Axana) que veio a desvanecer-se.

No que concerne a aplicação do dinheiro ganho, Lúcia, Tetyana, Olga e Tamila referem que gastam quase todo ou todo o dinheiro que ganham. Lúcia e Maria conseguem ajudar os filhos. Axana e Lyudmyla referem juntar dinheiro com o objectivo de comprar casa e de comprar carro, respectivamente.

Apenas Axana considera a hipótese de imigrar para Espanha (país em que tem um primo). Nenhuma das outras mulheres tenciona imigrar para outro país.

Todas as mulheres, excepto Olga, consideram Portugal como um espaço de oportunidades escolares e profissionais para os filhos. Lyudmyla e Maria não sabem se Portugal constituirá, de facto, esse espaço de oportunidades.

3.12. Identidade pessoal/social

Apenas Vera e Olga consideram que não se transformaram enquanto pessoas, em resultado da imigração (apesar de Vera salientar uma maior tristeza, pelo facto de ter o marido e os filhos longe). Axana refere que está diferente dos ucranianos (ucranianos mais ambiciosos, pretendendo ganhar mais para comprarem casa) e que ela e o marido estão mais calmos. Lúcia referencia maior calma, mais tristeza, melhor pessoa, menos agressiva, intenção de pedir perdão a algumas pessoas quando voltar para a Ucrânia. Lyudmyla refere estar mais envergonhada, mais discreta na forma de vestir e Tamila refere uma maior abertura.

Vera, Lúcia e Tatyana sentem-se russas (Lúcia e Tetyana um bocadinho portuguesas e Lúcia associa esse facto aos portugueses serem mais deprimidos e dela própria se ter tornado mais triste).⁷ As restantes mulheres sentem-se ucranianas (Axana também um pouco portuguesa e tencionando adquirir nacionalidade portuguesa caso continue em Portugal). Lyudmyla acrescenta: “*Em Portugal, como já disse, sinto-me ucraniana, mas na Ucrânia sinto-me estrangeira*”.

4. ANÁLISE DOS CASOS

Nesta secção apresentaremos os vinte e quatro estudos de caso que constituiram o cerne do estudo. Inicialmente serão apresentadas as histórias de vida (no que concerne ao projecto migratório) das oito mulheres brasileiras, de seguida das oito mulheres cabo-verdianas e, finalmente, das oito mulheres ucranianas. Dentro de cada uma destas categorias, os casos são apresentados seguindo a ordem temporal de realização das entrevistas.

Por limitações de espaço as transcrições das entrevistas não surgem no livro, podendo, no entanto, ser consultadas no *site* do Observatório da Imigração.

Cada estudo de caso é apresentado em três partes. Uma primeira parte refere-se ao perfil sumário da entrevistada o qual inclui uma caracterização genérica da mulher em causa: idade, naturalidade, estado civil, número de filhos, ocupação profissional, formação escolar, religião, política e pertença a grupos desportivos. Uma segunda parte consiste numa história sumária da mulher, história essa que inclui as diversas dimensões/tópicos abordados no decurso da entrevista e cujo desenvolvimento segue aproximadamente a sequência das questões do guião de entrevista. Finalmente, uma terceira parte em que são apresentadas algumas das afirmações da entrevista consideradas mais pertinentes.

⁷ De notar que as respostas em causa surgiram face à seguinte questão: “Sente-se ucraniana ou portuguesa?”

Cada um destes casos revela-nos uma história única que possui um valor intrínseco e que representa a marca constitutiva da identidade de cada mulher. Para além da sua intrínseca originalidade,

cada história decorre da pertença de cada mulher a uma comunidade nacional, estando as memórias e as histórias individuais intrinsecamente ligadas às memórias comunitárias e às sócio-históricas. Maurice Halbwachs, um dos mestres da sociologia francesa, expressa essa relação intrínseca entre o individual e o grupal, salientando que toda a lembrança é única e que o “eu” que recorda — testemunha ocular — integra uma “comunidade afectiva” que contém e traz à luz todo o contexto das situações sócio-familiares e históricas partilhadas e elaboradas por e com os outros membros do grupo.

As mulheres são chamadas a recordar (e a reconstruir) o seu passado a partir dos quadros sociais do presente (a memória está no grupo), por meio das lembranças conscientes de um tempo socialmente referido e no lugar social que ocupam no momento do relato. Esta investigação assentou, precisamente, no reconhecimento da relevância do passado, da memória na construção identitária e na historicidade dos indivíduos e dos grupos, na concepção de que há algo de comum às mulheres de cada grupo e que o que há de comum é uma memória de acontecimentos e uma história partilhada, para além de uma cultura.

Estas mulheres foram, igualmente, chamadas a falar sobre o seu presente na dita sociedade de acolhimento, das dificuldades que enfrentam e dos desafios que se lhes colocam no local de trabalho, na esfera familiar e no seu quotidiano de relação com os indivíduos e com as instituições. Finalmente, foram estimuladas a elaborar sobre um futuro antecipado e sobre os projectos de vida que nele se inscrevem.

É precisamente neste eixo temporal em que se articulam três momentos que as identidades se constroem e reconstroem. Elas transformam-se e reajustam-se em relação a um passado significativo, povoado de memórias mais ou menos marcantes, a um presente evanescente no qual se joga a questão da integração na sociedade receptora e um futuro antecipado em que se inscrevem projectos de vida mais ou menos definidos em termos de conteúdos, de *timings*, projectos de permanência ou de retorno ao país de origem.

Os estudos de caso revelam percursos identitários, híbridos, complexos, fragmentados que assumem particular sentido e potencialidades em relação às mulheres imigrantes, actores

sociais cuja identidade resulta da sua dupla condição de mulheres e de imigrantes, categorias sociais habitualmente alvo de discriminação.

Alguns casos revelam sentimentos da dupla identidade a que a literatura recorrentemente se refere — uma identidade que tem por base uma origem — o “localismo” a que Bhabha (1995) se refere e uma identidade que se constrói, em resultado do lugar em que se escolheu viver (ou em que outros actores, pais, maridos e companheiros, escolheram que elas vivessem) e que é, necessariamente, em maior ou menor grau, uma outra parte do que se é. As identidades não se afirmam numa lógica de dicotomização — país de origem *versus* país de destino —, elas resultam, claramente, da articulação e contínua negociação destas duas pertenças e, assim se compreende, que enquanto algumas mulheres se afirmam brasileiras, cabo-verdianas ou ucranianas (ou russas) outras se sintam uma mistura (brasileiras e portuguesas, cabo-verdianas e portuguesas e ucranianas, ou russas, e portuguesas). Igualmente curiosa é a não necessária coincidência entre a nacionalidade e a identidade (nítida no caso de uma mulher que nasceu em Cabo Verde com nacionalidade portuguesa e que se sente cabo-verdiana e portuguesa e de duas mulheres de nacionalidade ucraniana — uma nascida na Ucrânia e outra na Rússia — que se sentem russas).

A relevância dada a uma metodologia que privilegia o particular é incomum nos estudos desta colecção do ACIDI. Como todas as metodologias, também esta envolve potencialidades e limitações. O nosso intuito foi, desde o início, captar modos de pensar que “... obedeçam a particularidades individualidades, excentricidades, descontinuidades, contrastes e singularidades que correspondem ao que Charles Taylor denominou «diversidade profunda» — uma pluralidade de maneiras de ser e de pertencer e que, contudo, possam extrair desses aspectos, dessa diversidade, um senso de encadeamento lógico, um encadeamento que não seja nem abrangente nem uniforme, não seja primordial nem invariável, mas que, todavia, seja real (...) não há outra escolha senão debruçar-se sobre os casos, e desconsiderar o custo para a generalidade, a certeza ou o equilíbrio intelectual” (Geertz, citado por Flick, 2004: 290).

4.1. Entrevista B1 — Erika

Perfil sumário

Erika tem 27 anos e é natural da região de Minas Gerais, da zona de Valadares. Com oito anos foi viver para o Naque (aldeia). É casada e vive em Corroios com o marido. Tem uma filha com onze anos que ficou no Brasil ao cuidado da avó, mãe de Erika. É empregada doméstica, trabalhando em oito casas diferentes na região da Grande Lisboa. No Brasil estudou até ao primeiro ano do curso de enfermagem. Pertence à religião evangélica, mas não é praticante. Não se interessa por política em Portugal, mas no Brasil interessava-se. Não pertence a qualquer grupo desportivo.

A história de Erika

Portugal foi o primeiro destino imigratório de Erika, apesar de ter pensado em Itália, por influência de uma amiga. A razão da escolha de Portugal prendeu-se com o facto de uma tia sua ter vindo para Portugal e da insistência dessa mesma tia.

Antes de vir para Portugal não estava a estudar (há seis meses que estava sem estudar), estando a trabalhar numa padaria de que era a dona. Também tinha trabalhado como enfermeira, mas na qualidade de voluntária.

Ganhava muito menos do que ganha em Portugal e foi a insatisfação com a remuneração que a levou a imigrar “[...] *foi o dinheiro que me trouxe*”. A imagem que tinha de Portugal era uma imagem idealizada. Pensava que tudo era bom e fácil, que não existia corrupção e desemprego. Essa idealização resulta de uma construção transmitida por outros: “[...] *eles lá no Brasil mostram isto aqui como um sonho! É todo o mundo, eles emigram muito para os Estados Unidos, Itália, Inglaterra*” e pela própria “[...] *sei lá o que é que a gente idealiza na cabeça da gente!*”.

Erika chegou a Portugal de avião, no dia 15 de Abril de 2005, com um visto de turismo de três meses, estando em Portugal no momento da entrevista há aproximadamente três anos.

A decisão de emigrar foi sua e fez a viagem sozinha, tendo o marido vindo mais tarde ter consigo: *“Eu vim em Abril e ele veio em Novembro do mesmo ano...”*. Na decisão contou com o apoio do marido e da tia que estava em Portugal.

Viveu sempre em Corroios, apesar da casa actual não ser a inicial, em que vivia com a tia e com uma colega da tia. Quando o marido veio, chegaram a morar todos juntos na mesma casa, mas actualmente vive só com o marido. A tia era o único apoio com que podia contar em Portugal, e pessoas de quem esperaria ajuda e que tinham prometido ajudá-la não o fizeram de facto. Ficou três meses desempregada, a viver com o dinheiro que tinha trazido do Brasil, e viveu algumas más experiências laborais — assédio de um patrão, patroa que não queria pagar, trabalhos duros na limpeza de obras.

Está satisfeita com o trabalho actual, mas considera que a sua situação profissional não melhorou em relação à que tinha no Brasil. Esta insatisfação parece relacionada, não só com a vida profissional, mas com o facto de estar longe da filha *“Sofro muito. Penso nela dia e noite. É aquela coisa, você não vê ela crescer...”*. Em comparação com o Brasil, em Portugal trabalha menos horas.

Erika viveu experiências de preconceito por parte de portugueses — na limpeza de obras fazia um trabalho diferente e mais pesado do que as colegas portuguesas e a patroa do trabalho de limpeza de escadas não lhe queria pagar —, e não considera que a sua situação laboral tenha melhorado em relação à que tinha no Brasil.

Envia dinheiro para a filha por intermédio da mãe: *“É, é isso, compensa... Compensa o afastamento”*.

A imigração teve consequências a nível da divisão de papéis em casa. No Brasil, o marido não trabalhava em casa, mas actualmente faz o jantar e arruma a casa.

Erika não se sente integrada e não se esforça nesse sentido: *“Não tento integrar-me. É o dia inteiro a trabalhar. Lá, você já conhecia todo o mundo, era mais fácil, era diferente”*.

Os hábitos culturais mudaram, nomeadamente a nível da culinária *“Lá [no Brasil] não comemos sopa. Eu como mais, mas o meu marido não gosta. Eu já me habituei com a sopa, eu gosto muito de sopa”*. Gosta de assistir às novelas brasileiras (já tinha esse hábito no Brasil) e portuguesas, e, apesar de não ter em casa acesso a qualquer canal brasileiro, gosta de ver em casa da tia. Não tem outras actividades de tempos livres para além de ver televisão. Não pertence a qualquer grupo que integre apenas ou predominantemente brasileiros. Gostaria de regressar ao Brasil para poder estar com a filha. Desde que veio para Portugal ainda não conseguiu ir de férias ao Brasil o que significa que não vê a filha há três anos. Comunica com a família por internet e por telefone, sendo diário o contacto com a filha e com a mãe, e mais espaçado o contacto com outros familiares. A relação com os portugueses é boa, destacando a relação com a mãe de uma das patroas que é o exemplo da particular apetência para se relacionar com pessoas idosas. Considera os portugueses mais stressados e rudes no relacionamento social: *“Às vezes também são um pouco ignorantes com as pessoas, hoje já é diferente e já acostumei, mas não é que estão brigando...é um jeito”*. Não considera os brasileiros muito diferentes dos portugueses. Não está satisfeita com o projecto migratório e não voltaria a tomar a mesma decisão, mas: *“Não dá é para voltar para trás... Perdi umas coisas, ganhei outras, mas perdi mais. No Ano Novo, me ligam e falam «Erika, só falta você!»...é triste”*.

Recorda o passado, com saudade dos amigos que tinha e que aqui não tem. A centralidade do Brasil na sua identidade prende-se com o mundo dos afectos, das relações que estabeleceu naquele contexto geográfico: *“É importante porque a minha família está lá. Porque se eu não tivesse ninguém lá, eu preferia viver aqui. Tem a ver com as relações que eu tenho lá, não com o país. Se eu não tivesse a minha família, para mim ser brasileira, portuguesa, era indiferente!”*. Os símbolos do país não são importantes e o que a ajuda a superar as dificuldades não é propriamente a recordação do país, mas da família que reside nesse país.

O projecto de vida está claramente definido: regressar ao Brasil ainda em 2008 ou em 2009, o marido continuar em Portugal, conseguir a legalização e ganhar dinheiro para pagar a faculdade de Erika no Brasil. O facto de não estar legalizada tem implicações em

diversos aspectos do dia-a-dia, como dificuldades de acesso a serviços de saúde. Não tem intenção de imigrar para qualquer outro país.

Erika sente que a imigração a transformou enquanto pessoa, que está mais fria e mais fechada: *“Lá eu era diferente, era animada. Hoje eu já não tenho animação assim. Lá tinha uma festa e dizia assim: «Vamos!!!». Hoje não...eu não me sinto bem. Eu acho que é a saudade...”*. Sente-se uma mistura de brasileira e portuguesa. Erika diz à filha *“... eu tou falando igual aos portugueses...assim expressões: se calhar, miúda, telemóvel”*.

Afirmações mais significativas

[...] É assim, [já era casada na altura] eles lá no Brasil mostram isto aqui como um sonho! [Eles, quem?] É todo o mundo, eles emigram muito para os Estados Unidos, Itália, Inglaterra... Portugal estava mais na moda! [risos] E a língua, aquela coisa toda. Mas é assim, a gente pensa que aqui é tudo fácil, que é tudo bom, que só existe coisa boa, a gente não imagina que existe desemprego que a gente vê no jornal... eu não imaginava que aqui existia corrupção...sei lá o que é que a gente idealiza na cabeça da gente! Quando a gente está lá, pensa que só o Brasil é ruim mas quando a gente chega aqui fora, a gente vê que não é bem assim, que muita coisa é pior do que lá.

[...] Quando a gente está lá pensa que só o Brasil é ruim mas quando a gente chega aqui fora, a gente vê que não é bem assim, que muita coisa é pior do que lá.

[...] As brasileiras têm aquela fama de prostitutas...não sei. [...] As pessoas falam: “Ah, você é brasileira!? Você está aqui...” tipo assim, entendeu? Então eles acham todas as brasileiras são...entendeu?

[...] Sofro muito. Penso nela dia e noite. É aquela coisa você não vê ela crescer...

[...] Não me sinto... É assim, tem hora que eu me sinto assim um pouco triste e que não tenho assim aquela vontade de sair, igual à que tinha lá, não acho a mesma graça. É diferente...mesmo no café. Nós nos sentimos assim...eu me sinto assim. Sinto isolada.

4.2. Entrevista B2 — Taciene

Perfil sumário

Taciene tem 18 anos e é natural do estado de Minas Gerais, Ipatinga. É casada e vive em Mem Martins com o marido. Não tem filhos. É empregada num restaurante em Lisboa. No Brasil estudou até ao correspondente 11.º ano nacional (ela refere que corresponde ao 12.º ano, mas, de facto, a correspondência é ao nosso 11.º ano). É católica, mas apenas vai à missa quando visita a tia em Corroios. No Brasil, mantinha a rotina de ir à missa. Não se interessa por política em Portugal (pela idade que tem nunca votou) e não pertence a qualquer grupo desportivo.

A história de Taciene

Portugal foi o primeiro destino imigratório de Taciene. A decisão de imigrar não foi sua, mas do marido, que já estava a trabalhar em Portugal antes do casamento: *“Vim por amor. Porque casei”*; *“Para mim era ali [Brasil] que ficava. A minha vida era ficar lá... Mesmo que eu trabalhasse, o pouco que ganhava dava para comprar as minhas coisas, eu não ter casa, não ter que ajudar em nada, a minha mãe e o meu pai estavam lá* [referindo-se à sua vida de solteira]”. Apesar de reconhecer o clima de insegurança que se vive no Brasil, estava satisfeita com a sua vida no Brasil: *“Lá gostava de tudo”*.

Antes de vir para Portugal estava a estudar e o projecto imigratório interrompeu os estudos: *“Eu pensava: «Vou estudar». Mas depois foi mudando tudo e aí...quando fiquei noiva, ainda estava estudando. Depois casei e vim para cá e, aqui eu não pensava...ainda mais... trabalho e não dá [pausa]. Dá mas é difícil”*.

Chegou a Portugal de avião, no dia 24 de Julho de 2007, com um visto de turismo de três meses, estando em Portugal no momento da entrevista há aproximadamente um ano e três meses. Taciene casou no Brasil e dez dias mais tarde fez com o marido a viagem para Portugal.

Viveu sempre em Mem Martins, na casa de um senhor brasileiro que é coordenador das lojas onde o marido trabalha e a quem pagam renda.

Não refere ter contado com o apoio de outras pessoas em Portugal, apesar de ao longo da entrevista surgir, de quando em quando, o nome da tia Cilda.

Ficou dois meses desempregada e, ao fim desse tempo, conseguiu arranjar trabalho na cozinha de um restaurante. Como o restaurante fechou, voltou a ficar desempregada durante quatro meses, tendo depois conseguido trabalho numa loja de gelados no Colombo. Não gostou desse emprego: *“Não fazia muita coisa. Ah! Minha nossa...lá não tinha muito trabalho, era só tirar bolas...me chateava a cabeça era ter que ir alisando o gelado, aí como a gente tirava o gelado do tabuleiro, ia afundando, aí no outro dia tinha que ir medir...era uma confusão...chateava a cabeça, não gostava de fazer aquilo”*. Conseguiu, então, o terceiro emprego (e o actual no momento da entrevista) num outro restaurante.

Está satisfeita com o trabalho actual, mas o horário de trabalho é mau — do meio-dia à meia-noite, com uma pausa pelo meio, em que fica à toa, sem nada que fazer e em que o tempo não é suficiente para ir a casa e voltar ao trabalho. Nunca sentiu preconceito nem nos trabalhos nem fora do trabalho.

Não é possível compreender se a imigração teve consequências a nível da divisão de papéis em casa, uma vez que Taciene não era casada antes da vinda para Portugal. No entanto, o começar a trabalhar fez com que ficasse com menos energia para as tarefas domésticas, nomeadamente para a preparação do jantar: *“Eu digo ao meu marido: «Faz isso aí», assim quando eu tou em casa, nem adianta, mas assim quando ele vê que eu tou mesmo cansada, antes eu chegava cedo, mais cedo, e ele queria a janta, e sempre gostei de fazer isso, mas agora chego à meia-noite e estou cansada, ele janta na hora e eu como um biscoito ou qualquer coisa. Agora ele vê que eu estou chegando cansada, ele vai e fala que não quer nada, mas é assim, me dá uma dor ver que ele... toda a vida meu marido comia muita bobeira na rua, ele janta bem à noite e prefere comer em casa.*

Em dias que eu chego menos cansada, eu chego e faço, mas ele não quer nada, como ele sabe que eu vou mesmo cansada”.

Apesar de nos primeiros tempos ter considerado diversos aspectos estranhos, acabou por se habituar à vida em Portugal. Achou tudo muito pequeno (nomeadamente a casa), a diversidade cultural e o frio: *“Quando eu cheguei, no início, eu achei mais estranho, mas agora, eu me habituei. Tem hora que nem parece que eu estou noutra país, no meio dos outros, de outras pessoas. Agora não é mais assim. Estou mais adaptada. No primeiro dia, quando cheguei, achei tudo muito estranho, eu dormi e acordei e o meu marido falou se queria ficar dentro de casa ou não. Eu achei tudo muito pequeno, a casa muito pequena. Porque lá as casas são grandes, e lá onde moro, é assim pequena, ainda em relação à casa de Cilda é grande. Aqui tudo é pequeno. No banheiro tenho que entrar na cabine. Aí [com ênfase] tenho que entrar e não sei o quê. Tudo é diferente, no Colombo tudo de vidro, tanta gente! Lá na minha cidade tem um centro comercial. É pequeno. Não tem nada a ver com o Colombo. Quando cheguei, lá no Brasil não se vê tanta gente! Eu achei muito estranho, aqui tem muita raça diferente. Eu olhava... cada um de um jeito. Lá na minha cidade não há outros países. Mas ...aquele pessoal todo a falar crioulo e eu olhava...ai, meu Deus! Hoje já não ligo. Foi Deus que me renovou. Era Julho quando cheguei... era um frio! Porque no Brasil é calor. Eu achei estranho tudo. Deixei a minha mãe, o meu pai, a minha sobrinha que eu olhava pequenininha, ainda senti mais a falta. Ela sabia que eu vinha mas não viu. Até hoje ela pergunta: «Cadê a tia?» No segundo dia eu vim a Alvalade, onde trabalho aqui, já estava melhor”.*

Os hábitos culturais não mudaram significativamente e continua a fazer arroz e feijão e a não cozinhar sopa. Gosta de assistir às novelas brasileiras (já tinha esse hábito no Brasil, mas via mais novelas do que cá) e tem acesso ao canal Globo.

Não tem outras actividades de tempos livres, para além de ver televisão. Na folga, não coincidente com a do marido, que é ao Domingo, fica em casa a arrumar a casa e a navegar um pouco na internet. Relaciona-se predominantemente com brasileiros e não conhece

muitos portugueses. Gostaria de regressar ao Brasil para poder reencontrar a família e desde que veio para Portugal ainda não foi de férias ao Brasil. Comunica com a família por internet e por telefone, sendo diário o contacto telefónico com a mãe, a quem está claramente muito ligada. A relação com os portugueses é boa (conhece poucos). Considera os portugueses diferentes dos brasileiros: *“Os brasileiros são mais amorosos, mais unidos. Mesmo não conhecendo as pessoas nós conversamos mais, somos mais comunicativos. Os portugueses são mais fechados. É estranho. Tudo lhes faz confusão. Qualquer coisa, gritam. Tem lá... Às vezes são grossos. Nós, brasileiros, achamos mal, achamos estranho, mas já é natural. Se... quando cheguei achei estranho. Agora já não. Os clientes queixam-se, qualquer coisinha, arranjam confusão e reclamação. Acho os portugueses diferentes dos brasileiros mas... nem todos... Eu não tenho nada a reclamar”*.

Apesar dos primeiros tempos terem sido difíceis: *“Sim, sofri. No início é que foi difícil, agora não. Eu nem lembro que estou noutro país. Não sinto arrependimento”*, gosta de viver em Portugal, sentindo, no entanto, saudade do Brasil e da família que lá deixou.

Gosta de ser brasileira e recordar o país ajuda a superar dificuldades. Os símbolos do Brasil não são importantes. O projecto de vida é regressar ao Brasil assim que tiver uma casa sua lá mas não sabe quantos anos de trabalho em Portugal vão ser necessários para concretizar esse objectivo: *“Dois anos eu sei que não é... mas... aqui o tempo passa muito rápido. Não posso dizer que vou ficar... você passa cinco, passa oito anos e você continua aqui. A única coisa que eu pensava é que quando eu tiver a minha casa eu volto [...] Só... Para trabalhar aqui... é para comprar uma casa lá e voltar. Não é que eu sofra aqui... mas... também não compensa a gente ficar aqui cinco anos e voltar p’ro Brasil sem nada. Se conseguir uma casa lá... eu ... pelo menos... uma casa lá. O meu marido daqui a cinco anos já está farto daqui. Eu também penso em voltar. Ele antes não [pensava em voltar], mas desde que ele perdeu o pai dele, quer voltar”*.

Não tem intenção de imigrar para qualquer outro país, reconhecendo a dificuldade que seria ter que aprender outra língua. Considera que Portugal poderia ser uma espaço de oportunidades para os seus filhos (caso os tivesse).

Taciene sente que a imigração a transformou enquanto pessoa: *“Mudou um pouco, mudou tudo. Tenho que ter mais responsabilidade, por tudo. É casa, é tudo. Aqui eu tenho que fazer tudo. Eu sou alegre, é lógico que há dias que estou triste. É mais a responsabilidade”*.

Sente-se mais brasileira que portuguesa, mas diz: *“Sinto-me mais brasileira mas pode ser uma mistura”*.

Afirmações mais significativas

“Lá gostava de tudo. Só vim porque casei. Lá é perigoso. Minha mãe diz que aquilo está muito perigoso e cada vez mais perigoso. Lá onde eu moro. Sim...eu tou achando que Portugal é menos perigoso. Está morrendo pessoas, mas menos do que lá no Brasil. Minha mãe diz que mataram lá no...[pausa] lá é assalto, entram em casa...lá tá memo perigoso”.

“Tem hora que nem parece que eu estou noutro país, no meio dos outros, de outras pessoas”.

“Eu achei tudo muito pequeno, a casa muito pequena. Porque lá as casas são grandes, e lá onde moro, é assim pequena, ainda em relação à casa de Cilda é grande. Aqui tudo é pequeno. No banheiro tenho que entrar na cabine. Aí [com ênfase] tenho que entrar e não sei o quê”.

“Tudo é diferente, no Colombo tudo de vidro, tanta gente! Lá na minha cidade tem um centro comercial. É pequeno. Não tem nada a ver com o Colombo. Quando cheguei, lá no Brasil não se vê tanta gente! Eu achei muito estranho, aqui tem muita raça diferente. Eu olhava... cada um de um jeito. Lá na minha cidade não há outros países. Mas ...aquele pessoal todo a falar crioulo e eu olhava...ai, meu Deus! Hoje já não ligo. Foi Deus que me renovou”.

“Era Julho quando cheguei... era um frio! Porque no Brasil é calor. Eu achei estranho tudo. Deixei a minha mãe, o meu pai, a minha sobrinha que eu olhava pequenininha, ainda senti mais a falta. Ela sabia que eu vinha mas não viu. Até hoje ela pergunta: “Cadê a tia?” No segundo dia eu vim a Alvalade, onde trabalho aqui, já estava melhor”.

“Tô bem, graças a Deus. Eu já gosto daqui. A única coisa que me faz falta aqui é a minha família, só. O Brasil é só memo bom p’ra ir passear. Eu vivo bem aqui, vivo melhor que no Brasil. Você pode ter tudo aqui o que você quiser. As coisas são mais barato e tudo”.

4.3. Entrevista B3 — Leila

Perfil sumário

Leila tem 25 anos e é natural do estado de Minas Gerais, Coronel Fabriciano. É casada e vive na Arrentela-Seixal com o marido. Não tem filhos. Trabalha nas limpezas em dois locais diferentes, Instituto Hidrográfico da Marinha e Mundet, ambos no Seixal. No Brasil estudou até ao 10.º ano, equivalente ao 11.º ano em Portugal. É católica e vai habitualmente à missa, participando noutras actividades da iniciativa da comunidade religiosa, nomeadamente nas festas, salientando a missa anual dos brasileiros. Não se interessa por política em Portugal, mas acompanha o que se passa nesse campo (no Brasil sucedia o mesmo). Não pertence a qualquer grupo desportivo.

A história de Leila

Portugal foi o primeiro destino imigratório de Leila. A razão da escolha de Portugal prendeu-se com o facto de o pai ter imigrado para cá, por influência de um tio dele. Se a escolha tivesse sido de Leila, ela teria, provavelmente, escolhido os Estados Unidos. O seu pai tinha tentado a entrada nos Estados Unidos mas não tinha conseguido o visto. A entrada nos Estados Unidos tem que ser feita pelo México, e, segundo Leila, o pai não teve coragem para tentar. Seis meses depois de Leila chegar a Portugal, chegou a sua mãe e os irmãos (irmão e irmã) e, actualmente, os pais e o irmão de Leila já voltaram para o Brasil e a irmã foi para Espanha. Curiosamente, foi em Portugal que Leila encontrou o brasileiro com quem viria a casar.

No Brasil, Leila trabalhava como auxiliar administrativa numa empresa de contabilidade na qual trabalhou dois anos e na qual ganhava o ordenado mínimo brasileiro, muito inferior ao salário mínimo em Portugal. Cá, com o conjunto dos dois trabalhos, consegue 460 euros mensais.

Leila chegou a Portugal de avião, no dia 23 de Fevereiro de 2002, com um visto de turismo de três meses, estando em Portugal no momento da entrevista há aproximadamente seis anos. Fez a viagem com o pai, que já antes tinha trabalhado em Portugal, tendo a mãe e os irmãos vindo ter com eles seis meses mais tarde. Na decisão contou com o apoio de toda a família, tendo havido amigos que não concordaram.

Viveu sempre na margem Sul do Tejo: dois anos em Paio Pires, dois anos nas Paivas e, actualmente, vive na Arrentela, em casa própria. Nos primeiros tempos viveu com os pais e com os tios, irmãos do pai.

Não está satisfeita com o trabalho actual: *“Tenho um trabalho digno, mas acaba por não ter valor. As firmas de limpeza não pagam bem, exploram bastante”*. Está, no entanto, satisfeita com o horário de trabalho, que lhe permite à noite tirar o curso de Turismo numa escola profissional de Lisboa. A imigração teve consequências a nível da divisão de papéis em casa. Refere que no Brasil o pai não fazia nada em casa e explica por que é que a divisão de tarefas acontece em resultado da imigração: *“Aqui é trabalhar, trabalhar e a pessoa não tem tempo, aí tem que se repartir”*.

Sentiu preconceito da parte dos portugueses quer na escola, em que era excluída dos trabalhos de grupo, quer no trabalho: *“Sim, já tive patrão que acha que brasileiro é burro. Acha que toda a mulher brasileira é fácil, geralmente os homens, há assédio directo. Mas ao dizer não, as pessoas dizem: «Você é brasileira, não se faça difícil». Acham que a casa das brasileiras são mais sujas. Eu acho quando o outro não conhece o outro, há muito preconceito. Uma colega diz directamente que estamos a tirar o trabalho a outros e que não limpamos bem... Até na escola era posta de parte, não entrava em trabalhos de grupo, acabava por trabalhar sozinha”*.

Sente-se integrada na sociedade portuguesa e sublinha o carácter gradual desse processo de integração, a importância da legalização nesse sentimento e o acolhimento positivo ao imigrante na região do Seixal: *“Cada dia que passa vou-me sentindo mais integrada. Porque depois de estar legalizada, acabamos por ter certas obrigações. Sinto-me integrada, porque a zona do Seixal acolhe bem. Tem muita coisa voltada para o imigrante”*.

Os hábitos culturais não mudaram significativamente. Assiste a menos novelas do que no Brasil, mas vê o Record e continua a fazer “churrascos” e “feijoadas” com outros brasileiros, referindo que a vinda de artistas do Brasil facilita o convívio. Integrou na alimentação a culinária portuguesa.

Nos tempos livres, viaja pelo país e conhece o Algarve, Rio Maior, Nazaré e a Serra da Estrela e envolve-se em actividades relacionadas com a Igreja.

Está satisfeita com a decisão de imigrar, mas refere que, se fosse hoje, não viria. Desde que veio para Portugal, foi ao Brasil duas vezes, uma delas para casar.

Leila comunica com os pais por telefone e diariamente com os irmãos e amigos por internet. Comunica por carta com amigos brasileiros, que estão em Itália. A relação com os portugueses é boa. Comparativamente aos brasileiros, considera os portugueses mais fechados, mais tristes e solidários: “[...] *gostam de ajudar as pessoas. São solidários*”.

Considera que cada português vê os brasileiros de uma forma, e associa a forma como perspectivam os imigrantes ao terem eles mesmos sido imigrantes ou não. Pensa que as novelas transmitem uma ideia incorrecta do brasileiro, e que, sendo o Brasil muito grande, cada brasileiro “[...] *tem um jeito*”.

Recorda o passado com saudade “às vezes do país”, tendo sido marcada pela eleição do Lula. O Brasil é central na sua identidade: “*É uma coisa que marca*”. Os símbolos do país são importantes: “*Quando vamos a uma festa levamos a bandeira, porque o brasileiro gosta de ser brasileiro. Gostamos de ver alguém, um atleta vendo ganhar*”.

O projecto de vida está claramente definido: ficar em Portugal: “*Não projectamos voltar*”. Para Leila “*Portugal tem mais oportunidades por estar na UE. Mais oportunidades de educação, de emprego, segurança*”.

Sente que a imigração a transformou enquanto pessoa: *“Mudei. Estou mais fechada. Quer queira, quer não, convivemos menos. Os portugueses custam a quebrar o gelo e eu já estou assim, vou para o meu canto. Também porque olhavam para mim como brasileira”*.

Sente-se brasileira: *“Não me sinto nada portuguesa, sinto-me mesmo brasileira. Sinto-me muito brasileira”*.

Afirmações mais significativas

[...] Sim, já tive patrão que acha que brasileiro é burro. Acha que toda a mulher brasileira é fácil, geralmente os homens, há assédio directo. Mas ao dizer não, as pessoas dizem: «Você é brasileira, não se faça difícil». Acham que a casa das brasileiras são mais sujas. Eu acho quando o outro não conhece o outro, há muito preconceito. Uma colega diz directamente que estamos a tirar o trabalho a outros e que não limpamos bem... Até na escola era posta de parte, não entrava em trabalhos de grupo, acabava por trabalhar sozinha.

[...] Eu sabia que vinha para Portugal para as limpezas, porque fui informada, as mulheres as limpezas e os homens as obras. Tenho um trabalho digno, mas acaba por não ter valor. As firmas de limpeza não pagam bem, exploram bastante.

[...] Interiormente mudou a maneira de ver as outras pessoas...por exemplo, ter que ouvir certas humilhações,...nós temos que nos adaptar. Temos responsabilidades mais cedo aqui. Principalmente psicologicamente.

[...] O que senti mais foi o clima. Depois senti as pessoas mais fechadas. Ter medo de falar com as pessoas. O que mais me custou foi a maneira como falavam connosco. Porém, é contradição, quando precisamos de informações dão-nos toda a informação.

[...] Cada um tem um jeito. As pessoas que emigraram dos portugueses, vêem-nos de maneira diferente. As novelas transmitem uma imagem errada do brasileiro. O Brasil é muito grande e como tal somos diferentes.

4.4. Entrevista B4 — Francisca

Perfil sumário

Francisca tem 54 anos e é natural do Estado de Minas Gerais, Governador Valadares. É divorciada e vive na Amora-Seixal com a filho e com a neta. Trabalha num colégio em Setúbal, onde faz de tudo um pouco, e ao fim-de-semana trabalha nas limpezas: *“Eu...eu, como diz a patroa eu sou empregada multi-usos, né [risos], faço de tudo um pouquinho, faço o trabalho, faço limpeza, costura, compras, tudo o que for preciso, graças a Deus. Eu tenho contrato efectivo, né, num colégio, lá em Setúbal e fim-de-semana eu faço horas. Eh, porque duas velhotas de quase noventa anos, mais um companheirismo, não é pelo dinheiro, é mais uma ajuda. Fim-de-semana voluntariado”*.

No Brasil, estudou até ao 7.º ano. Oriunda de uma família de treze irmãos, Francisca não teve condições económicas para prosseguir os estudos. É católica e, não só vai habitualmente à missa, como participa activamente na comunidade local: *“Me faz sentir bem, para mim estar junto nos trabalhos religiosos eu tenho que estar do lado do povo, então eu sinto bem é assim, é estar ali, doar”*. A resposta à questão relativa à religião é muito extensa e contada com grande emoção. Apesar do seu grande envolvimento em muitas actividades religiosas, Francisca considera que a sua actividade religiosa é menor do que no Brasil, em que estava diariamente envolvida nas actividades. Um dos factores que evoca para tentar explicar essa menor participação (apesar de tudo, extremamente significativa) é a distância entre a sua casa e a igreja mais próxima.

Em termos de participação política no Brasil, Francisca foi “cabo eleitoral de dois partidos”, trabalhou na apuração dos votos antes da era das urnas electrónicas. Não está familiarizada com a política portuguesa, mas pretende aprofundar o seu conhecimento deste domínio.

No Brasil era do clube do Cruzeiro Esporte Clube, mas em Portugal ainda não (“Aqui ainda não”) pertence a qualquer clube.

A história de Francisca

Portugal foi o primeiro destino imigratório de Francisca. A razão da escolha de Portugal prendeu-se com o facto de os filhos terem imigrado para Portugal: *“Nunca pensei em sair do país, nunca pensei, nunca pensei. Só três filhos, três estavam aqui e eu ficar sozinha lá só com a filha dela. Aí eu pensei: «Ah não! Filho tem que ficar é ao pé da mãe». Não tive dúvida porque é assim, hoje, quando eu vejo a filha às vezes arruma um filho, solteira, arruma outro, arruma outro, a culpa a maioria das vezes é dos pais. Principalmente da mãe. Então eu sempre pensei da mesma maneira e eu falava com elas «Se você arranjar outro eu te devolvo este». Entendeu? Aí eu peguei e falei “Não!”*

No Brasil, Francisca era dona de uma fábrica de confecção de *lingerie* e tinha doze vendedoras a trabalhar para si. Ganhava mais do que ganha actualmente em Portugal, sendo assim a única de todas as mulheres entrevistadas (e não só das entrevistadas brasileiras) que não viu a sua situação económica melhorar em consequência da imigração (e também a única que não emigrou por razões económicas, mas que foi movida pelos afectos). De resto, Francisca salienta que o dinheiro não é importante para si: *“Deixei o marido do jeito que ele quis. Abri mão de tudo, tudo, tudo. Porque bens materiais, eu não faço conta de bens materiais, entendeu? Eu preciso mesmo só do bem-estar”*. Prefere não responder à questão da remuneração em Portugal.

Francisca chegou a Portugal de avião, no dia 28 de Novembro de 2002, com um visto de turismo de três meses, estando em Portugal no momento da entrevista há aproximadamente cinco anos e cinco meses. Fez a viagem com a neta, que tinha ficado com ela no Brasil. Na decisão contou com o apoio de toda a família e da comunidade religiosa a que estava ligada e em que participava activamente: *“Então eles fizeram um documento para mim, que mesmo eu tendo mudado de endereço eu não abandonei a comunidade, que Jesus ia abençoar meus passos por onde eu passava, sabe? Então pedi ao padre para celebrar uma missa e disse: «Agora nós vamos prestar uma homenagem a uma pessoa muito importante que está saindo do meio de nós». E aí eles me chamaram com um bouquet*

de flores deste tamanho [faz gesto condicente] e me entregaram lá no altar. Inclusive o padre Pedro [pároco da igreja de Amora] me falou: «Guarda, porque isto aqui eu nunca vi uma coisa dessas». Entendeu? Então, graças a Deus, eles ficaram tristes, mas...

Estava consciente de que não iria encontrar uma vida fácil, e antes de a filha ter vindo para Portugal tinha-lhe dito: *“Olha, pensa direitinho o que você vai fazer, porque vida lá fora é difícil, porque eu já fazia trabalho com imigrantes, já conhecia as histórias dos imigrantes, inclusive eu coordenei grupos lá, e levei papéis do seminário, aquelas pastas [apontando para pastas], e levei para entregar para eles, para não ter tanta dificuldade de fazer o trabalho de imigrantes conforme eu tive, entendeu? Então eu dizia para ela: «Olha, é muito difícil!» A vida lá fora é muito difícil. Inclusive o patrão do meu filho (que o meu filho começou a trabalhar com quinze anos), o patrão dele é filho de portugueses, quando ele falou: «Ah, a minha irmã vai é para Portugal». «Você está é maluco! Você está é maluco! Eu sou neto de portugueses e é raça mais bruta que existe na face da Terra». Ele disse: «É a raça mais bruta, mais ignorante que existe. Você é maluco! Não deixa sua irmã ir, não.» No dia que ela falou «Oh Gibert, eu estou indo», «Oh Cecília! Você está com o miolo mole!». Quer dizer que eles vieram já sabendo o desafio, não é?”*

Viveu sempre na margem Sul do Tejo: Foros de Amora e Torre da Marinha, vivendo agora na Amora, numa casa que conseguiu comprar.

Está satisfeita com o trabalho actual, no qual está há dois anos, mas continua a sentir-se incomodada com a forma como os portugueses se relacionam com os outros: *“Estou, graças a Deus. Muitas vezes assim a gente acha assim estranho, né, é as maneiras como as pessoas tratam a gente, não digo nós, brasileiros, mas eu, por exemplo, eu sou muito sensível com as coisas, sou muito sensível, e tem dias que a gente fica muito chateada, mas aquilo ali eu estou aprendendo a conviver com a situação, às vezes as pessoas dá má resposta. Primeiro, eu só chorava, agora eu tento assim, eu tento assim superar, sabe?”* Os seus problemas de saúde permitem-lhe exercer o seu actual trabalho, mas dificultaram trabalhos anteriores, e Francisca esteve algum tempo dependente do filho: *“Eu era dependente do filho, então fazia mas era horas. Problemas de saúde, então, estava dependente*

do filho. Agora só não posso pegar peso. E surgiu essa oportunidade, né, desse trabalho que eu tinha condições de fazer. Nunca aparecia um trabalho que eu pudesse fazer. Tudo pesado. E esse aí é um trabalho para as minhas condições”.

Refere não ter sentido preconceito por parte dos portugueses, mas na questão que se relaciona com a forma como vê os portugueses revela experiências em que foi mal tratada, mas essas experiências nas quais se sentiu vítima referem-se à forma dos portugueses se relacionarem com os outros em geral, inclusive com os próprios portugueses, e não com os estrangeiros em particular.

Sente-se integrada na sociedade portuguesa, e revela que para esse sentimento contribui uma prática religiosa partilhada com os portugueses: *“Sinto. Sinto [ênfático]. Igual a gente tem um caso que 12 de Outubro a gente temos a missa de Nossa Senhora da Aparecida lá no Brasil, já é a quarta missa que foi celebrada aqui, e essa missa é celebrada junto com os portugueses, inclusive quem ensaia com a gente são o coral português, então a gente sente integrado, sim”.*

A sua relação com os portugueses é boa, mas confessa que sentiu um choque inicial derivado da forma diferente dos portugueses se relacionarem: *“Quando a gente chega a gente leva um impacto com aquilo. A gente, mas é difícil. A gente vê esse lado, a visão da gente é que é a maioria. Mas hoje eu já vejo que não, que é uma minoria. Vai muito das pessoas, o convívio das pessoas, a pessoa chega, fica fechada, ali não sabe quem é quem. E eu, graças a Deus, relaciono-me bem com todos, homem, mulher, todo o mundo. Num sítio onde eu morei [na Torre da Marinha] pouco tempo depois que eu cheguei, a gente estava a fazer um churrasquinho assim, de repente, eu morava no rés do chão, né? Daqui a pouco estava descendo um litro de vinho numa cordinha: “Que é isso?”, quando eu olhei para cima era o vizinho: “Ah isso aqui é para ajudar na comemoração de vocês”. Convidaram, mas ele disse: «Outra hora». Meu trabalho só eu brasileira e falo bem com todos. Eu sou uma pessoa assim, eu aceito a decisão do outro, porque a gente tem que aceitar”.*

Os hábitos culturais mudaram. A nível da alimentação refere o ter começado a comer sopa e peixe cozido, mas continuar a confeccionar os pratos típicos: *“Eu nunca tinha comido sopa, eu nunca tinha comido sopa e hoje eu como sopa todos os dias, eu como sopa todos os dias, inclusive eu faço em casa e coloco no frigorífico e congelo porque se eu estiver em casa mais de dois, três dias, eu sinto falta da sopa. Mas, no Domingo, eu acho melhor fazer a nossa comida, porque vem a família toda e aí já acostumou à comidinha da mãe, né? Arroz, feijão, igual hoje, né, o rapaz que mora aqui com a gente, ele falou assim: «Oh Neisinha, qual é o cardápio para amanhã?» Falei: «Arroz, feijão, angú e frango». Angú é o que você fala de farinha de milho, mas nós falamos “fubá”, então você faz uma polenta, é uma papa, tá? uma papa temperadinha para comer o frango. Frita o frango, depois que frita, você faz o molho para comer aquela papa com aquele molho. Esse é o pratinho da mamãe. É uma feijoada, é um feijão tropeiro, são as tradições mineiras. E muitas coisas eu aprendi a comer aqui. Eu não comia grão, não comia feijão frade, entendeu?, eu não comia sopa, peixe cozido então! Ai, meu Deus! Quando eu vim me deram peixe cozido no avião! Ai, meu Deus! Agora, ai menina, mas como eu como! Então, é assim, hoje nada é estranho, entendeu?”*

Francisca expressa a ideia de que a aceitação dos hábitos alimentares dos portugueses e a sua integração nos seus próprios hábitos traduz a aceitação do outro, do diferente: *“A gente falando aqui em casa: «Aqui em casa ninguém come marisco. Ninguém». Mas aí a gente falando: «Não gente, mas a gente tem que aceitar, que tem quantas coisas que nós gostamos que eles também não gostam». Apesar de tudo, o que eu fiz até hoje teve uma boa aceitação. Mas nós temos que ver que nós, mineiros, nós não temos litoral, nós não somos do litoral. Então a gente não é acostumado. Igual na minha cidade, por exemplo, é o churrasco. [Risos]. Então tem tudo isso”.*

Francisca não tem tempo para assistir a novelas, mas lê o Destak, assiste ao Record e todos os dias ao Jornal do Brasil no Euronews, mas também se interessa pela informação nacional. Como se depreende do já exposto, os tempos livres são passados em actividades ligadas à comunidade religiosa e a ver televisão.

Francisca está satisfeita com a decisão de imigrar. De facto, a imigração permitiu-lhe vir viver para junto dos filhos e dos netos.

Apesar da diferença horária de quatro horas, comunica com os irmãos, com os amigos e com os vizinhos por internet, mas principalmente por telefone. Não envia nem cartas nem cartões.

A relação com os portugueses é boa. Comparativamente aos portugueses considera os brasileiros mais sensíveis, extrovertidos e mais confiantes nas pessoas.

Desde que está em Portugal, já fez duas viagens ao Brasil, uma em 2004 para visitar o pai, matar saudades e tratar de documentos do divórcio, e uma em 2006 para o casamento do filho.

Francisca não se refugia no passado: *“Eu não pego no passado porque é museu que guarda passado, porque tudo o que eu fiz está feito, está feito. Eu não tenho arrependimento de nada e procuro viver o hoje”*. No entanto o *impeachment* de Fernando Collor de Mello foi um acontecimento que a marcou.⁸

É apaixonada pelo hino brasileiro e a bandeira é importante: *“Depois que eu descobri que quem fez aquele hino foi um português, mais eu amei aquele hino. Mas porquê tanta gente inteligente no Brasil e foi um português que fez? Mas eu fiquei tão, tão feliz quando eu percebi — ele fez de acordo com o que ele viu, com o que ele viveu. O hino, o hino é o retrato do Brasil. Eu trouxe uma bandeira maior que essa parede. Quando a gente vai a Fátima carregamos a nossa bandeira. Eu sou patriota. O meu filho, ele fez tatuagem aqui [aponta para o braço]. Nas missas da Nossa Senhora da Aparecida surgem as duas bandeiras juntas porque são países irmãos”*.

Não existe um projecto de vida definido em termos de ficar em Portugal ou regressar ao Brasil. Para Francisca, este aspecto definir-se-á com o

⁸ Ela refere o “epíteto” de Fernando Henriques Cardoso, mas ter-se-á enganado.

passar do tempo: *“Não. Eu deixo pelo tempo. O tempo é que vai marcar. Se não, eu vou confundir muito as coisas. Então não vale a pena. [Mais tarde] Porque eu pago INSS lá, então qualquer hora que eu chegue lá...”*

Em termos de aplicação do dinheiro ganho refere que tem as suas economias no Brasil, uma conta no Brasil e uma pessoa que organiza os seus negócios lá. Se um dia necessitar de dinheiro pode recorrer ao terreno que tem no Brasil. Não tem intenção de imigrar para qualquer outro país: *“As pessoas não podem ficar de galho em galho. Meus irmãos estavam aqui com documento, esquentou a cabeça: «Ah, eu vou embora para os Estados Unidos». Hoje, deixou Portugal foi para o Brasil, com essa queda do dólar, né, está lá hoje sem saber o que fazer. A situação aqui está difícil igual ao Brasil mas se tem um emprego fica quieto, porque em todos os lugares as pessoas conseguem”.*

Sente que a imigração a transformou enquanto pessoa: *“Aprendi mais a aceitar as coisas, aprendi também a observar, aprendi a fazer uma reflexão da sua vida, a valorizar mais aquilo que eu tive, não tenho arrependimento de ter tomado decisão nenhuma na minha vida, entendeu? Comentei com uma colega de trabalho: «Olha se eu tivesse conhecido você antes de me divorciar, acho que eu não tinha terminado o meu casamento, não». Hoje, quando eu vejo o que outras mulheres portuguesas passam eu penso assim: «Eu vivi uma vida de rainha». Porque eu vivi vinte e seis anos casada, e eu nunca soube o que era pagar uma luz, pagar uma água, pagar uma renda, nunca paguei uma prestação de casa. Qualquer coisinha para mim era muito e hoje não. Hoje às vezes eu sei calar, às vezes eu sei ouvir, a minha avó dizia: «O mundo ensina, o mundo judia, mas ele também ensina, não é?, “O mundo judia mas ele também ensina». Entendeu? Eu aprendi muita coisa. Não sei se é a idade também que vai chegando, a gente vai amadurecendo, sei lá...”*. Apesar das transformações, Francisca continua a sentir-se brasileira.

Afirmações mais significativas

[Razão da filha ter escolhido Portugal]: *Primeiro eu acho que é pela língua. Ela nunca pensou que fosse ser mais fácil. Inclusive eu falei “Olha, pensa direitinho o que você vai fazer, porque vida lá fora é difícil, porque eu já fazia trabalho com imigrantes, já conhecia*

as histórias dos imigrantes, inclusive eu coordenei grupos lá, e levei papéis do seminário, aquelas pastas [apontando para pastas]e levei para entregar para eles para não ter tanta dificuldade de fazer o trabalho de imigrantes conforme eu tive, entendeu? Então eu dizia para ela: “Olha, é muito difícil! A vida lá fora é muito difícil. Inclusive o patrão do meu filho (que o meu filho começou a trabalhar com quinze anos), o patrão dele é filho de portugueses, quando ele falou: “Ah a minha irmã vai é para Portugal”. “Você está é maluco! Você está é maluco! Eu sou neto de portugueses, e é raça mais bruta que existe na face da Terra”. Ele disse: “É a raça mais bruta, mais ignorante que existe. Você é maluco! Não deixa sua irmã ir, não”. No dia que ela falou “Oh Gibert, eu estou indo”, “Oh Cecília! Você está com o miolo mole!” Quer dizer que eles vieram já sabendo o desafio, não é?

[...] Muitas vezes assim a gente acha assim estranho, né, é as maneiras como as pessoas tratam a gente, não digo nós, brasileiros, mas eu, por exemplo, eu sou muito sensível com as coisas, sou muito sensível, e tem dias que a gente fica muito chateada, mas aquilo ali eu estou aprendendo a conviver com a situação, às vezes as pessoas dá má resposta. Primeiro eu só chorava, agora eu tento assim, eu tento assim superar, sabe?

[...] Eu nunca tinha comido sopa, eu nunca tinha comido sopa e hoje eu como sopa todos os dias, eu como sopa todos os dias inclusive eu faço em casa e coloco no frigorífico e congelo, porque se eu estiver em casa mais de dois, três dias, eu sinto falta da sopa. Mas, no Domingo, eu acho melhor fazer a nossa comida, porque vem a família toda e aí já acostumou à comidinha da mãe, né? Arroz, feijão, igual hoje, né, o rapaz que mora aqui com a gente, ele falou assim: “Oh Neisinha, qual é o cardápio para amanhã?” Falei: “Arroz, feijão, angu e frango”. Angú é o que você fala de farinha de milho, mas nós falamos “fubá”, então você faz uma polenta, é uma papa, tá? uma papa temperadinha para comer o frango. Frita o frango, depois que frita, você faz o molho para comer aquela papa com aquele molho. Esse é o pratinho da mamãe. É uma feijoada, é um feijão tropeiro, são as tradições mineiras. E muitas coisas eu aprendi a comer aqui. Eu não comia grão, não comia feijão frade, entendeu?, eu não comia sopa, peixe cozido, então! Ai, meu Deus! Quando eu vim me deram peixe cozido no avião! Ai, meu Deus! Agora, ai menina, mas como eu como! Então, é assim, hoje nada é estranho, entendeu?

[...] Quando a gente chega a gente leva um impacto com aquilo. A gente, mas é difícil. A gente vê esse lado, a visão da gente é que é a maioria. Mas hoje eu já vejo que não, que é uma minoria. Vai muito das pessoas, o convívio das pessoas, a pessoa chega, fica fechada, ali não sabe quem é quem. E eu, graças a Deus, relaciono-me bem com todos, homem, mulher, todo o mundo. Num sítio onde eu morei [na Torre da Marinha] pouco tempo depois que eu cheguei, a gente estava a fazer um churrasquinho assim, de repente, eu morava no rés do chão, né? Daqui a pouco estava descendo um litro de vinho numa cordinha: “Que é isso?”, quando eu olhei para cima era o vizinho: “Ah isso aqui é para ajudar na comemoração de vocês”. Convidaram, mas ele disse: “Outra hora”. Meu trabalho, só eu brasileira, e falo bem com todos. Eu sou uma pessoa assim, eu aceito a decisão do outro, porque a gente tem que aceitar.

[...] Sou apaixonada [ênfático] pelo nosso hino brasileiro. Depois que eu descobri que quem fez aquele hino foi um português, mais eu amei aquele hino. Mas porquê tanta gente inteligente no Brasil e foi um português que fez? Mas eu fiquei tão, tão feliz quando eu percebi — ele fez de acordo com o que ele viu, com o que ele viveu. O hino, o hino é o retrato do Brasil. Eu trouxe uma bandeira maior que essa parede. Quando a gente vai a Fátima, carregamos a nossa bandeira. Eu sou patriota. O meu filho ele fez tatuagem aqui [aponta para o braço]. Nas missas da Nossa Senhora da Aparecida surgem as duas bandeiras juntas, porque são países irmãos.

4.5. Entrevista B5 — Maria da Glória

Perfil sumário

Maria da Glória tem 42 anos e é natural do estado de Minas Gerais, Ipatinga. É solteira e vive na Cruz de Pau com os três filhos — duas filhas de 18 e 20 anos, Taís e Laís e um filho bebé, o Francisco. O Francisco é fruto do seu actual relacionamento com o namorado, natural da Guatemala. Na sua casa vive, ainda, a sua irmã e a sobrinha, Vânia e Maria Eduarda. Faz limpezas num colégio situado na zona em que vive e à noite, faz limpezas num ginásio, conseguindo ganhar 900 euros por mês (500 euros no colégio e 400 euros no ginásio).

No Brasil estudou até ao 2.º grau, equivalente ao nosso 11.º ano. É católica, e vai ocasionalmente à missa. No entanto, gostaria de ir regularmente à igreja como sucedia no Brasil: *“Eu sou católica. Vou às vezes à missa. Eu tenho andado muito em falta com Deus, na verdade. Ele não comigo, mas...[Mas não tem tempo é...] Não! Não é uma questão de não ter tempo...eu falo: a religião, a gente só não dedica porque a gente não quer. Ter tempo, sempre a gente tem. Hoje, por exemplo [Domingo], eu podia ter levantado cedo e ter ido à missa. ‘Tou cansada, mas também ‘tou relaxada...a verdade é essa. Mas podia ir. Há uns anos atrás, eu trabalhava tanto quanto trabalho agora e assistia à missa todos os domingos. [No Brasil?] Aqui, já...levantava sempre cedo e ia aos domingos à missa. Deixava o almoço mais ou menos organizado para chegar da missa e terminar o almoço. Agora, agora...fiquei ‘sem vergonha’, na verdade...e quero baptizar o meu filho e a minha filha também é católica, vai mesmo à missa e assim..., ando mesmo relaxada com isso...”*

Em termos de política, não se interessa pela política portuguesa. No Brasil simpatizava com o clube “Mineiro”, mas em Portugal não pertence a qualquer clube, apesar de simpatizar com o Futebol Clube do Porto.

A história de Maria da Glória

Portugal foi o primeiro destino imigratório de Maria da Glória. A razão da escolha de Portugal prende-se com o facto de os irmãos terem imigrado para Portugal: “Porque... tinha a oportunidade de vir para cá, porque tinha cá os meus irmãos. Até os que estão nos Estados Unidos estavam cá! A ideia era que eu tinha pelo menos uma casa para onde ir...para casa dos meus irmãos, que não era esta. Essa foi a razão, só mesmo essa”. Se não tivesse vindo para Portugal, teria migrado para outros destinos em território brasileiro: Rio de Janeiro ou São Paulo.

No Brasil, antes de vir para Portugal, Maria da Glória trabalhava como empregada doméstica numa casa particular e, à noite, num restaurante. Anteriormente, tinha desempenhado outros trabalhos: tinha trabalhado numa loja e numa casa particular a cuidar de uma criança. No Brasil ganhava menos do que em Portugal: “Mas se eu tivesse metade desse salário no Brasil, eu não saía de lá nunca”.

Maria da Glória chegou a Portugal de avião, no dia 29 de Dezembro de 2001, com um visto de turismo de três meses, estando em Portugal no momento da entrevista há aproximadamente seis anos e quatro meses. Fez a viagem com vários familiares, e viajaram como se não se conhecessem, receando problemas na entrada em Lisboa. Na decisão contou com o apoio da família, mas foi difícil deixar no Brasil as duas filhas adolescentes: *“Deram apoio...é assim...o meu apoio...o que me preocupava eram as minhas filhas. A verdade é que eu deixei lá duas adolescentes, e sempre falei com elas e nunca as iludi. Elas depois vieram. A Thaís chegou aqui no final de 2004, a outra [a Laís] chegou em 2006. Foi muito duro...Foi pela decisão delas, elas só vieram quando decidiram vir. Elas antes não queriam vir. Lá, estavam com a minha irmã, essa que ‘tá cá. Tudo o que eu fazia aqui ia para elas. E tudo o que fiz lá, também fiz por elas. Fiz a cobertura da casa que precisava, mobilei a casa toda (com o dinheiro que ia ganhando daqui), que a casa lá é nossa”*.

Viveu sempre na margem Sul do Tejo, na Cruz de Pau. Está relativamente satisfeita com o trabalho actual, mas relata alguns problemas com a dona do colégio em que trabalha.

Refere não ter sentido preconceito, mas relata um episódio recente ocorrido no supermercado. Trata-se, no entanto, de um episódio que podia ter ocorrido com qualquer português: *“Nunca tinha acontecido, foi a primeira vez. Há pouco tempo, foi há uma semana atrás. E eu disse para ela, falei assim: “da mesma forma que eu tenho os meus direitos e sei os meus direitos, eu também tenho os meus deveres e sei os meus deveres, e do mesmo jeito que a senhora tem os seus direitos, eu também tenho...assim como a senhora tem deveres, e eu também tenho.” E aí ela: “ah, então eu peço desculpa, peço imensas desculpas...”*

Sente-se integrada na sociedade portuguesa: *“É assim, pode haver pessoas que não sintam, mas eu sinto como se esta fosse a minha segunda casa. Entendeu? Eu sinto como se fosse a minha segunda casa. Sinto integrada, não me sinto rejeitada”*.

A nível da alimentação refere o ter começado a comer sopa e as filhas comerem peixe. Mas continua a confeccionar os pratos típicos: *“Hoje para o almoço foi arroz, feijão e fiz o*

frango frito à nossa moda...lavei com vinagre, temperei com alho, limão e depois fiz uma sopa de mandioca e salada. Dá muito mais trabalho! [risos] Mas é bom. Doces, também. Docinhos de côco..."

Maria da Glória assiste a novelas, acompanha o telejornal do Brasil pela rede Record, assiste à Globo e assiste a algum (pouco) cinema brasileiro.

Relaciona-se essencialmente com brasileiros, constituindo a família o núcleo central. Não refere amigos portugueses. Não gostaria de mudar nada na sua vida: *"Eu acho que...que 'tá bom, 'ta bom. 'Tou contente. Já aqui tenho as filhas..."*.

Desde que está em Portugal foi uma única vez ao Brasil: *"Voltei há...três/quatro anos atrás... só uma vez. Foi em 2004. Fui para férias e, na época, eu já ia de qualquer jeito, mas a minha patroa me ofereceu a viagem. E ela me ofereceu outra vez o ano passado, o ano passado...mas eu não quis ir porque eu já tinha cá a minha filha mais velha e a minha filha mais nova já estava de caminho. Aí eu preferi não ir"*. No Brasil, tem os irmãos e o pai: *"Minha mãe já faleceu há muitos anos. Meu pai já 'tá muito velho, vai fazer noventa"*. Apesar da diferença horária de quatro horas, comunica com o pai pelo telefone e com as demais pessoas por telefone. Estas formas de comunicação vieram substituir formas que utilizava anteriormente: cartas e cartões.

A sua relação com os portugueses é boa: *"As pessoas com quem convivo, eu não tenho que reclamar, sempre foram muito atenciosos comigo. Aqui é assim, quando se gosta, se gosta, quando não se gosta, nem se olha. As pessoas com quem me relaciono sempre foram muito boas, não posso me queixar"*. Comparativamente aos brasileiros considera os portugueses mais fechados e mais conservadores.

Está satisfeita com o projecto migratório e, se fosse hoje, voltaria a tomar a mesma decisão.

Maria da Glória tem saudades do passado no Brasil e, se soubesse que ia morrer, gostaria de morrer no seu país: *"Recordo o passado com saudade. É assim, eu sei que claro que*

não podia continuar a viver no Brasil, mas se eu tiver oportunidade de viajar de férias é para lá que eu ia. Essa saudade tem a ver com o país, é a minha terra, vai ser a minha terra sempre, é uma terra sagrada. Eu gosto muito de Portugal, gosto, seria capaz de viver aqui o resto da minha vida, mas se eu soubesse que eu morreria amanhã, nunca iria morrer em Portugal”. Os acontecimentos que a marcaram foram a destituição de Fernando Collor de Mello e o tráfico de drogas, que marca o quotidiano no Brasil.

O Brasil é central para a sua identidade: *“Eu sou brasileira. É como a minha forma de falar. Eu tenho a certeza que tem cá pessoas, que vivem cá há muito menos tempo que eu, que tentam falar o seu português. Eu gosto de falar o meu português, eu falo o meu português. Não tento mudar a forma de falar, porque é assim, é a minha origem...eu acho que se começar a mudar a minha forma de falar, estou perdendo as minhas raízes. E para mim, as minhas raízes são importantes”.* Os símbolos são importantes. Confessa que ao ouvir o hino: *“Eu choro! Quando eu vou à missa ali, na nossa igreja, uma vez por ano, tem a missa brasileira e aquela missa, para mim, é tão importante como...o meu almoço. É muito importante”.* Relativamente à bandeira: *“Gosto, não tenho, mas tive, na outra casa tinha. Ainda tenho uma dificuldade, ainda tenho um obstáculo muito grande pela frente: eu tenho um filho português, nascido em Portugal, com um pai da Guatemala e uma mãe brasileira...[risos] [É o verdadeiro intercultural...] Esse é! Esse ainda vai ser mais complicado!”.*

Regressar ao Brasil não faz parte dos seus projectos de vida e explica essa situação pelo facto de o seu filho ter um pai da Guatemala: *“É assim, essa era uma oportunidade que eu queria ter, mas eu sei que é impossível. É impossível, porque eu não ia hoje pedir ao pai do meu filho para ir viver para o Brasil...como também eu tenho a certeza que ele também...quando ele foi para a Guatemala de férias o ano passado, eu fiquei grávida do Francisco...quando ele foi, ele deixou um projecto para trás. Que ele vinha só a Portugal resolver uns assuntos e depois ia voltar para a Guatemala. Mas depois quando soube que o meu filho estava para nascer, que eu estava grávida do Francisco, ele nunca mais tocou no assunto. Ele agora já não volta mais, agora nossa terra é Portugal”.*

Em termos de aplicação do dinheiro ganho, refere que não consegue fazer economias, e que o dinheiro vai sendo gasto no que é necessário, nomeadamente nas mobílias para a casa.

Sente que a imigração a transformou enquanto pessoa: *“Me tornou diferente. Me tornou mais...me tornou mais brasileira. Aprendi a dar mais valor a determinadas coisas do meu país. Aprendi a ver o meu país com mais beleza. Há muito brasileiro que não vê beleza em Portugal; eu, não, eu acho Portugal uma coisa extraordinária. Acho é que cá as pessoas não valorizam muito o que têm. Se falarmos de História, Portugal é repleto. Monumentos...fui ver determinados castelos, fui ver Mafra, Sintra, aquilo é uma História. Nunca imaginava uma coisa daquelas. Achei aquilo extraordinário. Em termos de Natureza, é completamente diferente. Mas cá essa estação (a Primavera) também é maravilhosa, a estação das flores é linda. Lá, a Primavera e o Outono são muito curtos. Até acho que abri mais a mente. Comecei a ver os portugueses tão assim...tão fechados...que consegui até abrir mais a minha mente para determinadas coisas, ter mais aceitação para determinadas situações, igual a por exemplo, eu era muito fechada, vou dar um exemplo, o homossexualismo. Era uma coisa que para mim era...eu via muito, mas não imaginava que pudesse acontecer uma coisa dessas (não que tenha acontecido), mas...nunca imaginava, achava que a minha família era imune, não ia acontecer aquilo nunca. E hoje já consigo saber que, se um dia tiver alguém na minha família que seja desse jeito, eu vou ter muito mais aceitação. Porque eu tive uma colega que trabalhava lá comigo na escola, que um dia falou assim comigo: “É assim, eu aceito. Se a minha filha se chegar ao pé de mim e disser que é homossexual, eu vou aceitar porque eu não tenho como negar. Porque ela é minha filha. Ela não vai ser mais filha ou menos filha por isso. Eu pensava, puxa, que [os portugueses] eram um povo cheio de tabus, cheios de preconceitos, mas não. Então eu pensava que se eles são pessoas tão fechadas...foi uma oportunidade para eu saber que eu não podia ser daquele jeito, então tive que ter a mente mais aberta. Nessa parte eu mudei. [No fundo, tinha a ideia (e continua a ter) que, à partida, os portugueses são mais conservadores, no entanto, vê uma pessoa que pertence a esse grupo de pessoas mais conservadoras e que é mais aberta...] Mais aberta do que eu!!! Pois é, não pode ser, tenho de mudar o meu comportamento, a minha visão”.*

Maria da Glória sente-se brasileira e portuguesa: “*Eu sou brasileira-portuguesa. Sou portuguesa de coração e opção. [É mesmo isso que sente?...] É mesmo isso que eu sinto! Sinto brasileira e sinto que também faço parte dessa pátria, dessa terra. Tanto que não admito que as pessoas falem mal de Portugal ou mesmo dos portugueses comigo. Defendo. Da mesma forma que quando eu oiço portugueses ou brasileiros falando...eu só falo assim: olha, não generalize uma nação por atitudes de uma ou duas pessoas*”.

Afirmações mais significativas

[...] Foi na época em que o meu irmão foi buscar a minha cunhada. A gente entrou no avião como se não nos conhecêssemos. [Mais tarde: Porque não podíamos ‘tar muito em contacto, para entrar cá...era meio complicado e também viemos numa viagem directa para Lisboa. Para entrar podia ter problemas [Mas teoricamente, o governo incentiva o reagrupamento familiar...]] É assim, o governo incentiva só na media [entenda-se por meios de comunicação social] porque na prática...é uma confusão tão grande... A minha filha que chegou cá em Portugal antes dos 18 anos, só agora é que eu consegui fazer o reagrupamento familiar dela...a outra não, já tem residência junto comigo, mas a Thaís não, por ser mais velha. [Pois mas eles publicitam que sim, não é...] Mas não é tão fácil, não queira saber...a quantidade de dinheiro que a gente gasta. Há muita gente que ‘tá cá em Portugal sem documentos, porque não tem dinheiro para aquilo. Da minha filha agora vai ser 400 e tal euros, da Laís cento e tal euros, no meu processo gastei 1000 euros ou mais. É muito dinheiro. O que eu tive de reserva tive que gastar com os meus documentos na época. Paguei 700 euros, depois paguei para ir a Espanha, que o meu primeiro visto eu peguei na Espanha, cheguei lá e paguei 75€ de visto. Só nessa época gastei uns 800 euros. Tudo o que tinha guardado, de reserva, foi para os documentos, tudo.

[...] Muitas vezes assim a gente acha assim estranho, né, é as maneiras como as pessoas tratam a gente, não digo nós, brasileiros, mas eu, por exemplo, eu sou muito sensível com as coisas, sou muito sensível, e tem dias que a gente fica muito chateada, mas aquilo ali eu estou aprendendo a conviver com a situação, às vezes as pessoas dá má resposta. Primeiro eu só chorava, agora eu tento assim, eu tento assim superar, sabe?

[...] Tive uma gravidez quase sigilosa, não falei nada para ninguém, fui ao médico uma vez só. Foi, foi muito mau, pago ainda pelas consequências disso. [Mas porquê...] Porque...eu sou a única estrangeira na casa, então quando tinha que faltar por alguma coisa assim...

[...] É assim, pode haver pessoas que não sintam, mas eu sinto como se esta fosse a minha segunda casa. Entendeu? Eu sinto como se fosse a minha segunda casa. Sinto integrada, não me sinto rejeitada.

[...] Eu gosto muito de Portugal, gosto, seria capaz de viver aqui o resto da minha vida, mas se eu soubesse que eu morreria amanhã, nunca iria morrer em Portugal.

[...] Eu sou brasileira. É como a minha forma de falar. Eu tenho a certeza que tem cá pessoas, que vivem cá há muito menos tempo que eu, que tentam falar o seu português. Eu gosto de falar o meu português, eu falo o meu português. Não tento mudar a forma de falar, porque é assim, é a minha origem...eu acho que se começar a mudar a minha forma de falar, estou perdendo as minhas raízes. E para mim, as minhas raízes são importantes.

4.6. Entrevista B6 — Marilza

Perfil sumário

Marilza tem 26 anos e é natural da Rondónia. É casada e vive na Cova da Piedade com o filho de cinco anos. É empregada de mesa num restaurante em Lisboa e ganha mais do que o ordenado mínimo nacional (não explicita quanto).

No Brasil estudou até ao 6.º ano. No Brasil era católica, mas na altura em que a mãe veio passar férias a Portugal, passou a ter, à semelhança da mãe, religião evangélica. Marilza refere que em Portugal se sentia muito sozinha, e que foi esse sentimento de solidão que mais a aproximou da religião: “Tenho...evangélica. Minha mãe é evangélica e então... Quando ela veio para cá passar férias, eu também passei. No Brasil eu era católica. Mudei porque...sei lá, para mim ficou...mais...feliz. Melhorou mais, sei lá, fiquei mais apegada em Deus. Me sentia muito sozinha”.

Em termos de política não se interessa pela política portuguesa, porque diz não perceber nada (no Brasil percebia um pouco).

A história de Marilza

Portugal foi o primeiro destino imigratório de Marilza. A razão da escolha de Portugal prende-se com o facto de os irmãos terem amigos que estavam cá: *“Através de amigos. [que já cá tinham estado]. Foi aquele país com que mais ficámos empolgados”*.

No Brasil, antes de vir para Portugal, Marilza exercia a mesma função do que em Portugal: empregada de mesa, função essa que gosta de desempenhar. No Brasil ganhava menos do que em Portugal.

Marilza chegou a Portugal de avião, no dia 26 de Fevereiro de 2000, com um visto de turismo de três meses, estando em Portugal no momento da entrevista há aproximadamente oito anos e dois meses. Fez a viagem sozinha uma vez que o marido já estava em Portugal no momento em que Marilza chegou.

Na decisão contou com o apoio da família mas os amigos não apoiaram: *“Mas em termos dos amigos, não, ninguém...toda a gente dizia: «Vocês são malucos!, vocês vão caçar chifre em cabeça de cavalo!» [risos] [Quer dizer que vão à procura de uma coisa que não encontram, a expressão no fundo é isso, não é?] É, é...exactamente”*.

Marilza sentiu algumas dificuldades em Portugal: o frio de Fevereiro, a mudança de fuso horário (ainda hoje não se adaptou à mudança das horas) e a língua (não compreendia e não se conseguia fazer compreender). O filho de Marilza veio a nascer em Portugal.

Viveu sempre na margem Sul do Tejo, inicialmente em Almada e depois na Cova da Piedade, a sua actual casa. Está relativamente satisfeita com o trabalho actual, mas manifesta descontentamento em relação ao patrão.

Refere não sentir preconceito no actual trabalho mas ter sentido no seu segundo trabalho em Portugal, em que fazia o mesmo trabalho que as colegas e recebia menos, o que constituía motivo de troça entre as colegas: *“Nesse segundo serviço, quando eu já ‘tava lá há três meses, nós começámo-nos a abrir, né...com as outras meninas, as portuguesas, e então quando elas perguntavam quanto é que eu ganhava, eu dizia...e elas riam para mim...ganhava menos que elas...”*

Sente-se integrada na sociedade portuguesa, e refere como factor facilitador desse processo, o facto de o filho ter nascido em Portugal: *“Me sinto, me sinto como que já faço parte da sociedade portuguesa. Porque, para já, o meu filho já nasceu cá, né? E depois, foi o que eu disse para o meu marido: se a gente continuar aqui, depois já não conseguimos ir embora, porque depois ele já não quer ir embora, e aí o filho já cresce, o filho já arranja namorada, os coleguinhas do colégio, e então, nós ficamos aqui”.*

Marilza assiste a duas novelas brasileiras, assiste ao canal Record e à rede Globo e aluga filmes brasileiros.

Relaciona-se essencialmente com brasileiros, sendo a comunidade evangélica a que pertence exclusivamente constituída por brasileiros. Os amigos portugueses são raros. Na sua vida gostaria de mudar o trabalho.

Desde que está em Portugal foi uma única vez ao Brasil, em 2003, altura em que o filho foi conhecer os avós e, quando o sogro faleceu, em 2005, só o marido teve possibilidade de fazer a viagem: *“Já fui de férias, em 2003. Fui levar o miúdo para conhecer os avós. Depois não voltei, não. Depois o meu sogro morreu em 2005, foi quando nós ia, nós dois, então...soubemos a notícia e meu marido foi, já não deu de eu ir. A partir desse momento eu não fui ainda...”.*

Comunica com os familiares e com os amigos por internet, tendo a comunicação lugar essencialmente ao sábado, que é o seu dia de folga. Quando chegou a Portugal escrevia muitas cartas, mas com o tempo essa prática perdeu-se.

A sua relação com os portugueses é boa. Não considera os portugueses muito diferentes dos brasileiros, vê-os como educados e mais fechados que os brasileiros, e pensa que muitos portugueses consideram que os brasileiros lhes vieram roubar os empregos.

Está satisfeita com o projecto migratório e, se fosse hoje, voltaria a tomar a mesma decisão.

Marilza sente saudades do passado no Brasil. Não recorda nenhum acontecimento da história do Brasil que a tenha marcado, evocando antes acontecimentos da sua vida pessoal: a morte do seu pai, quando tinha cinco anos, a queda e o partir da cabeça no dia do aniversário dos treze anos, a observação pelo médico que sentiu como intrusiva da sua intimidade e o dia do casamento.

O Brasil é central para a sua identidade, e explica essa centralidade relacionando-a com a figura da sua mãe: *“Para mim, ser brasileira é muito importante. Por causa da minha mãe”*. Os símbolos são importantes. No carro tem a bandeira do Brasil e quando escuta o hino fica comovida. A recordação do Brasil ajuda-a a superar as dificuldades.

O projecto de vida de Marilza está confuso. Essa confusão/divisão é expressa da seguinte forma: *“Bem...aí, o coração ‘tá completamente dividido. Porque eu acho que nós já não consegue viver lá, por mais que a gente já tenha conseguido essas coisas...mas chega lá, é tudo diferente...tudo diferente mesmo. [Sentiu isso na viagem que fez?] Senti. Quando fui levar o meu filho ao hospital, uma alergia que ele pegou lá, então o meu sogro ‘tava ocupado, não podia indicar... então a minha sogra: «Ah, pega um autocarro aqui e vai» e eu fui da casa até ao hospital, entrei com o meu filho de dois anos, ninguém me deu lugar, ninguém me disse nada. E eu disse: «Ai, meu Deus, que saudade que eu tenho do meu Portugal!» e falei bem alto, assim para todo o mundo ouvir...aí ficou toda a gente assim a olhar e eu «É verdade, porque se eu tivesse em Portugal, eu não ‘tava aqui em pé com o meu filho de dois anos». Ninguém deu o lugar. E depois, quase morri na passadeira. Acho que fui na farmácia comprar o remédio para a alergia com o meu filho, fui atravessar*

a rua e o carro quase passou por cima de mim. E eu disse: «Portugal não faz isso. Em Portugal pára e deixa a gente passar. Aqui não, passa por cima». Aí falei mesmo: «Não, aqui já não consigo viver». Mantenho essa ideia mas, meu marido não, meu marido quer voltar. Mas todos os brasileiros, que ‘tão cá há oito, nove anos, dizem: «Você não consegue ficar lá, Marilza...». Meu marido fala: «Nós não vamos lá para trabalhar para os outros, nós vamos para lá para cuidar das nossas coisas». Só que aí é que ‘tá...o coração já não quer voltar. [E o seu filho, o que diz?] “Meu filho fala: “Quero ir para o Brasil, mas só para passear”. Tem lá a avó, mas só para passear. A partir de Setembro vai para a escola, e é isso que eu quero ver, é isso que vai mudar a cabecinha dele”. Marilza expressa claramente que com o tempo deixou de se sentir bem no Brasil, e que na viagem ao seu país se deixou surpreender por comportamentos dos seus compatriotas que não encontra nos próprios portugueses. O seu filho, apesar de ainda muito pequeno, não expressa (como é natural uma vez que não nasceu nem viveu no Brasil) o desejo de ir para o país dos pais e Marilza espera que a escola (subentende-se, que através da socialização com outras crianças portuguesas) consolide esse não desejo. O não desejo de regresso de Marilza e do seu filho terá que ser confrontado com o projecto de regresso do marido. De facto, aquando da imigração, o projecto do casal era ficar três anos em Portugal e depois regressar, mas para a modificação do projecto de Marilza terá contribuído, segundo ela mesma, o nascimento do seu filho.

Em termos de aplicação do dinheiro ganho, refere que conseguiram comprar a casa, o carro, o “sítio” (quinta) no Brasil e ainda guardar algum dinheiro.

Marilza não tem intenção de imigrar para outro país, e considera que Portugal representa um espaço de oportunidades para o filho, quer a nível da escola, quer do trabalho.

Sente que a imigração a transformou enquanto pessoa, que se tornou mais aberta e mais “respondona”. Marilza sente-se metade brasileira e metade portuguesa, dupla identidade essa que marca tantas mulheres imigrantes.

Afirmações mais significativas

[...] Mas em termos dos amigos, não, ninguém...toda a gente dizia: “Vocês são malucos!, vocês vão caçar chifre em cabeça de cavalo!” [risos] [Quer dizer que vão à procura de uma coisa que não encontram, a expressão no fundo é isso, não é?] É, é...exactamente.

[...] Minha mãe veio o ano passado, para passear. De férias...minha mãe veio, ficou aqui três meses, gostou muito, muito mesmo. Achou as rosas muito bonitas...Nós temos, mas são diferentes. Minha mãe gostou muito.

[...] E depois a mudança de horário também, que acaba comigo. Porque lá na minha cidade, lá não muda. E aqui, quando eu cheguei, eu levantei às duas horas da tarde e pensei que eram oito da manhã. Quando levantei e olhei no relógio, eram duas horas da tarde. [Mas a mudança...o fuso horário não é? Quando veio, não é? Mas depois adaptou-se...] Ah não, mas até hoje...até hoje. Até hoje ainda me sinto perdida e quando muda, quando faz mudanças de horário, assim...eu fico: “Será que horas?”. Porque lá não mudava de hora.

[...] Bem...aí, o coração ‘tá completamente dividido. Porque eu acho que nós já não consegue viver lá, por mais que a gente já tenha conseguido essas coisas...mas chega lá, é tudo diferente...tudo diferente mesmo.

[...] Meu marido fala: “Nós não vamos lá para trabalhar para os outros, nós vamos para lá para cuidar das nossas coisas”. Só que aí é que ‘tá...o coração já não quer voltar.

4.7. Entrevista B7 — Joana

Perfil sumário

Joana tem 53 anos e é natural de Belo Horizonte, estado de Minas Gerais. É casada e vive na Cova da Piedade com o marido e com a filha. É empregada doméstica na margem Sul do Tejo e ganha 500 euros (mais 50 euros de passe).

No Brasil estudou até ao 7.º ano e exercia a profissão de costureira. Pertence à religião evangélica, não pertence a qualquer grupo desportivo e não se interessa por política.

A história de Joana

Portugal foi o primeiro destino imigratório de Joana. A razão da escolha de Portugal prendeu-se com o facto do marido estar a trabalhar no país.

Joana chegou a Portugal de avião, pela segunda vez no dia 17 de Dezembro de 2006 (já tinha estado a trabalhar em Portugal em 2005), com um visto de turismo de três meses, estando em Portugal no momento da entrevista há aproximadamente um ano e seis meses. Fez a viagem acompanhada pela filha e por uma colega, a qual não se tendo adaptado à vida em Portugal, regressou ao Brasil.

Na decisão contou com a compreensão da família, que, como Joana sublinha, ficaram tristes com a sua decisão.

Joana estranhou o frio do país na época do Natal, que no Brasil é uma época de calor, e a língua, mas depressa de adaptou. Não sentiu as dificuldades como dificuldades mas como questões inerentes à mudança, e acredita que a legalização facilitará a sua vida: *“Olha...a dificuldade que eu encontrei aqui...que quando uma pessoa ‘tá mudando de país, não é bem dificuldade, é uma coisa necessária. Se tivesse legal [legalizada], ‘tava tudo certo. Mas como não ‘tá...até legalizar. Agora que vai chegar a residência dela [da filha], vai melhorar...”* [A filha tem problemas de saúde] [Excerto retirado por ser pessoal e irrelevante para a entrevista]. Na primeira estada em Portugal (nessa época a filha ainda estava no Brasil), vivia num apartamento na Costa da Caparica. Nesse apartamento com três quartos viviam onze pessoas, incluindo Joana, o marido, os sobrinhos e outras pessoas. Quando voltou a Portugal foi viver para Corroios, para um apartamento mais caro, mas em que vivia apenas com o marido e com a filha. Agora vive num apartamento na Cova da Piedade, menos caro que o anterior, estando satisfeita com a casa. Joana também está satisfeita com o trabalho actual, em que trabalha sete horas diárias durante a semana (das 10 horas às 19 horas) e das 10 horas às 13 horas ao Sábado.

Refere não sentir preconceito da parte dos portugueses.

Sente-se integrada na sociedade portuguesa e considera mesmo que estar em Portugal é igual a estar no Brasil: *“Eu sinto como se ‘tivesse no Brasil, é a mesma coisa. Aqui até melhorou! Aqui eu saio mais, lá não saía tanto...No final de semana sai todo o mundo junto. Aqui é...aqui é melhor! [risos]”*.

Joana assiste a novelas brasileiras (tal como sucedia no Brasil) e portuguesas e assiste a canais brasileiros.

Relaciona-se com brasileiros e com portugueses com facilidade: *“Tenho, tenho. [Se puder comparar, acha que tem mais amigos portugueses ou brasileiros?] É...mais ou menos igual. É assim, tem gente que sai todo o dia, ali na parada [paragem de autocarro] conhece várias pessoas, você fica conversando. A gente vai fazendo amizades...já troca o número de telemóvel, comunica!”*

Nesta segunda estada em Portugal ainda não fez qualquer viagem ao Brasil, mas pretende ir em 2009, mais para tratar de assuntos, do que por saudades ou desejo de voltar.

Comunica com os familiares e com os amigos por telefone, não utilizando internet nem os meios mais tradicionais de comunicação.

A sua relação com os portugueses é boa e sempre foi, considerando os portugueses muito semelhantes aos brasileiros. No entanto, em relação à forma como os portugueses vêem os brasileiros: *“É, bem, eu já ouvi assim uns reclamando de falta de trabalho, só”*.

Está satisfeita com o projecto migratório e, se fosse hoje, voltaria a tomar a mesma decisão.

Joana não sente saudades do passado no Brasil, passado marcado por acontecimentos negativos, como a perda da fortuna do pai, grande fazendeiro com 23 filhos (onze filhos

da mulher anterior, de que ficou viúvo e doze filhos da mãe de Joana) ou a destruição da casa da família por uma grande tempestade, quando Joana tinha oito anos.

O que mais a marcou da história do Brasil foi a época de 1980-1981, caracterizada por elevado desemprego, e, da sua história pessoal, a já referida tempestade e o medo que nessa altura sentiu.

O Brasil não é central para a sua identidade, e os símbolos são pouco importantes, apesar de ter estudado o hino.

Joana não tem dúvidas de que pretende viver em Portugal, comprar uma casa e um carro (ainda não compraram carro, porque ainda está a tirar a carta, e porque o marido não tem carta).

Sente que a imigração não a transformou enquanto pessoa, apesar de ser mais feliz em Portugal.

Em relação à questão de se sentir brasileira/portuguesa, Joana responde: *“Tanto que eu gosto daqui, que me sinto já como se tivesse nascido aqui...”*

Afirmações mais significativas

[...] Eu sinto como se ‘tivesse no Brasil, é a mesma coisa. Aqui até melhorou! Aqui eu saio mais, lá não saía tanto... No final de semana sai todo o mundo junto. Aqui é...aqui é melhor! [risos]

[...] É tão difícil... mudar? Não sei... o que mudaria?...Ai eu não sei... eu gosto de ser brasileira, mas eu mudaria a minha nacionalidade...para portuguesa. [Mas pode mudar, não pode? Passado uns tempos...] Passado uns anos, pode! [...] Brasil é só mesmo para passear! Mas eu mudaria...ficar aqui definitivamente e ir lá só para passear. Falei para o meu marido!

[...] Olha...a dificuldade que eu encontrei aqui...que quando uma pessoa ‘tá mudando de país, não é bem dificuldade, é uma coisa necessária. Se tivesse legal [legalizada], ‘tava tudo certo. Mas como não ‘tá...até legalizar. Agora que vai chegar a residência dela [da filha] vai melhorar...

[...] [Mas, portanto, você aqui não tinha direito a usufruir da saúde, como se fosse um português, não é?] É, é! É isso. Urgência eles fazem na mesma. Mas não tem possibilidade de marcar consultas de rotina, só particulares. Agora, quando ela receber a residência, já vai ter direito a essas coisas. [A filha não tem autonomia] É assim, eu vou trabalhar...mas se ficar dizendo “coitadinha” aí ela nunca vai andar por ela... né? Mas a vida ‘tá boa...

[...] Tanto que eu gosto daqui, que me sinto já como se tivesse nascido aqui... Eu gosto muito daqui. Lá não tem futuro. A vida é melhor aqui. Aqui é tranquilo. Você pode sair a qualquer hora, você pode chegar a qualquer hora. Lá no Brasil, você nem pode usar um fio de ouro. Não pode. Da outra vez que eu fui lá, meu marido comprou para mim: brinco e cordão. Meu marido entrou numa loja e eu disse: “Não vou não, eu fico aqui...” De repente, eu só encontro...não chegou nem a dois minutos...alguém puxou e levou! Os brincos não, não deu tempo...E lá às vezes usa...que parece, mas nem é ouro. Nunca pensei! Aqui não, você pode comprar, você pode usar o que você quiser, pode viver tranquilo...

4.8. Entrevista B8 — Neusa

Perfil sumário

Neusa tem 47 anos e é natural de Salvador da Bahia. É casada e vive na Cruz de Pau com o marido e com as três filhas (de 18, 14 e 9 anos). Trabalha nas limpezas em várias casas da margem Sul do Tejo. Apenas numa casa o trabalho é fixo, nas demais os dias e horas que Neusa trabalha dependem das necessidades das patroas, daí que a remuneração auferida no final do mês seja também muito variável — entre 400 e 900 euros mensais.

No Brasil, tirou um curso técnico de Contabilidade, com a duração de três anos. É católica praticante, vai à missa e as suas filhas são baptizadas. Na sua opinião a religião desempenha uma função importante para os imigrantes que se encontram numa condição mais solitária que a generalidade da população: *“Eu acho [por serem imigrantes] que a gente ainda se tem que apegar mais, que a gente ‘tá muito sozinho aqui, fora da família e aí a gente tem que se apegar a alguma coisa boa! [enfático] Não se apegar a coisa ruim e dizer «Ah, eu sou imigrante, ‘tou fazendo isto...»...Não! E a gente se apegou à coisa boa, que a gente já trouxe do Brasil, que é a religião”*.

Em termos de política interessa-se pela política portuguesa, uma vez que vive em Portugal (e não pela política do Brasil) mas não acredita nos políticos: *“É assim, a gente não ‘tá acreditando muito nos políticos... [risos] Então, eu...não tenho assim um partido concreto, não...porque eu acho que ‘tá tudo errado! [risos]”*.

Em termos de clubes desportivos, não pertence a nenhum, apesar de as filhas terem cada uma o seu clube. Mas quando as selecções do Brasil ou de Portugal jogam, “torce” por elas.

A história de Neusa

Portugal foi o primeiro destino imigratório de Neusa, mas o seu marido já tinha estado em Inglaterra. Ele não se adaptou a Inglaterra, sentiu dificuldades com a língua e saudades da família. A razão da escolha de Portugal prendeu-se com o facto de a cunhada (irmã do marido) estar a trabalhar em Portugal e ter incentivado a vinda da família para cá.

No Brasil, antes de vir para Portugal, Neusa tomava conta das filhas e não trabalhava fora de casa. Em solteira, tinha trabalhado como gerente de uma fábrica de móveis (ganhando menos do que ganha actualmente em Portugal), mas depois de casar e de engravidar o marido não a deixou continuar a trabalhar. Como não tinham que pagar renda, o ordenado do marido era suficiente, mas com o nascimento das outras duas filhas a situação económica do casal agravou-se, mas não era fácil Neusa arranjar trabalho porque não tinha experiência de trabalho. Estavam economicamente dependentes do pai e da sogra de Neusa.

Neusa chegou a Portugal de avião no dia 12 de Fevereiro de 2002, com um visto de turismo de três meses, estando em Portugal no momento da entrevista há aproximadamente cinco anos e meio. Fez a viagem acompanhada pelo pai (refere o facto de ser filha única), e a primeira diferença que encontrou foi o frio de Fevereiro (tinha partido de Salvador com quarenta graus). O pai de Neusa ficou nove meses de férias com eles em Portugal, e depois regressou ao Brasil e ao seu trabalho na prefeitura. A decisão de imigrar foi do casal, e o marido tinha vindo primeiro para arranjar trabalho, casa e a viagem de Neusa. A mãe de Neusa não queria que ela viesse, mas aceitou quando Neusa lhe falou dos aspectos em que a vida poderia melhorar: *“Minha mãe não queria que eu viesse, e aí «vai, não vai, vai, não vai» e aí, quando eu falei que aqui é que era bom, mais calmo, que as meninas iam ter mais tranquilidade, numa escola boa, que eu ia ‘tar trabalhando...então aí, pronto, vamos embora e acabou”*. Entretanto Neusa não conseguiu fazer qualquer viagem até ao Brasil, e não voltou a ver a mãe, que faleceu em 2007. Entretanto, o pai veio a Portugal, bem como outros familiares.

Quando chegou a Portugal ficou dois anos num apartamento na Cruz de Pau, depois dois, três anos, num nos Foros de Amora e depois noutro de novo na Cruz de Pau e, finalmente (há dois meses atrás), comprou um apartamento na Cruz de Pau, onde actualmente residem.

Em termos de rede de apoio, para além da cunhada, que incentivou a vinda e que, entretanto, voltou para o Brasil, contou com a sobrinha (filha da cunhada) e com o cunhado. Depois de Neusa ter vindo, para além da visita de vários familiares, um sobrinho veio para Portugal, estando cá há dois anos. Neusa também contou com a ajuda de portugueses.

Actualmente Neusa já tem autorização de residência, bem como o marido mas relata que não foi fácil, atendendo a não ter contrato fixo. Salienta os custos da obtenção da autorização de residência.

“Foi muito difícil, muito difícil...se o banco não empresta dinheiro para a gente, (e ‘tou pagando até hoje) a gente não tinha conseguido: Eu fui pegar o visto e nós pagámos o quê? Quase 4000 euros, porque foi 500 da minha, dele e da minha filha mais velha e

250 euros para cada uma das minhas mais pequenas, fora o visto que era 84 euros... quer dizer, foi muito dinheiro...tive que pedir dinheiro emprestado no banco. Foi muito difícil, muito difícil...se o banco não empresta dinheiro para a gente, (e 'tôu pagando até hoje) a gente não tinha conseguido...".

Neusa demorou pouco tempo a arranjar trabalho, porque veio substituir a cunhada no trabalho, numa empresa de limpezas. Fazia a limpeza de um restaurante. Trabalhou um ano e, depois, sem dificuldades, arranjou outro trabalho numa casa particular, em que teve problemas com uma patroa de feitio difícil. Apesar de tudo ter corrido relativamente bem com os seus trabalhos (com excepção da sua relação com a referida patroa), Neusa conta as dificuldades que o marido tem encontrado no trabalho nas obras, tendo tido sistematicamente problemas com patrões que não lhe pagavam, sendo muitos dos problemas com subempreiteiros angolanos e cabo-verdianos: *"E eram os de cor...os que faziam isso com ele...Quem mais passa perna aos brasileiros aqui são os patrões de cor... angolanos, cabo-verdianos...é. Tem muito subempreiteiro, e aí a culpa é colocada nos outros, entendeu? Teve um mesmo, que trabalhou o mês todo, ficou com 600 euros, e eu fui falar com ele, né? Porque a gente ficou praticamente sem pagar a renda e na época foi quando eu fiquei doente, não podia trabalhar muito e eu fui conversar com ele e ele: «Ah...mas o outro, o senhor subempreiteiro não me pagou...». Quer dizer...Quem contratou foi ele. Então...a gente passou por muito, e aí eu 'tava doente. Meu marido... passaram muita perna nele, mas muita mesmo. Os patrões dele...ele trabalhava o mês inteiro e eles não pagavam".*

Actualmente, o seu horário de trabalho é variável — entre as cinco e as oito horas diárias, sendo a média de oito horas. Sentiu-se alvo de preconceito por parte da segunda patroa: *"Eu cheguei a ter vontade de bater na portuguesa! [risos] Ela virou para mim e disse: «Ah, as brasileiras são todas umas prostitutas» e eu: «Não, eu não sou. Sou casada e sou muito bem casada, graças a Deus». Era muito descontrolada ela. Muito descontrolada".*

A filha mais pequena, com nove anos, tem uma ama que cuida dela (quando o pai de Neusa estava em Portugal, ele cuidava da neta).

Com três filhas e com uma renda elevada (nunca pagou menos de 450 euros de renda, e só comprou casa há dois meses) não conseguem economizar dinheiro para mandar para o Brasil, mas, na realidade, os familiares não necessitam.

Houve uma mudança inevitável de papéis em resultado da imigração, porque enquanto que no Brasil Neusa não trabalhava fora de casa, agora trabalha, e, assim sendo, dividem as tarefas, chegando o marido a fazer mais tarefas (no Brasil, mesmo com Neusa em casa, o marido também fazia tarefas domésticas).

Neusa sente-se integrada na sociedade portuguesa, e justifica essa sensação devido à sua ascendência portuguesa: *“Considero [integrada]. Sim. Primeiro porque minha família tem descendência portuguesa [risos]. Meu bisavô era português, tanto que me nome é Neuza Guimarães de Oliveira”*.

Neusa assiste a novelas brasileiras (quando não se sente cansada) e assiste a canais brasileiros, nomeadamente ao Record. Assiste a telejornais no Record ou na SIC, principalmente ao fim-de-semana.

Se pudesse melhorar alguma coisa na sua vida, queria ajudar as suas amigas portuguesas, que a ajudaram muito.

Depois de chegar a Portugal, nunca viajou até ao Brasil, e nunca tira férias (a patroa para quem trabalha regularmente dá-lhe férias, subsídios, mas ela aproveita esse tempo para ganhar dinheiro noutros trabalhos).

Comunica com os familiares, em particular com o pai, por telefone e por internet, principalmente ao fim-de-semana.

Os tempos livres são aproveitados para as limpezas e para as compras, para dar mais apoio às filhas. As filhas vão à praia com a colónia de férias da igreja porque Neusa e o marido não têm carro (nem muito tempo livre). As filhas visitam vários locais do país nos passeios da escola, mas Neusa só conhece Fátima, a Batalha, a Nazaré e Mafra.

A sua relação com os portugueses é boa, e sempre foi. Considera os portugueses muito diferentes dos brasileiros: mais stressados, mais mal-educados, mais deprimidos mas encontra em Portugal mais segurança do que no Brasil. Pensa que os portugueses gostam dos brasileiros apesar de haver alguns que pensam que os brasileiros lhes vieram tirar trabalho: *“Às vezes a gente acha um ou outro que fala: «Os brasileiros vêm para cá para tomar o lugar da gente»...como eu vejo às vezes na paragem do autocarro, umas que comentam...mas é só isso. Aquelas já velhas, mais velhas, aquelas que comentam. Eu acho que ninguém toma o lugar de ninguém, se você tem competência, ninguém toma o lugar de ninguém. Porque ninguém nunca tomou o meu lugar. Desde que eu cheguei aqui, nunca ninguém tomou o meu lugar. Então...acho que isso não tem nada a ver”.*

Está satisfeita com o projecto migratório e, se fosse hoje, voltaria a tomar a mesma decisão: *“Voltava, voltava a tomar, tanto que eu não quero voltar para o Brasil mais”.*

Neusa sente saudades das pessoas da família que tem no Brasil, e não do Brasil em si. O trabalho do marido (revisor de autocarro) era muito arriscado, e ela receava sempre que lhe acontecesse alguma coisa, sentia uma enorme insegurança, as filhas não podiam sair de casa: *“Houve um dia mesmo em que a gente ‘tava dormindo, jogaram uma pedra na janela, no quarto, para saber se tinha gente...era ladrão. Mas, graças a Deus, meu marido levantou. Entretanto, com dois meses que eu ‘tava aqui, eu deixei minha casa fechada [no Brasil] com as minhas coisas lá dentro, o ladrão entrou lá e roubou tudo! [risos] Levaram minhas coisas todas...”*

O que mais a marcou da história do Brasil foi a impugnação do mandato do Collor de Mello e *“O que me lembro mais é minha mãe falando que na época da ditadura era melhor do que [a época] de hoje...porque as coisas não subiam tanto, na época do militarismo, o que eu ouvia sempre era minha mãe falando isso. Não me lembro, porque eu também era muito pequena”.*

O Brasil não é central para a sua identidade, mas gosta do seu jeito de ser: *“É assim, é bom ser brasileira, por causa do meu jeito assim. Só que pelo meu país, não, ‘tá valendo a pena ser brasileira. Não ‘tá valendo a pena. É um país tão grande e tão...”*

mau". Os símbolos são pouco importantes e a recordação do país não é importante para superar dificuldades.

Neusa e toda a família querem continuar a viver em Portugal. A casa que têm no Brasil foi-lhes oferecida pelo pai, como presente de casamento e já esteve arrendada e Neusa já pensou em vendê-la, mas no Brasil é difícil vender uma casa, porque não há dinheiro.

Não tenciona ir viver para nenhum outro país, apesar de ter pensado em Espanha por o salário ser melhor, mas como as casas são mais caras...

Sente que Portugal constitui um espaço de oportunidades para as filhas: *"É, elas 'tão melhor aqui...em tudo, educação...amizade. 'Tão melhor aqui"*.

Sente que a imigração não a transformou enquanto pessoa, que continua com as mesmas características.

Em relação à questão de se sentir brasileira/portuguesa, Neusa responde: *"[Risos] É assim... eu sou brasileira, é meu país...mas eu gosto muito daqui. Eu gosto muito daqui, de 'tar aqui, não quero ir embora, mas eu me sinto brasileira, porque é meu país. É o país da gente, no dia em que não der certo e a gente quiser ir embora, eles vão acolher a gente de qualquer forma. 'Tou a falar da minha família também, que eu tenho uma família muito unida...porque tem muita gente que não vai embora porque não tem nada lá, não tem família, eu não. 'Tou muito bem...eu 'tou sempre bem da vida!"*

Afirmações mais significativas

[...] Eu acho [por serem imigrantes] que a gente ainda se tem que apegar mais, que a gente 'tá muito sozinho aqui, fora da família, e aí a gente tem que se apegar a alguma coisa boa! [enfático] Não se apegar a coisa ruim e dizer "Ah, eu sou imigrante, 'tou fazendo isto..."... Não! E a gente se apegou à coisa boa, que a gente já trouxe do Brasil, que é a religião.

[...] E depois disso não voltei lá mais. Tem seis anos que ‘tou aqui e ainda não voltei ao Brasil. [risos] A minha mãe também não veio...que a minha mãe faleceu o ano passado. Meu pai é que veio...

[...] É, é. Eu fui pegar o visto, e nós pagámos o quê? Quase 4000 euros, porque foi 500 da minha, dele e da minha filha mais velha e 250 euros para cada uma das minhas mais pequenas, fora o visto que era 84 euros...quer dizer, foi muito dinheiro...tive que pedir dinheiro emprestado no banco. Foi muito difícil, muito difícil...se o banco não empresta dinheiro para a gente, (e ‘tou pagando até hoje) a gente não tinha conseguido.

[...] E aí eu falei: “Não, vou sair...” e saí, e já tem cinco anos que eu saí de lá. Eu cheguei a ter vontade de bater na portuguesa! [risos] Ela virou para mim e disse “Ah, as brasileiras são todas umas prostitutas” e eu “Não, eu não sou. Sou casada e sou muito bem casada, graças a Deus”. Era muito descontrolada ela. Muito descontrolada.

[...] A gente passou por muito sufoco por causa disso. Tinha patrão que ficou mesmo devendo 500, 600...teve outro que ficou devendo o salário todinho do mês. E eram os de cor...os que faziam isso com ele...Quem mais passa perna aos brasileiros aqui são os patrões de cor... angolanos, cabo-verdianos ... é. Tem muito subempreiteiro, e aí a culpa é colocada nos outros, entendeu? Teve um mesmo que trabalhou o mês todo, ficou com 600 euros, e eu fui falar com ele, né? Porque a gente ficou praticamente sem pagar a renda e na época foi quando eu fiquei doente, não podia trabalhar muito, e eu fui conversar com ele e ele: “Ah...mas o outro, o senhor subempreiteiro não me pagou...”. Quer dizer...Quem contratou foi ele. Então...a gente passou por muito, e aí eu ‘tava doente. Meu marido... passaram muita perna nele, mas muita mesmo. Os patrões dele...ele trabalhava o mês inteiro e eles não pagavam.

4.9. Entrevista C1 — Sónia

Perfil sumário

Sónia tem 39 anos e é natural do Tarrafal, ilha de Santiago. Com apenas três anos veio viver para Portugal. É casada e vive na Quinta da Princesa,⁹ na Cruz de Pau, com o marido e com a filha.

É empregada doméstica, trabalhando numa casa na Cruz de Pau. Estudou até ao 8.º ano. Trabalhava e estudava, mas teve um problema de saúde e teve que deixar de estudar. Mais tarde tirou um curso de animadora sócio-cultural, com a duração de um ano. Gostava de estudar. É testemunha de Jeová e tem reuniões (encontros) três vezes por semana com pessoas de diferentes nacionalidades.

Não se interessa nem acompanha a política em Portugal. Tem nacionalidade portuguesa, mas não vota. Não pertence a qualquer grupo desportivo, mas já fez ginástica aeróbica.

A história de Sónia

Portugal foi o primeiro destino imigratório de Sónia, e a decisão de imigrar foi do seu pai, que terá vindo para este país por causa do crioulo ser parecido com o português e por ser mais fácil arranjar trabalho. Sónia está em Portugal desde 14 de Agosto de 1972 (tem algumas dúvidas quanto ao dia exacto), ou seja, há trinta e sete anos atrás. Quando Sónia veio para Portugal, o pai já cá estava a trabalhar, e o patrão tinha-lhe arranjado uma “baraca de tijolos” onde morar. Sónia fez a viagem com a mãe e com dois irmãos, tendo o irmão mais velho ficado em Santiago com a avó e tendo-se mais tarde juntado à família. Na decisão de imigrar, os pais de Sónia contaram com o apoio de toda a família. São grandes as dificuldades em encontrar trabalho em Cabo Verde, em particular em tempos de seca.

⁹ A Quinta da Princesa é um bairro da Cruz de Pau (margem Sul do Tejo) maioritariamente habitado por indivíduos originários dos PALOP.

Viveu algum tempo na Torre da Marinha e, com dez anos, foi viver para a Quinta da Princesa, local onde vive até hoje.

Quando chegaram, contaram com o apoio de um irmão, que tinha vindo de São Tomé, e de uma senhora portuguesa, que ajudou o pai a trazer a família, e que mais tarde os apoiou quando eles chegaram.

Antes do trabalho actual, como empregada de limpeza numa casa particular, tinha trabalhado numa outra casa particular e numa fábrica de cablagens de automóveis.

Sónia está muito satisfeita com o trabalho actual, e tem um horário de trabalho muito reduzido. Trabalha das 9 às 11.30 horas durante os dias úteis, e ganha um bom ordenado cujo valor não especifica. Almoça em casa da patroa, e depois vai para casa. Já trabalhou noutra casa de um familiar da actual patroa, três vezes por semana, da parte da tarde, mas agora que essa pessoa teve que vender a casa, a actual patroa paga o ordenado como se ela continuasse a trabalhar nessa casa.

Apesar de não sentir preconceito no seu trabalho considera que existe muito preconceito na sociedade portuguesa, e refere diversas situações em que o marido trabalhou nas obras e não recebeu, ou recebeu tardiamente. Este comportamento verifica-se não só da parte de portugueses relativamente aos cabo-verdianos, mas também entre cabo-verdianos: *“E agora já se nota também não só pessoas da...vossa raça, como também as pessoas da nossa raça já fazem isso às pessoas. Já fazem isso, aos negros”*.

Sónia considera que os portugueses preferem empregar imigrantes a nacionais, para terem mais oportunidades de os explorar. Na sua opinião, os portugueses preferem, ainda, empregar imigrantes de Leste, a cabo-verdianos, uma vez que estes últimos, estando há mais tempo em Portugal, já estão mais precavidos em relação a situações de exploração: *“Até porque eles agora só querem pessoas imigrantes para poderem explorar e fazer o que eles querem. [E preferem mais que imigrantes? Cabo-verdianos?] Cabo-verdianos menos, porque já estão cá há mais tempo e já sabem mais do que é que a casa gasta, mas outra raça que vem, que eles querem explorar, mais os de Leste...”*. Os imigrantes de Leste sujeitar-se-iam a ordenados mais baixos, facto que faria descer os ordenados dos cabo-verdianos: *“Sim, sim. E ele [marido] já ‘tá habituado a um ordenado, embora pouco,*

mas ‘tá habituado a um ordenado...e depois como os outros imigrantes vêm com o objectivo de trabalhar e mandar dinheiro para a família porque lá ganham muito menos que cá. Então, qualquer ordenado que lhes ofereçam é bom para eles. Porque é muito mais do que eles recebem lá. Mesmo que for o ordenado mínimo ou menos que o ordenado mínimo, eles aceitam, porque lá ganham menos. ‘Tou a falar dos do Leste (ucranianos) dos cabo-verdianos, dos russos. Eles ‘tão sujeitos a receber o mesmo que recebem os ucranianos, passaram a receber menos desde que eles vieram”.

Sónia acrescenta que não observa contacto e relacionamento entre os cabo-verdianos e imigrantes de outras nacionalidades, mas contacto entre portugueses e cabo-verdianos, facto que justifica da seguinte forma: *“Não vejo eles com outras raças. Talvez já estejam mais habituados...os de Leste e esses começaram a vir agora...”*

Sónia sente racismo na sociedade portuguesa, refere que a sua avó sente, que a sua filha também sente na escola e que ela própria sente da parte dos pais dos colegas da filha: *“Sinto, sinto muito racismo. A minha avó, também. Até nas escolas...a minha filha também sente racismo. Acho que nós somos todos iguais, não é? [A filha está na escola primária, não é?] Sim, na escola primária e um dia ouviu uma colega a dizer a outra colega: “Não brinques com pretos!” e a minha filha ficou triste pela colega ter dito isso. E eu também sinto racismo da parte dos pais, às vezes a gente dá «boa tarde» a elas e elas não respondem...quando vou levar a minha filha à escola”. Relata experiências de racismo que lhe foram contadas por outras pessoas: “Tem uma empregada...que ela trabalha aqui...e então ela diz que as colegas...(ela é empregada de limpeza, não é...)...portanto, ela faz o trabalho dela e ela faz o trabalho das outras colegas, quando faltam. Então, ela falou sobre esse assunto porque não ‘tava a gostar...e então eles disseram: «Ah, tu és diferente, tu és de ferro» e ela disse que não, que era igual a elas...que assim como as outras sentem na pele, que ela sente a mesma coisa”.*

Refere que a própria cor determina a não-aceitação dos negros para o exercício de determinados trabalhos: *“E outros casos...uma vez eu fui arranjar trabalho, já foi há muitos anos, e então ‘tava lá o papel a dizer: “Precisa-se de empregada”. Era um trabalho...acho que*

era numa loja...e eu cheguei lá e fui falar com o senhor, diz que ‘tava ali que precisava de empregada e eu precisava de emprego, então eu falei com a dona da loja e então ela disse que já ‘tava tudo preenchido e eu vi o papel lá na porta... Aconteceu o mesmo com outra moça que me contou, mas a outra chegou a tirar o papel da porta. Não precisava, então tinha de tirar o papel, não é? Aparece uma pessoa negra, o papel continua lá e diz-me que já ‘tá preenchido...” Sónia reconhece que também existe “racismo” e rivalidades entre pessoas originárias de diferentes ilhas de Cabo Verde. Dá o exemplo da rivalidade entre os naturais da sua ilha, Santiago, os “badios” e os naturais da ilha do marido, São Vicente, os “sampadjudos”.¹⁰

Apesar de ter vindo muito pequena para Portugal, Sónia ouve música cabo-verdiana, de que gosta por causa do ritmo mexido: funaná, coladeira e outros ritmos de que já não mais recorda o nome. Quando se refere a essas músicas diz: *“E gosto, também é da minha terra”*. Quando questionada sobre a culinária acrescenta: *“Fazemos os pratos típicos de Portugal e também fazemos os pratos típicos da nossa terra. Cuscuz, cachupa, feijão congo...”*.

Outros aspectos que reflectem a ligação de Sónia ao local onde nasceu é assistir à RTP África e acompanhar o que se vai passando em Cabo Verde. Relaciona-se também mais com cabo-verdianos. Apesar da ligação, nunca voltou a Cabo Verde.

Tem poucos familiares em Cabo Verde (o marido tem mais familiares) e comunica com eles por telefone e, pontualmente, escreve cartas e cartões. Os tempos livres são passados em casa com a família, a passear, a ler, a ir ao cinema. No Verão vai à praia.

Os portugueses são pessoas que gostam de “estar no seu cantinho” e que evitam “misturas”. Fecham-se muito e limitam-se a cumprimentar as pessoas. Não sabe como a vêem. Pouco recorda de Cabo Verde, mas as narrativas dos familiares ajudam-na a compor e construir as memórias perdidas: *“Recordações que eu tenho de Cabo Verde é muito pouquinho... só me lembro de uma rocha e de uma praia! De resto não me lembro de mais nada. Com três anos, também...Mas oiço falar de pessoas, familiares que...vieram mais tarde e que falam*

¹⁰ Santiago integra as ilhas de Sotavento e São Vicente as ilhas de Barlavento. Em Cabo Verde há dois dialectos, o badio de Barlavento e o sampadjudo de Sotavento.

sobre isso”. Sente que perdeu algo, que algo ficou para trás no tempo da sua vida: “*Não me lembro muito bem. É como uma coisa que perdi, que ficou para trás*”. Os símbolos do país — hino, bandeira — não são importantes. Sónia tem esperança de um dia voltar a Cabo Verde para recordar e para recuar no passado, até aos momentos desse passado que de tão importante terá marcado toda a sua existência: “*Tenho esperança de um dia conhecer a minha terra, para poder lembrar quase todas as coisas. Não me lembro, não é? Gostava de voltar para recuar no passado! [risos]*”.

Não tenciona ir viver para Cabo Verde, porque reconhece as dificuldades da vida no país, mas o marido tenciona voltar (contrariamente a Sónia, o marido veio de Cabo Verde com 24 anos, há dez anos atrás) e resta saber como no futuro se conciliarão estes dois projectos distintos.

Sónia considera Portugal como um espaço de oportunidades para a sua filha. Sente-se mais portuguesa do que cabo-verdiana.

Afirmações mais significativas

[...] O meu marido trabalha nas obras, chega ao final do mês, o patrão diz que vai pagar e fica com um mês sem pagar...fim do mês é fim do mês, né? [O marido está legalizado] Mas mesmo assim, estando ele legalizado, exploram. Por exemplo, ele entra no princípio do mês e, depois, no fim do mês, não pagam. Deixam mais dum mês e só depois é que pagam...e muitos deles não pagam. Ficam com o dinheiro e não pagam. E se a pessoa ficar lá a trabalhar a ver se lhe pagam, não pagam...a pessoa tem que vir embora sem o dinheiro. E isto acontece com outras pessoas. Houve uma vez que o meu marido teve que partir para a agressão...porque uma pessoa, trabalhar no duro, e depois chegar ao fim do mês sem dinheiro... [E o que é que eles dizem, quando chega o final do mês o que é que eles dizem?] Dizem “ah, não há dinheiro...” Não há dinheiro...uma pessoa tem de pensar se tem dinheiro antes de pôr a pessoa no trabalho, não é?

[...] E agora já se nota também não só pessoas da...“vossa raça” como também as pessoas da “nossa raça” já fazem isso às pessoas. Já fazem isso, aos negros.

[...] Sinto, sinto muito racismo. A minha avó, também. Até nas escolas...a minha filha também sente racismo. Acho que nós somos todos iguais, não é? [A filha está na escola primária, não é?] Sim, na escola primária e um dia ouviu uma colega a dizer a outra colega: “não brinques com pretos!” e a minha filha ficou triste pela colega ter dito isso. E eu também sinto racismo da parte dos pais, às vezes a gente dá “boa tarde” a elas e elas não respondem...quando vou levar a minha filha à escola. Notei que os negros não dão “boa tarde” às pessoas de raça branca e as pessoas negras...Eu acho que o racismo... acho que, hoje em dia, a maioria das pessoas são racistas.

[...] Em geral, eles são pessoas que...gostam de ‘tar no seu cantinho e fazer a vida delas, normal, como toda a gente. E...não gostam de misturas.

[...] Recordações que eu tenho de Cabo Verde é muito pouquinho...só me lembro de uma rocha e de uma praia! De resto não me lembro de mais nada. Com 3 anos também... Mas oiço falar, de pessoas, familiares que...vieram mais tarde e que falam sobre isso.

[...] Eu sinto-me mais portuguesa do que cabo-verdiana. Porque de Cabo Verde não me lembro de muita coisa, e eu já ‘tou aqui desde os três anos, então, sinto-me mais portuguesa. As pessoas...as pessoas que eu conheço cá...os pratos portugueses também, já ‘tou habituada a eles [risos], e também já quase não tenho família em Cabo Verde.

4.10. Entrevista C2 — Madalena

Perfil sumário

Madalena tem 54 anos e é natural da ilha de São Nicolau. Com dezoito anos veio viver para Portugal. É casada e vive na Cruz de Pau com o marido e com os quatro filhos.

É empregada doméstica, mas no momento da entrevista está desempregada. Estudou só até ao 4.º ano, porque escrevia com a mão esquerda e a professora batia-lhe e os colegas gozavam com ela. É testemunha de Jeová e tem reuniões (encontros) três vezes por

semana com pessoas de diferentes nacionalidades. Considera que a religião lhe dá ânimo para enfrentar as dificuldades.

Não se interessa nem acompanha a política em Portugal. Não pode votar (nas eleições presidenciais e nas legislativas) porque não tem a nacionalidade portuguesa, mas, se tivesse, também não votaria.

A história de Madalena

Apesar de referir ter estado duas vezes na Holanda (país em que reside uma filha), Portugal foi o primeiro destino imigratório de Madalena. Chegou a Portugal com 18 anos, mas com 16 anos tinha já saído da sua ilha e ido para a ilha do Sal. Na sua ilha natal ajudava os irmãos na agricultura — apanhava feijão e carregava milho e ajudava a mãe nos trabalhos domésticos. Em resultado de uma grande seca a família mudou-se para a ilha do Sal, mudança incentivada por um irmão, que lá se encontrava. Madalena recorda como tiveram que empurrar um barril de cinquenta litros com os pertences, desde Pedra do Lume até Espargos, recordação que a marcou. No Sal, trabalhava em casa de uma senhora dos Açores, que a queria trazer para Portugal, mas ela desconfiou que ela depois não lhe pagaria e não aceitou. Mas, com 18 anos, por decisão própria, animada pela coragem que sempre a marcou (*“Eu sempre fui corajosa”*) emigrou para Portugal. O pai deu-lhe a herança dos avós, que lhe permitiu pagar a viagem, tendo ainda sobrado dinheiro: *“O meu pai deu-me quatro contos, o dinheiro da passagem era menor, comprei a passagem e ainda sobrou!”*. Veio no avião com uma cunhada, mas ambas tinham destinos diferentes.

Madalena chegou a Portugal no dia 5 de Julho de 1973, ou seja, há trinta e seis anos atrás. Na decisão de imigrar contou com o apoio da família. Quando chegou a Lisboa foi trabalhar para uma pensão de uma senhora cabo-verdiana. No aeroporto ninguém a esperava, mas encontrou alguém que disse que conhecia a família dela e que a levou até à dona da pensão: *“Mas ele me levou, direitinho. Então ele levou-me à casa e cheguei a falar assim...que vinha sozinha e triste da família e ajudava a senhora a fazer esse trabalho”*. Dormia na pensão e ajudava a proprietária. Em seguida foi para uma casa de

freiras, que lhe arranjaram uma patroa. Mas Madalena não gostava da roupa que tinha que vestir: *“E depois quando cheguei lá, uma delas arranjou-me uma patroa, que era uma senhora de idade. E depois davam-me umas roupas que eu não gostava! Era vestido preto até ao pé, gola branco e cintão branco. [Mas era de alguma ordem religiosa?] Não, não, antigamente era assim. A senhora [patroa] já ‘tava acamada, mas tinha uma enfermeira que ia cuidar dela e eu tratava da casa. Tive de sair da pensão e dormia... tinha o meu quarto nas freiras. Eu não gostava da roupa... empregada antigamente vestia-se assim mesmo”*. Mais tarde arranjou outra patroa onde ganhava mais e depois uma outra com quem se veio a desentender. Posteriormente perdeu-se em Lisboa, um homem ajudou-a e encontrou outra patroa. É notório o grande número de patroas para quem Madalena trabalhou.

Engravidou antes de casar. Quando o marido veio para Portugal, foi viver, inicialmente, para o Algarve, mais tarde foram morar juntos para uma barraca e depois para uma casa na Quinta da Princesa. Devido aos problemas no bairro,¹¹ há seis anos atrás comprou outra casa na Cruz de Pau (de que está a pagar o empréstimo).

Actualmente, em Cabo Verde, Madalena só tem os primos. A mãe veio para Portugal um ano depois de Madalena, tendo entretanto falecido. O pai também veio e morava no Algarve, bem como outros familiares. Entretanto, também o pai faleceu.

Neste momento, Madalena encontra-se desempregada, e considera que a situação nunca foi tão difícil como agora. Tem que pagar o empréstimo da casa (ela fala em renda, mas trata-se de uma casa comprada) e só contam com o ordenado do marido que pinta casas (os filhos também realizam o mesmo trabalho).

Enviam para Cabo Verde algum dinheiro, para ajudar a sogra (a cunhada que está com a sogra teve um acidente há muitos anos e encontra-se numa cadeira de rodas).

11 O bairro da Quinta da Princesa é um bairro da Cruz de Pau habitado por grande número de imigrantes, essencialmente africanos sendo comuns os problemas de vandalismo.

Em termos de integração, Madalena sente-se imigrante (apesar de estar há tantos anos em Portugal).

Relativamente a hábitos culturais, gosta de dançar e de ouvir músicas de Cabo Verde. Quando ouve kizomba, sente saudades da sua terra.

Faz pratos típicos de Cabo Verde, como cachupa e caldo de peixe (uma espécie de caldeirada) e os filhos apreciam esses pratos.

Assiste à RTP-África, canal de que gosta muito. Dá-se bem com portugueses e com cabo-verdianos, mas mais com portugueses. Explica esse facto por, no sítio onde habitava, não viverem cabo-verdianos da sua ilha, o que indicia um sentimento de identificação, não com a nacionalidade cabo-verdiana em geral mas com os naturais da ilha de origem.

Face à questão do que gostaria de mudar na sua vida, responde que gostaria de regressar à sua terra. Desde que está em Portugal foi duas vezes a Cabo Verde. A primeira foi aproximadamente dez anos depois de ter chegado, ou seja, mais ou menos em 1983. Tinham passado dez anos, e sentiu-se emocionada. A segunda e última vez foi em 2001. Entretanto, as suas filhas já foram a Cabo Verde, e gostaram, mas os filhos rapazes nunca manifestaram esse desejo. Madalena explica: *“Fazem a vida como se fossem portugueses e são [Nasceram todos em Portugal]”*. Se tivesse possibilidade Madalena iria a Cabo Verde todos os anos, tanto mais que, aquando das partilhas, comprou aos irmãos a parte que lhes pertencia da casa dos pais: *“Tenho lá uma casinha, aquelas casinhas antigas, não é? Eu por mim, estava a morar naquela casinha. Eu fazia assim típica, pintava bem pintadinha, não tirava nada”*. Esta declaração denota o desejo de manter a casa intacta, tal como a recorda.

Comunica com os familiares espalhados pelo mundo por telefone não recorrendo à internet (meio mais utilizado pelos seus filhos). Cartas e postais são meios de comunicação utilizados pontualmente.

Adjectiva a relação com os portugueses de “ótima”. Quando chegou a Portugal sentiu diferenças entre portugueses e cabo-verdianos, mas actualmente não encontra diferenças.

Não relata experiências de preconceito, mas refere um incidente com o vizinho (o relato faz supor que administrador do condomínio), que foi às finanças verificar se a casa pertencia a Madalena e a quem ela chamou “racista”.

A seca na sua ilha de origem, foi o acontecimento que mais a marcou, uma vez que a sua família estava dependente da agricultura. Como já referido, a seca originou a migração da família para a ilha do Sal.

Escutar o hino de Cabo Verde traz a saudade e recordar o país ajuda a superar as dificuldades. Em termos de projectos futuros quer Madalena quer o marido tencionam regressar a Cabo Verde. Considera a possibilidade de vender a casa da Cruz de Pau e a casa e o terreno que tem no Algarve (e que se pressupõe ser herança do pai). Não tem uma data definida para o regresso. Não é a São Nicolau, em que nasceu, nem ao Sal, em que viveu dois anos, que tenciona voltar, mas à ilha de Boavista, que não conhece, mas que ouve dizer ser linda.

Considera ainda a possibilidade de imigrar para outro país, como a Holanda (onde já esteve, pressupõe-se de visita à filha, que lá mora), a França ou a Suíça. As transformações em si, em resultado da imigração, foram grandes, o que se compreende, atendendo a que tinha apenas dezoito anos quando chegou a Portugal. A força interior, o que Madalena designa de “vontade”, essa permanece: *“Eu vim muito jovem... Eu tenho mais de Portugal, já vivi mais em Portugal, do que em Cabo Verde. Quando eu vim, na altura, eu sabia o que os meus pais me tinham ensinado. Sem experiência nenhuma. Eu tive que aprender sozinha. Por um lado, foi difícil, por outro lado eu tinha uma vontade, não sei donde que eu tinha! E ainda tenho, ainda tenho”*.

Madalena sente-se cabo-verdiana, mas de portuguesa “Posso ter um bocadinho!”.

Afirmações mais significativas

[...] De São Nicolau, para a Ilha do Sal, fui obrigada a ir. Da Ilha do Sal, para Portugal, foi pela minha própria vontade. [Na Ilha do Sal] Trabalhava na casa de patroa, ganhava pouco, mas toda a gente fazia isso.

[...] Eu sempre fui corajosa! [Em relação ao dinheiro para a viagem] O meu pai deu-me quatro contos, o dinheiro da passagem era menor, comprei a passagem e ainda sobrou! Depois com aquele dinheiro...depois fui para uma pensão lá em Lisboa, que era uma senhora de Cabo Verde.

[...] Depois, perdi-me em Lisboa. Perdi...encontrei um senhor de Angola e ele disse: “Para onde vais?” e eu disse: “Eu vou para São Bento, que eu tenho lá familiares”. E ele “Então deixa estar, ‘tas perdida. A mim também já alguém me ajudou”. E ele pensava que eu também não tinha dinheiro mas eu tinha o meu dinheiro guardado. E depois ele trouxe-me, pagou-me. E ele disse assim: “Agora, daqui de São Bento já sabes para onde tu vais, né?” e eu disse: “Sim”. Antigamente, aqui, os imigrantes eram diferentes. Não é como agora.

[...] Eu sinto-me como imigrante. Eu digo mesmo, se eu tivesse uma maneira de encontrar um sítio melhor, porque ainda trabalho, ainda posso ganhar o meu pão, eu não me importava...Porque de alguma maneira, por exemplo, eu não tenho escola...não tenho maneira de arranjar um emprego melhor... Mas eu não me importava, assim, de arranjar um trabalho assim, para fora.

[...] Dou-me com portugueses e com cabo-verdianos. Aqui em Portugal, vivi mais com portugueses. Porque no sítio onde eu vivia não tinha [pessoas] da minha própria ilha...

4.11. Entrevista C3 — Jacqueline

Observações

Jacqueline veio com sete anos para Portugal e é estudante (preferindo não falar sobre o seu trabalho) pelo que as questões relativas ao trabalho não se puderam colocar. É muito reservada nas respostas que dá.

Perfil sumário

Jacqueline tem 17 anos e é natural do Tarrafal, ilha de Santiago. Com apenas sete anos veio viver para Portugal. É solteira e vive na Quinta da Princesa,¹² na Cruz de Pau com os pais e com a irmã.

É estudante, frequentando o 11.º ano de um curso profissional de secretariado. É testemunha de Jeová e tem reuniões (encontros) três vezes por semana, actividade por que manifesta grande interesse.

Não se interessa nem acompanha a política em Portugal. Não pertence a qualquer grupo desportivo.

A história de Jacqueline

Portugal foi o primeiro destino imigratório de Jacqueline e a decisão de imigrar foi do seu pai. A mãe não concordava com a decisão do marido e considerava que podiam ter uma vida boa em Cabo Verde, mas acabou por aceitar a sua decisão. O pai veio primeiro, cinco anos depois a mãe veio ter com ele, e Jacqueline e a irmã ficaram em Cabo Verde com a avó e com uma irmã de criação, que a mãe tinha criado.

Dois, três anos depois de a mãe vir, quando os pais já tinham

¹² A Quinta da Princesa é um bairro da Cruz de Pau (margem Sul do Tejo) maioritariamente habitado por indivíduos originários dos PALOP.

conseguido comprar casa, Jacqueline veio com a irmã. Jacqueline chegou a Portugal, de avião, em Setembro de 2001 (tem algumas dúvidas quanto ao dia exacto), ou seja, há sete anos atrás, com a idade de dez anos.

A ideia que tinha de Portugal era a que a televisão e as novelas lhe transmitiam, imaginava que Portugal tinha casas maravilhosas. Quando chegou sentiu diferenças: as estradas alcatroadas, o tempo que os portugueses passam a trabalhar: *“Mas lá não é assim, porque nós não precisamos de trabalhar, por exemplo, com outros... não sei explicar, porque... Cabo Verde vive muito da agricultura, o que nós trabalhamos, por exemplo, dois meses... e o que conseguimos nesses dois meses dá para o ano todo. É por isso que muitas pessoas quando vêm aqui, não gostam muito de Portugal, porque aqui... é para trabalhar”*.

Quando o pai de Jacqueline veio para Portugal ele não tinha ninguém que o apoiasse, mas mais tarde começaram a vir mais familiares (nomeadamente o tio) e ele pôde contar com mais apoio. A avó, mãe do pai, vinha para Portugal alguns dias a seguir à entrevista (o avô faleceu e ela sentia-se muito sozinha em Cabo Verde), e na ilha só ficou a irmã de criação e o seu marido, que aparentemente já tinham estado em Portugal.

Jacqueline sente-se integrada na sociedade portuguesa e nunca se sentiu discriminada. O aspecto em que refere ter mais dificuldade é a língua.

Gosta de dançar danças cabo-verdianas e de música cabo-verdiana, kizomba e kuduro, mas prefere as músicas americanas.

Em termos de culinária, em sua casa confeccionam-se pratos portugueses e cabo-verdianos: Cachupa, feijão. Não pertence a qualquer grupo que integre exclusivamente cabo-verdianos e tem amigos portugueses.

Voltou a Cabo Verde apenas uma vez, em 2006. Gostou de encontrar os amigos e, no dia do regresso, não queria voltar. Achou a ilha diferente: *“Tá diferente, ‘tá um bocadinho diferente. Mudou, ‘tá um bocadinho mais evoluído [risos]”*.

Para comunicar com os familiares distantes, usa essencialmente o telefone, utiliza pouco a internet e poucas pessoas têm email.

Em termos de tempos livres sai com os amigos, vai ao cinema e participa em convívios. A relação com os portugueses é boa. Os portugueses são pessoas menos comunicativas, e que dão grande importância ao trabalho e aos bens materiais. Não sabe como eles a vêem. A relação com os portugueses não tem sofrido alterações.

Recorda o passado com saudade. A nível escolar, em Cabo Verde a carga horária era menor, com dez anos já ajudava nas tarefas da casa. Em Portugal é tudo mais desenvolvido, há mais ofertas de diversão. Cabo Verde não parece ser central na sua identidade: “Cabo Verde foi onde eu nasci. Mas não passa muito disso”. Os símbolos não são importantes. Diz que conhece a bandeira, mas que nunca ouviu o hino. A recordação do país não é importante para superar dificuldades. Em termos de projectos futuros quer ficar a trabalhar em Portugal ou ir para França. Não sente que a imigração a tenha transformado, enquanto pessoa. Sente-se mais cabo-verdiana, que portuguesa.

Afirmações mais significativas

[...] Não. Não tem a ver com o eu ser religiosa. [O que é que a sua religião diz sobre as questões políticas? Diz alguma coisa? Não favorece muito?] Não é que não favoreça, somos límpidos porque...nós achamos que o governo humano não é essencial para os nossos problemas...por isso, eu não vou dizer que gosto mais de um partido do que o outro... porque...você com certeza pode acreditar que pode mudar o país, mas eu penso que, nas questões de, por exemplo, acabar com a morte, com os problemas a níveis mundiais, como por exemplo, a doença...eu penso que os políticos não são capazes de fazer isso. A paz é o que nós procuramos.

[...] A ideia que eu tinha de Portugal era aquilo que eu via nas novelas e na televisão. Por exemplo, na novela...as casa são maravilhosas, então eu imaginava que Portugal era assim! [Tinha uma ideia baseada nas novelas que via, uma imagem idealizada.]

[...] [Principais dificuldades] Na língua. [Em que aspecto?] Conseguir falar melhor... falo português com algumas dificuldades. Tem a ver com, por exemplo, a ligação dos verbos, trocar os artigos (ela/ele)...não dá para adaptar a palavra a “ela” e “ele”. Sou eu mesma que acho isto [os outros não criticam].

[...] Uma vez, em 2006. ‘Tá diferente, ‘tá um bocadinho diferente. [Ilha de Santiago, região do Tarrafal] Mudou, ‘tá um bocadinho mais evoluído [risos] [E como é que foi a sensação?] Felicidade, foi reencontrar os amigos...[Não sente pena de ter saído de Cabo Verde] Mas, por exemplo, quando estava quase no dia de voltar, eu não queria voltar! [risos] Queria ficar lá mais um bocadinho...[Quanto tempo mais?] Mais um mês! [risos].

[...] Lembro-me um bocadinho. Era um bocadinho diferente. Eu ‘tava a estudar lá. Mesmo a nível escolar era diferente, lá não tem tanta carga horária, é mais leve. As pessoas com 10 anos já trabalhavam em casa. Por exemplo, eu com 10 anos já limpava a casa, ajudava a fazer o jantar, essas coisas.

[...] Cabo Verde foi onde eu nasci. Mas não passa muito disso.

4.12. Entrevista C4 — M

Perfil sumário

M pediu que o seu nome não fosse revelado, pelo que a denominaremos de M. M tem 37 anos e é natural de Santa Catarina, no interior da ilha de Santiago. É casada e reside em Loures com o marido e com os três filhos, uma rapariga de quinze anos e dois rapazes com 14 e 18 anos.

É empregada doméstica, trabalhando em casas particulares, numa empresa e fazendo a limpeza de um prédio. É católica, e, tal como em Cabo Verde, vai à missa sempre que tem possibilidade. Não se interessa por política, mas tem um partido em Cabo Verde. Não pertence a qualquer grupo desportivo. Estudou até ao 6.º ano em Cabo Verde.

A história de M

Portugal foi o primeiro destino imigratório de M, e a decisão de imigrar foi do seu marido. M estava satisfeita com a vida em Cabo Verde, mas aceitou o projecto do marido. Em Cabo Verde não havia trabalho e, em 1999, o marido veio para Portugal (antes já tinha estado na Suíça). Mais tarde, em 2002, ela decidiu vir: *“Eu não tinha muita vontade, mas teve que ser”*.

Em Cabo Verde trabalhava em contabilidade, e considera que ganhava bem: *“Temos lá casa nossa. Temos o nosso terreno e trabalhamos nele”*.

M chegou a Portugal em 18 de Fevereiro de 2002. Vieram para cá por causa da língua, da maior facilidade em arranjar os documentos e dos portugueses tratarem melhor os imigrantes.

Chegou com o marido, mais tarde vieram os filhos e, posteriormente, a sogra. Quando chegou o marido morava nas Galinheiras, depois dos filhos nascerem conseguiram comprar uma casa. A família que cá estava — cunhados — apoiou o casal e a cunhada ajudou-a a arranjar trabalho. Chegou a Portugal de avião, com um visto turístico. Com a ajuda da cunhada não demorou muito tempo a arranjar trabalho e com o tempo, foi arranjkando mais trabalhos (mais horas em casas de patroas). Trabalha aproximadamente onze horas diárias. De manhã, trabalha numa empresa das seis às nove horas da manhã. Em seguida, trabalha cinco horas na limpeza de um prédio e depois vai mais três horas, três horas e meia para uma patroa. Trabalha mais horas do que trabalhava em Cabo Verde. Por vezes sente preconceito por parte dos portugueses, e diz que alguns a tratam mal. A situação profissional melhorou em relação à que tinha, na medida em que começou a ganhar mais. Em Portugal trabalhou sempre nas limpezas. O dinheiro enviado para Cabo Verde é aplicado na compra de um terreno (já compraram) e na construção de uma casa. A imigração não originou uma mudança de papéis. Ocasionalmente o marido e os filhos ajudam na limpeza da casa. O seu cansaço torna essa ajuda necessária, como M explica: *“O que ajudou foi que há mais cansaço”*.

Quando chegou a Portugal M chorou muito. Todos saíam para o trabalho e ela ficava sozinha em casa, o que não era habitual em Cabo Verde. Considera que actualmente estão integrados.

Em termos de hábitos culturais ouve a música de Cabo Verde e dança. Assiste à RTP-África, mas o tempo é pouco e o cansaço é muito, pelo que adormece.

Os amigos da família são fundamentalmente cabo-verdianos, mas tem alguns amigos portugueses. Gostaria de trazer a mãe de Cabo Verde, mas ela não quer vir.

Foi a Cabo Verde em 2005 e, foi nessa altura, que reviu os filhos que tinham ficado na ilha: *“Fui no ano de 2005. Quando cheguei a Cabo Verde chorei tanto ao ver os meus filhos... era uma coisa que eu chorei tanto! Achei Cabo Verde diferente. Há grandes construções”*.

Comunica com os familiares em Cabo Verde por telefone. Há muito tempo que não escreve, mas no Natal envia postais.

Em termos de tempos livres gosta de ouvir música, mornas, batuque, de dançar funaná e de passear em centros comerciais.

As suas actividades de tempos livres não são condicionadas pela nacionalidade.

A relação com os portugueses é boa, tem algumas dificuldades com algumas pessoas, mas ultrapassa-as. Considera os portugueses bons, mas mais fechados. Está satisfeita com o projecto, na medida em que o marido está satisfeito: *“Estou satisfeita, pelo meu marido. Também por causa do marido, se fosse hoje voltaria a tomar a mesma decisão”*.

Recorda o passado com muita saudade. Entre os acontecimentos/situações que a marcaram incluem-se a seca, o trabalho e o espaço da ilha (grande).

Sente que é importante ser cabo-verdiana quando está a trabalhar. Quando escuta o hino fica comovida, e a bandeira é importante. Recordar o país ajuda a superar dificuldades. Quando os filhos organizarem a vida deles, pensa regressar a Cabo Verde.

Com o dinheiro ganho compraram um terreno (em Cabo Verde) e uma casa (em Loures). M não tenciona imigrar para nenhum outro país. Considera que a situação em Portugal está difícil para os filhos. Sente que com a imigração se tornou mais feliz (decerto em resultado de estar junto ao marido e aos filhos).

M sente-se um bocadinho portuguesa e um bocadinho cabo-verdiana, e refere que a aquisição da nacionalidade portuguesa teria como objectivo imigrar para outro país: “Hum... Só me torno portuguesa para poder sair para outro país. Sinto-me um bocadinho de cada”.

Afirmações mais significativas

[...] Viemos de Cabo Verde para cá. Primeiro veio o meu marido, depois decidi vir para cá também. Eu não tinha muita vontade, mas teve que ser. Ele veio em 1999, porque não havia lá trabalho. Eu vim em 2002.

[...] Eu gostava de tudo lá, se não fosse o meu marido...Eu estava contente com tudo, com o que ganhava, vivia ao pé da minha mãe. Temos sempre expectativas, vimos para ficarmos melhor. E mudou para melhor, a nível económico.

[...] De manhã trabalho das 6h às 9 h, numa empresa em Lisboa, depois faço 5 horas, estou até às 3 h aqui e depois ainda vou para patroa, saio às 6h/6.30h e depois vou para casa. (total de mais ou menos onze horas). São muitas horas, mas com 3 filhos tem que ser. Trabalho mais horas do que em Cabo Verde.

[...] Antes de vir chorei muito! Porque cheguei cá, saíam todos para o trabalho e ficava sozinha em casa. Não estava acostumada. Chorei muito, mas agora está...Conseguimos comprar uma casa, os filhos andam na escola e portanto estamos integrados, mas acho que vamos voltar.

[...] Às vezes há seca, porque não chove. O trabalho lá. Gosto da ilha como espaço, tem coisas muito boas...Nunca tinha saído da ilha, ela é grande...

[...] Hum...Só me torno portuguesa para poder sair para outro país. Sinto-me um bocadinho de cada.

4.13. Entrevista C5 — Filomena

Perfil sumário

Filomena tem 52 anos e é natural da cidade da Praia. É divorciada e reside no Laranjeiro com os três filhos. É empregada doméstica, trabalhando em casas particulares em Almada e no Laranjeiro. É católica e não se interessa por política. Filomena não sabe ler nem escrever.

A história de Filomena

Portugal foi o primeiro destino imigratório de Filomena e a decisão de imigrar foi sua. Filomena estava satisfeita com a vida e com o trabalho em Cabo Verde mas um desgosto amoroso incentivou-a a afastar-se do país. Tinha uma irmã em Portugal, o que facilitou a decisão: *“Tinha cá uma irmã e, pronto, queria vir para aqui e vim, só por isso”*. Em Cabo Verde trabalhava desde os nove anos. Antes de vir para Portugal trabalhava num hotel como empregada de mesa.

Filomena chegou a Portugal sozinha, no ano de 1977, há 31 anos atrás em relação ao momento da entrevista. Não se recorda da data, se era Verão ou Inverno, apenas que era de noite. Contou com a ajuda da irmã e foi viver com ela para Portalegre. Para além da irmã, tinha outros familiares em Portugal: primas e um irmão a viver no Porto. Nesses tempos do pós 25 de Abril, a sua nacionalidade era portuguesa e não necessitou, pois, de qualquer documento de entrada.

Depois de uma estada inicial de três, quatro meses em Portalegre, foi viver para Lisboa, para casa de uma prima. Não foi difícil arranjar trabalho. O seu primeiro emprego como empregada doméstica foi na zona do Rossio, na casa da senhora D. Margarida, de quem ficou até hoje amiga. Em seguida, arranjou marido e teve que deixar esse emprego porque saía muito tarde. Foi, então, morar para Algés e passou a trabalhar em Algés e, mais tarde, compraram casa no Feijó (concelho de Almada). Entretanto, Filomena divorciou-se, o ex-marido contraiu dívidas e Filomena ainda está a pagá-las. Teve que vender a casa do Feijó e arrendar uma outra.

Nunca sentiu preconceito no local de trabalho.

Sempre que é possível, Filomena envia dinheiro para a mãe, que está em Cabo Verde.

Sente-se integrada na sociedade portuguesa: *“Eu por mim acho que estou bem, não há problemas. Não senti dificuldades em viver aqui. Eu estou como se estivesse em Cabo Verde”*.

Em termos de hábitos culturais, Filomena gosta muito de danças cabo-verdianas. No dia seguinte ao da entrevista, ia para o Monte da Caparica dançar para festejar a chegada de uma tia. Quando há funerais, fazem o “chorar” e a comemoração do sétimo dia, assim como quando uma criança completa os sete dias de vida: “Também há o dia 7.º, é quando uma criança tem sete dias de nascida, e festejamos, porque a criança tem sete dias e festeja-se. Ao sétimo dia temos que rezar, pôr a tesoura debaixo do travesseiro, agulha, que é para cortar os maus-olhados”. Não pertence a nenhum grupo que só incluía cabo-verdianos; de resto, tem poucos amigos cabo-verdianos. Também tem amigos portugueses, como a primeira patroa do Rossio, e mantem igualmente amizades com outras famílias portuguesas.

Gostaria de ter uma casa sua na sua terra, terra a que já foi quatro vezes de férias.

Comunica com os familiares por telefone — mãe, afilhada, irmãos e outros familiares.

Em termos de tempos livres, gosta de ver televisão, de dançar nas festas e de visitar as primas.

A relação com os portugueses é boa: *“É boa. Não tenho razão de queixa. Não me fizeram nada, não me fizeram mal”*. Não tem razão de queixa dos portugueses e considera-os simpáticos, mas também os acha menos solidários nos momentos difíceis. A relação com os portugueses não se modificou ao longo do tempo.

Se fosse hoje, provavelmente não teria vindo para Portugal. Recorda o passado com saudade, saudade que ao ouvir música de Cabo Verde mais se intensifica: *“Quando eu ouço uma música que eu gosto, se eu tenho fome, fico logo sem vontade de comer. Ainda*

ontem estava em casa da Bia [uma amiga] e pôs um CD que trouxe de Cabo Verde, esta música é do Fogo...esta música chama-se Alice. Mas quando eu ponho esta música a tocar, se tenho fome fico logo cheia...Identifico-me com a música, gosto de mornas. A comida nem por isso, mas quando ouço a música...". Continua a falar crioulo com a neta e com os amigos: "Eu falo mal o português. Eu falo mais o crioulo. Eu sinto-me mais à vontade, porque se eu falar só o português sinto-me mais à vontade, porque só falando português parece que sou portuguesa, assim tenho que falar o crioulo".

Símbolos como a bandeira e o hino não são importantes, e Filomena refere que nem conhece a cor da bandeira do seu país. Recordar o país intensifica a saudade e a sensação de que deveria estar lá. Quando se reformar, Filomena tenciona regressar a Cabo Verde. Não tenciona imigrar para qualquer outro país. Considera que Portugal pode ser um espaço de oportunidades para os filhos. Considera que a imigração não a mudou em nada e sente-se cabo-verdiana.

Afirmações mais significativas

[...] Não me lembro quando cheguei, só sei que foi...já tenho 31 anos cá. Não me lembro se vim no Verão ou no Inverno. Só sei que cheguei de noite.

[...] Vim depois do 25 de Abril, mas como naquela altura ainda era portuguesa, porque nós éramos todos portugueses. Quando foi o 25 de Abril estava em Cabo Verde. O Paulo [o filho mais velho] ainda era bebezinho. Não era preciso nem visto nem era preciso documento nenhum.

[...] Olhe...eu nem sei. Cá uma pessoa...ganha-se mais do que lá [Cabo Verde]. Lá ganha-se pouco. Prontos, estou bem, mas não vejo nada em que eu estou melhor. Não vejo, o único problema em Cabo Verde é que se ganha pouco. Mas não sei se estou melhor ou pior.

[...] Dançamos muito, e, quando morre alguém, a gente choramos por aquele que está com a dor de ter perdido a pessoa, porque nós pensamos nos nossos, por exemplo a nossa

mãe que está longe e também as famílias e o que aconteceu àquela pessoa também nos pode acontecer.

[...] Acho os portugueses um bocado diferentes de nós. Porque nós convivemos mais, cumprimentamos mais e...ajudamos, porque se acontecer alguma coisa, se morreu alguém, a gente vai lá àquela casa, se está suja, limpamos, varremos a casa e é assim. E quando vêm outras pessoas está tudo arrumadinho e limpinho. E ficamos lá a acompanhar aquelas pessoas e damos-lhe força.

[...] Ainda ontem estava em casa da Bia [uma amiga] e pôs um CD que trouxe de Cabo Verde, esta música é do Fogo...esta música chama-se Alice. Mas quando eu ponho esta música a tocar, se tenho fome fico logo cheia...Identifico-me com a música, gosto de mornas.

4.14. Entrevista C6 — Alcinda

Perfil sumário

Alcinda tem 40 anos e é natural de São Nicolau. É solteira e vive em união de facto há vinte e quatro anos. Reside no Laranjeiro (Almada) com dois filhos e com o companheiro. É empregada doméstica, trabalhando em casas particulares em Lisboa. É Testemunha de Jeová e tem o 4.º ano de escolaridade.

A história de Alcinda

Portugal foi o primeiro destino imigratório de Alcinda, apesar de ter posteriormente imigrado para Espanha, onde viveu nove anos, e voltado depois para Portugal: “Quando estou fora de Portugal, na outra Europa, mesmo sendo cabo-verdianos temos saudades de Portugal. Sentimos Portugal como se fosse a nossa terra. Agora que vivemos aqui desejamos ir a Cabo Verde. Quando estamos fora de Portugal, no circuito da Europa, desejamos sempre viver em Portugal porque é como se fosse a nossa terra”. Apesar desta proximidade que sente em relação a Portugal, Alcinda gostou de viver em Espanha, gostou dos espanhóis e do seu trabalho como empregada doméstica e cozinheira.

A decisão de imigrar foi sua. Queria poder proporcionar uma vida melhor à sua filha, de seis anos (Alcinda tinha sido mãe aos dezasseis anos). A filha ficou em Cabo Verde com a avó e Alcinda só pôde ir buscá-la cinco anos depois, quando a menina tinha 11 anos. Na decisão contou com o apoio do companheiro.

Quando chegou a Portugal, Alcinda viveu inicialmente na casa da irmã em Algés. O companheiro já estava em Portugal desde há um ano atrás e vivia em casa da irmã dele, no Laranjeiro. As casas eram muito pequenas e o casal não tinha possibilidade de viver junto. Mais tarde arrendaram uma casa no Laranjeiro.

Alcinda contou com uma verdadeira rede de apoio em Portugal: o companheiro, os irmãos, os primos e outros familiares. Depois de Alcinda, mais nenhum familiar veio para Portugal.

Alcinda chegou a Portugal de avião, sozinha, a 29 de Julho de 1988, há 20 anos atrás, em relação ao momento da entrevista. Tinha um visto de turismo.

Não demorou nenhum tempo a arranjar trabalho, pois já tinha um trabalho assegurado. No seu primeiro emprego, como empregada doméstica, contou com a ajuda da outra empregada da casa em que trabalhava.

Nunca sentiu preconceito no local de trabalho. Considera que a situação melhorou em relação à que tinha. No primeiro emprego em que estava como interna, não foi fácil tratar das três crianças que tinham uma mentalidade má. A filha mais velha já não vive com Alcinda, o do meio tem o tempo ocupado com a escola, ATL e explicações e o mais novo fica na ama. O pai está sempre fora, pelo que pouco cuida dos filhos. O dinheiro ganho é em parte aplicado a ajudar o sobrinho que está a tirar o curso de Direito, inicialmente em Cabo Verde e actualmente no Brasil.

Em resultado da imigração teve lugar alguma mudança de papéis e o marido passou a ajudar um pouco em casa.

Alcinda considera-se integrada na sociedade portuguesa, referindo os deveres, os descontos e a rotina semelhante à de qualquer português.

Em termos de hábitos culturais assiste à RTP-África e a programas na rádio. Em certas situações fala crioulo com a filha, que estava em Cabo Verde. Quanto à culinária fazem cachupa, entre outros pratos típicos de Cabo Verde.

Alcinda relaciona-se, essencialmente, com cabo-verdianos. Para além dos familiares e dos amigos, que são maioritariamente cabo-verdianos, frequenta a associação cabo-verdiana em Lisboa. Na associação convivem, dançam e ouvem música cabo-verdiana. Também tem amigas portuguesas com quem toma chá. Se pudesse mudar alguma coisa, aumentava o tamanho do peito.

Alcinda já foi a Cabo Verde duas vezes de férias. Comunica com os familiares por telefone — mãe, irmãs e outros familiares.

Em termos de tempos livres faz ginástica no Miratejo, limpa a casa e passeia.

A relação com os portugueses é boa, mas refere que teve que fazer um esforço para se adaptar aos sítios onde esteve, que teve que mudar a sua cultura: *“Em Cabo Verde andava com os pés no chão, o lenço na cabeça (que eu até não andei assim), mas eu acho que quando vamos para outro país temos que nos adaptar às pessoas. Aqui não é a nossa terra, mas temos que viver como as outras pessoas, como se fosse aqui a nossa terra. Para não sermos diferentes, temos que fazer como os de cá. Temos que viver como se fôssemos portugueses e não como cabo-verdianos. Até em Espanha tive que mudar de atitude, tive que mudar a minha cultura, de como viver na cidade diferente da minha”*.

Acha os portugueses mais fechados, um pouco mal dispostos, mas bons. Pensa que não sabem viver a vida e que não gostam muito de conviver. Considera que os portugueses a vêem como uma pessoa alegre e divertida e que gostam de estar com ela.

Está satisfeita com o projecto migratório, mas, se na altura existissem em Cabo Verde as oportunidades que hoje existem, não teria vindo para Portugal.

Desde que chegou foi duas vezes a Cabo Verde.

Alcinda recorda o passado com muita alegria e com muita saudade. Foi feliz em Cabo Verde, sentia-se livre. Sente saudades das praias e do dia em que Cabo Verde se tornou independente de Portugal, dia de muita alegria [5 de Julho de 1975]. Preocupa-se com os outros, com os vizinhos e associa esses sentimentos ao facto de ser cabo-verdiana.

A comida e a língua, o crioulo, são aspectos muito centrais, mais centrais do que o hino ou a bandeira. Quando se sente mal, não pensa em Cabo Verde.

Quando se reformar, Alcinda tenciona regressar a Cabo Verde, esse regresso é apelidado de sonho. Já tem um terreno em Cabo Verde, no qual um dia gostaria de construir uma casa. Não tem intenção de imigrar para outro país. Considera que Portugal é um espaço de oportunidades para os filhos, que oferece mais condições do que a sua terra.

Alcinda transformou-se em resultado da imigração, porque teve que se adaptar e procurou ser como as pessoas dos países onde viveu.

Sente-se cabo-verdiana e portuguesa. Essa identidade mista, expressa-a de uma forma curiosa: *“O meu coração é cabo-verdiano, mas o meu corpo é português”*.

Afirmações mais significativas

[...] quando estou fora de Portugal, na outra Europa, mesmo sendo cabo-verdianos temos saudades de Portugal. Sentimos Portugal como se fosse a nossa terra. Agora que vivemos aqui desejamos ir a Cabo Verde. Quando estamos fora de Portugal, no circuito da Europa, desejamos sempre viver em Portugal, porque é como se fosse a nossa terra.

[...] Hoje considero-me uma pessoa rica, porque a riqueza não é ter milhares no banco, não, eu consegui uma casa para viver com os meus filhos, estou a pagar ao banco, mas

com o meu trabalho, consegui que os meus filhos estivessem comigo, que era o meu sonho, hoje tenho dois ou três pares de sapatos, que barato ou não barato, mas tenho, tenho o meu armário cheio de roupa, tenho comida quando eu quero, por tudo isto considero-me uma pessoa rica. Eu vejo estes pormenores, tenho medicamentos, tenho dinheiro para comprar os meus medicamentos, trabalho dia e noite, mas consigo as minhas coisas assim, ... Considero, da minha terra para cá, uma mudança muito melhor.

[...] eu agora tenho um sobrinho que está a terminar a carreira de advogado, que eu ajudei a fazer o curso, eu e a minha irmã todos os meses mandávamos ajuda para pagar a faculdade, que é na outra ilha. Agora foi para o Brasil, e está a terminar o curso. Nós, cabo-verdianos, até já fomos mais unidos, agora já se vai desfazendo, já vamos adaptando mais à Europa, mas é verdade que os cabo-verdianos ajudaram-se muito uns aos outros.

[...] Os portugueses deviam rir mais [ri-se muito]. São assim um pouco mal dispostos. Para mim os portugueses são bons, nunca tive motivos, o que eu acho é que podiam rir um bocadinho mais.

[...] Até em Espanha tive que mudar de atitude, tive que mudar a minha cultura, de como viver na cidade diferente da minha.

[...] Sinto-me cabo-verdiana e portuguesa. O meu coração é cabo-verdiana, mas o meu corpo é português.

4.15. Entrevista C7 — Domingas

Perfil sumário

Domingas tem 51 anos e é natural da Cidade da Praia na ilha de Santiago. É solteira e tem cinco filhos. O pai dos seus filhos faleceu. Reside em Loures com um dos seus filhos e com a mãe. É empregada doméstica, trabalhando em instituições em Lisboa e em Loures. É católica e não estudou.

A história de Domingas

Portugal foi o primeiro destino imigratório de Domingas. A decisão de imigrar foi sua e escolheu Portugal pela proximidade que sentia em relação ao país: *“Eu escolhi Portugal porque acho que Portugal é mais perto de...faz mais parte de nós, cabo-verdianos, há uma ligação mais forte entre os portugueses e os cabo-verdianos. Quando eu cheguei aqui gostei e, pronto, fiquei aqui. [Então diz-me que escolheu Portugal mais pela ligação que existe...] É, eu gostei mais daqui porque é mais... embora não sabemos falar português, mas o nosso crioulo percebe-se melhor aqui. [Questão da língua]”*. Na decisão contou com o apoio do companheiro, da mãe e do avô paterno.

Quando chegou a Portugal Domingas foi viver para a casa da patroa em Alvalade que tinha uma serração em Cabo Verde e ficou aproximadamente um ano a tomar conta do neto dessa patroa. Em termos de casas, viveu vinte anos no Prior Velho (a primeira casa no Prior Velho era a casa do primo) e há cerca de um ano foi viver para Loures (neste momento vive numa casa sua, em resultado de um acordo com a Câmara).

Quando chegou a Portugal, Domingas não conhecia ninguém. A patroa não a ajudava em nada e Domingas chegou a passar fome. A patroa enganava-a e dizia-lhe que ela não tinha direito a ter documentos. Dizia-lhe, ainda, que ela não tinha direito a ter cuidados de saúde. Passados dois, três meses em Portugal conheceu uma empregada da Câmara, que limpava os jardins e com quem começou a falar e com quem veio a estabelecer uma relação de amizade. Considera que essa senhora ajudou, mas, para além dela, mais ninguém o fez. Apesar de tudo tinha outros familiares em Portugal, cunhado e primas, mas não sabia onde viviam.

Alcinda chegou a Portugal de avião, com a patroa, a 17 de Novembro de 1987, há vinte e um anos atrás, em relação ao momento da entrevista. Tinha um visto de turismo. Em Cabo Verde deixou os seus cinco filhos, todos nascidos em Cabo Verde. Três deles ficaram com a avó e dois com o pai. Uma das filhas tinha apenas um ano e seis meses. Passou muito tempo, seis anos, até que Domingas pudesse ir buscá-los. Ela não tinha documentos e eles também não poderiam entrar em Portugal sem documentos. Quando

os filhos vieram, não vieram todos ao mesmo tempo (Domingas não explicita mas pressupõe-se que tal não foi possível, atendendo ao dinheiro da viagem e/ou ela não ter condições para os manter no país). Inicialmente chegou o seu filho mais velho, um ano e meio depois vieram os outros dois e mais tarde Domingas foi buscar os dois mais novos a Cabo Verde.

Não demorou nenhum tempo a arranjar trabalho, porque veio trabalhar para casa da patroa que a trouxe de Cabo Verde. Quando deixou essa patroa demorou mais ou menos um mês a arranjar outro trabalho. Trabalhou durante seis anos num restaurante na Feira Popular. Com a ajuda desse patrão conseguiu arranjar os documentos. Era um trabalho à noite, e durante o dia Domingas fazia limpezas na Câmara de Lisboa. Mais tarde trabalhou no aeroporto, na Câmara e no Teatro São Luiz. Entrava no Teatro às sete horas, sete e meia e saía à uma e meia. Entrava no aeroporto às 15 horas e saía à meia-noite. No Teatro São Luiz esteve dois ou três anos. Em seguida adoeceu e esteve no fundo de desemprego. Passados dois anos trabalhou no Ministério na Avenida da Liberdade durante doze anos e agora trabalha há oito anos também na Universidade Aberta. Durante dois anos trabalhou na Casa da Moeda, tendo três trabalhos em simultâneo.

Em relação aos horários de trabalho, durante muitos anos trabalhou demasiadas horas. Entrava às seis da manhã e trabalhava até à meia-noite, uma hora da manhã. Em resultado desse ritmo de trabalho ficou doente e teve que abrandar. Actualmente começa a trabalhar às seis horas da manhã e sai às nove horas. Depois deste período de trabalho vai para casa cuidar da mãe até às 16.30 horas (que se pressupõe estar doente ou acamada) e recomeça a trabalhar às 18 horas, saindo às 21 horas.

Apenas sentiu preconceito no local de trabalho no seu primeiro trabalho. Considera que a sua primeira patroa era racista: *“Não, ela era...ela era racista. Era. Ela disse na minha cara que não gostava dos pretos. Que os cabo-verdianos são todos ladrão. Ela não gostava”*.

Domingas considera que a situação melhorou em relação à que tinha quer a nível económico, quer de saúde, quer por ter aprendido a viver.

Apesar dos cinco filhos já serem grandes, Domingas continua a apoiar o filho de 24 anos, que vive em sua casa juntamente com a avó.

Uma parte do dinheiro ganho é enviado para o irmão e para a sobrinha que vivem em Cabo Verde.

Domingas considera-se integrada na sociedade portuguesa e considera que os portugueses dão apoio.

Em termos de culinária faz cachupa, cuscuz, massa de milho e caldo de peixe. Assiste a programas da RTP-África, não integra grupos apenas com cabo-verdianos e tem alguns amigos portugueses.

Em termos de tempos livres fica em casa com a mãe e nunca passeia.

A relação com os portugueses é boa e foi melhorando com o tempo porque Domingas se foi adaptando. Acha os portugueses boas pessoas. Considera que os negros são mais racistas do que os portugueses. Não encontra diferenças entre os portugueses e os cabo-verdianos.

Sente-se satisfeita com o projecto migratório e refere que, quando esteve na Holanda e em França, não se sentiu tão bem como em Portugal. Se fosse hoje voltaria a tomar a mesma decisão.

Domingas recorda o passado com saudade, mas com tristeza. Viu os filhos sofrerem muito e, em Cabo Verde, teve uma vida mais difícil do que em Portugal. Como acontecimento que a marcou refere uma tempestade.

Cabo Verde é central na sua identidade: *“É importante, sim. Eu gosto de ‘tar aqui, mas Cabo Verde é a minha raiz”*. Os símbolos são importantes e Domingas emociona-se com o hino e com a bandeira.

A recordação do país não é importante para superar as dificuldades, Domingas teve muitos desgostos em Cabo Verde e foi lá que morreu o pai dos seus filhos.

Quando se reformar, Domingas tenciona regressar a Cabo Verde, esse regresso está previsto para daqui a dez anos. Domingas tem casa em Cabo Verde mas uma vez que actualmente trabalha menos horas, o dinheiro não sobra para enviar para Cabo Verde. Não tem intenção de imigrar para outro país. Considera Portugal um espaço de oportunidades para os filhos, que oferece mais condições do que a sua terra. Apesar de tudo, dois dos seus filhos emigraram para a França e para a Suíça.

Domingas transformou-se, em resultado da imigração. Sente-se mais madura, mais aberta, mais forte, mais corajosa.

Sente-se cabo-verdiana e portuguesa e já não consegue deixar nenhum dos dois países como bem expressa: *“As duas coisas! [risos] [Explique-me lá porquê!] Porque me sinto forte aqui em Portugal, sinto muito forte aqui, com coragem e sinto que, no fundo, sou cabo-verdiana, é a raíz. Já não consigo largar Portugal de uma vez nem Cabo Verde de uma vez. Tenho que ir lá e voltar”*.

Afirmações mais significativas

[...] Eu escolhi Portugal porque acho que Portugal é mais perto de...faz mais parte de nós, cabo-verdianos, há uma ligação mais forte entre os portugueses e os cabo-verdianos.

[...] É, eu gostei mais daqui porque é mais... embora não sabemos falar português, mas o nosso crioulo percebe-se melhor aqui. [Questão da língua]

[...] A minha primeira patroa foi a mais ruim. [Foi assim a experiência mais difícil, a pior, não foi?] É, sim. [Mas acha que esta experiência negativa, teve alguma coisa a ver com preconceito no local de trabalho? Ou não? Era porque ela queria controlá-la? Por que é

que acha que ela fazia tudo aquilo?] Não, ela era...ela era racista. Era. Ela disse na minha cara que não gostava dos pretos. Que os cabo-verdianos são todos ladrão. Ela não gostava.

[...] Eu acho os portugueses boas pessoas. É assim, onde quer que haja preto mau, haja branco mau. Onde quer que haja branco racista, haja preto racista. E o racismo não está só nos portugueses. Nós pretos somos mais racistas que os portugueses.

[...] Com saudade, mas com tristeza. Tive uma vida mais difícil do que aqui. E naquela altura não chovia nada, não há chuva, e falta de alimentação e aquele clima mais difícil para criar as crianças. Vi os meus filhos sofrerem tanto. Tenho saudades, mas tristeza ao mesmo tempo. Não sinto aquela vontade de viver na minha terra. Gosto, mas para passar férias.

[...] As duas coisas! [risos] [Explique-me lá porquê!] Porque me sinto forte aqui em Portugal, sinto muito forte aqui, com coragem e sinto que, no fundo, sou cabo-verdiana, é a raiz. Já não consigo largar Portugal de uma vez nem Cabo Verde de uma vez. Tenho que ir lá e voltar.

4.16. Entrevista C8 — Luísa

Perfil sumário

Luísa tem 59 anos e é natural da ilha de Santiago. É casada e tem seis filhos. Reside na Ameixoeira com o marido e com a filha. Trabalha nas limpezas em duas empresas em Lisboa. É católica e estudou até ao 4.º ano. Não se interessa por política e tem preferência pelo Futebol Clube do Porto.

A história de Luísa

Portugal foi o primeiro destino imigratório de Luísa. A decisão de imigrar foi sua e, de alguma forma, a vinda para Portugal não resultou de uma escolha. Integrava um grupo carismático em Cabo Verde, que veio a Fátima em peregrinação e Luísa acabou por ficar cá. A narrativa

parece indiciar que não se tratou de uma decisão planeada, tanto mais que só depois de cá estar é que telefonou para o marido a avisá-lo de que queria ficar em Portugal, para pagar à vizinha que a tinha ajudado a pagar a viagem. O marido aceitou a decisão, mas na altura disse a Luísa que não sabia se iria ter com ela.

Quando chegou a Portugal, Luísa foi viver para a barraca do cunhado na Charneca. Seis anos mais tarde, o marido e a filha vieram para Portugal e vivem actualmente na Ameixoeira.

Quando chegou a Portugal, Luísa não conhecia ninguém, a não ser o cunhado, mas veio a ser ajudada por dois portugueses, um funcionário da empresa em que ela trabalhava e uma advogada que veio a conhecer através daquele. Estas pessoas ajudaram-na, por exemplo, a ter direito a férias. Contou ainda com o apoio de uma senhora que trabalhava para a Câmara e que fazia a limpeza de jardins, e de uma amiga.

Luísa chegou a Portugal de avião, com as cento e cinquenta pessoas do grupo carismático, a 9 de Maio de 2000, há oito anos atrás, em relação ao momento da entrevista. Tinha um visto de turismo. Em Cabo Verde deixou os seus seis filhos, todos nascidos em Cabo Verde. O marido e uma das filhas viriam ter com ela alguns anos mais tarde.

Em Cabo Verde, Luísa trabalhava em casa, na agricultura e na costura. O marido estava doente (extraíu um pulmão) e sozinha era impossível sustentar os seis filhos. O dinheiro não chegava para nada e não tinha condições para manter os filhos a estudar. Os dois filhos mais velhos não puderam continuar a estudar, mas com a vinda de Luísa para Portugal os outros filhos tiveram essa possibilidade.

Demorou menos de um mês a arranjar trabalho nas limpezas da Faculdade de Ciências (pela narrativa depreende-se que trabalhava numa empresa de limpezas). Ainda lá trabalha entre as 6 e as 9 horas da manhã. Em seguida ia fazer limpezas para o Bingo de Sete Rios, entre as 9.30 e as 13 horas. Foi obrigada a deixar estes trabalhos por não ter documentos e foi trabalhar para o INEM, da Avenida de Roma, entre as 8 e as 14 horas. A falta de documentos fez com que também tivesse que deixar o trabalho no INEM. Em seguida

trabalhou na limpeza de obras. Quando deixou de haver fiscalização foi possível voltar para o trabalho na Faculdade de Ciências. Neste momento trabalha para outra empresa de limpezas, mas continua a fazer limpezas na Faculdade de Ciências entre as 6 da manhã e as 15 horas. Trabalha, ainda, na Universidade Aberta, entre as 18 e as 21 horas. Quando surge a oportunidade, faz também umas horas em casas particulares.

Actualmente trabalha uma média de onze horas, mas já trabalhou doze horas, mas Luísa está satisfeita com o seu trabalho.

Nunca sentiu preconceito no local de trabalho, e a sua relação com as suas colegas de trabalho é muito boa. No entanto, Luísa relata situações que denotam discriminação. A empresa não lhe dava férias, tendo ela direito a férias, e só passou a usufruir desse direito porque um rapaz da empresa notou que ela nunca ia de férias e a informou de que ela tinha esse direito. Trabalhava doze horas por dia, e não lhe pagavam horas extra.

Luísa considera que a situação melhorou em relação à que tinha quer a nível económico, quer de trabalho. O trabalho na agricultura em Cabo Verde era mais duro do que o actual.

Neste momento é difícil enviar dinheiro para Cabo Verde, porque gasta muito dinheiro com os estudos da filha, que está a estudar em Portugal (em Portalegre), mas Luísa conta em breve poder enviar algum dinheiro.

Em resultado da imigração houve mudança de papéis. O marido limpa a casa e tempera a comida, o que não sucedia em Cabo Verde.

Luísa sente-se integrada na sociedade portuguesa: *“Eu sinto, porque é assim, quando eu ‘tou junto com eles [portugueses] eles falam comigo como se eu fosse da família deles! Como se eu fosse do mesmo sangue. Eu não senti nada de racismo”.*

Em termos de culinária fazem cachupa, caldeirada de peixe e feijoada. Assiste a programas da RTP-África e gosta de ouvir música africana.

Não integra grupos apenas com cabo-verdianos, e o grupo coral a que pertence na igreja também inclui portugueses. Tem alguns amigos portugueses.

Luísa gostaria de ter uma casa na sua terra. Desde que veio para Portugal foi duas vezes a Cabo Verde: em 2006 e em 2008. De cada vez esteve lá um mês: *“Deu para matar um bocadinho das saudades, um bocadinho”*.

Em termos de tempos livres fica em casa com a mãe e nunca passeia. Comunica com os familiares por telefone, uma vez por semana.

A nível de actividades de tempos livres, gosta de assistir a novelas, de andar, de passear, de conhecer vários sítios do país.

A relação com os portugueses é boa e apenas se lamenta do processo burocrático da legalização. Apesar de a resposta não ser clara, parece não encontrar diferenças significativas entre portugueses e cabo-verdianos.

Luísa sente-se satisfeita com o projecto migratório. Se fosse hoje voltava a tomar a mesma decisão.

Luísa recorda o passado com saudade, mas com tristeza, dos filhos e da casa. Como acontecimento que a marcou refere o 25 de Abril.

Cabo Verde é central na sua identidade. Os símbolos são importantes e Domingas emociona-se com o hino. Refere, ainda, os lenços de Cabo Verde (lenços que as mulheres usam na cabeça).

Quando se reformar, Luísa tenciona regressar a Cabo Verde e poder guardar algum dinheiro para arranjar a casa. Não tem intenção de emigrar para outro país. Considera Portugal um espaço de oportunidades para os filhos e pensa que se os seus filhos estivessem em Portugal, teriam facilidade em encontrar trabalho.

Luísa sente-se feliz e sente-se cabo-verdiana.

Afirmações mais significativas

[...] Eu aqui trabalhei, juntei dinheiro e mandei ir buscar o meu marido. O meu marido veio só em Novembro de 2006 [seis anos depois da D. Luísa vir]. Só não pude fazer isso antes porque dinheiro eu já tinha, os papéis é que não.

[...] Tudo eu gostava um pouco. Gostava de 'tar no campo a trabalhar com enxadas e com colegas. A gente cantava, dançava, passava o dia e quando chegava à tarde, a gente não sentia quase cansaço, porque a gente andava sempre divertido! Em casa também, eu andava sempre divertida, eu gostava de coser, 'tava sempre na minha máquina a cantar. Na minha casa, a arrumar, com os meus filhos, 'tava tudo pequenininho...

[...] Eu aqui trabalhei, juntei dinheiro e mandei ir buscar o meu marido. O meu marido veio só em Novembro de 2006 [6 anos depois da D. Luísa vir]. Só não pude fazer isso antes porque, dinheiro eu já tinha, os papéis é que não. Só em 2005 fiquei legal. Em 2006, eu fui para Cabo Verde em Abril (para férias) e o meu marido veio em Novembro de 2006. A minha filha veio em Outubro de 2006, aquela que veio para cá estudar. Acabou o 12.º, arranjei os papéis e ela foi pedir vaga, faz formação de não sei o quê... [Mais tarde diz o curso da filha: Assessoria de Administração]

[...] Telefonei para o meu marido, liguei para o marido e disse para ele que já tinha arranjado trabalho, que agora 'tava a trabalhar para arranjar dinheiro para pagar àquela senhora que tinha emprestado. E o meu marido depois disse assim: "Você agora vai ficar lá sozinha...(eu 'tava cá com o meu cunhado, eu vim para casa do irmão dele) e eu disse que 'tava junta com o seu irmão, que a gente ía trabalhar, que tínhamos vizinhos bons, tudo bem. «Quando eu juntar esse dinheiro, eu pago à senhora e vou-me embora». E ele então: «Tá bem, se você 'tá bem lá, pode ficar. Nunca se sabe se algum dia eu vou lá ter contigo». Então, fiquei para trabalhar. Quando eu paguei à senhora, eu expliquei a ele que já tinha metido os documentos dentro e que 'tava à espera que saia. Eu não vinha com aquela decisão de ficar para sempre. Vinha com aquela ideia de que tenho que trabalhar para levar àquela senhora o dinheiro.

[...] Eu sinto, porque é assim, quando eu 'tou junto com eles [portugueses] eles falam comigo como se eu fosse da família deles! Como se eu fosse do mesmo sangue. Eu não senti nada de racismo.

[...] Eu sou cabo-verdiana. Eu gosto de viver com os portugueses e penso que sou como eles, não sinto diferença, mas eu, no fundo, sou cabo-verdiana.

4.17. Entrevista U1 — Vera

Perfil sumário

Vera tem 44 anos e é natural da Rússia, Moscovo, apesar de ter nacionalidade ucraniana, que pediu pelo facto de o marido ser ucraniano. O marido e os filhos falam russo e ucraniano, mas Vera não consegue falar ucraniano.

É casada e vive em Lisboa sozinha. Os dois filhos vivem na Ucrânia, em Kiev, e, no momento da entrevista, o marido tinha partido havia pouco tempo para Espanha, em busca de um melhor ordenado.

Faz limpezas num bar, ganhando 670 euros mensais, mais horas extraordinárias. Na Rússia tirou um curso de professora de crianças. Tem religião ortodoxa, mas não é praticante. Para Vera a sua religião não é diferente de outras, nomeadamente da católica, gostando de ir a Fátima apreciar as igrejas. Não se interessa por política, em Portugal: *“Não me interessa...A minha política: minhas filhas, meu marido, meu gato...”*.

A história de Vera

Antes de imigrar para Portugal, Vera viveu dois meses na Polónia e três anos na República Checa. Neste último país, a documentação que tinha permitia-lhe usufruir dos privilégios dos nacionais. Não aponta nenhuma razão específica para ter escolhido como destino imigratório Portugal, em detrimento de outros países, mas refere que a motivação foi de

ordem económica — conseguir uma vida melhor. Conseguiram viver com o dinheiro que ganhavam, mas era difícil pagar a universidade dos filhos.

Na Rússia, tinha exercido a profissão de professora de crianças, na sequência lógica do curso que tinha tirado. Na Ucrânia, a vida estava muito difícil, apesar de, de acordo com Vera, na capital se viver melhor do que no resto do país.

Vera chegou a Portugal, de avião, no dia 13 de Junho de 2001, com um visto de turismo de três meses, estando em Portugal, no momento da entrevista, há aproximadamente sete anos. A decisão de imigrar foi do marido, que emigrou por influência de um amigo que estava em Portugal. Vera ficou em Kiev com os filhos e, aproximadamente meio ano mais tarde, veio ter com o marido, sozinha, tendo deixado os filhos de 10 e 13 anos, em Kiev, entregues ao cuidado da avó, mãe de Vera. Na decisão não contaram com o apoio de ninguém, nem dos próprios filhos que nunca chegaram a vir para Portugal nem pretendem fazê-lo.

Vive numa casa arrendada, em Lisboa, na zona da Alameda. A primeira casa em Portugal situava-se na zona de Alverca, e era partilhada por Vera e pelo marido e por um amigo do marido e pela sua namorada. Posteriormente, os dois casais arrendaram uma outra casa em Lisboa. Quando a mulher do outro casal faleceu, o homem ficou a viver com Vera e com o marido, mas depois esse amigo partiu para Espanha (tendo agora o marido de Vera ido ter com ele). Vera e o marido contaram sempre com o apoio do casal e de outras pessoas.

Vera arranjou trabalho com grande facilidade. Uma vez que o marido já estava em Portugal há sete meses, tinha casa e trabalho e, neste contexto, no seu terceiro dia em Portugal, começou a trabalhar. O seu primeiro trabalho foi num colégio em Benfica. Nesse colégio não quiseram torná-la efectiva, e foi para o desemprego. Em seguida fez limpezas em casas, depois trabalhou seis meses no Hospital da Força Aérea e depois foi de novo para o desemprego. Conseguiu, então, o emprego no bar.

O trabalho actual de limpeza no bar é muito duro, mas Vera diz que está habituada a trabalhos duros. Trabalha oito horas por dia, dispondo de uma hora para almoço. Não sente preconceito no local de trabalho, nem sentiu em qualquer dos trabalhos anteriores.

Com o dinheiro que ganha consegue ajudar a mãe (e supõe-se que tal ajuda inclua ajudar os filhos).

A imigração teve consequências a nível da divisão de papéis em casa. Na Ucrânia, quando os filhos eram pequenos, era Vera quem se encarregava das tarefas domésticas. Mas em Portugal, o casal divide as tarefas e Vera chama uma pessoa para fazer as limpezas maiores, porque chega cansada para o fazer.

Sente-se integrada, mas a utilização da palavra “agora” indicia que nem sempre assim foi.

Vera aprecia cinema russo, música clássica (não trouxe os seus CD para Portugal e sente falta deles) e literatura. Não integra grupos que só incluam ucranianos, tem amigas portuguesas e uma russa. Não tem nenhuma amiga ucraniana. Gostaria de comprar casa e que o marido venha viver com ela, referindo que esta foi a última vez que ele saiu. Em termos de viagens à Ucrânia não foi em 2007 mas pretendia ir em 2008. No total, fez três viagens à Ucrânia. Comunica com a família duas vezes por semana, por telefone, não tendo internet em casa.

Em termos de actividades de tempos livres, gosta de sair com as amigas ao fim-de-semana. Compram garrafas de vinho e cantam. Fazem festas grandes. Gosta de ler e de ouvir música.

A relação com os portugueses é boa e Vera considera que, em termos gerais, os portugueses têm bom coração e que a ajudaram muito. Considera os portugueses diferentes dos ucranianos em várias dimensões. Refere diferenças na forma de vestir (na Ucrânia existem regras sobre a forma como as pessoas se devem vestir no local de trabalho). Os portugueses sujam mais as ruas e não têm cuidado com a porcaria que os cães deixam nas ruas. Em

Lisboa, as pedras da calçada dificultam caminhar de saltos altos. Referencia, ainda, a cor mais clara dos ucranianos, as mulheres portuguesas que usam cabelos mais compridos, os olhos castanhos dos portugueses.

Vera está satisfeita com o seu projecto imigratório e, se fosse hoje, voltaria a tomar a mesma decisão. Os símbolos (bandeira e hino) são importantes. No seu trabalho tem a bandeira da Ucrânia e na Ucrânia a família tem a bandeira de Portugal. Vera está habituada à vida em Portugal e não tenciona regressar à Ucrânia.

Quando vieram, pretendiam ficar um ano, mas acabaram por gostar, e o projecto de regresso dissipou-se.

Vera não tenciona imigrar para outro país. Gostaria que os filhos viessem para Portugal e arranjassem cá emprego. Um deles licenciou-se em “Organização do Trabalho” e é gerente (“manager”) e o outro está a terminar a “Universidade Internacional”, considerando Vera que poderia trabalhar no aeroporto ou na embaixada.

Vera sente que não se transformou enquanto pessoa, em resultado da imigração, apesar de estar mais triste por estar longe do marido e dos filhos. Sente-se russa: “*Sou russa. De dentro, sou russa. Do coração*”.

Afirmações mais significativas

[...] Primeiro nós chegámos para ganhar mais. Aqui ‘tou melhor, meu coração está melhor. Por exemplo, para mim não interessa como te vestes, queres vestir calças, queres saia... mas na minha terra não podes ir para o trabalho com calças...Depende dos trabalhos. Vestidos a direito, blusão branco, bege ou cor cinza mas não calças, só saias.

[...] O casal. Ajudámo-nos uns aos outros. Graças a Deus, trabalhei sempre com pessoas muito boas. Tenho sorte para pessoas, para amigos. Muito boas pessoas, muito boas. Quando cheguei não sabia dizer nada, só “bom dia”. E ajudaram-me muito.

[...] Agora, para mim...também tenho saudade, da Primavera...nós temos neve e temos flores...Eu gosto de cá, sinto bem cá. Tenho saudades. Mas quero ficar cá. Na Ucrânia há mais regras, mais proibições...

[...] Como tenho coragem, vou sair com as minhas amigas, cantar. Não é todos os fins-de-semana, mas conseguimos ir. Compramos garrafas de vinho e vamos jantar e sair. Fazemos festas grandes...

[...] Na minha terra somos mais clarinhos...[risos]. A cor das pessoas, os olhos castanhos, o cabelo das mulheres...nós cortamos mais o cabelo. Todas [as portuguesas] têm os cabelos compridos.

4.18. Entrevista U2 — Axana

Perfil sumário

Axana tem 36 anos e é natural de Ternopil. É casada e vive na Charneca com o marido e com os dois filhos de 16 e 22 anos. É proprietária de uma loja de produtos alimentares em Almada, ganhando em média 500 euros mensais, por vezes um pouco mais. Na Ucrânia estudou até ao 10.º ano e depois tirou um curso de costureira com a duração de dois anos. É católica. Não se interessa por política, em Portugal, e na Ucrânia também não tinha interesse por política.

A história de Axana

Antes de imigrar para Portugal, Axana nunca tinha imigrado para outro país. O marido escolheu Portugal como destino imigratório em detrimento de outros países porque, devido ao Euro, havia muito trabalho em Portugal. A motivação foi, pois, de ordem económica. Axana emigrou para se juntar ao marido.

Na Ucrânia, Axana trabalhava num ateliê de costura. Havia pouco trabalho e ganhava-se mal.

Axana chegou a Portugal, num autocarro, com mais vinte, trinta pessoas, acompanhada pelos filhos no dia 12/13 de Agosto de 2001, com um visto de turismo de três meses, estando em Portugal no momento da entrevista há aproximadamente sete anos. Na decisão não contaram com o apoio de ninguém. A mãe não queria ficar sozinha (o irmão de Axana estava a trabalhar na Grécia), os amigos não queriam e os filhos eram ainda pequenos para apoiar qualquer decisão.

Vive numa casa arrendada, na Charneca. A primeira casa em Portugal, em que moraram um mês, situava-se na Trafaria e era partilhada com outras pessoas. Encontraram, depois, uma casa para a família, no Pinheirinho, na qual viveram um ano e meio. A casa tinha más condições e a renda era elevada. Em seguida, arrendaram um sótão e as duas casas seguintes eram já melhores.

A rede de apoio foi constituída por pessoas portuguesas que ajudaram o casal.

Axana arranhou trabalho no espaço de um mês, mas, na realidade demorou um mês porque não procurou logo de início, reservando algum tempo para se adaptar ao país. Trabalhou nas limpezas durante quatro anos, trabalho duro e cansativo e que tinha dificuldade em realizar atendendo à sua alergia aos detergentes. Decidiu, então, abrir uma loja de produtos alimentares da antiga URSS na cave de um Centro Comercial em Almada. O trabalho é duro, Axana lamenta que o espaço se situe numa cave “sem vistas” e o horário de trabalho é longo. Axana trabalha todos os dias (incluindo aos sábados) das 10 horas da manhã às 20 horas e, aos domingos, entra às 15.30 horas e sai às 19 horas.

Por vezes sente um pouco de preconceito. Em relação à situação profissional anterior Axana ganha mais, mas as suas respostas indicam que, de facto, se sente insatisfeita.

Neste momento os filhos já não são crianças mas quando eram mais pequenos ficavam no ATL da escola.

Com o dinheiro que ganha conseguia ajudar a mãe e os sogros (aparentemente no presente não ajuda, por razões que não ficam claras na entrevista), ajuda que rondava os cem, cento e cinquenta euros mensais.

A imigração não teve consequências a nível da divisão de papéis em casa. Na Ucrânia, apesar de Axana trabalhar mais em casa, o casal dividia as tarefas, divisão essa que continua a verificar-se.

Sente-se integrada. Relaciona a questão com os filhos falarem português, com a sensação de estar em casa, quando chega a Portugal depois de ter estado na Ucrânia e com o facto de, concomitantemente, se sentir mais afastada da Ucrânia.

Na culinária doméstica, Axana integra pratos ucranianos e portugueses. Assiste a canais ucranianos, a cinema ucraniano e lê jornais ucranianos feitos em Portugal.

Não integra grupos que só incluam ucranianos, não tem amigos portugueses: “Não. Só pessoas conhecidas”.

Gostaria de comprar casa, de estar próxima da família e dos amigos, de ter o seu próprio ateliê de costura.

Em termos de viagens à Ucrânia, foi em 2005, para ver a mãe e pretendia ir em 2008.

Comunica com a família por telefone. Não tem internet em casa. Antes escrevia cartas, mas agora só o faz no Natal.

Em termos de actividades de tempos livres, gosta de descansar com a família, de ir à praia, de conhecer o país (ainda só conhece Évora mas os filhos visitaram vários lugares de Portugal, através das excursões da escola).

A relação com os portugueses é boa, e, quando solicitada a comparar os dois povos, Axana evoca questões relativas à organização curricular (horas excessivas na escola e má organização curricular). Pensa que as ideias dos dois povos são iguais mas aponta como uma diferença o facto de haver um maior número de ucranianos a cultivarem as suas terras. Por outro lado, não sabe como os ucranianos vêem os portugueses. Não sentiu preconceito no lugar de trabalho, mas refere que o marido muitas vezes não foi pago pelos patrões e que outros ucranianos sentem preconceito.

Em termos de dificuldades sentidas, Axana refere o facto de o filho ter perdido um ano escolar ao chegar, por causa da língua, e da falta do verde da Ucrânia.

Axana está satisfeita com o seu projecto imigratório e, se fosse hoje, voltaria a tomar a mesma decisão: “Sim, aqui já está como minha casa”. Tem saudades da sua terra Natal e a Ucrânia é central para a sua identidade (apesar de não concordar com a política ucraniana). Dá como exemplo o festival da canção, que tinha tido lugar na véspera da entrevista e em que a Ucrânia tinha conquistado o segundo lugar, o que a tinha deixado feliz. Os símbolos são importantes. Antes, recordar o país ajudava mais a superar as dificuldades do que no presente. Axana ainda não sabe se regressará à Ucrânia ou se continuará a viver em Portugal. Pondera vários factores, que favoreceriam uma ou outra decisão: Tem uma casa na Ucrânia que está arrendada; em Portugal não tem casa; na Ucrânia é mais fácil fazer amigos porque os jovens passam mais tempo na rua, a escola na Ucrânia é mais difícil, o filho mais novo não sabe escrever ucraniano. Os filhos dizem: “*Quando vamos, vamos*” o que significa: “*A seu tempo se verá, não vale a pena pensar muito nisso*”. Quando vieram para Portugal tencionavam ficar um ano e meio, dois anos, mas neste momento não existe uma data de regresso definido (nem mesmo um projecto de regresso definido).

O dinheiro ganho vai sendo amealhado com o objectivo de comprar uma casa. Axana coloca a hipótese de vir a imigrar para Espanha, país em que trabalha o seu primo, que ganha bem e que conseguiu comprar casa e carro. Considera Portugal como espaço de oportunidade para os filhos, atendendo que na Ucrânia, como a maioria das pessoas tem um curso superior, se torna mais difícil arranjar trabalho.

Axana sente que se transformou enquanto pessoa, em resultado da imigração, e considera-se menos ambiciosa e mais calma que os ucranianos. Sente-se ucraniana e um pouco portuguesa. Se ficar a viver em Portugal, tenciona adquirir a nacionalidade portuguesa, mas se regressar à Ucrânia terá problemas se, entretanto, adquirir a nacionalidade portuguesa.

Afirmações mais significativas

[...] Mais anos passa, quando eu passa férias na Ucrânia estou com mesmas pessoas, mas para mim já menos perto e quando volta para Portugal: “Ah [suspira], tá bom, já na casa”. Mais calmo aqui, já está habituada aqui. Quando foi de férias Ucrânia estava muito stressada, pessoas preocupadas com outros problemas. Claro, mãe,...mas já tem distância.

[...] Na minha terra estudo é mais importante. Quando meu filho estudou na Ucrânia, volta da escola e mais cinco horas a trabalhar. Todo o dia na escola para criança, muito, volta cansado, não consegue fazer trabalho de casa, por isso eu compreendo ele. Lá estuda até duas e dez, estuda em casa, mais descanso e melhor. Aqui tem de manhã ginástica, depois às seis da tarde matemática. Por isso criança estuda pior, porque está muito cansada

[...] Ideias iguais. Nós temos mais fazenda para trabalhar na terra, mesmo na cidade, batata, cebola, cenoura, sem químicos. Toda a família cultivam, aqui tem duas vezes por anos batatas, nós só tem um porque tem Inverno, mas quase todos trabalham na terra nos tempos livres, mais os mais velhos do que os mais novos.

[...] Como mãe muito preocupada com filho. Mais velho acabou três classes na Ucrânia e dois vezes na terceira classe [repetiu ano] por causa da língua.

[...] Filhos quando chegaram aqui perguntaram: “Por que nós vimos aqui?”. Agora já é habituados, já têm amigos, casa melhor.

4.19. Entrevista U3 — Lúcia

Perfil sumário

Lúcia tem 53 anos e é natural de Kiev na Ucrânia. É divorciada e vive no Estoril em casa dos actuais patrões. Tem um filho de 35 anos e uma filha de 33 anos, que está grávida. A filha mora em Kiev e o filho na Rússia. É empregada doméstica e recebe 650 euros mensais. Tem religião ortodoxa mas não é praticante. Interessa-se muito quer pela política portuguesa, quer pela política ucraniana. Não tem tempo para fazer desporto, mas simpatiza com o Sporting. Na Ucrânia simpatizava com o Dínamo de Kiev.

A história de Lúcia

Antes de vir para Portugal, Lúcia tinha estado na Rússia. Foi para a Rússia com vinte anos, quando casou com um ucraniano. Parou de estudar e teve que ir trabalhar cinco anos para o Norte da Rússia. Esta situação não resultou de uma opção, mas de uma imposição do partido. Actualmente essa regra já não existe. Os filhos nasceram na Rússia, e Lúcia e o marido separaram-se. Lúcia ficou sozinha com os dois filhos na Rússia, no meio do gelo. Mais tarde foi para Moscovo e depois regressou a Kiev, onde ficaram a morar com a mãe de Lúcia. Estudou na Ucrânia para “Técnico de obra”. Ao mesmo tempo trabalhava numa fábrica de salsichas. O trabalho na Ucrânia era muito difícil e a remuneração muito baixa. Lúcia não estava satisfeita com a vida na Ucrânia. Lamenta-se da grande corrupção, de lhe roubarem dinheiro. Acumulou dívidas e ficou a dever dinheiro. Teve que vender a casa para poder pagar as dívidas. Veio para Portugal sem dinheiro e sem apoio de ninguém.

Não planeou um projecto migratório, com Portugal como destino. Apenas queria sair da Ucrânia. Veio num autocarro da máfia com mais quinze pessoas. A ideia dela era ir para Espanha, mas acabou por sair em Portugal, tal como os sobrinhos. Em Espanha, encontraram uma carrinha da máfia. Apontaram-lhes pistolas à cabeça e exigiram todo o dinheiro que tinham. Não quiseram o ouro. Quando chegaram a Lisboa (1 de Janeiro de 2000, visto de turismo) o motorista ucraniano disse-lhe que, se quisesse trabalhar

numa fábrica de móveis, um africano a encaminharia. O africano levou-a para uma pensão, no Intendente. As condições foram explicitadas. Quando ela arranjasse trabalho dava-lhe dinheiro. Lúcia ficou num quarto com cinco mulheres russas, três delas à espera de trabalho e depois foi para a fábrica de móveis em Ourém. Dormia na cozinha da dona da fábrica, uma cozinha grande e cheia de ratos. Tinha uma cama, um fogão, uma casa de banho sem duche. O calor era intenso, o pó imenso e o trabalho muito duro. Não havia ventoinhas. Quando acabava de trabalhar, Lúcia cantava sozinha, para aliviar a dor. Mais tarde, arrendou uma casa com os sobrinhos. A dona da fábrica não quis fazer contrato. O salário eram 320 euros, mas só recebia metade do salário, porque a outra metade ia directamente para o africano. A esse valor a dona da fábrica ainda retirava uma parte por Lúcia viver na sua casa. Lúcia não compreendia nada do que se passava. Passados seis meses foi-se embora e conseguiu tratar dos documentos, obter o número de contribuinte. Foi trabalhar para a pensão São Paulo, dirigida por um padre polaco, que a deixava viver na pensão. Recebia 365 euros e, se fizesse horas extra, recebia mais 135 euros. Nunca mais viu o africano. Depois uma amiga incentivou-a a ir para Lisboa. Em 2000, chegou a Lisboa e foi trabalhar para o bar do actual patrão. Trabalhou um ano no bar e ao fim desse tempo, o patrão ofereceu-lhe a oportunidade de trabalhar como interna na sua casa. Lúcia gostaria de abrir uma loja de calçado, mas não tem possibilidades para tal. Sente-se insatisfeita, porque o trabalho que faz pode ser realizado por pessoas sem estudos.

Envia dinheiro para a Ucrânia, para ajudar os filhos. Tem amigos portugueses. Gostaria de ter uma vida mais calma, que a vida na Ucrânia melhorasse, que houvesse menos corrupção. Todos os dias comunica com a família por telefone. Escreve e envia presentes. Gosta de Portugal. Acha os portugueses mais fechados, mais calmos, com maior paciência para as outras pessoas, pouco interessados na vida dos vizinhos.

Considera que os portugueses acham os ucranianos pessoas com pouca cultura e pobres e que pensam que têm melhores resultados no estrangeiro do que eles. Não sente preconceito no trabalho. A relação com os portugueses foi sempre a mesma, excepto nos primeiros tempos.

A maior dificuldade foi a língua. Gostou de conhecer outra cultura, outras pessoas, outra culinária. Se fosse hoje voltaria a tomar a mesma decisão. Desde que chegou foi várias vezes à Ucrânia visitar os filhos.

Recorda o desmembramento da URSS. Antes a vida para os pobres era muito barata, mas não tinham liberdade. Agora existe liberdade, mas também corrupção.

Lúcia é patriota e não se sente separada da Rússia. Emociona-se com o hino, torceu pela Ucrânia no festival da canção (bem como por Portugal) e tem uma t-shirt com a bandeira do seu país. Pensar no seu país ajuda-a a superar as dificuldades. Em termos de projectos futuros sente-se dividida: *“Para mim, vida muito complicada agora, porque meu coração partir [partido]”*. Não tem, pois, uma data de regresso a Portugal.

Não junta dinheiro, porque parte envia para os filhos e gasta a outra parte. Não tem intenção de imigrar para outro país.

Lúcia sente que mudou, em resultado da imigração, que está mais triste, mais calma, que se tornou uma melhor pessoa, menos agressiva. Quando regressar à Ucrânia tenciona pedir desculpa a muitas pessoas. Não se sente ucraniana, sente-se mais russa e agora um pouco portuguesa, porque mais triste como os portugueses.

Afirmações mais significativas

[...] Num quarto cinco mulheres russas, três espera de trabalho. Esta pensão aqui Intendente mais de vinte e quatro horas eu dormir porque cansada. Muito complicado a estrada. Eu não pensa nada. Minha cabeça muito complicada, eu medo. “Tu queres agora, tu vais agora”, diz o africano. Homem manda, eu não posso falar. Homem estudar na Rússia e fala russo muito bem, estudar numa universidade. Sobrinhos no outro lado, sobrinho vai perto Fátima trabalha na construção. Medo do homem fazer mal, mas depois eu saber que não. Ele foi embora, senhora da pensão fazer um bocadinho comer, trazer ela fábrica móveis perto Ourém, lixar móveis.

[...] Na casa da dona da fábrica. Dorme na cozinha. Cozinha grande, só ratos e eu [risos]. Aqui não mora ninguém, só tem cama, fogão, casa de banho e não tem ducha e calor, quarenta graus e não pode dormir e não tem ducha, tem rato esta vida. Eu quando acabar de trabalhar eu cantar, eu sozinha eu cantar.

[...] Dona não quer fazer contrato, metade do meu salário pagar para africano, antes 320 euros, só recebia metade, dona tirar dinheiro porque mora na casa. Eu nem via outra metade. Eu não compreendia nada. Eu não sabia nada, depois passou os seis meses e vai embora. Fez número de contribuinte.

[...] Desmembramento da União Soviética, muitos ucranianos já pensam que melhor voltar para trás, porque nós muitos anos muito mal. Pessoas sempre pensam que depois vida melhor, mas infelizmente...quando Bresnev, vida para pobre muito barata, mas não tem liberdade. Agora dão liberdade, mas grande corrupção continua.

[...] Eu vinte dias para trás voltar meu país e eu dizer minha mama “eu não sei o que fazer”. Para mim vida mais complicada agora, porque meu coração partir [partido].

4.20. Entrevista U4 — Tetyana

Perfil sumário

Tetyana tem 41 anos e nasceu em Orel, cidade russa. Os seus pais são russos, mas com apenas três anos foi para a Ucrânia, tendo nacionalidade ucraniana. É casada e reside em Lisboa, em Alvalade. Vive com o marido e com um filho de 17 anos, que no próximo ano vai tentar entrar na universidade. É empregada doméstica e faz limpezas numa residência universitária em Lisboa. Tem religião ortodoxa, mas não é praticante. Não se interessa pela política, apesar de acompanhar o que se passa em Portugal e no seu país. Não pertence a qualquer grupo desportivo, mas simpatiza com o Porto. Tirou o curso de *manager* de negócio.

A história de Tetyana

Com apenas três anos, Tetyana foi viver para a Ucrânia, de onde só saiu para vir para Portugal. Na Ucrânia, inicialmente, trabalhava como vendedora, depois chegou a directora de supermercado. Trabalhava treze horas diárias. Quando o marido veio para Portugal, Tetyana teve que deixar o trabalho, porque tinha que ficar com o filho, que tinha na altura oito anos, e o trabalho acabava às 21 horas. O ordenado era pequeno e gastava muito dinheiro com os transportes. Estava insatisfeita com alguns aspectos da vida na Ucrânia, como a economia e a política. A vida era muito difícil. Tetyana cozia o seu pão porque o pão era caro. O marido veio para Portugal, porque conheciam alguém na terra que tinha vindo para Portugal, e encontrado trabalho. Outras pessoas tinham imigrado para a Grécia, para Espanha, para França e tiveram que voltar à Ucrânia por não estarem legalizadas. Tetyana não estava à espera de sair do país, mas a decisão acabou por ser do casal. O marido veio para Portugal em 1999 e Tetyana veio um ano e pouco mais tarde, em Janeiro de 2001, deixando o seu filho com a avó. Para Tetyana foi muito difícil deixar o filho e a mãe. Para poder fazer a viagem teve que pedir dinheiro a pessoas a quem veio mais tarde a pagar com juros. As pessoas apoiaram a sua decisão. Quando chegou, viveu em Fetais (localidade próximo a Sesimbra), mais tarde em Santos e posteriormente numa outra casa que sofreu uma inundação. Actualmente vive numa casa melhor, em Alvalade. É uma casa com quarenta anos, mas o marido fez obras. Em Portugal contou com o apoio do Serviço de Refugiados e de um amigo do marido. O patrão do marido ficou a dever-lhe muito dinheiro. Não tinham família em Portugal. Mais tarde, alguns amigos também vieram para Portugal.

Tetyana entrou com o visto turístico, e lamenta-se da burocracia em Portugal. Veio de autocarro numa viagem longa, mas de que gostou, por ter visto muitos países. Demorou um mês a arranjar trabalho (refere que para os homens é maior a dificuldade em arranjar trabalho). Começou por trabalhar numa empresa, tinha que se levantar às três e meia da manhã. Estava sempre com dores de cabeça, devido ao horário. Depois trabalhou cinco anos e meio numa casa como doméstica, mas a patroa não lhe queria pagar subsídios. Mais tarde, Tetyana e o marido foram para Itália, motivados por amigos, mas não gostaram e regressaram a Portugal. No regresso, começou a trabalhar como empregada doméstica

no Restelo e a fazer limpezas na residência dos Jesuítas. Não está muito satisfeita com o trabalho, porque não está a exercer a sua profissão: “...a minha profissão não é para limpar!”, expressando a *décalage* entre a sua formação escolar e o trabalho que desempenha, mas contenta-se, reconhecendo que não domina bem a língua e que não é fácil encontrar trabalho. Mas gosta das pessoas. Trabalha oito horas por dia. Sentiu preconceito no SEF, mas não nos seus trabalhos, e considera que a sua situação profissional melhorou.

Envia presentes para o irmão mais velho, para o cunhado, para a sobrinha, para a mãe, e quando estão na Ucrânia, compram comida para todos (Tetyana refere que a comida na Ucrânia é muito cara). Não ocorreu mudança de papéis, em resultado da imigração, e continua a ser Tetyana a fazer a maior parte do trabalho doméstico (apesar de o marido estar desempregado e de ela estar a tirar um curso de informática à noite).

Apesar das dificuldades iniciais com a língua e com a inundaçã da casa (perderam muitos electrodomésticos e tiveram prejuízos), Tetyana sente-se integrada na sociedade portuguesa.

Estranha comportamentos das vizinhas, que deitam lixívia para as flores do seu quintal, vê canais ucranianos, filmes e lê livros. Em termos de culinária, deixaram de trazer produtos da Ucrânia (infere-se que ou por esses produtos serem actualmente de fácil acesso em lojas próprias ou por se ter adaptado à culinária portuguesa). Tem amigos e conhecidos ucranianos, e através de um *site*, encontrou uma colega da escola, que também está em Portugal. Também tem alguns amigos portugueses. Gostaria que o seu filho fosse estudar para a sua cidade, queria ter casa própria. Todos os anos vai à Ucrânia. Comunica com os familiares por internet (antes comunicava por telefone).

Em termos de tempos livres, gosta de bordar ponto de cruz e de viajar por Portugal.

A relação com os portugueses é boa. Encontra várias diferenças entre portugueses e ucranianos. Estranha que em Portugal os homens chorem tanto: “*Na minha terra, homem chora quando tem alguma coisa muito...quando morreu alguém da família, mais fortes. Aqui,*

não percebi, no primeiro ano...muitos homens a chorar! [risos]. Por coisas pequenas...”. Considera os portugueses simpáticos, mas cínicos. Pensa que os portugueses têm uma imagem positiva dela.

Sente-se satisfeita com o projecto migratório e se fosse hoje voltaria a tomar a mesma decisão.

Tem saudades da família e dos amigos e diz: *“E hoje eu lembrei-me (em conversa) que na minha terra nesta altura, no Outono, a paisagem é linda, linda porque temos muitas cores nas árvores...aqui, nunca vi!”.* Tem saudades da União Soviética porque não havia fome e ninguém pensava sair e ir para outro país. Era um país grande, unido e não havia guerra: *“Era uma região com muitas nacionalidades, não sei, eu gostava”.* Refere o facto de que existiam livros proibidos.

Gosta muito da Ucrânia mas sente-se russa e considera que as pessoas russas não fazem mal umas às outras enquanto que as ucranianas fazem. Gosta do hino da Rússia, das palavras e da música e nos Jogos Olímpicos torce pelos dois países. Pensa muito no seu país. Tenciona regressar à Ucrânia mas não sabe quando. Gasta todo o dinheiro ganho. Não tenciona imigrar para outro país e considera que Portugal poderá ser um espaço de oportunidades para o filho.

Pensa que mudou pouco em resultado da imigração. Sente-se russa e um bocadinho portuguesa por estar cá há muitos anos e gostar deste país.

Afirmações mais significativas

[...] Porquê Portugal, eu vou explicar, porque na minha terra, naquela altura, era muito, muito mau, nós tínhamos muito pouco dinheiro. Eu cozia o pão porque comprar era mais caro, a vida era horrível. [Era muito difícil...] Sim. E muitas pessoas experimentou ir para a Grécia, Espanha, França, não sei o quê. E muitas pessoas voltou porque não estavam legalizadas e...alguém da minha cidade foi para Portugal, ficou cá e encontrou trabalho e o meu marido veio experimentar e depois ficou cá.

[...] Isso foi a coisas que aconteceu pior na minha vida, o meu filho ter ficado tanto tempo sem os pais... foi a coisa pior da minha vida. Porque todos os dias a pensar: “Como está meu filho?” “E a minha mãe?”. Não era uma coisa de: hoje lembrei, amanhã não, não! Acordava a pensar nisso.

[...] Agora já não tenho [problemas]. Sei que não falo muito bem mas agora já não tenho problemas. No princípio um pouco, sim, porque...quando cheguei não sabia nada. Mas estou muito agradecida para toda a gente, porque toda a gente ajuda a perceber, a explicar... Eu também sou uma pessoa que quer aprender mais, mais. E eu sempre pergunto o que é isto; o que é aquilo...E as pessoas explicam, com prazer e eu estou agradecida.

[...] Há muitas diferenças. Por exemplo, aqui, primeira vez, vi que muitos homens, muitas vezes ‘tão a chorar. Na minha terra, homem chora quando tem alguma coisa muito... quando morreu alguém da família, mais fortes. Aqui, não percebi, no primeiro ano... muitos homens a chorar!! [risos] Por coisas pequenas...

[...] Tenho saudades da União Soviética, era muito boa vida. Era coisas que nós não conseguimos saber porque era fechado mas...nunca tivemos fome. Nenhuma pessoa pensava ir para outro país ganhar dinheiro porque era suficiente e era muito barato a electricidade, água, luz, casas, tudo. Comíamos muito bem. Bem...havia coisas que... alguns livros que não podíamos ler porque...[eram proibidos] Mas eu gostava porque país muito grande, tudo muito junto, não era guerra...nada. Era uma região com muitas nacionalidades, não sei, eu gostava.

4.21. Entrevista U5 — Lyudmyla

Perfil sumário

Lyudmyla tem 20 anos e é natural de Vinnitsia. É solteira e namora com um moldavo. Reside na Cova da Piedade (margem Sul do Tejo) e é empregada de mesa num café na

Costa da Caparica, recebendo 450 euros mensais. Tem religião ortodoxa, não se interessa por política e não pertence a qualquer grupo desportivo (na Ucrânia praticava saltos para a água e acrobática). Tem o 12.º ano tendo estudado em Portugal desde o 9.º ano. Fez o curso tecnológico de administração e gostava de tirar Contabilidade na universidade.

A história de Lyudmyla

Na Ucrânia era estudante. Veio para Portugal em resultado de uma decisão dos pais (a mãe é russa e o pai ucraniano), tendo chegado de avião no dia 3 de Abril de 2003.

Em Portugal, viveram inicialmente na Trafaria e actualmente na Cova da Piedade. Quando o pai veio para Portugal (o pai veio antes de Lyudmyla e da mãe) não tinham mais familiares no país. Os primeiros tempos foram muito difíceis para o pai que não tinha casa (vivía em casa de um amigo), nem trabalho, nem dinheiro. Com o tempo conseguiu tratar dos documentos. Lyudmyla pensa que entrou com o visto de estudante. Tiveram muitas dificuldades e a língua foi uma delas. Na Trafaria, onde viviam, um brasileiro ensinava o português a Lyudmyla e ao irmão.

Quando chegou começou por ir à escola mas teve muitas dificuldades. Na turma existia outra ucraniana que estava mais adaptada. Os portugueses não queriam fazer amizades e Lyudmyla sentia vergonha e não tinha amigos. Passaram nove meses e começou a procurar trabalho. Não está satisfeita com o trabalho actual e pensa que merece um trabalho melhor e mais adequado à sua formação escolar. Fez um estágio numa loja de contabilidade mas não teve possibilidade de continuar a trabalhar lá por ter pouca prática. Trabalha oito horas por dia e tem folga um dia por semana. Por vezes, sente-se discriminada e considera que os portugueses pensam que os ucranianos são os responsáveis pelos crimes em Portugal.

Parte do dinheiro que ganha é dada aos pais e gasta a outra parte. Em resultado da imigração houve uma mudança de papéis dos pais. A mãe é costureira e chega tarde a casa pelo que é o pai quem habitualmente faz o jantar. Também ela e o irmão passaram a ajudar nas tarefas domésticas.

Lyudmyla não se sente integrada na sociedade portuguesa. Sente-se estrangeira em Portugal mas na Ucrânia também se sente estrangeira: *“Não, não estou a integrar-me. Na verdade sinto-me mal, mas também não sei se vou voltar algum dia à Ucrânia. Já fui passar as férias lá, e os meus amigos dizem-me: «Chegaste de um país diferente» e tal, e olham para mim com uns olhos diferentes. Aqui sinto-me 100% ucraniana, e lá não me sinto nada, sinto-me estrangeira, não me sinto portuguesa, mas sinto-me estrangeira lá. Se estivesse noutro país acho que me sentia na mesma, não sei, mas...”*. Sentiu dificuldades com a língua (por vezes o seu sotaque é alvo de gozo das outras pessoas) e não gosta do clima (e de praia).

Assiste a canais ucranianos, lê diariamente um jornal ucraniano (e um português) e em casa fala-se o russo (língua da mãe). Em termos de culinária misturam pratos dos dois países mas considera que a comida dos dois países não é muito diferente. Não pertence a grupos que integrem apenas ucranianos mas tem amigas de Leste. Não tem amigos portugueses.

Gostaria de continuar a estudar. Desde que chegou foi à Ucrânia apenas uma vez ver a avó. Comunica com as duas amigas que estão na Ucrânia por mensagens de telemóvel e fala com elas no Natal, no Ano Novo e nos aniversários.

Em termos de tempos livres gostava de ir à praia no Verão mas esse interesse parece ter desaparecido. Gosta de estar com a amiga, de ir ao cinema, ao café, de jogar snooker.

Dá-se bem com os portugueses mas gosta de estar com ucranianos. Pensa que os portugueses estão sempre mal dispostos, considera os portugueses mais fechados do que os brasileiros, considera os portugueses diferentes quer a nível físico quer psicológico. Pensa que os portugueses afastam os estrangeiros de Leste. Sente preconceito no trabalho por parte de uma colega que não a ensina.

Se fosse hoje procuraria que os pais não tomassem a decisão de vir para Portugal. Se pudesse voltar atrás teria ficado na Ucrânia e neste momento não sabe se quer ficar ou regressar.

Sente saudades da Ucrânia e, principalmente, dos amigos da rua com quem brincava todos os dias. Sente saudade da neve e do Inverno. A bandeira não era importante mas passou a ser. Não sabe o hino todo.

Quando pensa na Ucrânia sente-se triste: *“Fico com mais dificuldades quando começo a pensar no meu país. Quando, por exemplo, estou no trabalho a lavar a loiça, e que ninguém me vê, começo a lembrar do meu país, até as lágrimas me vêm aos olhos”*. Não sabe quando regressará nem se regressará. Gostaria que pudessem comprar casa em Portugal (teriam que vender a casa da Ucrânia) em vez de terem que pagar renda. Considera a possibilidade de imigrar para outro país com o irmão, mas acrescenta: *“Se tivesse possibilidades emigrava para outro país, mas como não tenho possibilidades. Como é que eu vou chegar lá? E depois? [risos] O que é que eu vou fazer?”*

Junta algum do dinheiro que ganha para comprar um carro.

Transformou-se, enquanto pessoa, em resultado da imigração. Tornou-se mais envergonhada por não falar bem o português. Também passou a vestir-se de uma forma mais discreta porque a forma como se vestia (saías curtas e decotes) fazia com que os homens a vissem como prostituta. Em Portugal sente-se ucraniana, mas na Ucrânia sente-se estrangeira.

Afirmações mais significativas

[...] A língua é uma barreira, quando não sei uma palavra pergunto ao meu colega. Eu tenho um grande sotaque, as pessoas às vezes começam a gozar o meu sotaque. Eu pergunto como se diz uma coisa sem sotaque, para eu aprender. Não estou integrada, não sei...

[...] Vejo-os sempre mal dispostos [os portugueses]. Quer dizer eu...[risos]. Na verdade fazia mais amizades com os brasileiros. Para mim como estrangeira, eles falam o português, para mim é igual, como para vocês, ucranianos, russos é tudo igual, moldavos, é tudo a mesma coisa, para mim os portugueses e os brasileiros são a mesma coisa. Fiz muitas amizades com brasileiros. Acho que vocês são mais fechados, vou dar um exemplo: eu trabalho num café e uma vez chegou uma ucraniana que nunca conheci, que nunca

vi na vida, e foi lá almoçar e eu fiz amizade com ela, num instante. Vi que era ucraniana e começámos a falar ucraniano, e depois do almoço, ela chegou para pagar, e deu-me dois beijinhos, e desejou boa vida, boa sorte e não sei o quê, e os portugueses que estavam lá disseram se eu conhecia ela e eu disse que não. E disseram-me: “A primeira vez que a vê dá beijinho na outra” e eu disse que é uma coisa normal, pois era uma rapariga, não era um rapaz. Eu acho que neste aspectos, vocês...

[...] Se fosse agora, se eu voltasse o tempo para trás, eu fazia tudo para os meus pais não virem para cá, mas como já passou este tempo, já não sei o que pretendo mais. O que quero, estar cá ou estar lá. Já estou na boa aqui, já nem...já tanto faz [risos envergonhados]. Se voltasse o tempo para trás ficava lá.

[...] Na verdade antes não era tanto, mas agora a bandeira é importante. Como comecei a ter saudades a bandeira agora...O hino sei, não sei todo, mas...

[...] Em Portugal, como já disse, sinto-me ucraniana, mas na Ucrânia sinto-me estrangeira.

4.22. Entrevista U6 — Olga

Perfil sumário

Olga tem 19 anos e é natural de Lvov. É solteira e reside em Almada. Vive com a mãe e com o namorado da mãe. Trabalha num pequeno supermercado de produtos da antiga URSS (a irmã do namorado é a proprietária do estabelecimento) na Cova da Piedade. Ganha 450 euros mensais e tem contrato de trabalho. É de religião ortodoxa e não se interessa por política. Não pertence a qualquer grupo desportivo mas simpatiza com o Benfica. Tem o 12.º ano (em Portugal tirou o 9.º ano).

A história de Olga

Portugal foi o primeiro país para o qual emigrou. Na Ucrânia era estudante. Gostava de estudar. Em Portugal é mais difícil por causa da língua.

Veio para Portugal em resultado de uma decisão da mãe (o pai faleceu. Era russo mas viviam na Ucrânia). Na Ucrânia, a mãe tinha uma empresa onde trabalhava como cozinheira (em Portugal continua a trabalhar como cozinheira). Chegou de avião a 9 de Abril de 2004, estando no momento da entrevista há três anos e meio em Portugal. Olga teria preferido ficar na Ucrânia com a avó (mãe da mãe). Não houve propriamente apoio da decisão da mãe por parte de outras pessoas. A mãe veio primeiro, chegou a Portugal em 2001. Na altura, Olga ficou com a avó mas mais tarde veio ter com a mãe. A mãe não tinha familiares em Portugal (mais tarde veio uma tia) mas tinha amigas. Contou com o apoio do namorado da mãe (português) para aprender a língua.

Demorou muito tempo a arranjar trabalho. Começou por trabalhar numa loja de roupa (gostava do trabalho) e num cabeleireiro (não gostou por haver muitos brasileiros). No emprego actual, na loja de produtos alimentares, começa a trabalhar às 10 horas e acaba às 20 horas (tem uma hora para almoço). Tem um dia de folga. Sentiu-se alvo de preconceito e foi olhada como diferente. A situação profissional actual não melhorou em relação à anterior.

Parte do dinheiro que ganha é utilizado para ajudar a mãe. Não houve mudança de papéis em resultado da imigração e subentende-se que continua a ser a mãe a desempenhar a maioria das tarefas domésticas (apesar de noutro momento da entrevista Olga dizer que limpa a casa nos dias de folga).

Olga não se sente integrada na sociedade portuguesa: *“Não sei. O meu lugar não é aqui”*. Assiste a canais ucranianos e russos. Festejam o Natal a 6 de Janeiro, consoante a tradição ortodoxa. Lê jornais ucranianos. Não pertence a grupos de ucranianos e tem poucos amigos portugueses (apesar de ter dito que não gostou do trabalho no cabeleireiro por haver muitos brasileiros, também tem amigos brasileiros e cabo-verdianos). Gostaria de poder continuar a estudar de forma a poder mudar a sua vida.

Desde que chegou a Portugal foi três vezes à Ucrânia de férias. Comunica com a família e com os amigos por telefone (uma, duas vezes por semana).

Nos dias de folga fica em casa e limpa a casa. No Verão vai à praia (apenas três vezes no último Verão). Trabalha muito, sente-se cansada e gosta de ficar em casa a dormir.

Pensa que portugueses e ucranianos são iguais: *“Olha, tem pessoas boas e tem também... é como as pessoas da Ucrânia, há pessoas boas e pessoas más. As pessoas são iguais às do meu país”*. Mas considera os portugueses mal-educados e racistas e que a vêem como estrangeira e com desprezo. Aprecia a beleza dos rapazes portugueses.

Se fosse hoje não teria vindo, teria ficado na Ucrânia e justifica a vinda reforçando que se tratou de uma decisão da mãe.

Tem boas memórias do passado: da avó, dos amigos, dos passeios, das idas às discotecas. O que mais a marcou foi a escola. Os símbolos não são importantes, mas considera que talvez a bandeira seja um pouco mais relevante. O seu projecto futuro é regressar à Ucrânia dentro de um ou dois anos e pensa casar dentro de dez anos (regressará à Ucrânia mesmo que o namorado queira ficar em Portugal). Não aplica o dinheiro que ganha porque o gasta na íntegra. Não tem intenção de imigrar para outro país. Pensa que a Ucrânia constituiria um melhor espaço de oportunidades para os seus filhos do que Portugal.

Sente que não se transformou em resultado da imigração. Sente-se ucraniana em Portugal, mas na Ucrânia sente que os ucranianos não a consideram ucraniana.

Afirmações mais significativas

[...] Não sei, acho que estava melhor lá. Porque a vida é melhor do que cá. Lá há mais dinheiro. Agora, sim, há mais dinheiro. Eu queria muito voltar mas minha mãe não quer.

[...] Queria outra coisa, outro emprego. Outra coisa melhor. Sei lá...também trabalhei num cabeleireiro, mas não gosto de trabalhar aqui num cabeleireiro, porque nos cabeleireiros há muitos brasileiros [risos]. Queria era trabalhar numa profissão na Ucrânia. Por exemplo, é pior trabalhar aqui, quero trabalhar com ucranianas lá na Ucrânia.

[...] Sim. As pessoas olhavam para mim como se fosse diferente.

[...] Não sei. O meu lugar não é aqui.

[...] Acho que me vêem diferente. Até com desprezo.

4.23. Entrevista U7 — Tamila

Perfil sumário

Tamila tem 28 anos e é natural de Uman. É divorciada e reside em Lisboa. Vive com a mãe e com a filha de um ano. É empregada num parque de estacionamento em Lisboa e ganha 460 euros mensais. É de religião ortodoxa e não se interessa por política. Não pertence a qualquer grupo desportivo. Na Ucrânia estudou até ao 9.º ano, mas não conseguiu equivalência a este grau em Portugal.

A história de Tamila

Portugal foi o primeiro destino imigratório. Tamila nunca tinha pensado sair do seu país. Na Ucrânia era vendedora e tinha um ordenado muito baixo e inferior ao que tem em Portugal. Neste momento não correria o risco de regressar à Ucrânia.

A decisão de imigrar para Portugal foi dos pais (e de Tamila). Decidiram vir os três, mas acabaram por mudar de ideias e Tamila veio primeiro com a mãe. Tamila justifica a escolha de Portugal da seguinte forma: *“Foi uma coisa assim, decidimos eu e os meus pais virmos para cá. No ultimo momento mudámos de ideias e vim eu e a minha mãe primeiro. A emigração para cá estava aberta naquela altura para cá. Havia mais países, mas estivemos a falar e como Portugal era o país mais conhecido,...viemos para cá”.*

Chegou no dia 10 de Abril de 2001 com a mãe, de autocarro (refere a palavra “carro” mas é comum utilizarem esta palavra para designar “autocarro”) em resultado de uma decisão dos pais. Na decisão não contaram com o apoio de outras pessoas. Viveu em três locais diferentes: Loures, Odivelas e Lisboa.

Não contaram com o apoio de ninguém. Planeavam encontrar-se com pessoas em Lisboa, mas essas pessoas não apareceram e acabaram por ser homens russos que encontraram na estação dos comboios em Lisboa que as ajudaram. Ficaram os primeiros dias em casa desses homens que também as ajudaram a encontrar trabalho. Demorou duas ou três semanas a arranjar trabalho numa fábrica de doces perto de Loures. O trabalho na fábrica era muito duro e os empregados trabalhavam como escravos sendo continuamente vigiados por câmaras. Não tinham dinheiro e emprestaram-lhes dinheiro que devolveram quando lhes foi possível. Depois trabalhou num restaurante e mais tarde numa lavandaria em que não lhe deram contrato (Tamila colocou-os em tribunal porque tinha que ter contrato para poder prolongar o visto em 2003). Actualmente é empregada num parque de estacionamento em Lisboa e trabalha oito horas diárias. Sente discriminação por parte do Estado e não dos colegas. Refere a pouca atenção que recebe quando vai ao hospital com a filha ou ao tribunal. Não é tanto a burocracia que a incomoda e sente vergonha de perguntar o que não sabe.

A filha de um ano está com uma ama. Não envia dinheiro para a Ucrânia para ajudar familiares.

Não se sente integrada em alguns aspectos. A língua constitui uma grande dificuldade. Refere diferenças dos portugueses na forma de ver as coisas, de pensar, de estar, de fazer as coisas. Considera que os portugueses que viveram no estrangeiro os compreendem melhor. Assiste a canais ucranianos. Fazem culinária ucraniana nos dias de festa e celebram as festas de acordo com o calendário juliano (seguido pela religião ortodoxa). Em casa fala o ucraniano e a filha é bilingue. Tem amigos ucranianos mas não pertence a grupos exclusivamente constituídos por ucranianos e também tem amigos portugueses. Gostaria de ganhar mais, de mudar a sua casa (no sentido de melhorar a actual ou de mudar de casa). Como está a atravessar um processo de divórcio não pode sair do país. Desde que chegou, foi à Ucrânia uma vez para se casar (o ex-marido é ucraniano). Comunica com os familiares e amigos por telefone com alguma irregularidade.

Em termos de tempos livres passeia com a filha no parque e já fez alguns passeios pelo país.

A relação com os portugueses é boa. Considera que os portugueses são diferentes uns dos outros e que há pessoas divertidas e outras não, umas simpáticas e outras antipáticas, tal como no seu país. Considera portugueses e ucranianos semelhantes. Não sabe como os portugueses a vêem e a maior discriminação que sente é da parte dos africanos. Por vezes sente algum preconceito da parte dos clientes. A relação com os portugueses alterou-se porque Tamila, por uma questão de adaptação, se tornou mais aberta e mais comunicativa.

Tamila sente-se satisfeita com o projecto migratório. Se fosse hoje não sabe se voltaria a tomar a mesma decisão, mas pensa que teria que a tomar de novo.

Sente saudades de algumas coisas e de outras não. Recorda os amigos e os passeios. A Ucrânia não é muito central na sua identidade: *“Nasci lá e portanto continuo a ser ucraniana mais nada. Como eu tenho essas coisas que tinha lá tenho aqui portanto...tenho a parábola vejo os filmes lá da terra e tudo de lá portanto...Se sentisse essa falta teria que me sentir uma mulher diferente da que sou”*. Os símbolos não são importantes. Não tem tendência para ficar a recordar as coisas. Gasta todo o dinheiro que ganha. Não tem intenção de imigrar para outro país. Considera que Portugal, tal como qualquer outro país desta região, constitui um melhor espaço de oportunidades para a filha do que a Ucrânia.

Em resultado da imigração tornou-se mais aberta e sente-se ucraniana.

Afirmações mais significativas

[...] Foi uma coisa assim, decidimos eu e os meus pais virmos para cá. No último momento mudámos de ideias e vim eu e a minha mãe primeiro. A emigração para cá estava aberta naquela altura para cá. Havia mais países, mas estivemos a falar e como Portugal era o país mais conhecido,...viemos para cá.

[...] Não tive qualquer apoio. Sem conhecermos ninguém quando chegámos cá fomos para casa de umas pessoas que tínhamos encontrado na estação, umas pessoas russas. Não as conhecíamos, conhecemo-las em Lisboa, na estação de comboios. Viemos de carro da Ucrânia, deixaram-nos ali e entretanto estas pessoas viram-nos ali, perguntaram se

precisávamos de ajuda...ficou combinado encontrarmos com pessoas aqui, e afinal essas pessoas não apareceram, não sei [ri-se] foi mesmo um risco mas...

[...] Até agora ainda sinto discriminação. É só pela parte do Estado. Não pela parte das colegas ou das pessoas, mas por parte do Estado. Por exemplo, se for ao hospital, se for tratar de coisas para a minha filha, de coisas de tribunal, nem é a burocracia que me incomoda, é...não ligam nada, as pessoas não sabem algumas coisas ou temos vergonha de perguntar...

[...] Não, tive um trabalho que nem me quis dar o contrato de trabalho, eu queria prolongar o visto em 2003. Tive por o processo em tribunal.

[...] Até a comida fazemos para as festas, mas as festas com as datas de lá. Fora de casa falo o português, mas entro em casa falo o ucraniano [risos]. Mesmo a minha filha habituou-a assim, ela já sabe as duas línguas.

4.24. Entrevista U8 — Maria

Perfil sumário

Hamulevych Maria tem 53 anos e nasceu em Sepetouca na Ucrânia. É viúva (Maria diz que é casada mas, de facto, o marido faleceu há quinze anos atrás e tem um namorado) e tem dois filhos (e dois netos). A filha tem 32 anos, é casada e vive na Ucrânia e o filho de 27 anos vive com Maria em Santo António da Caparica. Trabalha como cozinheira num restaurante na Costa da Caparica. Recebe o ordenado mínimo nacional (450 euros mensais). Tem religião ortodoxa e não se interessa por política. Tem o curso de professora do 1.º ciclo.

A história de Maria

Portugal foi o primeiro destino de imigração. Na Ucrânia trabalhava como professora de crianças. Apesar de ganhar muito menos do que em Portugal (200 euros), gostava do seu trabalho e nunca pensara sair do país. Sentia-se feliz.

Veio para Portugal porque era mais barato obter o visto de turismo (apesar de tudo fala em 1500 euros, decerto referindo-se também ao valor da viagem). Chegou no dia 6 de Janeiro (dia do Natal ortodoxo). Emigrou porque na Ucrânia não havia trabalho. Maria explica: *“Eu nunca pensei (imigrar)...numa semana chamaram-me e eu fui-me embora. Eu nunca pensei, nunca, nunca”*, decerto referindo-se às “agências de viagens” ucranianas, como fica mais claro, num outro ponto da entrevista. Esperava ganhar mais dinheiro e ter possibilidade de ajudar a filha. Veio sozinha para Portugal com o objectivo de ficar um ano (acabou por ter que reformular essa data de regresso) e só mais tarde (um ano mais tarde) veio o seu filho (durante o tempo em que a mãe esteve em Portugal o filho ficou com a irmã). Foi a amiga e cunhada que a incentivou a vir. Quando chegou começou por viver em casa de uma amiga (que entretanto imigrou para Espanha) no bairro da Serafina (em Monsanto) e agora vive numa casa arrendada em Santo António da Caparica (que pertence à sua patroa). Contou com a ajuda da amiga e da patroa que a ajuda a aprender o português. Não tem outros familiares em Portugal para além do filho. Veio de autocarro (Maria utiliza a palavra “carro”) com mais umas trinta pessoas.

Demorou uma semana a arranjar trabalho. O trabalho na cozinha do restaurante é difícil e exige força. Maria vai sonhando com as férias e por vezes pensa em mudar de emprego mas sabe que não é fácil: “Há médicos a trabalhar nas obras”. Trabalha oito horas por dia todos os dias (com folgas que não especifica quantos dias por semana). Não sente preconceito no local de trabalho e refere que as pessoas são simpáticas. Não pode comparar o actual trabalho com outros porque este foi o seu primeiro trabalho.

Com o dinheiro que ganha ajuda a filha (envia habitualmente cem euros mas envia mais se ela precisar). Comprou uma vivenda na Ucrânia na qual está a fazer obras.

Sente-se integrada na sociedade portuguesa. Lê um jornal ucraniano, assiste aos canais russos e ucranianos A culinária é uma mistura de pratos dos dois países. Não pertence a nenhum grupo que apenas incluía ucranianos mas tem amigos ucranianos (Maria refere que na Costa da Caparica existem muitos ucranianos) e também portugueses (de resto, o seu namorado é português).

Gostaria que lhe saísse o EuroMilhões e por isso joga todas as semanas. Todos os anos viaja até à Ucrânia em Outubro, na altura das suas férias mas este ano esteve lá em Julho, altura em que a mãe esteve doente (vindo a falecer). Comunica com as pessoas na Ucrânia por telefone, preferindo telefonar ao Domingo em que as chamadas são mais baratas.

Em termos de tempos livres limpa a casa, vai à praia, vai à igreja, já foi ao Algarve.

A relação com os portugueses é boa. Gosta dos portugueses e considera que há portugueses tristes e outros alegres, bons e maus, não os considerando diferentes dos ucranianos. Não sente preconceito no trabalho.

Sente-se satisfeita com o projecto migratório e se fosse hoje voltaria a tomar a mesma decisão.

Recorda que foi muito feliz na Ucrânia. Recorda acontecimentos da sua vida pessoal como a morte do marido quando tinha quarenta anos, o casamento da filha, a ida do filho para a tropa. A Ucrânia não é central na sua identidade. Os símbolos não têm importância mas em situações de competição desportiva torce pelas equipas ucranianas. Recordar a Ucrânia deixa-a triste e traz-lhe insónias. Refere a falta que lhe fazem a neve e o frio: “São 25 graus negativos no aeroporto, e pronto...”. Tenciona regressar à Ucrânia com o namorado. O dinheiro ganho é aplicado na casa da Ucrânia e a ajudar a filha, guardando um pouco no banco. Não tenciona imigrar para outro país: “*Com autorização de residência só posso trabalhar aqui*”. Não sabe se Portugal constitui um espaço de oportunidade para o filho, mas refere que ele gosta de viver em Portugal e que tem uma namorada portuguesa.

Maria refere que se transformou em resultado da imigração, na forma de falar e de se comportar. Pensa que mudou para melhor e refere que na Ucrânia o seu cabelo era branco com as preocupações. Sente-se ucraniana.

Afirmações mais significativas

[...] Vim de carro. Viemos aí umas trinta pessoas, foi uma firma... Vim para Portugal assim. Pronto, uma grande firma... Inscrevi-me, paguei para vir, sim paguei para vir, mas

sem emprego nem nada, eu nem sabia falar. A firma era ucraniana. É complicado, você saber que...pagou tudo...depois saiu-me para vir para Portugal. Havia mais países para ir, Espanha, Itália...e Madrid, todo o género. Eu decidi vir para Portugal. Escolhi...Tu pagas e escolhes...Escolhi só Portugal...porque para Itália tu pagas isto... [conforme o país assim é a quantia], para Portugal tu pagas isto [em conversa com Maria soube que Portugal era o país para o qual pagavam menos]

[...] Aqui trabalho muito. O trabalho é muito forte. Tudo gente boa. Há médicos a trabalhar nas obras. Queria procurar outra coisa, mas...é um trabalho de força, é pesado, há problemas na coluna...

[...] Entre amigos falo o ucraniano, com portugueses falo o português, é como as máquinas, ligo uma e depois ligo a outra.

[...] Aqui toda a gente me chama de Dona Maria ou Senhora Maria... Eu escrevia cartas à minha mãe e dizia que era tudo muito bonito, não há frio, há sempre flores, fruta.

[...] Penso voltar para a Ucrânia. Vamos para a Ucrânia, depois para Portugal. Era para irmos em Outubro os dois [Maria e o namorado], mas fui sozinha por causa da morte da minha mãe. Queria ver neve, o frio. São 25 graus negativos no aeroporto, e pronto...

5. ANÁLISE GLOBAL DOS RESULTADOS

Esta secção está organizada em grandes áreas temáticas, tendo por base a sequência das questões e dos blocos da entrevista. Em relação a diversas questões houve mulheres que não responderam (ou por não compreenderem as questões ou por não desejarem responder).

5.1. Caracterização das mulheres

Entrevistámos vinte e quatro mulheres imigrantes, entendendo mulheres imigrantes como mulheres que nasceram noutros países e que emigraram para Portugal e não uma segunda geração de imigrantes.

Oito mulheres, de cada uma das três nacionalidades consideradas, não são obviamente representativas das respectivas comunidades. No entanto, procurámos que as mulheres de cada um dos conjuntos em causa apresentassem diferenças ao nível da idade, do estado civil, do número de filhos, da religião, da formação escolar (apesar de todas exercerem funções indiferenciadas, existem mulheres com formação escolar de nível superior) e que fossem incluídas mulheres com diferentes motivações migratórias (mulheres que emigraram por iniciativa própria, que emigram com o marido e em resultado de uma decisão do casal, que emigraram para se juntar ao marido/companheiro) e com diferentes tempos de permanência em Portugal (*vide* secção 2.1. Metodologia para mais detalhes).

Religião

Encontra-se uma relação nítida entre as nacionalidades de origem das mulheres e as religiões professadas. Assim, as mulheres brasileiras são maioritariamente católicas (seis mulheres), existindo duas mulheres de religião evangélica. De facto, a população brasileira é maioritariamente católica (76,74%), sendo a maior parte dos cristãos, católicos apostólicos romanos (73,57%).¹³

Quatro das mulheres cabo-verdianas têm religião católica e quatro são Testemunhas de Jeová. Em Cabo Verde, mais de 90% da população é católica romana.¹⁴

13 Com base nos dados dos censos geográfico de 2000 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) consultados em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/populacao/religiao_Censo2000.pdf

14 *Vide*, por exemplo, http://pt.wikipedia.org/wiki/Cabo_Verde#Religi%C3%A3o

Sete mulheres ucranianas têm religião ortodoxa e apenas uma professa a religião católica (esta mulher é originária de Ternopil, pequena cidade situada junto à fronteira com a Polónia, sendo esta a religião mais frequente nesta zona ocidental da Ucrânia (11,1% de ucranianos têm religião católica romana). A religião ortodoxa é a mais frequente: 54,3% pertencem à igreja ortodoxa ucraniana e 16,9% à igreja ortodoxa ucraniana do Patriarcado de Moscovo.¹⁵

A resposta à questão da religião é tendencialmente mais desenvolvida pelas mulheres brasileiras. Estas mulheres evidenciam a importância que a religião tem nas suas vidas e algumas expressam a relação entre a imigração e a religião. Assim, enquanto que, para algumas mulheres, a imigração, as condições duras de trabalho e os horários prolongados justificam uma diminuição da frequência da ida à igreja (Erika, Taciene e Maria da Glória), para outras, pelo contrário, a imigração e a consequente sensação de desenraizamento suscitaram uma maior frequência de ida à igreja e um maior apego a Deus (Marilza e Neusa). Há mesmo inquiridas que expressam a importância que a religião desempenha nas suas vidas, ajudando-as a superar as dificuldades (Madalena).

Das dezanove mulheres que, para além de referirem a sua religião, desenvolvem a resposta, explicitando a forma como a vivem, quinze referem ser praticantes e apenas quatro não praticantes. O número de mulheres que participam na igreja (de forma mais ou menos activa) é particularment elevado no grupo das mulheres brasileiras, em que sete de oito mulheres são praticantes, sendo “praticantes” entendido no sentido de ida regular à missa. Porém, Francisca não se limita a ir regularmente à missa. Para ela a “religião é a base” e toda a sua vida se desenvolve em torno dessa prática religiosa activa que inclui, não apenas a ida à missa, mas a participação na associação de imigrantes ligada à igreja de que é co-fundadora, na colaboração na organização de eventos religiosos, nas festas e nos serviços de apoio à comunidade.

Filiação política

A grande maioria das mulheres não se interessa pela política nacional. Sendo a esfera política uma das esferas de exercício de cidadania, este facto não pode deixar de nos merecer alguma análise.

¹⁵ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ucr%C3%A2nia>

A questão colocada era relativa à actividade ou filiação política, e não, especificamente, ao exercício ou não do direito de voto nas eleições autárquicas, únicas eleições em que os imigrantes têm a possibilidade de participar (os imigrantes ucranianos não têm sequer essa possibilidade).

Vinte mulheres referem que não se interessam pela política nacional (Francisca e Lúcia interessam-se e Leila e Neusa referem que acompanham). De entre estas, apenas Erika tinha interesse por política no Brasil, referindo: “Lá era diferente, eu era secretária, tinha o meu partido e a gente lutava por aquele ideal, quando era época de eleição a gente ‘tava lá [risos], era muito diferente. No Brasil eu acompanhava as eleições e gostava, sempre a gente tinha o nosso partido, os nossos candidatos! Eu era secretária...eu era tão popular que uma vez eles queriam que eu me candidatasse a vereadora! [ênfático]. Mas hoje, aqui, eu sou diferente...aqui sou mais fechada”. Porém, a grande maioria das mulheres também não se interessava pela política dos seus países de origem. Este afastamento da política é acompanhado, no caso de Axana e de Tetyana, por uma crítica velada ao sistema político do seu país.

O desinteresse pela política é declarado com veemência. Vera diz: “Não me interesso... A minha política: minhas filhas, meu marido, meu gato...[risos]”. Maria explica: “Eu gosto é de novelas...nada de política”.

Na questão relativa à política, nenhuma das mulheres introduziu a temática do direito de voto dos imigrantes (os direitos de participação política são diferentes para as três comunidades).¹⁶ Quando perguntámos a Neusa: “Mas não pode votar nas eleições?” ela respondeu: “Não, não pode...não posso”, o que indica que não conhece o seu direito a participar nas eleições autárquicas. É provável

16 Informação sobre os direitos de participação das três comunidades podem ser consultadas no site do STAPE — Secretariado Técnico dos Assuntos para o Processo Eleitoral. Em termos muito sucintos, têm direito a voto os cidadãos estrangeiros com residência legal em Portugal e que estão em Portugal há mais de dois anos no caso de cidadãos de países de língua oficial portuguesa quando de igual direito gozam os cidadãos portugueses no respectivo Estado de origem. Actualmente, apenas podem inscrever-se no recenseamento eleitoral os cidadãos de Cabo Verde (com direito de voto limitado às eleições autárquicas) e do Brasil, neste último caso, com dois estatutos:

- Cidadãos brasileiros com estatuto especial de igualdade de direitos políticos (direito de voto nas eleições da Assembleia da República, Assembleia Legislativa Regional e Autarquias locais);
- Cidadãos brasileiros com estatuto geral de igualdade de direitos e deveres apenas têm direito de voto nas eleições autárquicas. Cidadãos brasileiros e cabo-verdianos com residência em Portugal há mais de quatro anos também podem ser eleitos para os órgãos das autarquias locais.

que exista um desconhecimento deste direito por parte das mulheres, questão que deveria ser analisada com maior detalhe em estudos posteriores, mais orientados para a questão da participação política dos imigrantes. Madalena diz: “Mesmo que pudesse votar, não votava. Já tenho um voto, eu voto em Deus”. Esta questão é significativa, uma vez que, de quando em quando, a sociedade portuguesa discute a questão dos direitos políticos dos imigrantes e a possibilidade de alargamento do direito de voto às eleições consideradas mais importantes para a vida nacional: as presidenciais e as legislativas.

A questão do distanciamento do debate e da participação política não é exclusiva das comunidades imigrantes. De facto, estudos realizados sobre a população portuguesa, identificam esse mesmo distanciamento. O nível de participação política global dos portugueses é inferior ao verificado em democracias mais maduras (norte da Europa) e próximo do padrão dos países do leste da Europa (Viegas e Faria, 2007). A título exemplificativo veja-se o elevadíssima taxa de abstenção nas últimas eleições legislativas de 27 de Setembro.

Será interessante ter em conta os resultados do estudo de Horta, Malheiros e Costa, *Cidades Multiculturais e Integração Política dos Imigrantes na área Metropolitana de Lisboa* (a publicar pelo ACIDI) sobre a questão da participação política dos imigrantes.

Grupos desportivos

Nenhuma das mulheres pertence a um clube desportivo e apenas Alcinda faz ginástica no Clube Desportivo do Miratejo. Sónia e Lyudyma abandonaram a prática das suas anteriores actividades desportivas.

Quando questionadas sobre terem ou não preferência por algum clube desportivo, Francisca apenas refere preferência por um clube do seu país, Maria da Glória e Lúcia referem um clube dos seus países e um clube português e Filomena, Domingas, Luísa, Tetyana, Olga e Maria fazem referência a clubes portugueses com os quais simpatizam.

A esfera desportiva é uma esfera de participação na sociedade e a generalizada tendência para a não participação de mulheres em actividades desportivas é um dado que deverá ser explicado pelo facto da dureza das condições de vida das mulheres entrevistadas e dos seus longos horários de trabalho deixarem pouco espaço para estas actividades. Madalena refere: “Não é não ter só tempo, não ter paciência, não ter dinheiro. A gente vai conforme o que é possível. Conforme a nossa capacidade”. Vera explica assim: “Aqui não tenho nada, porque não tenho tempo”. O fim-de-semana é para fazer comida, para lavar a roupa, para limpar a casa e por isso não tenho nada. Mas como estudei na universidade...sempre fazia desporto. Aqui não há tempo e é sempre preciso dinheiro. Primeiro preciso para pagar a casa, depois para comprar móveis, depois filha mais velha vai estudar o primeiro curso, depois outra filha, graças a Deus, também este ano acabou tudo. Minha mãe também precisa”. A resposta de Vera traduz a concepção de pirâmide de necessidades de Maslow, de acordo com a qual apenas depois de estarem satisfeitas as necessidades fisiológicas se procura satisfazer necessidades de outra ordem.

Formação escolar

Existe relação entre os níveis de formação escolar e as nacionalidades:

- O grupo das cabo-verdianas, o que apresenta um grau mais baixo de habilitações escolares (entre o analfabetismo e o 11.º ano);
- O grupo das ucranianas, o que apresenta um grau de habilitações escolares mais elevado (entre o 9.º ano e os cursos superiores);
- O grupo das brasileiras, o que apresenta uma posição intermédia (habilitações entre o 6.º ano e um curso de Contabilidade).

Este perfil das inquiridas é consonante com o perfil de qualificações destas comunidades em Portugal (ver, por exemplo, Baganha, Marques e Góis, 2004: 33-34, em relação às qualificações dos imigrantes de Leste).

Legalização/autorização de permanência/autorização de residência/aquisição de nacionalidade

Quadro 1.

Legalização/autorização de permanência/autorização de residência/aquisição de nacionalidade

	Não legalizadas	Autorização de permanência	Autorização de residência	Nacionalidade portuguesa
Brasileiras	Erika	Taciene	Leila	
			Francisca	
			Maria da Glória	
			Marilza	
			Joana	
			Neusa	
Cabo-verdianas			Madalena	Sónia
			M	Jacqueline
			Alcinda	Filomena
			Luisa	Domingas
Ucranianas			Vera	
			Axana	
			Lúcia	
			Tetyana	
			Lyudmyla	
			Olga	
			Tamila	
			Maria	

Apenas uma das mulheres não se encontra legalizada, facto a que não será alheio o esforço do Estado português em realizar processos extraordinários de legalização de imigrantes, medida que, de acordo com Costa (2004: 207), tem constituído a principal medida de integração social levada a cabo pelo Estado.

Costa (2004: 201) salienta que a partir do momento em que os imigrantes adquirem o direito de residência permanente, passam a ser membros da comunidade em que estão inseridos, desde que adquiram os direitos que podem exercer perante ela, incluindo os direitos eleitorais, pelo menos a nível local, participando na formação da vontade colectiva (Costa, 2004: *op. cit.*). A utilização da expressão quase nacional (*denizens*) expressa, precisamente, essa situação. É possível ser-se membro da comunidade sem possuir a respectiva nacionalidade. Resta saber se esta situação legal se traduzirá, de facto, no conhecimento e exercício dos direitos por parte destas mulheres.

5.2. Situação anterior ao projecto migratório para Portugal

Para vinte e duas das mulheres, Portugal foi o primeiro destino de imigração. Apenas Vera e Lúcia tinham imigrado para outros países antes de virem para Portugal. Algumas das mulheres brasileiras referem-se, inclusivamente, ao facto de o movimento emigratório para Portugal, constituir a sua primeira saída do local de nascimento (local em muitos casos coincidente com o local de residência).

Sete das mulheres cabo-verdianas vieram para Portugal partindo das suas ilhas de origem (apenas Madalena em resultado da extrema seca que se fez sentir na ilha teve que sair com a família de São Nicolau, sua ilha de origem, para a ilha do Sal, onde vivia o seu irmão). Mais tarde, com dezoito anos, deixou a Ilha do Sal para vir para Portugal: “De São Nicolau para a Ilha do Sal, fui obrigada a ir. Da Ilha do Sal para Portugal foi pela minha própria vontade”.

Depois de virem para Portugal, apenas Alcinda e Tetyana tentaram a sua sorte noutros países. Alcinda emigrou para Espanha, mas, apesar de se sentir bem naquele país, regressou a Portugal onde veio a comprar casa: “...quando estou fora de Portugal, na outra Europa, mesmo sendo cabo-verdianos temos saudades de Portugal. Sentimos Portugal como se fosse a nossa terra”. Tetyana emigrou para Itália mas não gostou da experiência.

Joana fez uma trajectória particular, tendo vindo para Portugal, regressado ao Brasil e voltado de novo para Portugal.

Estes resultados devem ser analisados em articulação com os relativos aos projectos de migração para outros países. De facto, apesar da ênfase dos autores contemporâneos na fluidez e dispersão dos movimentos migratórios actuais, esta investigação identificou movimentos migratórios pontuais e de trajectórias circunscritas.

Motivação da emigração

Em todos os casos, com excepção de Francisca (proprietária de ateliê de costura que, apesar de vir ganhar menos para Portugal, como empregada doméstica, emigrou porque tinha saudades dos filhos e da família), a emigração teve uma motivação económica: as mulheres emigraram para ganhar mais, para conquistar melhores condições de vida para si e para os seus filhos. Também nas situações em que não foram as mulheres a tomar a decisão de emigrar, mas outros elementos da família como os maridos/companheiros, a motivação central foi de natureza económica. É, pois, possível identificar um factor motivacional claro na emigração — a fuga da pobreza e a procura de uma vida melhor (os estudos empíricos indicam que apesar de migrarem de países mais pobres para países mais ricos, aqueles que efectivamente saem dos seus países não são os mais pobres, mas os que têm um nível de vida intermédio que não só lhes desperta a vontade de emigrar como lhes permite fazer face aos pesados encargos financeiros da emigração, Castles & Miller, 1998: 21). Seria importante conseguir identificar que factores tornam a emigração mais ou menos possível para diferentes mulheres, em contextos sócio-culturais diversos.

Relação entre as habilitações escolares e o tipo/nível de actividade profissional

Neste estudo, encontrou-se uma relação entre o tipo/nível de actividade profissional exercida no país de origem e as habilitações escolares das mulheres. Assim, Erika (frequência do curso de enfermagem) e Francisca (7.º ano) trabalhavam por conta própria, gerindo os seus próprios negócios (padaria e ateliê de costura, respectivamente). Vera e Maria eram professoras de crianças, tendo ambas tirado o curso de habilitação para a docência. Neusa (curso de contabilidade) e Lúcia (curso técnico) eram gerentes de fábrica. Tetyana (curso de “manager” de

negócio) era gerente de supermercado. M (6.º ano) e Leila (12.º ano) trabalhavam na área da contabilidade, e Leila auxiliar administrativa. Axana (10.º ano) trabalhava num ateliê de costura. Maria da Glória (11.º ano), Marilza (6.º ano) e Filomena (analfabeta) eram empregadas em restaurantes e Tamila (9.º ano) vendedora. Madalena (4.º ano) trabalhava na agricultura e Luisa (4.º ano) na agricultura, em casa e na costura e Joana na costura (7.º ano). Maria da Glória (11.º ano) e Domingas (não frequentou escola) eram empregadas domésticas (Maria da Glória, como referido, também trabalhava num restaurante). Taciene (7.º ano), Sónia (8.º ano), Jacquelina (11.º ano), Lyudmyla (12.º ano) e Olga (9.º ano) eram estudantes. Alcinda (4.º ano) não trabalhava em Cabo Verde (veio para Portugal com vinte anos).

Remunerações nos países de origem e em Portugal

Todas as mulheres que trabalhavam no país de origem e em Portugal referem que as remunerações em Portugal são maiores (com excepção de Francisca que ganha menos em Portugal do que ganhava no Brasil, em que era dona de um ateliê de costura). Para todas elas, a emigração representou uma oportunidade de melhoria da sua situação económica (M refere que ganhava bem em Cabo Verde, no seu emprego na área da contabilidade mas que veio ter com o marido).

Satisfação com os trabalhos nos países de origem

Treze mulheres declaram que estavam satisfeitas com os trabalhos que desempenhavam nos países de origem, sendo de notar que existem oito não respostas que traduzirão alguma dificuldade em analisar o seu grau de satisfação e que a questão não se aplica às que eram estudantes e a Alcinda, que não trabalhava no seu país. Na realidade, apenas Lúcia salienta a dificuldade do seu trabalho na Ucrânia, na fábrica de salsichas. A satisfação referir-se-á ao tipo de tarefas realizadas e não à satisfação global com o trabalho que envolve a dimensão económica.

Satisfação com a vida nos países de origem

Onze mulheres afirmam que estavam satisfeitas com as suas vidas nos países de origem e, apesar de Taciene, Leila e Neusa referirem a insegurança no Brasil e de Lúcia e Tetyana

mencionarem questões relacionadas com a corrupção e com a “política” na Ucrânia, não foram esses factores que desencadearam a sua decisão de emigrar.

É interessante constatar que a emigração teve lugar, apesar da satisfação expressa maioritariamente quer com o trabalho, quer com a vida no país de origem. Terá de se ter em conta que muitas destas mulheres emigraram em resultado de uma decisão tomada por terceiros — pais, mães, maridos/companheiros (*vide* secção “Quem toma a decisão de emigrar”).

5.3. Projecto migratório em Portugal

Razões de escolha de Portugal

Coloca-se a questão de compreender porquê Portugal, em detrimento de outros países. Os factores que influenciam a escolha variam consoante as nacionalidades. Entre os elementos que influenciaram a escolha, a língua é referida por cinco mulheres (três brasileiras e duas cabo-verdianas). A existência de familiares (da própria ou de quem decide) residentes em Portugal é referida por seis mulheres (cinco brasileiras e uma cabo-verdiana). A existência de amigos/conhecidos (da própria ou de quem decide) residentes é referida por três mulheres (uma brasileira e duas ucranianas). Maior facilidade de encontrar trabalho é referida por duas mulheres (uma cabo-verdiana e uma ucraniana), facilidades burocráticas são referidas por duas mulheres ucranianas, processo mais barato é referido por uma mulher ucraniana. A vinda de Lúcia para Portugal foi um acaso, segundo ela própria refere.

Quem toma a decisão de imigrar

Em 42% dos casos a decisão de emigrar é da exclusiva responsabilidade das mulheres. Em 25% dos casos a vinda das mulheres resultou da decisão dos progenitores/do pai/da mãe. Em 17% dos casos a decisão de emigrar é tomada pelo casal e em 13% dos casos a decisão foi tomada pelo marido. No caso de Taciene, a emigração dá-se porque casou com um brasileiro que estava a trabalhar em Portugal, sendo difícil integrar esta situação numa das categorias anteriores.

Podemos pensar que há alguns anos atrás este cenário seria improvável: mulheres que, insatisfeitas com as suas remunerações nos países de origem, decidem emigrar tornando-se verdadeiros actores do processo migratório.

Há três casos a salientar pela coragem que traduzem. Um dos casos é o de Luísa que chegou a Portugal integrada num grupo de crisma em peregrinação a Fátima e que, uma vez em Portugal, decidiu ficar para ganhar dinheiro para pagar a quem lho tinha emprestado para a viagem. Uma vez cá, telefonou ao marido a avisá-lo de que iria ficar e, apesar de aquele lhe ter dito que não sabia se algum dia viria ter com ela, Luísa ficou.

O segundo caso é o de Lúcia que veio para Portugal sozinha (os sobrinhos também vieram mas, de facto, o seu trajecto acabou por ser independente do deles), sem conhecer o país, a língua e sem ter cá amigos ou familiares.

O terceiro caso é o de Madalena que veio para Portugal com dezoito anos, sozinha, sem conhecer o país e sem ter cá ninguém.

Recordação do dia de chegada

70% das mulheres recordam-se com precisão do ano em que chegaram e apenas 30% não se recordam com precisão do dia exacto. O momento de chegada é um momento marcante na história das suas vidas, dia que, para além do significado emocional, não pode ser esquecido, atendendo ao facto de os documentos e os direitos que vão sendo adquiridos estarem dependentes do factor tempo de estada no país.

Datas de chegada a Portugal

As mulheres de cada uma das comunidades estão em Portugal há períodos de tempo diversos e variáveis entre um ano (Taciene) e trinta e seis anos (Sónia). De resto, como pode ser verificado na secção 2.1., tivemos a preocupação de que cada grupo incluísse mulheres com tempos de permanência em Portugal diversos. No entanto, apenas foi

Quadro 2.

Com quem emigraram, quem têm em Portugal, datas de chegada, datas de chegada do elemento da família que as acompanha

	Quem têm em Portugal Com quem emigram	Não têm ninguém em Portugal	Maridos/companheiros em Portugal/anos de permanência
Sozinhas		<i>Madalena</i> (1973) <i>Luísa</i> (2000) <i>Lúcia</i> (2000) Filhos nunca vieram para Portugal.	<i>Marilza</i> (2000) Marido estava em Portugal desde 1999. <i>Alcinda</i> (1988) Marido já estava em Portugal. <i>Vera</i> (2001) Marido estava em Portugal desde 2000. Filhos nunca vieram para Portugal <i>Tetyana</i> (2001) Marido estava em Portugal desde 1999 (14 meses de diferença nas datas chegada). Filho veio para Portugal em 2008.
Acompanhadas	Maridos/ companheiros		
	Progenitores	<i>Lyudmyla</i> (2003) Pai já estava em Portugal há mais tempo.	
	Maridos/ companheiros e filhos	<i>M</i> (2002) Marido já estava em Portugal desde 1999.	
	Filhos	<i>Joana</i> (2006) Veio com a filha. Marido já estava em Portugal. <i>Axana</i> (2001) Marido estava em Portugal desde 1998 (dois anos e meio de diferença nas datas de chegada). <i>Neusa</i> (2002) Veio com as filhas (o pai também a acompanhou). Marido já estava em Portugal.	
	Outros familiares (que não maridos/ companheiros/filhos)		
	Outras pessoas	<i>Domingas</i> (1987) Veio com patroa.	

Quadro 2.
(continuação)

Outros familiares em Portugal	Amigos em Portugal
<i>Filomena</i> (1977) Tinha irmã em Portugal. <i>Erika</i> (2005) Marido veio para Portugal sete meses mais tarde. <i>Maria</i> (2001) Filho veio para Portugal mais tarde.	
<i>Taciene</i> (2007) Marido já tinha vindo há mais tempo.	
<i>Leila</i> (2002) Veio com o pai. Tinha tios em Portugal e o pai já cá estava há mais tempo. <i>Sónia</i> (1972) Veio om a mãe e com irmãos. Pai já estava em Portugal.	<i>Olga</i> (2004) Veio com a mãe. <i>Tamila</i> (2001) Veio com a mãe.
<i>Francisca</i> (2002) Veio com a neta. Tinha filhos e irmãos em Portugal. <i>Maria da Glória</i> (2001) Veio com irmão, cunhada e sobrinhos. Tinha em Portugal irmãos e sobrinhos.	
<i>Jacqueline</i> (2001) Veio com irmã. Pais já estavam em Portugal.	

possível encontrar mulheres cabo-verdianas que estavam em Portugal nas décadas de 1970 e 1980, e a primeira mulher ucraniana da nossa amostra a chegar a Portugal veio em 1999 (Tamila). A história migratória de cada mulher deverá, pois, ser contextualizada na história da própria comunidade em Portugal, sendo a comunidade cabo-verdiana uma comunidade mais antiga e mais enraizada na sociedade portuguesa e na qual são nítidos os processos de reunificação familiar, enquanto que a comunidade ucraniana é a mais recente.

5.4. Redes migratórias

O Quadro 2 procura sistematizar a informação relativa a:

- **Com quem emigraram as mulheres:** sozinhas, acompanhadas por maridos ou companheiros, progenitores, filhos, outros familiares e/ou outras pessoas;
- **Quem têm em Portugal:** Não têm ninguém em Portugal, maridos ou companheiros em Portugal com especificação das datas de chegada, familiares em Portugal e/ou amigos em Portugal.

Como se pode observar existe uma grande diversidade de situações migratórias.

Os dados indiciam que nem todas as mulheres que emigraram possuíam uma rede de apoio e que as redes existentes eram constituídas por um reduzido número de elementos.

Quem apoia a decisão/quem apoia no país de destino

No Quadro 3 é especificado, em relação a cada mulher, quem apoiou a decisão de imigrar e quem apoiou, de facto, as mulheres no país de destino.

Quadro 3.
Quem apoiou a decisão de emigrar/quem apoiou no país de destino

	Apoio da decisão	Apoio no país de destino
Erika	Marido e tia	Tia
Taciene	Mãe	Não
Leila	Família toda	Paí, tia e portugueses
Francisca	Família e comunidade religiosa a que pertencia	Irmãos e filhos
Maria da Glória	Pai	Irmãos
Marilza	Família	Amigos brasileiros
Joana	Família	Não
Neusa	Família	Cunhados e família
Sónia	Família	Irmão e senhora portuguesa
Madalena	Mãe	Não
Jacqueline	Mãe	Não
M		Cunhada e patrão do marido
Filomena		Irmã
Alcinda	Marido	Colega de trabalho e irmã (chama de “irmã” mas, de facto, é prima)
Domingas	Companheiro, mãe e avô	Amiga de Cabo Verde
Luisa	Marido	Dois portugueses
Vera	Não	Amigo de marido
Axana	Não	“Todos” ¹⁷
Lúcia	Não	Não
Tetyana	Sim	Portugueses
Lyudmyla	Não	Rapaz brasileiro
Olga	Não	Apoio de português
Tamila	Não	Apoio de russos
Maria	Cunhada	Cunhada e patroa portuguesa

As mulheres referem apoios pontuais da parte de familiares que já estavam em Portugal e de pessoas que vão, incidentalmente, encontrando nos seus percursos (na fase de chegada a Portugal). Tamila

¹⁷ A expressão é a utilizada pela entrevistada.

e a mãe receberam um grande apoio por parte de homens russos que conheceram na estação de comboios. Sete mulheres referem o apoio de pessoas portuguesas. De notar que nenhuma das mulheres refere conhecer ou recorrer a serviços de acolhimento dos imigrantes ou ter recebido apoio por parte de qualquer instituição pública ou privada na aprendizagem do português.

Coloca-se a questão de compreender como funcionam as redes nas comunidades em causa. Se, por um lado, parece verdade que as redes desempenham um papel relevante enquanto factores desencadeadores da decisão de emigrar, o facto é que tal decisão pode ter lugar sem que exista a tal rede (de notar que três mulheres emigram sozinhas, sem terem ninguém em Portugal). Existe, ainda, a questão da relação entre a existência/ausência de redes de apoio e a integração. Uma análise conjunta dos resultados leva-nos a pensar que, apesar da existência de rede ser um factor de integração, esta depende de uma multiplicidade de outros factores interligados entre si.

Situação habitacional em Portugal

Quadro 4.
Com quem viveram as mulheres quando chegaram a Portugal

	Brasileiras	Cabo-verdianas	Ucranianas	Total
Em barraca		2		2
Em casa de patrões			1	1
Em casa de amigos			1	1
Em casa de familiares		2		2
Com amigos e/ou familiares partilhando a renda	3	1	1	5
Com a família nuclear	5	3	5	13
	8	8	8	24

Em termos de habitação aquando da chegada a Portugal, duas mulheres viveram em barracas, uma em casa dos patrões, uma em casa de amigos, duas em casa de familiares, cinco partilharam casas e rendas com amigos/familiares e treze viveram, desde o início, com a família nuclear.

Com o tempo (variável de mulher para mulher), todas as mulheres arrendaram (58%) ou adquiriram (38%) casa própria (com excepção de Lúcia que vive em casa dos patrões). No Quadro 5 apresenta-se a relação entre casas arrendadas ou casas compradas e as nacionalidades. Assim, das nove mulheres que compraram casa, seis são cabo-verdianas e três são brasileiras. Nenhuma mulher ucraniana comprou casa em Portugal. Todas as nove mulheres que compraram casa em Portugal têm um projecto de vida em Portugal, devendo estes resultados ser articulados com os relativos aos projectos de vida.

Quadro 5.
Relação entre as nacionalidades e a situação habitacional actual

	Brasileiras	Cabo-verdianas	Ucranianas	Total
Casas arrendadas	4	3	7	14
Casas compradas	4	5		9
Vivem em casa dos patrões			1	1
Total	8	8	8	24

No Quadro 6 é possível analisar o número de diferentes casas que as mulheres habitaram em Portugal. Verificamos que a maioria das mulheres habitou duas casas. Em todos os casos houve melhoria das condições habitacionais. As mulheres que viviam em barracas, passaram a habitar casas, as que viviam em casa de outras pessoas ou que partilhavam rendas, passaram a viver em casas com a família nuclear. Algumas mulheres conseguiram, inclusivamente, adquirir as suas próprias casas. Lúcia ainda vive em casa dos patrões.

Quadro 6.
Número de casas desde a chegada a Portugal

Número de casas	Brasileiras	Cabo-Verdianas	Ucranianas	Total
1	2	1	1	4
2	2	6	3	11
3	3		2	5
4	1	1	2	4
Total	8	8	8	24

Estes dados são, de alguma forma, indiciadores do sucesso dos projectos migratórios destas mulheres e da sua progressiva conquista de melhores condições de vida e, neste caso, de habitação.

A análise de estruturas de nível intermédio, como o agregado familiar e as redes sociais constituem variáveis fundamentais numa perspectiva de género, nos estudos sobre migrações (Peixoto *et al.*, 2006: 6).

Documentação de entrada

92% das mulheres chegaram com visto de turismo de três meses. Filomena chegou num momento em que Cabo Verde era território português¹⁸ pelo que não necessitou de visto de entrada. Lyudmyla pensa que chegou com visto de estudante.

Meio de transporte

79% das mulheres chegaram a Portugal de avião e 21% (todas elas ucranianas) de autocarro, (apesar de algumas das mulheres ucranianas utilizarem a palavra “carro” para

designar o meio de transporte, a contextualização da resposta permite-nos compreender que, de facto, se trata de autocarro). Muitas mulheres descrevem a dificuldade que tiveram para arranjar a quantia para pagar a viagem.

18 Ela refere estar em Portugal há 21 anos, o que nos remete para 1977, mas Filomena ter-se-á enganado no ano porque a independência de Cabo Verde teve lugar em 1974.

5.5. Situação laboral

Tempo para arranjar trabalho

Marilza, Joana, Alcinda, Domingas e Vera referem que já vinham com uma proposta de trabalho (Domingas tinha vindo com a patroa de Cabo Verde e, nos outros casos, familiares que estavam em Portugal tinham-lhes arranjado trabalho). Seis mulheres dão como resposta “pouco tempo ou “uma semana”. Filomena arranjou trabalho através de uma agência e Neusa e M através de familiares. Luisa refere um tempo inferior a um mês, Tetyana um mês e duas semanas e Tamila um mês e três semanas. Taciene fala em dois meses (não procurou inicialmente) e Erika em três meses, Lyudmyla arranjou trabalho passado nove meses (mas esteve a estudar e não procurou inicialmente trabalho). Sónia refere-se à dificuldade em encontrar trabalho e Olga refere que esteve muito tempo sem trabalho. Francisca, por ter problemas de saúde que não lhe permitiam exercer um “trabalho duro”,¹⁹ não encontrou facilmente trabalho a tempo inteiro, fazendo três, quatro horas por semana em duas patroas.

Os resultados indiciam que, em termos gerais, existe facilidade em encontrar trabalho em Portugal.

Satisfação com os trabalhos actuais

38% das entrevistadas está satisfeita com os seus actuais trabalhos apesar de Francisca continuar a estranhar a forma de tratamento dos portugueses e de Maria da Glória criticar algumas atitudes dos seus patrões. Marilza responde “mais ou menos” e não gosta do actual patrão. M não responde directamente, referindo ser um trabalho diferente em relação ao de Cabo Verde mas ter que trabalhar. 38% das entrevistadas não está satisfeita com os seus trabalhos. A razão da insatisfação de Lúcia e Tetyana relaciona-se com a *décalage* entre as formações académicas e os trabalhos que desempenham, Lyudmyla e Tetyana referem que mereciam melhor, Tamila fala do baixo ordenado e Vera, Axana e Maria consideram que os seus trabalhos são duros.

19 Expressão utilizada pela própria

É de assinalar que nenhuma das mulheres ucranianas está satisfeita com o seu trabalho e que a insatisfação está, implícita ou explicitamente, relacionada com o facto de desempenharem trabalhos indiferenciados, não adequados às suas formações escolares. A questão do reconhecimento das qualificações escolares da comunidade ucraniana (bem como da comunidade de Leste, em geral) é uma questão que tem tido alguns desenvolvimentos. O artigo de Valle, Farmhouse & Marques (2008) sobre o reconhecimento de habilitações académicas de médicos e enfermeiros imigrantes dá conta de uma parceria entre a Fundação Calouste Gulbenkian e o Serviço Jesuíta de Refugiados para a concepção e realização de projectos-piloto de apoio à integração social e profissional de imigrantes com elevadas qualificações académicas. Mas nenhuma destas mulheres beneficiou desta medida.

Horários de trabalho

Erika (oito patroas diferentes durante a semana), Leila, Maria da Glória, Neusa (várias patroas ao longo da semana), M (limpeza em empresa, limpeza de prédio e patroa), Domingas (duas empresas) e Luísa acumulam mais do que um trabalho diário (M e Luísa chegando a ter três trabalhos diários). Apesar de num mesmo emprego as mulheres não trabalharem mais de oito, nove horas, Maria da Glória e M trabalham 12 horas diárias. É nítida a exaustão em algumas mulheres. Domingas começa a trabalhar às seis horas da manhã e trabalhava até à meia-noite, uma hora da manhã. Ela explica: “Hoje em dia trabalho menos horas. Foi aí que o médico me disse para parar, porque já apanhava princípios de esgotamento. [...]Mas houve uma altura em que eu já não aguentava”.

Das mulheres ucranianas, apenas Tetyana acumula dois trabalhos (num total de oito horas diárias).

Sónia é a mulher que tem um melhor horário, trabalhando duas horas e meia diárias (esta é uma situação que nos parece provisória uma vez que também trabalhava da parte da tarde na casa do filho da patroa que, actualmente, teve que vender a casa em resultado de um divórcio).

Taciene tem horários repartidos (entra às 12 horas e sai às 24 horas, tendo algumas horas livres pelo meio).

Preconceito em geral e preconceito no local de trabalho

As respostas às questões relativas à percepção do preconceito em geral e do preconceito no local de trabalho foram analisadas conjuntamente. Apesar do preconceito ser uma atitude, que se poderá ou não traduzir em comportamentos discriminatórios, as respostas das mulheres referiram-se, essencialmente, a comportamentos.

42% das mulheres referem nunca ter sentido preconceito. Mas algumas destas mulheres acabam por referir situações de discriminação. Assim, Francisca refere situações que ocorreram na estação dos correios e na paragem do autocarro, Maria da Glória refere uma situação no supermercado e Neusa fala de uma patroa que considerava que as brasileiras eram umas prostitutas. A questão da associação das brasileiras à prostituição por parte dos portugueses é também referida por Erika e Leila (que viveram situações de assédio sexual). Várias mulheres referem situações discriminatórias diversas: Erika (patroa não lhe pagou, vítima de assédio sexual pelo primeiro patrão, considera que brasileiras têm fama de prostitutas), Leila (portugueses consideram que brasileiros são burros, acham que os brasileiros lhes tiram o trabalho), Tetyana (marido não é pago pelos patrões), (marido não recebe dos patrões, filha alvo de preconceito na escola, resistência dos portugueses em darem emprego a negros). Domingas e Marilza (preconceito no primeiro e no segundo trabalhos, respectivamente). M e Axana (por vezes sentem preconceito), Tetyana (no SEF), Tamila (da parte do Estado nos hospitais, tribunais..., por parte dos africanos e, por vezes, por parte dos clientes) e Lyudmyla (da parte de colega).

Assim, apesar de algumas mulheres referirem não sentir preconceito, são raras as entrevistas em que não são reveladas situações de discriminação ou no local de trabalho, ou em trabalhos anteriores, ou sentidas pelos familiares (maridos ou filhos), ou vivenciadas no dia-a-dia (supermercado, paragem do autocarro, escola). O preconceito é igualmente sentido pelas três comunidades de imigrantes. As mulheres brasileiras são alvo de um preconceito específico, que as associa à prostituição, que resulta de casos concretos de estabelecimento de redes de prostituição de mulheres brasileiras em Portugal. Padilla (2005a: 13) refere a associação da prostituição às mulheres brasileiras e salienta as consequências desse preconceito para as mesmas.

Situação profissional comparativamente à situação no país de origem

25% das entrevistadas consideram que a sua situação profissional melhorou relativamente à situação no país de origem. 17% referem que ganham mais mas não consideram que a situação tenha melhorado. 17% das mulheres considera que a sua situação profissional não melhorou. Tamila diz “não sei” e verifica-se um elevado número de não respostas.

Trabalhos em Portugal

Duas mulheres nunca mudaram de trabalho. A grande maioria das mulheres mudou de trabalho, procurando trabalhos menos exigentes (mais leves), com “melhores” patroas, mais bem pagos. Muitas estão nos seus terceiros e quartos empregos, outras tiveram mesmo mais empregos. Verifica-se uma certa tendência para se manterem nas mesmas áreas de trabalho. Assim, 63% das mulheres trabalharam em limpezas e continuam a trabalhar nessa área (com excepção de Axana que era alérgica aos detergentes e que abriu uma loja de produtos alimentares). As que trabalhavam no sector da restauração também continuam nessa área. É o caso de Taciene e de Marilza. Lyudmyla (contabilidade e empregada num café), Olga (loja de roupa, cabeleireiro e supermercado) e Tamila (fábrica de doces, lavandaria e parque de estacionamento) tiveram trabalhos diversos (ver secção anterior deste capítulo sobre a questão da actividade profissional em Portugal).

Não é fácil para as mulheres alterarem a sua posição no mercado de trabalho como comprovam diversos estudos que analisam as barreiras e os obstáculos que as mulheres enfrentam para melhorarem e diversificarem a sua posição no mercado de trabalho (Kofman, 2000, por exemplo). É-lhes difícil sair dos sectores dos serviços ou da denominada indústria do sexo (Hochschild & Ehrenreich, 2004: 7).

5.6. Vida familiar

Quem cuida dos filhos

Esta questão apenas se aplica às mulheres que têm filhos pequenos: 21% das entrevistadas. Maria da Glória tem o filho no colégio em que trabalha e as restantes mulheres têm os filhos em amas, verificando-se as “cadeias globais de assistência” a que Hochschild (2000) se

refere. Numa situação global, as mulheres imigrantes são substituídas por outras mulheres nas tarefas, habitualmente, associadas a cuidados pessoais e afectos, bem como, no caso de Domingas, o “padrão global do deslocamento do sentimento” (Hochschild, *ibidem*), uma vez que ao tratar de crianças na casa em que trabalhava deslocava o amor (pelos seus filhos) para as crianças de que cuidava (*vide* secção 1.1).

Erika vive um verdadeiro drama por ter vindo para Portugal em 2005 e deixado a filha no Brasil com os avós. Ainda não teve possibilidade de ir visitá-la ou de a mandar vir.

Esta secção deve ser interligada com a parte deste capítulo relativa às motivações migratórias, podendo verificar-se que ao imigrarem para Portugal muitas das mulheres deixaram os filhos nos seus países de origem. Assim, Joana deixou o filho, Domingas deixou os cinco filhos durante seis anos, Luísa deixou os seis filhos que agora estão em Portugal, Vera deixou os dois filhos que nunca quiseram vir para Portugal, Lúcia deixou os dois filhos já adultos, Tetyana deixou o filho que, entretanto, já está em Portugal e Maria deixou a filha já adulta. Em alguns casos, fizeram-no porque, não estando elas legalizadas, não tinham condições de trazer os filhos ou por os filhos serem adultos e terem as suas vidas organizadas (caso de Lúcia e de Maria) ou, ainda, por os filhos não terem querido vir (caso de Vera).

O sofrimento provocado pela separação dos filhos é muito grande e condiciona toda a experiência migratória. Domingas conta: “Na altura, os meus filhos ficaram em Cabo Verde durante seis anos. Foi bastante tempo. Nasceram todos lá. Foi muito tempo, eu não podia ir porque não tinha documentos e não podia trazer os meus filhos porque sem documentos eles não podiam entrar...Eu apanhei um esgotamento, até hoje...fiquei meia apanhada da cabeça. Apanhei um esgotamento grande por causa disso. Deixei uma menina com um ano e seis meses. Uns ficaram com o pai e três ficaram com a minha mãe.”

Erika confessa: “Sofro muito. Penso nela dia e noite. É aquela coisa você não vê ela crescer...”

É também de referir neste ponto a situação de Francisca que imigra para vir ter com os filhos (adultos), devido às saudades de deles sente.

A questão da separação mães-filhos e da tristeza dela resultante revela-se uma questão crucial na análise do processo migratório das mulheres imigrantes. A separação mães-filhos,

a consequente privação da socialização familiar e a falta de apoio psicológico e emocional pode, ainda, propiciar problemas futuros nestas crianças e funcionar como factor de risco de comportamentos de delinquência juvenil e de actividade criminal (minimizado se o enquadramento por parte de outros familiares for bem conseguido).

Destino do dinheiro enviado para os países de origem

21% das entrevistadas não envia dinheiro para ajudar familiares no país de origem ou para aplicar em terrenos/casas.

Algumas mulheres aplicam algum do dinheiro ganho a pagar terrenos/casas que adquiriram no seu país ou em obras nas suas casas: Taciene (pagar terreno no Brasil), Joana (pagar casa no Brasil), M (fazer casa no terreno em Cabo Verde) e Maria (obras na casa na Ucrânia).

58% das mulheres envia dinheiro para ajudar familiares que estão nos seus países: filhos, mães, sogros, sobrinhos e irmãos. Também Luísa e Tetyana referem a ajuda (mais pontual) a familiares. A questão das remessas dos imigrantes é fundamental para a valorização do contributo dos imigrantes para o desenvolvimento quer dos países de origem quer dos países receptores. A título exemplificativo, em 2008, as remessas enviadas para o seu país pelos imigrantes cabo-verdianos em Portugal atingiram 3,1 milhões de contos.²⁰

Mudança de papéis em resultado da imigração

Para 29% das entrevistadas ocorreu uma mudança de tarefas em resultado da imigração, passando a haver maior divisão de tarefas com os maridos/companheiros ou com as mães. Mas, em alguns destes casos, a divisão ocorreu como uma inevitabilidade porque as mulheres passaram a chegar mais cansadas a casa e a estar mais tempo ausentes.

No caso de Taciene não existe propriamente uma maior divisão de tarefas, mas ela passou a trabalhar menos em casa, por se sentir muito cansada mas auto-culpabilizando-se: “Eu digo ao meu marido: «Faz isso aí», assim quando eu ‘tou em casa, nem adianta,

²⁰ <http://www.acidi.gov.pt/modules.php?name=News&file=article&sid=2834>

mas assim quando ele vê que eu tou mesmo cansada, antes eu chegava cedo, mais cedo e ele queria a janta e sempre gostei de fazer isso, mas agora chego à meia-noite e estou cansada, ele janta na hora e eu como um biscoito ou qualquer coisa. Agora ele vê que eu estou chegando cansada, ele vai e fala que não quer nada mas é assim, me dá uma dor ver que le...toda a vida meu marido comia muita bobeira na rua, ele janta bem à noite e prefere comer em casa. Em dias que eu chego menos cansada, eu chego e faço mas ele não quer nada como ele sabe que eu vou mesmo cansada.”

Para 25% das entrevistadas não se verificou qualquer mudança dos papéis e no caso das mulheres casadas são elas que continuam a desempenhar a maioria dos trabalhos em casa. Nos casos de Neusa e de Axana (que se revelam exceções) não houve mudança porque sempre houve partilha das tarefas.

Este padrão de desigualdade, em que continuam a ser as mulheres as principais responsáveis pelas tarefas domésticas não se revela ser específico das mulheres imigrantes; em Portugal continuam a ser as mulheres as principais responsáveis por estas tarefas. Apenas as mulheres mais abastadas ou com carreiras profissionais de maior estatuto conseguem “escapar” a estas tarefas, não em resultado de uma partilha com os maridos, mas por terem possibilidade de contratar empregadas domésticas. Se é verdade que a divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres é maior do que era há duas décadas atrás, também é verdade que essa divisão continua a não ser equitativa e que, mediante mecanismos sociais perversos, as mulheres que não desempenham estes papéis tradicionais são frequentemente culpabilizadas pela sociedade e auto-culpabilizam-se. Não deixamos de salientar que em muitos casos são as mulheres, pela sua passividade e aceitação das normas sociais, as grandes responsáveis por esta situação e a afirmação de Taciene é bem exemplificativa deste argumento, uma vez que ela pactua com o que o marido espera dela e com a sua atitude de não colaboração.

Os resultados a nível da mudança de papéis (ou ausência dela) indiciam que as bases do sexismo parecem continuar firmes nas práticas sociais, conclusão consonante com a análise de Neves (2008: 131), entre outros autores.

5.7. Integração na sociedade portuguesa e ligação ao país de origem

Integração

O conceito de integração é ambíguo. OIM (2008: 13) utiliza a seguinte definição: “A integração é a condição (ou processo) de se sentir membro integral e activo da sociedade em que vive, dispondo dos meios e oportunidades para participar, tanto quanto se queira, num contexto social e cultural mais abrangente”. A avaliação da integração pode ser realizada com base num complexo conjunto de indicadores (OIM, 2008). O que procurámos analisar foi a percepção da integração e não a integração, sendo perguntado às mulheres se se sentiam integradas na sociedade portuguesa.

71% das entrevistadas sentem-se integradas na sociedade portuguesa. Algumas mulheres não se sentem integradas: Erika refere que não faz esforço nesse sentido: “Não tento integrar-me. É o dia inteiro a trabalhar”. No caso de Sónia, a vivência amarga de racismo, faz com que ela não se sinta parte da sociedade portuguesa. Madalena sente-se imigrante. Lyudmyla, Olga e Tamila, apesar de tudo, sentem-se integradas em alguns aspectos.

Este resultado aponta para um sentimento generalizado de integração para o qual contribui a própria integração dos filhos na escola, o “domínio”/conquista do “domínio” da língua, a aquisição de casa própria e a sua situação legal, entre outros factores. O factor língua, referido por várias mulheres como factor de dificuldade, pode funcionar, uma vez dominado, como factor de integração. Neusa fala de antepassados portugueses para justificar o seu sentimento de integração. Lyudmyla explica: “Não, não estou a integrar-me. Na verdade sinto-me mal, mas também não sei se vou voltar algum dia à Ucrânia”. Olga diz: “Não sei. O meu lugar não é aqui”.

A sensação de integração não é automática, sendo antes uma conquista progressiva, nítida no discurso das mulheres que tiveram dificuldades iniciais que foram ultrapassando com o tempo.

Hábitos culturais

Em termos de hábitos culturais, Leila refere o convívio com brasileiros quando vêm artistas brasileiros a Portugal. Sónia, Madalena, M e Luísa referem o gosto pela música cabo-verdiana, Vera pela música clássica e Sónia, Madalena, Jacquelina, M e Filomena a prática de danças africanas, como o funaná, a kizomba e a coladeira. Filomena faz referência a rituais como “o chorar” nos funerais e “o dia 7”, em que se festejam os sete dias dos recém-nascidos. Nesse dia, é hábito rezar, colocar a tesoura e a agulha debaixo da almofada para cortar os maus olhados. Filomena explica: “Mas tudo serve para se fazer festa e dançar até de manhã. Dançamos muito e quando morre alguém a gente choramos por aquele que está com a dor de ter perdido a pessoa, porque nós pensamos nos nossos, por exemplo a nossa mãe que está longe e também as famílias e o que aconteceu àquela pessoa também nos pode acontecer. Depois vamos à comida e à bebida. Eu não sou muito para essas coisas, mas há pessoas que ligam muito”.

Olga e Tamila fazem referência à celebração das datas festivas, de acordo com o calendário da Ucrânia (calendário Juliano).

29% das mulheres (todas elas brasileiras) refere assistir regularmente a novelas. 21% das entrevistadas assiste a cinema dos seus países. Vera e Tetyana têm hábitos de leitura (de livros) e Francisca, Marilza, Axana, Olga e Maria costumam ler jornais dos seus países. Marilza refere, ainda, a leitura de revistas.

Verifica-se uma tendência generalizada para as mulheres acederem a canais dos seus países. Assim, o acesso ao canal Record é referido por Leila, Francisca, Marilza, Neusa e Maria da Glória (que também refere o canal Globo). Erika refere que não sintoniza um canal brasileiro que não especifica, mas que fica contente quando consegue aceder-lhe em casa da tia. Todas as mulheres cabo-verdianas, com exceção de Alcinda, referem o acesso ao canal RTP-África.

Axana, Tetyana, Lyudmyla, Tamila e Maria referem o acesso a canais ucranianos, apesar de as mulheres não fazerem referência aos nomes dos canais (um dos canais ucranianos disponíveis em Portugal é o Inter+).

Alcinda fala o crioulo com a filha, apesar de em casa falarem em português, e Filomena fala com a neta e com as amigas nessa língua, apesar de a neta não falar bem crioulo. Filomena explica: “Eu falo mais o crioulo. Eu sinto-me mais à vontade, porque se eu falar só o português...sinto-me mais à vontade, porque só falando português parece que sou portuguesa, assim tenho que falar o crioulo”.

Culinária

Em termos de culinária, 33% das entrevistadas pratica uma culinária híbrida, integrando pratos portugueses e dos seus países de origem. Erika, Francisca e Maria da Glória referem que começaram a comer sopa, Taciene resiste à sopa, Francisca ao marisco e Maria da Glória ao peixe, apesar de as suas filhas comerem peixe. Várias brasileiras referem o arroz com feijão, o angú e frango e as cabo-verdianas o cuscuz, a cachupa (cachupa rica e cachupa pobre), a massa de peixe, o feijão congo, o xerém, sendo a cachupa o prato mais referido (cinco mulheres). Tetyana diz: “Antigamente trazíamos da terra umas coisas para comer, agora já não é preciso”, afirmação que revela que deixou de ser necessário, por actualmente existirem em Portugal diversas lojas com produtos alimentares da antiga URSS, ou por terem deixado de sentir a falta desses produtos, graças a uma maior adaptação à culinária portuguesa. Tamila refere a questão de confeccionarem os pratos ucranianos nos dias de festa, celebradas nas datas do calendário da Ucrânia.

Pertença a grupos exclusivamente constituídos por elementos do país de origem

A maioria das mulheres não pertence a grupos que apenas integrem compatriotas, o que pode ser considerado um resultado em prol da integração na sociedade portuguesa. Tal apenas acontece com Leila (refere-se a brasileiros que se juntam quando vêm a Portugal

artistas brasileiros), Marilza (no contexto religioso), Sónia (amigos cabo-verdianos), M (amigos cabo-verdianos) e Alcinda (associação cabo-verdiana de Lisboa).

Amigos portugueses

Taciene, Maria da Glória, Axana, Tamila e Maria não têm amigos portugueses e Marilza e Olga referem ter poucos. Todas as demais mulheres têm amigos portugueses, o que indicia uma tendência generalizada para a integração na sociedade portuguesa.

O que gostariam de mudar na vida

Quadro 7.
O que gostariam de mudar na vida

O que gostariam de mudar na vida	%
Comprar/melhorar casa	25%
Ficar perto de familiares	25%
Mudar de trabalho/ganhar melhor	16,6%
Não expressam desejo de mudança	12,5%
Regressar ao país de origem	8,33%
Continuar a estudar para conseguir uma vida melhor	8,33%
Vida mais calma na Ucrânia e com menos corrupção	4,16%
Ganhar o EuroMilhões	4,16%
Ajudar amigas	4,16%
Adquirir a nacionalidade portuguesa	4,16%
Modificações a nível físico	4,16%

Nota: Uma vez que cada mulher poderia expressar mais do que um desejo de mudança, a percentagem total é superior a 100%.

Face a uma questão tão aberta como esta, as mulheres expressam desejos mais ou menos realistas, grande parte dos quais relacionados com a possibilidade de estar próximo dos objectos de afecto. 12,5% das mulheres não expressa qualquer desejo de mudança, o que parece revelar uma relativa satisfação com a sua situação.

Viagens ao país de origem

Quadro 8.
Número de viagens ao país de origem

Número de viagens ao país de origem		%
Nenhuma	4	16,66
1	10	41,66
2	4	16,66
3	1	4,166
4	1	4,166
Todos os anos	2	8,33
Três vezes por ano	1	4,166
Várias vezes por ano	1	4,166
Total	24	100 (aprox.)

Como se pode verificar no Quadro 8, 41,66% das mulheres viajou uma vez até ao país de origem. O preço das viagens condiciona a realização de viagens. As quatro mulheres que mais viajam (todos os anos/três vezes por ano/várias vezes por ano) são todas ucranianas.

Ao regressarem ao país de onde partiram, por vezes já há muitos anos atrás, algumas mulheres percebem-no como muito diferente. Jacquelina diz: “ ‘Tá diferente, ‘tá um bocadinho diferente. Mudou, ‘tá um bocadinho mais evoluído”.

Comunicação com os familiares no país de origem

Todas as mulheres, com excepção de Tetyana, comunicam com os familiares e os amigos do país de origem, com frequência, por telefone. Oito mulheres utilizam também a internet como forma de comunicação (Tetyana utiliza exclusivamente a internet). Sónia, Madalena e Lúcia referem, ainda, o recurso a meios mais tradicionais como cartas e/ou postais. Nenhuma das mulheres cabo-verdianas recorre à internet e a única mulher ucraniana que o faz é Tetyana. Por outro lado, todas as mulheres brasileiras recorrem à internet como meio de comunicação com os familiares. A não utilização da internet por parte das cabo-verdianas relaciona-se com o facto de não terem, em geral, internet em casa, como também com

o facto de os familiares não terem acesso a este meio de comunicação, uma vez que a internet continua a ser vista como um bem de luxo em Cabo Verde.²¹ A comunicação com quem se deixou no país de origem é uma forma de manter a ligação aos entes queridos e, de certa forma, ao país.

5.8. Tempos livres

A actividade de tempos livres mais referida é visitar locais de Portugal (dez mulheres), passear (sete), ir à praia (seis), ver televisão (quatro), arrumar a casa (quatro), estar com a família, ir ao cinema (3), ir a festas/convívios (três), navegar na net (2), ir à igreja (2), descansar (2), ouvir música (2) e estar com os amigos (2). Actividades como bordar, ir ao café, fazer ginástica, jogar snooker, ler, dançar, ver novelas, viajar pelo país e ver televisão são referidas por uma mulher. Não se encontra correlação entre as actividades desenvolvidas e as nacionalidades.

5.9. Relação com os portugueses

Relação com os portugueses

A relação com os portugueses é denominada de “boa” ou “ótima” por vinte e duas mulheres. Apesar de Lyudmyla denominar a relação de “boa” acrescenta que prefere estar com ucranianos. Olga não responde directamente à questão, dizendo que “[...] há pessoas boas e pessoas más”. Este resultado pode traduzir uma preocupação com a desejabilidade social.

Perspectivação dos portugueses

Os portugueses são caracterizados como fechados/reservados/pouco comunicativos/introvertidos/não gostam de misturas (14), tristes (4), bons (4), mal-educados (3), stressados (2), brutos (2), calmos/pacientes (2), mal dispostos (2), solidários (1), bonitos (1), pouco unidos (1), pouco amorosos (1), conservadores (3), bem educados

²¹ http://blog.vozdipovo-online.com/artigo/amilcar_mon-teiro/sexta_dia_sem_internet_em_cabo_verde/

(1), sensíveis (homens choram com facilidade) (1), simpáticos (1) e pouco solidários (1). Olga e Tamila não atribuem características, referindo que há portugueses simpáticos e antipáticos, divertidos e não divertidos (Olga) e portugueses tristes e alegres (Tamila). Maria diz que os portugueses são uma “raça bonita”.

Semelhanças entre portugueses/brasileiros/cabo-verdianos/ucranianos

Nove mulheres (quatro brasileiras, duas cabo-verdianas e três ucranianas) consideram os portugueses semelhantes (semelhantes/não muito diferentes) em relação às pessoas do seu país. Treze mulheres (três brasileiras, cinco cabo-verdianas e cinco ucranianas) consideram os portugueses diferentes (um pouco diferentes/diferentes/muito diferentes), havendo, pois, uma tendência, ainda que ligeira, para serem as mulheres brasileiras a considerarem-nos mais semelhantes.

Como pensam que os portugueses as perspectivam

Oito mulheres dão respostas pouco conclusivas a esta questão, respondendo que não sabem, “depende”, “normal”, “cada um de uma forma”. Três mulheres (uma cabo-verdiana e duas ucranianas) dão respostas que indiciam uma visão positiva. Maria diz: “Aqui toda a gente me chama de Dona Maria ou Senhora Maria”, expressando uma proximidade e deferência. Taciene e Neusa dão respostas que traduzem alguma ambivalência. Taciene diz: “Tem portugueses que não gostam dos brasileiros, não. Mas...os brasileiros, não sei não. Já nos aceitam diferentes, agora”. Neusa comenta: “Eles gostam da gente! Pelo menos da parte que eu conheço, eles gostam muito da gente. Se tem alguma parte que não gosta, eu não conheço. Às vezes a gente acha um ou outro que fala: «Os brasileiros vêm para cá para tomar o lugar da gente»...como eu vejo às vezes na paragem do autocarro umas que comentam...mas é só isso. Aquelas já velhas, mais velhas, aquelas que comentam”.

Seis mulheres consideram que os portugueses têm, dos imigrantes, uma imagem negativa: que lhes vieram tirar trabalho (Marilza e Joana), que afastam os europeus de Leste (Lyudmyla), que têm desprezo pelos ucranianos e que os vêem como diferentes (Olga) e que pensam que os ucranianos não têm cultura (Lúcia)

Modificação da relação com os portugueses

45,83% das mulheres referem que a relação com os portugueses foi sempre a mesma desde a chegada a Portugal e 8,33% referem que melhorou. Diversas mulheres não respondem à questão.

5.10. Satisfação com o projecto migratório

70,8% das mulheres estão satisfeitas com o projecto imigratório (sete brasileiras, quatro cabo-verdianas e seis ucranianas).

Decidiriam ou não imigrar no presente

Se fosse hoje, 62,5% das mulheres voltariam a tomar a mesma decisão e imigrariam para Portugal e 25% não a tomariam. Lyudmyla diz: “Se fosse agora, se eu voltasse o tempo para trás, eu fazia tudo para os meus pais não virem para cá, mas como já passou este tempo, já não sei o que pretendo mais, o que quero, estar cá ou estar lá. Já estou na boa aqui...já tantos faz [risos envergonhados]. Se voltasse o tempo para trás ficava lá”.

5.11. Passado/projectos futuros

Como recordam o passado

Face à questão de como recordam o passado, 70,83% das mulheres incluem na sua resposta a palavra “saudades”, saudades da família, dos amigos, de um tempo feliz. Três mulheres associam esse sentimento de saudades a nostalgia/tristeza. Luisa diz: “Oh!... Com saudades...às vezes eu lembro, até choro...[emociona-se neste momento]. Muitas saudades...da minha casa, dos meus filhos, tenho muita recordação...eu quero é ter a minha casa lá e envelhecer lá”. Duas mulheres referem um tempo feliz/bom. Lúcia fala do desmembramento da URSS e da corrupção na Ucrânia. Sónia pouco recorda e o passado é como algo que perdeu: “Recordações que eu tenho de Cabo Verde é muito pouquinho... só me lembro de uma rocha e de uma praia! De resto, não me lembro de mais nada.

Com três anos, também...Mas oigo falar, de pessoas, familiares que...vieram mais tarde e que falam sobre isso. [Mais tarde] Não me lembro muito bem. É como uma coisa que perdi, que ficou para trás”. Francisca, por seu lado, não gosta de recordar: “Eu não pego no passado porque é museu que guarda passado, porque tudo o que eu fiz está feito, está feito. Eu não tenho arrependimento de nada e procuro viver o hoje”.

Acontecimentos do passado que marcaram

45,83% das mulheres evocam acontecimentos da vida política do país: eleição de Lula da Silva (2), *impeachment* de Collor de Melo (2), crise de desemprego em 1980/1981 no Brasil (1), independência de Cabo Verde (1), 25 de Abril de 1974 (1), desmembramento da URSS (2) ou outras questões relativas à política da Ucrânia (2). Duas mulheres falam da seca em Cabo Verde, de tempestades (2), da escola (1), dos amigos e passeios (1), da neve e do Inverno (1). Duas mulheres evocam acontecimentos das suas vidas pessoais. Marilza da morte do pai em pequena, de ter partido a cabeça no seu dia de anos, do vestido de noiva e Maria da morte do marido, de ter sido obrigada a criar os dois filhos sozinha, do casamento da filha e da ida do filho para a tropa. Filomena diz simplesmente: “Olha não sei...não quero responder”, traduzindo a frequente necessidade de esquecer o passado.

Apesar de não ser linear considerar que uma maior ligação ao passado se relacione com maiores problemas de integração e com projectos de retorno ao país de origem, alguns dados levam-nos a pensar que as mulheres que mais se ligam ao passado se esforçam menos por se integrarem em Portugal e mais provavelmente constroem projectos de retorno.

Centralidade do país na identidade

A pertença ao país de origem é central para a identidade de 58,33% das mulheres (“gosta”, “sim”, “importante”/“muito importante). Para Erika, o Brasil só é importante porque a família está lá, sendo pois relevante o local onde residem os objectos do afecto e não o Brasil, entidade mais abstracta. Lúcia e Tetyana expressam a importância da URSS e da

Rússia, respectivamente e não propriamente da Ucrânia. Para cinco mulheres a pertença nacional não é central para as suas identidades. Jacqueline diz: “Cabo Verde foi onde eu nasci. Mas não passa muito disso”. Tamila comenta: “Nasci lá e portanto continuo a ser ucraniana, mais nada”.

Importância dos símbolos

O hino é importante para 58,33% das mulheres, referindo 16,6% a emoção/saudade que é ouvir o hino induz. A bandeira é importante para 41,66% das mulheres. Algumas mulheres referem a importância destes símbolos em situações como campeonatos desportivos e em festivais da canção. É curioso que nessas situações de competição algumas mulheres referem que torcem simultaneamente por dois países: Neusa pelo Brasil e por Portugal nos campeonatos mundiais, Axana e Lúcia pela Ucrânia e por Portugal no festival da canção e Tetyana pela Rússia e pela Ucrânia nos Jogos Olímpicos. Para Alcinda, o hino e a bandeira não são os verdadeiros símbolos importantes, atribuindo maior importância à língua e à comida. Para além do hino e da bandeira, Luísa dá importância aos lenços de Cabo Verde.

De facto, em questões anteriores, verificou-se que elementos como a culinária, as danças e músicas do país, falar crioulo,... são elementos da experiência quotidiana que são mantidos e que se tornam símbolos definidores da própria comunidade: *markers of difference* (Eley & Suny, 1996: 21) para além dos símbolos oficiais.

Importância do país para superar dificuldades

Apenas para seis mulheres recordar o país ajuda a superar as dificuldades. Para doze não ajuda, havendo três mulheres a quem a recordação as mergulha em tristeza.

Projectos futuros

Doze mulheres expressam projectos de regresso aos seus países (duas brasileiras, sete cabo-verdianas e três ucranianas). Sete mulheres expressam o projecto de ficar em Portugal (três brasileiras, duas cabo-verdianas e duas ucranianas), verificando-se, assim, uma tendência para serem as brasileiras as que têm mais projectos de vida em Portugal e as

cabo-verdianas as que mais querem regressar ao seu país. Três mulheres estão divididas entre ficar e regressar e Lyudmyla responde que não sabe. Duas mulheres não formulam um projecto em termos de permanência/regresso, enunciando outros, como compra de casa (1) e ajudar a criar netos (1).

Datas de regresso

Três mulheres especificam uma data de regresso: Erika em 2008, meados de 2009, Olga fala num espaço de tempo de um, dois anos e Domingas em dez anos. M diz que regressará quando os filhos organizarem as suas vidas e Filomena, Alcinda e Luísa associam o regresso ao momento da reforma. Quinze mulheres não têm previsões de datas de regresso.

Algumas mulheres referem que, quando emigraram para Portugal tinham o projecto de estar um determinado número de anos, mas que essas datas foram sendo reformuladas ou deixaram mesmo de existir.

Aplicação do dinheiro ganho

Sete mulheres referem que conseguem poupar dinheiro, tendo essa poupança o objectivo de vir a comprar/construir uma casa. Cinco mulheres conseguiram comprar terrenos. Cinco mulheres não conseguem guardar dinheiro, gastando todo o dinheiro no dia-a-dia.

A aplicação de uma parte do dinheiro ganho no investimento de uma casa no país de origem é uma forma de concretizar uma identidade de diáspora e demonstra que apesar de estas mulheres pertencerem e se moverem em mundos aparentemente diferentes, elas conseguem interligá-los e estruturar as suas vidas em função deles.

Intenção de imigrar para outro país

Vinte e uma mulheres não tencionam imigrar para outros países, o que é mais um dado que, cruzado com os relativos aos trajectos migratórios, consolida a ideia de trajectos migratórios circunscritos e bem definidos. As três mulheres que projectam imigrar para outros países referem Holanda/Suiça, França e Espanha.

Portugal como espaço de oportunidades para os filhos

Dezoito mulheres consideram Portugal como representando um espaço de oportunidades para os filhos. Olga considera que Portugal não representa esse espaço e que a Ucrânia constitui um espaço de mais oportunidades.

5.12. Identidade pessoal/social

Transformação enquanto pessoa

29,166% das mulheres consideram que não se transformaram em resultado da imigração. 70,833% mulheres referem que mudaram, sendo diversas as mudanças enunciadas: mais abertas (3), mais felizes (2), mais fechadas (2), mais tristes (2), mais assertivas-“respondona”(2), nas “maneiras e forma de falar” (1), mais conformadas (1), mais envergonhadas (1), mais frias (1), mais calmas (2), valorizando mais o que tinham (1), valorizando mais as coisas dos seus países (1), mais maduras (1), mais fortes (1) e melhores pessoas (1). No caso de Taciene, o movimento imigratório coincidiu com o casamento, não podendo a mudança ser atribuída em exclusivo à imigração. No caso de mulheres que, como Madalena, emigraram muito cedo as mudanças serão em grande parte atribuídas à idade.

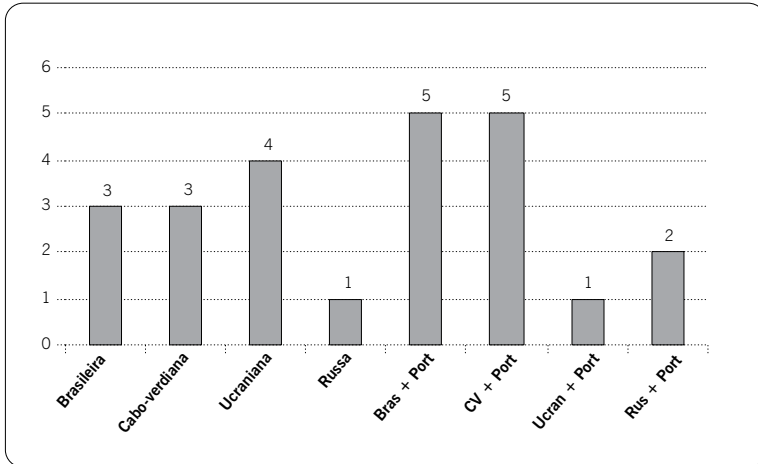
As mulheres que emigram experimentam transformações na sua identidade, tornando-se diferentes do que eram antes de imigrarem (Lisboa, 2007: 813). Experimentam, ainda, com frequência um sentimento de diferença quer em relação às mulheres que ficaram no país de origem quer em relação às autóctones, sentimento que pode criar desajustamento psicológico e que deveria ser tido em conta em programas de apoio psicológico às mulheres imigrantes.

Sentem-se portuguesas ou brasileiras/cabo-verdianas/ucranianas

Três brasileiras sentem-se brasileiras e cinco uma mistura brasileiras/portuguesas. Maria da Glória diz: “Eu sou brasileira-portuguesa. Sou portuguesa de coração e opção. É mesmo isso que eu sinto! Sinto brasileira e sinto que também faço parte dessa pátria, dessa terra”.

Gráfico 2.

Como se sentem as mulheres: brasileiras/cabo-verdianas/ ucranianas/portuguesas



Três das mulheres cabo-verdianas sentem-se cabo-verdianas e cinco uma mistura (uma cabo-verdiana e um pouco portuguesa, e uma mais portuguesa do que cabo-verdiana). Alcinda comenta: “Sinto-me cabo-verdiana e portuguesa. O meu coração é cabo-verdiana, mas o meu corpo é português”. Vejamos o que sucede com Jacquelina e Sónia que têm nacionalidade portuguesa e que vieram muito novas para Portugal (Sónia com três anos e Jacquelina com dez anos). Sónia sente-se cabo-verdiana e um pouco portuguesa e Jacquelina um pouco das duas.

Quatro mulheres ucranianas sentem-se ucranianas (duas delas referem que na Ucrânia se sentem estrangeiras) e uma mais ucraniana, mas um pouco portuguesa. Vera sente-se russa (Vera nasceu em Moscovo, apesar de ter nacionalidade ucraniana) e Lúcia e Tetyana russas e um pouco portuguesas (Tetyana nasceu em Orel na Rússia e Lúcia nasceu na Ucrânia, mas tinha pai russo e mãe ucraniana). Interessante notar que em relação a cada grupo de mulheres se identificam mulheres cuja identidade permanece imutável — a do país de origem — e outras cuja identidade traduz a simultaneidade da pertença a diferentes/dois mundos (Beja Horta, 2004: 251): o mundo em que se nasce e o mundo em que se vive.

CAPÍTULO 4. DISCUSSÃO E RECOMENDAÇÕES PARA POLÍTICA PÚBLICA

Depois de superadas as diferenças iniciais — causadas pela estranheza dos hábitos e dos costumes, das maneiras de ser e de sentir dos outros, dos nacionais, as diferenças de clima e de língua —, as próprias mulheres vão-se descobrindo como mulheres diferentes das que outrora partiram dos seus países. Não são quem eram, não são como os compatriotas que deixaram, imutáveis, no país de origem, como peças de xadrez num tabuleiro imóvel, mas não são, também, semelhantes às cidadãs do seu novo território. Quando regressam ao país natal descobrem-se como estranhas na sua terra e sentem-se estranhas também nesta nova terra, estrangeiras: “Em Portugal, como já disse, sinto-me ucraniana, mas na Ucrânia sinto-me estrangeira”. Quem são elas, afinal?

Por entre percursos marcados por conflitos internos (e alguns externos com os nacionais e com os imigrantes de origens diversas) estas mulheres vão-se embrenhando em processos de mudança, afirmam-se, diferenciam-se, escondem-se, negociam, antagonizam-se, tornam-se cúmplices, jogam, reconstroem-se, desenvolvem estratégias identitárias (no sentido em que Camilleri (1991) se refere a estratégias identitárias) de estar e de ser que se revelam diferentes de mulher para mulher. Algumas refugiam-se no passado e intensificam a importância das raízes, mistificando-o, imbuindo-o de saudade e de nostalgia. São as memórias das avós, das mães, dos colegas, dos amigos de rua, dos tempos de escola, da geografia dos locais: “Gosto da ilha como espaço, tem coisas muito boas...Nunca tinha saído da ilha, ela é grande”.

São as memórias de acontecimentos da vida pessoal como o casamento, acidentes pessoais, como partir a cabeça, a morte dos pais ou acontecimentos que marcaram as vidas nacionais — a eleição de Lula da Silva, o *impeachment* de Collor de Mello, o desmembramento do espaço da ex-união soviética, o dia em que Cabo Verde se tornou independente. Estas memórias de episódios estão imbuídas de sentimentos de alegria e de dor e são, precisamente, essas emoções com que foram vivenciados que os tornam mais memoráveis.

Outras mulheres, pelo contrário, distanciam-se do passado, separam-se dele e procuram tornar-se cidadãs do mundo: “Eu não pego no passado, porque é museu que guarda passado, porque tudo o que eu fiz está feito, está feito. Eu não tenho arrependimento de nada e procuro viver o hoje”.

Para muitas o passado é já um lugar distante que corre o risco de se dissipar, um cenário trémulo e provisório que são os outros que ajudam a compor: “Recordações que eu tenho de Cabo Verde é muito pouquinho...só me lembro de uma rocha e de uma praia! De resto não me lembro de mais nada. Com três anos, também...Mas oiço falar, de pessoas, familiares que...vieram mais tarde e que falam sobre isso”.

Para outras, ainda, o passado é o lugar onde se nasceu mas não é mais do que isso — um lugar: “Cabo Verde foi onde eu nasci. Mas não passa muito disso”.

Para muitas, os símbolos (sejam eles oficiais como a bandeira ou o hino ou outros aspectos interpretados como símbolos, como a comida, a língua, o falar o crioulo) revestem-se de significado e traduzem o apego emocional à nação, tornando-se verdadeiros marcos da diferença.

Para outras, a identidade da origem consolida-se nas práticas diárias, na culinária do país de origem — arroz com feijão, angú e frango, no caso das brasileiras e cachupa, caldo de peixe, feijão congo e xerém, no caso das cabo-verdianas —, na dança (funaná, kizomba e coladeira no caso das cabo-verdianas), na música do país de origem, no falar o crioulo: “Eu sinto-me mais à vontade porque se eu falar só o português...sinto-me mais à vontade, porque só falando português parece que sou portuguesa”; “esta música é do Fogo...esta música chama-se Alice. Mas quando eu ponho esta música a tocar, se tenho fome fico logo cheia...Identifico-me com a música, gosto de mornas”.

A identidade destas mulheres é constituída de “memórias subterrâneas” (termo utilizado pelo sociólogo e investigador austríaco Michel Pollak), porque em maior ou menor grau estas mulheres vivem experiências de exclusão e de marginalização. Situações de preconceito,

de discriminação, de assédio sexual, de exploração no trabalho (horários longos, duras condições de trabalho) e de redes de máfia são reveladas por quase todas as mulheres e mesmo as que expressam não ter sentido preconceito, acabam por revelar situações que traduzem discriminação, se não no trabalho, no quotidiano. Apesar de duas mulheres terem avançado com processos jurídicos contra as suas entidades empregadoras, a maior parte que relata situações de discriminação revela impotência em lidar com elas.

Com o tempo muitas das dificuldades iniciais são superadas e as mulheres conquistam melhores condições de vida que estão muito associadas aos processos de regularização e de aquisição de residência. A regularização dá-lhes acesso a um leque de direitos que, antes, lhes estavam vedados.

Assim, a nível habitacional, verifica-se uma melhoria (as duas mulheres que habitavam inicialmente em barracas deixaram de viver em barracas, de casas mais degradadas e com menos espaço para casas com mais espaço e melhores condições, de casas com rendas mais elevadas para casas com rendas menos elevadas e condições similares, de casas partilhadas com amigos e familiares para casas exclusivamente habitadas pela família nuclear, de casas mais afastadas dos locais de trabalho para casas mais próximas dos locais de trabalho, de casas arrendadas para casas compradas).

A melhoria é também notória ao nível das condições de trabalho, conseguindo trabalhos mais bem pagos, com melhores horários de trabalho, menos exigentes, com patrões mais solidários. No entanto, em geral, as mudanças ocorrem no seio de sectores considerados “femininos”, como o do trabalho doméstico e, de certa forma, o da restauração.

As redes de apoio constituídas por familiares (mais visíveis no caso das brasileiras e cabo-verdianas) e amigos, apesar de, em geral, não integrarem mais de dois ou três elementos, desempenham uma função de suporte particularmente importante no momento da chegada. O apoio pode revestir-se de diversas formas: psicológico, apoio no encontrar o primeiro emprego, partilha de casa, comunicação das regras e lógicas inerentes à sociedade, familiarização com os processos burocráticos de legalização,... Por vezes esperava-se

contar com o apoio de pessoas que nem chegaram a aparecer e são outras pessoas que ocasionalmente se vão conhecendo que se vêm a revelar pontos de apoio: pessoas que se conhecem na estação dos comboios, nos locais de trabalho, na rua.

Por vezes tem-se familiares em Portugal que nem se sabe onde vivem e que não são, de facto, elementos reais da rede. Curiosamente, os nacionais são, em muitas situações, os verdadeiros elementos da rede e muitos dos elementos das redes das mulheres são outras mulheres (amigas ou familiares). Um grande número de decisões de imigrar são também influenciadas por outras mulheres (amigas e familiares).

A dimensão de risco da imigração é patente em algumas entrevistas. Muitas mulheres vieram sem saber o que as esperava: “ficou combinado encontrarmos com pessoas aqui, e, afinal, essas pessoas não apareceram, não sei [...] foi mesmo um risco mas...”. Morokvasic (2006: 8) refere-se a uma estratégia de risco-evitação (*risk-averting*) associada à migração de acordo com a qual se foge de uma situação no país de origem e se optimiza o impacto dos riscos transnacionais gerindo oportunidades e obstáculos dos dois países num espaço social transnacional.

Nenhuma das mulheres refere ter recorrido ou ter recebido ajuda de serviços de apoio ao imigrante, provavelmente por desconhecerem a existência de tais serviços. A participação na vida das associações de imigrantes apenas é referida por uma mulher não se encontrando, assim, estratégias sociais colectivas associadas à imigração.

Os portugueses, sejam perspectivados de uma forma mais positiva ou mais negativa em resultado das próprias experiências que se vão vivendo, são os incontornáveis interlocutores da dinâmica de transformação das mulheres imigrantes e é da dinâmica de relação com eles que as identidades se reconstróem. Muitas mulheres não sabem como são vistas pelos portugueses, mas todas sabem como os vêem, mais ou menos distantes, solidários, tristes, porcos, bons, semelhantes (muito ou pouco) ou diferentes. É em contínuo diálogo e negociação com esses portugueses, que quase todas consideram tristes e fechados, que estas mulheres se auto-perspectivam e se transformam numa dinâmica de jogos de espelhos.

Quase todas se transformam, se tornam diferentes: mais abertas/mais fechadas, mais tristes/mais alegres, mais corajosas e poucas expressam um sentimento de continuidade, de serem precisamente as mesmas. Dar a palavra a estas mulheres é, de alguma forma, dar-lhes uma certa forma de poder porque a palavra confere poder a quem a detém. Quem são as mulheres no momento em que detêm o lugar da palavra, o papel de narradoras? Face ao desafio/pedido de contarem as suas histórias migratórias as mulheres pensam/são confrontadas com questões e dilemas: Vou contar a minha história. Para quem e com que finalidade? Vou transmitir a minha experiência a outros informalmente. Reclamo que direitos? Defendo que ideias ou ideais? Quem sou eu? Por que e de onde falo? Quem escuta? Como irão reverberar essas palavras ainda não ditas, caladas, desconhecidas? A entrevista é um momento de paragem e de reflexão e, talvez por isso, no final, todas nos agradecem apesar de sermos nós a sentirmo-nos agradecidos. Há muitas memórias que estavam esquecidas e que se sentem como longínquas.

Porque vieram, afinal? Curiosamente, na idade das diásporas (Bauman: 2007) e no mundo globalizado e desterritorializado, “a viagem” (de avião ou de autocarro, solitária ou na companhia de outros) não foi mais um trajecto no seio de uma tessitura de outros trajectos.

A metáfora de Braidotti (1994), de mulheres movendo-se entre diferentes mundos, linguagens, trabalhos e lugares sem estarem ligadas a uma localização fixa, revela-se atractiva para os discursos feministas e de género porque transmite a representação de mulheres “*on the move*”, dotadas de estratégias para evitar o racismo e o sexismo mas mais não parece ser que uma metáfora. Celebrar a mobilidade só é possível em determinadas condições ou para determinadas mulheres, mulheres qualificadas cujas formações académicas e as competências profissionais as dotam de um certo grau de independência.

A viagem para Portugal foi, na grande maioria dos casos, “a viagem”, o ponto de viragem. A grande maioria das mulheres nunca tinha saído do seu país, da sua região e, no caso das cabo-verdianas, das suas ilhas de origem. As datas de chegada são genericamente recordadas com precisão mesmo quando muito distantes no tempo: dia, mês e ano são enunciados com a solenidade com que se declamam as grandes datas, pelo valor simbólico

e, também, naturalmente, pelo instrumental (uma vez que o tempo de permanência possibilita a autorização de residência e, logo, a aquisição de direitos). De resto, são excepção as mulheres que alimentam projectos de imigração para outros países e os projectos de vida circunscrevem-se a dois grandes sub-tipos: os projectos de retorno ao país de origem (mais frequentes entre as mulheres cabo-verdianas) e os de permanência em Portugal (para além de projectos de compra de casa, de melhores ordenados e de estar mais próximo de quem se ama).

Porque vieram, então, as mulheres, é a pergunta que persiste. Por que vieram se a grande maioria estava satisfeita com as condições de vida nos seus países e com os seus trabalhos? A motivação foi (com uma excepção) económica. Vieram porque queriam conquistar melhores condições de vida para si e para os seus filhos. Mas vieram também porque encontraram dentro delas essa vontade de que Madalena nos dá conta: “Por um lado foi difícil, por outro lado eu tinha uma vontade, não sei donde eu tinha! E ainda tenho, ainda tenho”, essa força interna que impele à mudança (a literatura sobre imigração relata que não são os mais fracos que emigram).

Em alguns casos as mulheres emigraram por decisão própria, tornando-se os verdadeiros actores do processo migratório, facto que traduz o maior poder das mulheres nos processos migratórios. Noutros casos, vieram em resultado de uma decisão conjunta do casal. Nestes casos ou vieram os dois juntos, ou as mulheres vieram antes dos maridos ou, caso mais frequente, os maridos vieram antes e as mulheres vieram mais tarde depois daqueles terem conquistado melhores condições (terem uma casa, um emprego e por vezes terem assegurado um emprego para as mulheres). Continuam a existir casos em que a decisão de imigrar foi dos maridos (ou pais e/ou mães) e em que a imigração das mulheres resulta, pois, de uma decisão na qual não foram escutadas. Em muitos casos, os movimentos separam as mães dos filhos por um período de tempo mais ou menos longo (os filhos ficam pontualmente com os maridos e com as avós). Não vêm com as mães (e com os pais) porque não estando as mulheres regularizadas não têm possibilidade de os trazer, porque em muitas situações, se ouvidos na decisão, expressam o desejo de ficar no país de origem ou porque, simplesmente, não estão reunidas as condições económicas para a sua

vinda. Esta separação, sentida como uma ferida, não só impregna de frustração e de dor a experiência imigratória de algumas mulheres, como pode ter consequências negativas no desenvolvimento emocional das crianças e constituir factor de delinquência e criminalidade. Quando têm os filhos em Portugal (muitas vezes conseguem trazê-los decorridos vários anos de permanência em Portugal), estas mulheres têm que os deixar ao cuidado de amas.

Mas não é apenas o afastamento dos filhos que marca as mulheres, mas também o dos pais e, em particular, das mães. As mães, que em alguns casos resistiram à vontade das filhas de partir, ficam nos países de origem e, em alguns casos, morrem sem ter oportunidade de rever quem partiu. E esse drama, não verbalizado, deixa necessariamente marcas. É uma dor contida, sufocada, que emerge nas entrevistas, mas que não pode ser contada por palavras.

Muitas mulheres conseguem manter e gerir verdadeiros espaços transnacionais, gerindo famílias residentes em mundos diferentes, contribuindo, através do envio de remessas, quer para o desenvolvimento das economias dos países receptores (ajudando familiares, investindo na aquisição de terrenos e de casas) quer para a economia portuguesa, como qualquer outro cidadão.²² Ficamos pouco esclarecidos quanto à forma como a imigração afecta as dinâmicas familiares, a autoridade das mulheres nas famílias, o seu grau de autonomia e o seu poder real. Verificámos que, tal como acontecia nos países de origem, continuam a ser as mulheres as principais responsáveis pelas tarefas domésticas, e que os casos de divisão de tarefas são pontuais. Quando as mulheres falam numa maior divisão, ela é narrada como uma inevitabilidade decorrente do intenso grau de cansaço com que chegam a casa, e não de uma alteração das mentalidades dos homens.

Seria interessante desenvolver estudos mais aprofundados sobre a questão das implicações da imigração e dos novos papéis económicos e responsabilidades das mulheres na esfera familiar uma vez que a participação no mercado de trabalho não promove automaticamente a igualdade entre a mulher imigrante e o seu

22 O próprio sucesso económico das mulheres emigrantes não tem o mesmo significado do sucesso económico dos homens emigrantes como Potot salienta (2005) em relação aos emigrantes romenos. Os homens emigrantes com sucesso são os “heróis da migração” e as mulheres emigrantes com sucesso económico são associadas a transgressão dos códigos morais.

marido/companheiro, podendo apenas ocorrer a transição de um sistema de patriarcado para outro. Até que ponto aumenta, de facto, o *empowerment* das mulheres, em particular de mulheres que exercem funções indiferenciadas como é o caso das que integraram o nosso estudo? Até que ponto a mobilidade como estratégia pode representar uma fonte de poder, de inovação social, de influência e constitui uma dimensão importante do capital social?

Porquê Portugal? Se é verdade que algumas imigrações privilegiam trajectos e são determinadas pelos laços imperiais/coloniais do passado como é o caso da imigração originária do Brasil e de Cabo Verde, também é verdade que tal não se verifica relativamente à imigração da Ucrânia (*vide* secção 1.2). As razões dadas para as escolhas são diferentes de comunidade para comunidade e, se as brasileiras e as cabo-verdianas falam de uma cultura comum, da língua, da proximidade, em afinidades, na existência de familiares em Portugal, as ucranianas falam da facilidade do processo e dos custos inferiores do mesmo comparativamente a outros destinos oferecidos em alternativa pelas “redes” disfarçadas sob a forma de “agências de viagens”.

A experiência imigratória envolve perdas — saudades do clima, (do frio intenso por parte de algumas mulheres ucranianas), do calor (sentida por algumas brasileiras), do Outono na Ucrânia, da mistura única das neves e das flores, das praias e do espaço de Cabo Verde, a falta de convívio com os entes queridos, o afastamento dos amigos. Mas também propicia conquistas outras para além da económica: conhecimento de novas culturas e de outras formas de ser e de estar. Conquista-se o distanciamento necessário para, por exemplo, reconhecer mais oportunidades educativas em Portugal (comparativamente às oferecidas pelos países de origem) ou para se deixar encantar com as rosas, com as praias e com os locais do país que vão descobrindo nos passeios por Portugal.

A proximidade e os laços sociais transnacionais com a família e com os amigos que se deixaram nos países de origem vão sendo mantidos graças às maiores facilidades de deslocação (tarifas genericamente mais baixas permitem viagens mais frequentes no caso das ucranianas) e ao desenvolvimento nas comunicações (as brasileiras recorrem a programas de comunicação via internet que permitem a visualização das pessoas e

contribuem para uma impressão de maior proximidade). A proximidade e a sensação de estar a par do que se passa nos seus países é facilitada pelo facto de a grande maioria assistir a canais de televisão por cabo ou por satélite dos respectivos países (as brasileiras assistem ao Record e ao Rede Globo, as cabo-verdianas à RTP-África e as ucranianas ao Inter+).

A tão falada e controversa integração, que se tornou o objectivo de todos os Estados, é expressa pela grande maioria das mulheres e, nos casos em que não se verifica, parece identificar-se uma resistência das próprias mulheres à sua concretização.

Para a integração revelam-se importantes factores como ter um trabalho, o domínio da língua, a integração dos filhos na escola, os processos de legalização, a existência de uma rede de apoio, a aquisição de casa própria e a possibilidade de reagrupamento familiar, entre outros.

Apesar das dificuldades parecerem ser maiores para as mulheres ucranianas (processos burocráticos mais caros, desconhecimento da língua, menos familiares em Portugal, menos redes) a realidade é que todas enfrentam dificuldades (as viagens ao país de origem são mais caras para as brasileiras e para as cabo-verdianas, os horários de trabalho são muito longos para a generalidade das cabo-verdianas e algumas brasileiras experimentam situações de assédio sexual e de preconceito).

Uma vez que um dos objectivos deste trabalho era comparar a situação das três comunidades não poderemos concluir a discussão dos resultados sem fazer referência à análise comparativa. A comparação das respostas das mulheres das três comunidades às diferentes questões do guião revelou mais continuidades do que descontinuidades e, por isso mesmo, este texto pouca referência faz a descontinuidades. As três nacionalidades revelam diferenças essencialmente a nível da sua caracterização: religiões diferentes e diferentes níveis de escolaridade, tendencialmente mais elevados para as ucranianas, intermédios para as brasileiras e mais baixos para as cabo-verdianas. Estes aspectos podem ser consultados na secção 5.1.

As dificuldades relatadas pelas mulheres estão indissociavelmente ligadas às suas comunidades de pertença. Assim, as dificuldades com a língua são maiores para as ucranianas que são também as mulheres mais insatisfeitas com o projecto migratório, com menos intenção de continuar em Portugal e com maior número de projectos de retorno. A inexistência de redes é um dos factores que dificulta a integração destas mulheres, apesar de algumas manifestarem pouco desejo de se integrarem. As brasileiras enfrentam a questão do assédio sexual e do preconceito da sociedade portuguesa. As cabo-verdianas são as que em termos gerais trabalham mais horas, contando, no entanto, com o suporte das redes construídas graças à antiguidade da comunidade no nosso país. Enfrentam, também, a questão do racismo que apesar de muitas vezes apelidado de subtil, marca e estigmatiza. Apesar das dificuldades, esta é a comunidade em que são mais frequentes os projectos de permanência no país e em que se verifica um maior número de processos de aquisição de nacionalidade.

A identificação e a implementação de políticas de integração tornaram-se questões centrais da agenda dos Estados comunitários. Não existindo um padrão definido de boas práticas para todos os Estados, cada um deverá definir as suas boas práticas. O Plano para a Integração dos Imigrantes (Resolução do Conselho de Ministros n.º 63-A/2007), ao enunciar 122 medidas para a integração, traduziu uma vontade de o Governo se empenhar na integração dos imigrantes. No entanto, apesar de o plano incluir algumas medidas relativas a igualdade de género — medidas 114 a 118 — continua a verificar-se ausência de um plano integrado de políticas migratórias especificamente dirigidas às mulheres.

O MIPEX (Migration Integration Policy Index) reuniu um conjunto de 140 indicadores sobre aspectos concretos das políticas de integração de imigrantes em 25 Estados-membros da União Europeia e em três países não pertencentes — Canadá, Noruega e Suíça. De acordo com os dados de 2006 (está prevista uma actualização de dois em dois anos) Portugal ocupa uma posição bastante favorável no *ranking* relativamente a várias das dimensões de análise consideradas, nomeadamente, nas dimensões acesso ao mercado de trabalho, reunificação familiar e anti-discriminação, dimensões em que ocupa a segunda posição do *ranking*.²³

²³ Os resultados relativos a Portugal podem ser encontrados em <http://www.integrationindex.eu/integrationindex/2509.html>

Em geral, o processo de integração dos imigrantes sofreu uma melhoria nos últimos anos e, para tal, tem contribuído a acção de um conjunto de organismos governamentais e não governamentais com destaque para o ACIDI. Mas a variável integração não é a única que importa aferir e acompanhar. Importa-nos perceber se as mulheres estão satisfeitas com os projectos migratórios e se hoje voltariam a tomar a mesma decisão, questões que encontram respostas maioritariamente afirmativas (apesar da insatisfação com o trabalho ser generalizada).

1. RECOMENDAÇÕES PARA POLÍTICA PÚBLICA

A imigração envolve uma dimensão de género mas as políticas e as leis migratórias não se dirigem a problemas específicos de género (Obando, 2003).

Das cento e vinte medidas do Plano para a Integração dos Imigrantes, cinco referem-se à igualdade de género, o que reflecte que as questões de género estão a começar a ser contempladas nas preocupações do Estado português, mas que ainda não ocupam a centralidade que merecem.

As mulheres deveriam constituir o centro do debate sobre imigração, devendo os organismos responsáveis pela elaboração e implementação de políticas migratórias procurar fazer um diagnóstico da situação de cada comunidade de mulheres, procurando compreender as razões e os contextos que levam estas a imigrar, as dificuldades específicas que enfrentam em resultado da sua dupla condição de mulheres e de imigrantes e os seus objectivos e expectativas na sociedade receptora.

Deveria, ainda, ser desenvolvido um esforço no sentido de identificar boas práticas que tenham sido seguidas noutros países em que as questões de género são alvo de maior atenção e desenvolver um contínua avaliação das medidas que vão sendo implementadas em Portugal.

Portugal, pela sua condição relativamente recente como país de imigração, criou um quadro jurídico para a integração constituído por políticas que segundo o Index (2007), comparativamente a políticas de outros países em análise, são favoráveis ou constituem mesmo as melhores práticas. Mas, apesar de ser fundamental analisar as políticas imigratórias do país, há que ter em conta que as mesmas devem incluir uma vertente transnacional, procurando uma coordenação efectiva com os países de origem dos imigrantes. Devem desenvolver-se de forma articulada no sentido de garantir:

- Oportunidades de trabalho com o mesmo nível de reconhecimento e igualmente remuneradas para homens e mulheres. Os dados mais actuais recolhidos pela International Trade Union Confederation (ITUC) referem uma diferença média de 17% entre os ordenados dos homens e das mulheres nos países analisados, sendo essa diferença em Portugal de 9%.²⁴
- Acesso gratuito à educação para os seus filhos. Apesar de na própria Constituição da República Portuguesa esse direito estar consignado, o acesso à educação pré-escolar continua a ser muito limitado, situação que não é específica das mulheres imigrantes mas que se aplica a toda a população.
- Acesso das mulheres à informação sobre os seus direitos e deveres enquanto mulheres e imigrantes. Neste estudo encontrámos algum desconhecimento no que concerne a direitos a cuidados de saúde e a direitos políticos, nomeadamente direito de voto em eleições autárquicas.
- Reconhecimento de qualificações. Apesar de terem sido desenvolvidas algumas medidas a este nível, nomeadamente o Dec.-Lei n.º 341/2007 de 12 de Outubro que instituiu um novo regime jurídico de reconhecimento de graus académicos superiores estrangeiros, continuam a ser inúmeros os estrangeiros com qualificações de nível superior que exercem actividades indiferenciadas em Portugal. No estudo, esta situação foi particularmente evidente relativamente às mulheres ucranianas sendo a *décalage* entre a formação e a actividade desenvolvida um dos principais factores de insatisfação com o projecto imigratório. No entanto, há que ter em conta que na própria população portuguesa se encontra uma acentuada *décalage* entre o nível de habilitações escolares e as funções exercidas.

²⁴ http://www.unifem.org/progress/2008_vs_markets3.html#vstats

- Direito a viver em família mediante a viabilização do reagrupamento familiar. De acordo com o Index (2007:148), a elegibilidade para o reagrupamento familiar corresponde às melhores práticas mas o processo de reagrupamento continua a ser dispendioso.
- Participação das mulheres na vida associativa. A medida 117 do Plano para a Integração dos Imigrantes refere-se à promoção da participação das mulheres na sociedade e ao seu envolvimento em movimentos associativos. No entanto, a participação das mulheres imigrantes na vida associativa continua a ser limitada, não sendo facilitada pelos prolongados horários de trabalho e consequente cansaço das mulheres.
- Mecanismos regulatórios para as empresas de recrutamento, incentivando os canais legais de migração de forma a proteger os direitos das imigrantes e a diminuir o tráfico.
- Regulamentação do trabalho doméstico garantindo o acesso destas mulheres aos diversos direitos sociais.
- Acesso a programas de apoio a mulheres imigrantes nas várias etapas do processo migratório: antes da partida (programas que contemplem temáticas como famílias transnacionais, mudanças na estrutura familiar, planeamento familiar e superação da violência doméstica), partida, integração e regresso (problemas de estigmatização e dificuldades de reintegração na sociedade de origem devem ser acompanhados no momento do regresso).
- A título exemplificativo, o *Asia-Pacific and Arab States Regional Programme on Empowering Women Migrant Workers* procura aumentar o *empowerment* das mulheres migrantes numa perspectiva de género e de desenvolvimento de direitos. Actua ajudando a criar ambientes institucionais e sócio-económicos que assegurem a igualdade de oportunidades das mulheres, igual acesso a recursos e a benefícios. Promove uma migração segura e dá particular ênfase às trabalhadoras domésticas.
- Devem, ainda, ser implementados programas de apoio psicológico dirigidos a mulheres imigrantes que pela sua situação de desenraizamento do país de origem, de reconstrução identitária e de frequente afastamento dos filhos, se encontram numa situação particularmente vulnerável.

- Que as mulheres tenham acesso a sistemas financeiros que lhes permitam guardar o seu dinheiro e/ou enviar remessas de forma segura. O Asian Migration Centre em Hong Kong ajuda os imigrantes na tomada de decisão sobre a aplicação das suas economias e a realizar investimentos sustentáveis nos países de origem. Estes programas devem assegurar que as mulheres desempenhem um papel fundamental na decisão sobre o destino a dar ao dinheiro ganho.
- Reconhecer o poder dos media na sociedade actual, sensibilizando-os para a influência que podem exercer na opinião da população portuguesa sobre os imigrantes e dar espaço às mulheres imigrantes nos próprios media. Um programa de rádio de Los Angeles “Vozes de Mulheres” que transmitia informação dirigida a mulheres imigrantes da Guatemala em Los Angeles e entrevistas às próprias imigrantes contribuiu para o *empowerment* dessas mulheres (Olsen, 2008: 11).
- Campanhas de sensibilização dirigidas às comunidades das áreas que são as principais fontes de imigração, alertando para os riscos, informando sobre os direitos e os apoios disponíveis nas diversas etapas do processo migratório.
- Programas de formação dirigidos a quem trabalha no terreno da integração. Um exemplo é o projecto *Put yourself into integration* desenvolvido pelo European Contact Group na República Checa, pela ONG britânica Praxis dirigido a funcionários do governo e a ONG que promovem a integração de imigrantes.
- Programas de igualdade de género dirigidos às entidades empregadoras e à sociedade em geral.
- Combate a todas as formas de discriminação e violência contra mulheres imigrantes, incluindo, nomeadamente, medidas de penalização de formas de assédio sexual. Apesar de na área da antidiscriminação Portugal apresentar de acordo com o Index (2007:150) — as melhores práticas, as ONG não de podem ocupar dos procedimentos em nome das vítimas. A Autoridade para a Igualdade dá assistência às vítimas de discriminação étnica, racial, religiosa e baseada na nacionalidade mas detém um estatuto legal limitado. Assim, o Estado introduz medidas de acção positiva mas não garante que outras funções de organismos públicos promovam a igualdade (Index, 2007: 150).

- Apesar de se fazer um esforço legislativo no combate à discriminação e violência, o dia-a-dia na sociedade portuguesa continua marcado por episódios que traduzem essa discriminação e violência.
- Combate ao tráfico de seres humanos. A este nível, é fundamental a informação das mulheres que emigram, a regularização dos fluxos e as medidas punitivas.
- Finalmente, recomenda-se o apoio a mais investigação sobre migrações numa perspectiva de género, de forma a ser possível compreender as realidades das mulheres imigrantes de uma forma mais profunda. Uma área relevante e sistematicamente negligenciada é a do retorno das mulheres aos países de origem e do seu contributo para o desenvolvimento desses mesmos países. Os imigrantes “retornados” trazem consigo “transferências sociais” como conhecimentos técnicos, novas atitudes sociais e valores culturais modificados que seria importante analisar.

CAPÍTULO 5. RECOMENDAÇÕES ESTRATÉGICAS

As políticas imigratórias devem ter em conta a dimensão género. Na concepção e avaliação das políticas é fundamental equacionar de que forma as mesmas afectam os homens e as mulheres, quais as verdadeiras necessidades e prioridades dos dois grupos e de que forma essas mesmas políticas podem ajudar a ultrapassar as desigualdades de género.

Particular atenção deve ser dada à situação das trabalhadoras domésticas, devendo os esforços neste domínio ser direccionados para a regularização do trabalho doméstico e para a protecção contra situações de exploração laboral e de violência doméstica.

Um maior esforço deve ser desenvolvido na criação de programas de sensibilização da população portuguesa sobre as dificuldades das mulheres imigrantes na sociedade portuguesa com o objectivo de diminuir a discriminação e de desconstruir preconceitos estabelecidos. Estes programas devem, sempre que possível, contemplar intervenções nos *media* atendendo ao seu poder na formação da opinião pública.

Deve possibilitar-se o acesso a serviços de apoio psicológico às mulheres migrantes que se encontram numa situação de dupla vulnerabilidade enquanto mulheres e enquanto imigrantes, de desenraizamento e de frequente afastamento da família.

Deve prosseguir-se o investimento na informação das mulheres migrantes, nomeadamente, na informação sobre os seus direitos e, em particular, sobre os direitos políticos.

A vertente da formação dirigida a mulheres e aos profissionais que com elas lidam no contexto das instituições deve sempre contemplar questões de igualdade de género.

As políticas devem ser assentes no diálogo e na auscultação das intervenientes. As mulheres devem sempre ser encaradas como interlocutoras nos processos de decisão.

As políticas imigratórias devem, sempre que possível, e apesar dos diferentes interesses e prioridades dos países, ser articuladas com as políticas emigratórias dos países emissores privilegiando o estabelecimento de acordos a vários níveis, como, de resto, tem vindo a acontecer.

É fundamental que as políticas se desenvolvam em articulação com a investigação científica nesta área, a qual deverá continuar a ser estimulada. Uma continuada articulação entre os mundos político e académico neste domínio decerto contribuirá para uma sociedade verdadeiramente intercultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AAVV (2005), *Imigração e etnicidade. Vivências e trajectórias de mulheres imigrantes*, Lisboa: SOS-Racismo.

ABELL, P. (2004), "Narrative explanation: an alternative to variable-centered explanation?", *Annual Review of Sociology*, n.º30, pp. 287-310.

ABRANCHES, M. (2004), "Mulheres muçulmanas em Portugal: Que estratégias de re(construção) identitária?", *V Congresso Português de Sociologia-Sociedades Contemporâneas*. Braga: Reflexividade e Acção.

AMÂNCIO, L. (1998), "Sexismo e racismo-dois exemplos da exclusão do «Outro»", in Araújo, H. G.; Santos, P.M. e Seixas, P.C. (Orgs.), *Nós e os Outros: a exclusão em Portugal e na Europa*, Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, pp. 79-88.

ANDREWS (2003), "Living counter-narratives", in C. Seale et al. (Eds.), *Qualitative Research Practice*, Paris: Sage.

ANZALDÚA, G. (1987), *Borderland-la Frontera: The New Mestiza*, São Francisco: Aunt Lute Books.

BAGANHA, M. I.; Marques, J. C. e Góis, P. (2004), Novas imigrações, novos desafios: a imigração do Leste europeu, in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 69, pp. 95-115.

BAGANHA, I.; Marques, J. e Góis, P. (2004), "The unforeseen wave: migration from the Ukraine: The last ten years", in Baganha, M.I. e Fonseca, M.L. (Eds.). *New waves: Migration from Eastern to Southern Europe*, Lisboa: Fundação Luso-Americana, pp. 3-39.

BALANDIER, G. (1997), *A desordem-elogio do movimento*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

BAUMAN, Z. (2007), “Cultura: aventuras líquidas-modernas de uma ideia”, in *Configurações*, n.º 3.

BAUMAN, Z. (1996), “From pilgrim to tourist or a short history of identity”, in S. Hall e P. du Gay (Eds.), *Questions of culture identity*, Londres: Sage, pp.18-36.

BENNETT, A. e Elman, C. (2006), “Qualitative research: recent developments in case study methods”, in *Annual Review of Political Sciences*, n.º 9, pp. 455-476.

BERNSTEIN, M. (2005), “Identity politics”, in *Annual Review of Sociology*, n.º3, pp. 47-74.

BHABHA, H. (1995), *The Location of Culture*, Londres/Nova Iorque: Routledge.

BHABHA, H. (1990), “The Third Space. Interview with Homi Bhabha”, in J. Rutherford (Ed.), *Identity. Community, culture, difference*, Londres: Lawrence & Wishart.

BORDERÍAS, C. e CARRASCO, C. (1984), “Las mujeres y el trabajo: aproximaciones históricas, sociológicas y económicas”, in C. Borderías; C. Carrasco e C. Alemany (Orgs.), *Las mujeres y el trabajo: rupturas conceptuales*, Madrid: FUHEM.

BRAIDOTTI, R. (1994), *Nomadic subjects*, Nova Iorque: Columbia University Press.

BRANDÃO, V. (2008), *Labirintos da memória: Quem sou?*, São Paulo: Paulus.

BRETTELL, C. B. (2000). “Theorizing migration in anthropology: the social construction of networks, identities, communities and globalscapes”, in C.B. Brettell e J.F. Hollifield (Eds.), *Migration Theory* Londres: Routledge, pp. 97-135).

CAMILLERI, C. (1990), *Les Stratégies Identitaires*, Paris: PUF.

CASAS, L. O. & GARSON, J. -P. (2005), “The feminisation of international migration”, in *Migrant women and the labour market: diversity and challenges*, OECD and European Commission Seminar, room document n.º 1, pp. 1-16.

CASTELLS, M. (2003), *O Poder da Identidade*, vol. 2, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

CASTLES, S. e Miller, M.J. (1998), *The Age of Migration*, Londres: Macmillan.

CERULO, K. (1997), "Identity construction. New issues, new directions", in *Annual Review of Sociology*, n.º 23, pp. 385- 409.

CHANT, S. (1992), *Selective migration, gender and migration in developing countries*. Londres: Belhaven Press.

CLIFFORD (1994). "Diasporas" in S. Vertovec e R. Cohen (Eds), *Migration, Diasporas, and Transnationalism*. Cheltenham: Edward Elgar Publishing.

CODOL, J. P. (1982), "Differentiating and non-differentiating behavior: a cognitive approach to the sense of identity" in J. Ph. Leyens (Ed.), *Cognitive analysis of social behavior*, Holanda: Martinus Nijhoff Publishers/The Hague, pp.267-293.

COHEN, Ph., s/d. *Autobiography and the hidden curriculum vitae*, s/p.

CONNERTON, P. (1999), *Como as sociedades recordam*, Oeiras: Celta.

COSTA, P. (2004), *Políticas de imigração e as novas dinâmicas da cidadania em Portugal*, Lisboa: Instituto Piaget.

CUBA, L. (1993). "A place to call home. Identification with dwelling, community and region", in *Sociological Quarterly*, n.º 34, pp. 111-131.

DELPHY, C. (1970). "L'ennemie principale", in *Partisans, Libération des Femmes*, pp. 54-55.

DESCHAMPS, J. C. (1982). "Social identity and relations of power between groups", in H. Tajfel (Org.), *Social identity and intergroup relations*, Londres/Paris: Cambridge University Press/Maison des Sciences de l'Homme.

ELLEMERS, N; SPEARS, R. e DOOSJE, B. (2002), "Self and social identity", in *Annual Review of Psychology*, n.º53, pp. 161-186.

EHRENREICH, B. e HOCHSCHILD, A. R. (Eds.) (2002), *Global women: nannies, maids and sex workers in the new economy*, Nova Iorque: Henry Holt and Company.

FLICK, E. (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa*, São Paulo: Bookman.

FRABLE, D. (1997). "Gender, racial, ethnic, sexual and class identities", in *Annual Review of Psychology*, n.º48, pp.139-162.

GOLDMAN, R. (1992). *Reading ads socially*, Nova Iorque: Routledge.

GOODENOUGH, W. H. (2003), "In pursuit of culture", in *Annual Review of Anthropology*, n.º 32, pp.1-12.

GRASSI, M. & ÉVORA, I. (Orgs.) (2002), *Género e Migrações Cabo-verdianas*, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.

GRASMUCK, S. & PESSAR, P. (1991). *Between two Islands: Dominican International Migration*, Berkeley: University of California Press.

GOLUB, A; MOROKVASIC, M. e QUIMINAL, C. (1997). "Évolution de la production des connaissances sur les femmes immigrées en France", in *Migrations Sociétés*, vol. 9, n.º 52, Julho-Agosto, pp.19-36.

GROSSBERG, L. (1996). "Identity and cultural studies-Is that all there is?", in S. Hall & P. Du Gay (Eds.). *Questions of culture identity*. Londres: Sage.

HALL, S. (1996). "Introduction: who needs identity?", in S. Hall & P. du Gay (Eds.). *Questions of Cultural Identity*. Londres: Sage.

HALL, S e P. du Gay (Eds.) (1996), *Questions of Cultural Identity*, Londres: Sage.

HELLERMANN, C. (2004). “Uma relação difícil? Mulheres Imigrantes da Europa de Leste e redes sociais”, in *Dinâmicas multiculturais. Novas faces, outros olhares*. Congresso Luso-Afro-Brasileiro, Instituto de Ciências Sociais.

HOCHSCHILD, A. R. (2000), “Global care chains and emotional surplus value”, in W. Hutton & A. Giddens (Eds.), *On the edge: living with global capitalism*, Nova Iorque: Free Press.

HOCHSCHILD & EHRENREICH (2004), *Global women: nannies, maids and sex workers in the new economy*, Londres: Owl Books.

HONDANGNEU-SOTELO, P. (1991). “Family and Community in the Migration of Mexican undocumented immigrant women”, in M. T. Segal; V. Demos e D. Hills, *Ethnic Women: A Multiple Status Reality*. Nova Iorque: General Hall.

HONDANGNEU-SOTELO, P. e Avila, E. (1997), “«I’m here but I’m there». The meanings of latina transnational motherhood”, in *Gender and Society*, vol. 11, n.º 5, pp. 548-571.

HORNSEY, M. e JETTEN, J. (2005), “Loyalty without conformity: tailoring self-perception as a means of balancing belonging and differentiation”, in *Self and identity*, n.º4, pp. 81-95.

HORTA, A. P. (2008). *A construção da alteridade. Nacionalidade, políticas de imigração e acção colectiva migrante na sociedade portuguesa pós-colonial*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

HOWARD, J. (2000), “Social Psychology of identities”, *Annual Review of Sociology*, n.º26, pp. 367-393.

NIESSEN, Jan et al. (2007), *Index de Políticas de Integração de Migrantes*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

JENKINS, R. (2004), *Social Identity*, Londres: Routledge.

JOVCHELOVITCH, S. (1995), "Social representations in and of the public sphere: towards a theoretical articulation", in *Journal for the Theory of Social Behaviour*, n.º 25, pp. 81-102.

KEATING, C. (2001). "Linguagens deslocadas: Percursos discursivos de duas mulheres portuguesas em Londres", in M.I. Ramalho e A.S. Ribeiro (Orgs.), *Entre ser e estar. Raízes, percursos e discursos da identidade*, Porto: Edições Afrontamento.

KESHAVJEE, F. (1994). "Identidades e representações sociais: Para o estudo da mulher islâmica em Portugal", in *Dinâmicas multiculturais. Novas faces, outros olhares*. Congresso Luso-Afro-Brasileiro, Instituto de Ciências Sociais.

KOFMAN, E. et al. (2000), *Gender and International Migration in Europe: employment, welfare and politics*, Londres e Nova Iorque: Routledge.

LASZLO, J. e FARKAS, A. (1997). "Central-Eastern European collective experiences", in *Journal of Community and Applied Social Psychology*, n.º 7, pp. 77-87.

LEANDRO, E. e LEITE, C. (1994). "Identidades femininas em contexto migratório", *Dinâmicas multiculturais. Novas faces, outros olhares*, Congresso Luso-Afro-Brasileiro, Instituto de Ciências Sociais.

LEBON, A. (1979). "Féminisation de la main-d'oeuvre étrangère", in *Hommes et Migrations*, n.º 963.

LEJEUNE, Ph. (2007). "Une pratique d'avant-garde. Les écritures du moi", in *Magazine Littéraire*, Março/Abril.

LISBOA, T. K. (2007), "Fluxos migratórios de mulheres para o trabalho reprodutivo: a globalização da assistência", in *Estudos Feministas*, n.º 15(3), pp. 805-821.

MACHADO, F. & PERISTA, H. (1997), *Femmes immigrées au Portugal: identités et différences*, in *Migrations Society*, CIEMI-Centre d' Information et d' Études sur les Migrations Internationales, n.º 9 (52), pp. 91-103.

MALHEIROS, J. (Org.) (2007), *A imigração brasileira em Portugal*, Lisboa: ACIDI.

MALHEIROS, J. e RIBAS-MATEOS, N. (2002), "Immigration and place in northern mediterranean cities: issues for debate", in L. Fonseca; J. Malheiros; N. Ribas-Mateos; P. White e A. Esteves (Eds.), in *Immigration and Place in Mediterranean Metropolises*, Lisboa: Fundação Luso-Americana.

MALYNOVSKA, O. (2004). "International labour migration from the Ukraine: the last ten years" in M.I. Baganha e M.L. Fonseca (Eds.), *New waves: Migration from Eastern to Southern Europe*, Lisboa: Fundação Luso-Americana, pp. 3-39.

MOROKVASIC, M. (1984), "Birds of Passage are also women", in *International Migration Review*, n.º18(4), Winter, pp. 886-907.

MOROKVASIC, M. (2004). "Settled in mobility; engendering Post-Wall Migration in Europe", in *Feminist Review*, vol. 77, n.º 1: pp. 7-25.

NEVES, S. (2008), *Amor, poder e violência na intimidade*, Coimbra: Quarteto.

OBANDO, A. (Junho 2003), "Migrant women", in *Women's human rights net*.

OCHS, E. e CAPPS, L. (1996), "Narrating the self", in *Annual Review of Anthropology*, n.º 25, pp. 19-43.

OIM (2008), *Medir a integração. O caso de Portugal. Indicadores regionais de inserção socioeconómica dos nacionais de países terceiros*, Lisboa: Organização Internacional para as Migrações.

OLSEN, L. (2008), “Results of the virtual discussion «Creating gender sensitive migration policy»“, in *United Nations Instraw*, pp.1-21.

OSO, L. e CATARINO, C. (1996), “Femmes chefs de famille et migration”, in J. Bisilliat (Dir.), *Femmes du Sud, chefs de famille*, Paris: Karthala, pp. 73-77.

OSO, L. e GARSON, J. (2005). “The Feminisation of international migration”, Paper delivered at the OECD and European Commission Seminar, *Migrant Women and the Labour Market: Diversity and Challenges*, Bruxelas, 26-27 Setembro.

PADILLA, B. (2005a), “Integration of Brazilian immigrants in Portuguese society: Problems and possibilities”, in *Socius Working Papers*, n.º 1/2005.

PADILLA, B. (2005b), “Redes sociais de los brasileiros recién llegados a Portugal: solidaridad étnica o empatia étnica?”, in *Socius Working Papers*, n.º 2/2005.

PADILLA, B. (2007), “Imigração brasileira em Portugal”, in J. Malheiros (Org.) *A imigração brasileira em Portugal*, Lisboa: ACIDI.

PEIXOTO, J. (1999), *A mobilidade internacional dos quadros-Imigrações internacionais, quadros e empresas transnacionais em Portugal*, Oeiras: Celta Editora.

PEIXOTO, J. et al. (2005), *O tráfico de migrantes em Portugal. Perspectivas sociológicas, jurídicas e políticas*, Lisboa: ACIME.

PEIXOTO, J. et al. (2006), *Mulheres migrantes: Percursos laborais e modos de inserção socioeconómica das imigrantes em Portugal*, Lisboa, Relatório final de projecto.

PERISTA, H. (1998), “Mulheres em diáspora na União Europeia”, in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 50, pp. 153-165.

PHIZACKLEA, A. (1998). "Migration and globalization: a feminist perspective" in K. Koser e H. Lutz, *The new migration in Europe: social constructions and social realities*, Londres: MacMillan.

PHIZACKLEA, A. (1983), *One way ticket: migration and female labour*, Londres: Routledge.

PIRES, R. P. (1992), *As novas imigrações em Portugal*, Sessão do Seminário Minorias integrado no Mestrado em Relações Interculturais da Universidade Aberta.

PIRES, R. P. (2002). "Mudanças na imigração: uma análise das estatísticas sobre a população estrangeira em Portugal, 1998/2001", in *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 39, pp. 151-166.

POLYA, T.; Laszlo, J. e Forgas, J. (2005), "Making sense of life stories: The role of narrative perspective in perceiving hidden information about social identity", in *European Journal of Social Psychology*, n.º 35, pp. 785-796.

POTOT, S. (2005), "La place des femmes dans les réseaux migrants roumains", in *Revue Européenne des Migrations Internationales*, vol. 21, pp. 243-258.

RIBAS-MATEOS, N. (2002), "Women of South in Southern European cities: a globalized domesticity" in L. Fonseca; J. Malheiros; N. Ribas-Mateos; P. White e A. Esteves (Eds.), *Immigration and place in Mediterranean metropolises*, Lisboa: Fundação Luso-Americana.

RIBEIRO, M. (2008), *As representações do imigrante brasileiro no jornalismo impresso local. Estudo de caso entre o Diário do Minho (Braga-Portugal) e o L'Adige (Trento-Itália)*, Tese de Mestrado em Ciências da Comunicação, Universidade do Minho (não publicada).

RICOEUR, P. (1992), *Oneself as another*, Chicago: University of Chicago Press.

ROCHA-TRINDADE, M. B. (1999). "Réseaux de transnationalité. Le cas Portugais", in *Ethnologie Française*, Paris: PUF, pp. 255-262.

RUTHERFORD, J. (org.) (1990), *Identity. Community, culture, difference*, Londres: Lawrence & Wishart.

SALAZAR, R. (2001), *Servants of globalization. Women, migration and domestic service*, California: Stanford University Press.

SANTOS, C. A. (2007), *Imagens de mulheres imigrantes na imprensa portuguesa. Análise do ano 2003*, Lisboa: ACIDI.

SASSEN, S. (2003), "The feminisation of survival: alternative global circuits", in M. Morokvasic-Muller, U. Ere & J. Shinozaki (Eds.), *Crossing borders and shifting boundaries. Gender on the move*, vol. I , Opladen: Leskebudrich.

SERTÓRIO, E. e Pereira, F. (2004), *Mulheres imigrantes*, Lisboa: Ela por Ela.

STARK, O. (1984), "Discontinuity and the Theory of International Migration", in *Kyklos*, vol.37, n.º 2.

TAJFEL, H. (1981). *Human groups and social categories*, Cambridge: Cambridge University Press.

TAJFEL, H.; Billig, M. G.; Bundy, R. P. e Flament, C. (1971), "Social categorization and intergroup behaviour", in *European Journal of Social Psychology*, 1(2), pp.149-17.

TURNER, J. C. (1982), "Towards a cognitive redefinition of the social group", in H. Tajfel (org.), *Social identity and intergroup relations*, Cambridge: Cambridge University Press.

VALLE L.; FARMHOUSE, R. e MARQUES, V. (2008), *in* Peixoto, J. (org.), *Revista Migrações* “Reconhecimento de habilitações académicas de médicos e de enfermeiros imigrantes”, *Migrações. Imigração e mercado de trabalho*, n.º 1 Lisboa: ACIDI.

VIEGAS, J. e FARIA, S. (2007), “Participação política: o caso português numa perspectiva comparativa europeia” *in* J. Viegas; H. Carreiras e A. Malamud (Orgs.), *Instituições e Política*, Coleção Portugal no Contexto Europeu, vol. I, Lisboa: Celta Editora, pp. 59-76.

VITORIO, B. (2007), *Imigração Brasileira em Portugal. Identidade e perspectivas*, Santos: Editora Universitária Leopoldianum.

WALL, K.; NUNES, C. e MATIAS, A. (2005), “Conclusions”, *in* *Female Migration Vision-National report on Portugal*, pp. 74-80.

WEEKS, J. (1990), “The value of difference”, *in* Rutherford (org), *Identity. Community, culture, difference*, Londres: Lawrence & Wishart, pp. 88-100.

ZLOTNIK, H. (1995), “The South to North Migration of Woman”, *in* *International Migration Review*. Vol. XXIX, n.º 1, pp. 229-454.

ZLOTNIK, H. (2003), “The global dimensions of female migration”, *in* *Migration Information Source*, 1 Março 2003.

WEBGRAFIA

Squire, C. s/d *Reading narratives*. (texto não publicado)

<http://www.uel.ac.uk/cnr/forthcom.htm>

ANEXOS

ANEXO 1 — GUIÃO DE ENTREVISTA

Tempo previsto: 88 min

Número do bloco	Designação do bloco	Questões	Tempo previsto (minutos)
I	Identificação	• Nome (poderá ser mantido o anonimato se desejado) • Idade • Nacionalidade • Naturalidade (região/cidade) • Estado civil • Local de residência • Pessoas com quem vive • Número de filhos • Ocupação profissional • Local de trabalho • Remuneração mensal (inferior/ equivalente/superior ao rendimento nacional mínimo) • Religião • Actividade ou filiação política • Grupos desportivos • Formação escolar	5
II	Situação anterior ao projecto migratório para Portugal	• Portugal foi o primeiro país escolhido para o seu projecto migratório? • Se não, qual foi o país? Porque escolheu esse país? Porque deixou esse país? Qual era a sua ocupação nesse país? • Se sim, porque escolheu Portugal? • Qual era a sua ocupação? • Que aspectos a satisfiziam e quais os que não satisfiziam? • Remuneração comparativamente à actual: superior/inferior/equivalente • O que não a satisfazia na sua vida? Condições de trabalho/nível de vida/vida familiar/vida cultural/meio social/clima/segurança	5

Número do bloco	Designação do bloco	Questões	Tempo previsto (minutos)
III	Projecto migratório em Portugal	• Quais as razões de escolha de Portugal como país de destino • Quando chegou a Portugal? (ano, mês, dia) • Há quanto tempo vive em Portugal? • Viveu sempre na zona de Lisboa? • A decisão de emigrar foi sua ou de outra pessoa? • Que aspectos esperava que pudessem melhorar? • Emigrou sozinha ou com outras pessoas? Se sim, quais? • Nessa decisão contou com o apoio de outras pessoas? Se sim, quais?	10
IV	Redes migratórias	• Veio sozinho para Portugal ou veio com outras pessoas? Se sim, quais? • Tinha rede de apoio no país de destino? • Já tinha familiares em Portugal? • Depois de ter vindo, houve outros elementos da família que se juntaram a si? • Ficou em casa de alguém? • Ficou em alguma instituição? • Com que tipo de visto entrou? Trabalho/turismo/estudante? • Como veio para Portugal? • Alguém a ajudou a ultrapassar as suas dificuldades? Portugueses ou compatriotas seus?	10
V	Situação laboral	• Tempo que demorou a arranjar trabalho • Factores de satisfação/insatisfação no emprego • Trabalha menos ou mais horas do que no emprego anterior? • Sente-se alvo de preconceito no seu lugar de trabalho? • Considera que a sua situação profissional melhorou/piorou em relação à que tinha no seu país de origem? E em relação à que tinha noutro país em que tenha estado imigrado? • Trabalhos anteriores em Portugal e satisfação com eles	10

Número do bloco	Designação do bloco	Questões	Tempo previsto (minutos)
VI	Vida familiar	• Quem cuida dos seus filhos? • Dá apoio económico a familiares no seu país? • Na sua família, ocorreu alguma mudança de papéis em relação ao passado em virtude da migração? • Algo mais mudou em resultado da imigração?	5
VII	Integração na sociedade portuguesa e ligação ao país de origem	• Considera-se integrado na sociedade portuguesa? Faz algo para se procurar integrar? Se sim, o quê? • Quais foram as principais dificuldades que sentiu? • Em que aspectos se considera integrada e em que aspectos não se considera integrada? • Tem hábitos culturais em Portugal específicos do seu país? Assiste a novelas (no caso brasileiros), vê cinema do país de origem, lê jornais do país origem, outros hábitos,... • Pertence a algum grupo religioso/desportivo/políticos/grupo de amigos que só integre pessoas do seu país? • Tem amigos portugueses? • Que aspectos da sua vida gostaria de mudar? • Desde que veio para Portugal já foi de férias ao seu país? Já foi ao seu país por outra razão? Se sim, quantas vezes? • Comunica habitualmente com pessoas do seu país? Se sim, que meios utiliza? Internet/telefone/email/carta? Com que frequência o faz?	10
VIII	Tempos livres	• Quais as actividades em que ocupa os tempos livres? • Essas actividades são condicionadas pela sua nacionalidade?	5

Número do bloco	Designação do bloco	Questões	Tempo previsto (minutos)
IX	Relação com os portugueses	• Como é a sua relação com os portugueses? • Como vê os portugueses? O que pensa dos portugueses? Quais os aspectos positivos e negativos? • Acha-os diferentes/semelhantes aos seus compatriotas? • Como acha que eles a vêem? • Sente preconceito no seu local de trabalho? • A relação foi sempre a actual ou sofreu mudanças?	5
X	Satisfação com o projecto migratório	• Sente-se satisfeita com a sua decisão de imigrar? • Se fosse hoje, tomaria a mesma decisão?	5
XI	Passado/projectos futuros	• Como recorda o seu passado no seu país de origem? Com saudade/com nostalgia/com indiferença? • Que acontecimentos a marcaram? • Qual a importância do seu país na sua identidade? • Os símbolos do seu país são importantes para si? Hino/bandeira/... • Recordar o seu país ajuda-a a superar as dificuldades? • No futuro, tenciona ficar a viver em Portugal ou regressar ao país de origem? Se sim, quando? • De acordo com o seu projecto quantos anos permanecerá então em Portugal? • Aplica o dinheiro que ganha em construção de casa no seu país? • Em que é que aplica o dinheiro que ganha e que não gasta? • Tem intenção de emigrar para outro país? • Acha que Portugal poderá ser um espaço de oportunidades para os seus filhos?	10

Número do bloco	Designação do bloco	Questões	Tempo previsto (minutos)
XII	Identidade pessoal/social	- Acha que mudou enquanto pessoa desde que está em Portugal? - Se sim, em que aspectos? - Sente-se portuguesa e/ou nacional do país de origem?	5
XIII	Nacionalidade/Tipo de autorização	Qual a sua nacionalidade? Está legalizada? Tem autorização de permanência ou de residência?	3

ANEXO 2 — CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Data	Nome	Idade	Natura- lidade	Estado civil	Local de residência	Pessoas com quem vive	N.º filhos	Ocupação profissional	Local de trabalho	Remu- neração	Religião	Filiação política	Grupos desporti- vos	Formação escolar
BRASILEIRAS														
B1	07/04/08	Erika	27	Minas Gerais	Casada	Corroios	Marido	1	Empregada doméstica	Lisboa, Feijó,...	—	—	—	—
B2	11/04/08	Taciene	18	Minas Gerais	Casada	Algueirão	Marido	0	Empregada de restau- rante	Lisboa	525	Católica	—	7.º ano
B3	13/04/08	Leila	25	Minas Gerais	Casada	Seixal	Marido	0	Limpeza de empre- sas	Seixal	460	Católica	—	7.º ano
B4	19/04/08	Fran- cisca	54	Minas Gerais	Divor- ciada	Amora	Filha e neta	3	Trab- alha num colégio e empregada doméstica	Setúbal	—	Católica	—	7.º ano
B5	20/04/08	Maria da Glória	42	Minas Gerais	Solteira	Cruz de Pau	Irmã, sobrinha, duas filhas e um filho	3	Trabalha num colégio e faz limpezas num ginásio	Margem Sul	—	Católica	—	2.º grau (correspon- de ao 11.º ano)
B6	06/05/08	Marilza	26	Rodónia	Casada	Cova da Piedade	Marido e filho	1	Empregada de mesa	Lisboa	—	Católica	—	6.º ano
B7	30/06/08	Joana	53	Minas Gerais	Casada	Cova da Piedade	Marido e filha	2	Empregada doméstica	Cruz de Pau	500 + passe	Evangé- lica	—	—
B8	31/07/08	Neusa	47	Baía	Casada	Cruz de Pau	Marido e três filhas	3	Empregada doméstica	Cruz de Pau, Corroios e Verdi- zela	—	Católica	—	Curso de Contabili- dade (3 anos)

Data	Nome	Idade	Naturalidade	Estado civil	Local de residência	Pessoas com quem vive	N.º filhos	Ocupação profissional	Local de trabalho	Remuneração	Religião	Filiação política	Grupos desportivos	Formação escolar
CABO-VERDIANAS														
C1	26/04/08	Sónia	39	Santiago	Casada	Cruz de Pau	Marido e filho	1	Empregada doméstica	Cruz de Pau	Testemunha de Jeová	—	—	8.º ano
C2	26/04/08	Madalena	54	Santiago	Casada	Cruz de Pau	Com o marido e com quatro filhos	5	Empregada doméstica	Cruz de Pau	Testemunha de Jeová	—	—	4.º ano
C3	26/04/08	Jacqueline	17	Santiago	Solteira	Cruz de Pau	Pais e duas irmãs	0	Estudante	Cruz de Pau	Testemunha de Jeová	—	—	11.º ano
C4	09/05/08	M	37	Santiago	Casada	Loures	Marido e cinco filhos	3	Limpezas de prédio e de empresa e empregada doméstica	Lisboa	Católica	—	—	6.º ano
C5	7/11/08	Filomena	52	Cidade da Praia	Divorciada	Laranjeiro	3 filhos	3	Empregada doméstica	Almada e Laranjeiro	500 e tal euros	Católica	—	Não frequentou escola

Data	Nome	Idade	Natura- lidade	Estado civil	Local de residência	Pessoas com quem vive	N.º filhos	Ocupação profissional	Local de trabalho	Remu- neração	Religão	Filiação política	Grupos desporti- vos	Formação escolar
C6	26/11/08	Alcinda	40	São Nicolau	Solteira	Laranjeiro	Companh. e dois filhos	3	Empregada doméstica	Lisboa	500 e tal euros	Teste- munha de Jeová	—	4.º ano
C7	10/10/08	Domin- gas	51	Santiago	Solteira	Loures	Mãe e dois filhos	5	Empregada de limpezas	Lisboa	400	Católica	—	Não frequentou escola
C8	14/12/08	Luísa	59	Santiago	Casada	Arnei- xoeira	Marido e filha	6	Empregada de limpezas	Lisboa	—	Católica	—	4.º ano
UCRANIANAS														
U1	16/5/08	Vera	44	Moscovo (naturali- dade Ucra- niana)	Casada	Lisboa	Sozinha	2	Limpeza de restaurante	Lisboa	670	Orto- dixa	—	Curso de professora
U2	25/5/08	Axana	36	Temopil	Casada	Charneca da Caparica	Marido e dois filhos	2	Dona de loja de produtos alimentares da região de origem	Almada	500	Católica	—	10.º ano

	Data	Nome	Idade	Natura- lidade	Estado civil	Local de residência	Pessoas com quem vive	N.º filhos	Ocupação profissional	Local de trabalho	Remu- neração	Religião	Filiação política	Grupos desporti- vos	Formação escolar
U3	29/05/08	Lúcia	56	Kiev	Divor- ciada	Estoril	Em casa dos patrões	2	Empregada doméstica	Estoril	650	Orto- doxa	—	—	Frequência universi- tária
U4	3/10/08	Tetyana	41	Orel (natura- lidade ucran.)	Casada	Lisboa	Marido e filho	1	Empregada doméstica	Lisboa	—	Orto- doxa	—	—	Curso de “manager de negó- cio”
U5	9/11/08	Lyud- myla	20	Vinnitsia	Solteira	Cova da Piedade	Com os pais e um irmão	0	Empregada de mesa	Costa da Ca- parica	426	Orto- doxa	—	—	12.º ano
U6	9/11/08	Olga	19	Lvov	Solteira	Cova da Piedade	Mãe e namorado da mãe	0	Empregada em su- permercado	Cova da Piedade	450	Orto- doxa	—	—	9.º ano
U7	27/11/08	Tamila	28	Uman	Divor- ciada	Lisboa	Mãe e filha	1	Empregada em parque de estacio- namento	Lisboa	460	Orto- doxa	—	—	9.º ano
U8	29/11/08	Maria	53	Sepe- touca	Viúva	Costa da Caparica	Filho	2	Empregada de restau- rante	Costa da Ca- parica	Ordena- do mínimo	Orto- doxa	—	—	Forma- ção de professora do ensino básico

